



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS (UFG)**  
**FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DANÇA (FEFD)**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA**

**SAMUEL GOMES DE SOUZA**

**MANIFESTAÇÃO DA CULTURA CORPORAL NO RESIDENCIAL BUENA VISTA:**  
um estudo amparado na compreensão espacial de Milton Santos

**GOIÂNIA**  
2025



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DANÇA

## TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO (TECA) PARA DISPONIBILIZAR VERSÕES ELETRÔNICAS DE TESES

### E DISSERTAÇÕES NA BIBLIOTECA DIGITAL DA UFG

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFG), regulamentada pela Resolução CEPEC nº 832/2007, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a [Lei 9.610/98](#), o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

O conteúdo das Teses e Dissertações disponibilizado na BDTD/UFG é de responsabilidade exclusiva do autor. Ao encaminhar o produto final, o autor(a) e o(a) orientador(a) firmam o compromisso de que o trabalho não contém nenhuma violação de quaisquer direitos autorais ou outro direito de terceiros.

#### 1. Identificação do material bibliográfico

Dissertação     Tese     Outro\*: \_\_\_\_\_

\*No caso de mestrado/doutorado profissional, indique o formato do Trabalho de Conclusão de Curso, permitido no documento de área, correspondente ao programa de pós-graduação, orientado pela legislação vigente da CAPES.

Exemplos: Estudo de caso ou Revisão sistemática ou outros formatos.

#### 2. Nome completo do autor

Samuel Gomes de Souza

#### 3. Título do trabalho

**MANIFESTAÇÃO DA CULTURA CORPORAL NO RESIDENCIAL BUENA VISTA: um estudo amparado na compreensão espacial de Milton Santos**

#### 4. Informações de acesso ao documento (este campo deve ser preenchido pelo orientador)

Concorda com a liberação total do documento  SIM     NÃO<sup>1</sup>

[1] Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. Após esse período, a possível disponibilização ocorrerá apenas mediante:

a) consulta ao(a) autor(a) e ao(a) orientador(a);

b) novo Termo de Ciência e de Autorização (TECA) assinado e inserido no arquivo da tese ou dissertação. O documento não será disponibilizado durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro;
- Publicação da dissertação/tese em livro.

**Obs. Este termo deverá ser assinado no SEI pelo orientador e pelo autor.**



Documento assinado eletronicamente por **Roberto Pereira Furtado, Professor do Magistério Superior**, em 19/09/2025, às 15:05, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).

---



Documento assinado eletronicamente por **Samuel Gomes De Souza, Discente**, em 22/09/2025, às 15:22, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).

---



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [https://sei.ufg.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **5660716** e o código CRC **FF098C7F**.

---

Referência: Processo nº 23070.041869/2025-42

SEI nº 5660716

SAMUEL GOMES DE SOUZA

**MANIFESTAÇÃO DA CULTURA CORPORAL NO RESIDENCIAL BUENA VISTA:**

um estudo amparado na compreensão espacial de Milton Santos

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Física (PPGEF), da Faculdade de Educação Física e Dança da Universidade Federal de Goiás (UFG), como requisito para obtenção do título de Mestre em Educação Física.

Área de concentração: Educação Física, esporte e saúde.

Linha de pesquisa: Aspectos socioculturais e pedagógicos da Educação Física e esporte.

Orientador: Professor Doutor Roberto Pereira Furtado.

GOIÂNIA

2025

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Souza, Samuel Gomes de  
MANIFESTAÇÃO DA CULTURA CORPORAL NO RESIDENCIAL  
BUENA VISTA [manuscrito] : um estudo amparado na compreensão  
espacial de Milton Santos / Samuel Gomes de Souza. - 2025.  
189 f.: il.

Orientador: Prof. Dr. Roberto Pereira Furtado.  
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Goiás,  
Faculdade de Educação Física e Dança (FEFD), Programa de Pós  
Graduação em Educação Física, Goiânia, 2025.  
Bibliografia. Anexos. Apêndice.  
Inclui siglas, lista de figuras, lista de tabelas.

1. Educação Física. 2. Cultura Corporal. 3. Práticas Corporais. 4.  
Território. I. Furtado, Roberto Pereira, orient. II. Título.

CDU 796



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS

FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DANÇA

### ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO

Ata nº 71 da sessão de Defesa de Dissertação de Samuel Gomes de Souza, que confere o título de Mestre(a) em **Educação Física**, na área de concentração em **Educação Física, esporte e saúde**.

Ao/s vinte e dois de agosto de dois mil e vinte e cinco, a partir da(s) 14:00, por videoconferência, realizou-se a sessão pública de Defesa de Dissertação intitulada **“MANIFESTAÇÃO DA CULTURA CORPORAL NO RESIDENCIAL BUENA VISTA: um estudo amparado na compreensão espacial de Milton Santos”**. Os trabalhos foram instalados pelo(a) Orientador(a), Professor(a) Doutor(a) Roberto Pereira Furtado (PPGEF/UFG) com a participação dos demais membros da Banca Examinadora: Professor(a) Doutor(a) Gabriela Vilela de Sousa (IFG), membro titular externo; Professor(a) Doutor(a) Heitor Martins Pasquim (UNIFESP), membro titular externo. Durante a arguição os membros da banca **não fizeram** sugestão de alteração do título do trabalho. A Banca Examinadora reuniu-se em sessão secreta a fim de concluir o julgamento da Dissertação, tendo sido(a) o(a) candidato(a) **aprovado(a)** pelos seus membros. Proclamados os resultados pelo(a) Professor(a) Doutor(a) **Roberto Pereira Furtado**, Presidente da Banca Examinadora, foram encerrados os trabalhos e, para constar, lavrou-se a presente ata que é assinada pelos Membros da Banca Examinadora, ao(s) **vinte e dois de agosto de dois mil e vinte e cinco**.

TÍTULO SUGERIDO PELA BANCA



Documento assinado eletronicamente por **Roberto Pereira Furtado, Professor do Magistério Superior**, em 28/08/2025, às 10:45, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Heitor Martins Pasquim, Usuário Externo**, em 28/08/2025, às 12:32, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Gabriela Vilela De Sousa, Usuário Externo**, em 29/08/2025, às 16:01, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [https://sei.ufg.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **5585090** e o código CRC **9260E763**.

---

---

**Referência:** Processo nº 23070.041869/2025-42

SEI nº 5585090

Dedico este trabalho aos moradores do Residencial Buena Vista, fração da classe trabalhadora goianiense que tem direito de ter sua história, desafios e dificuldades com a manifestação da Cultura Corporal registrados e problematizados.

## AGRADECIMENTOS

Dedico a primeira linha dos agradecimentos a Deus, na pessoa do seu filho Jesus Cristo e do seu Santo Espírito, que cotidianamente nos dá chance viver uma vida nova e renovada.

Agradeço imensamente a meus pais, Salvador Gomes e Antonia Adriana. Eles que, apesar do grande esforço para concluir a educação básica - ou no caso do meu pai, sequer tê-la concluído - não renunciaram à luta para seus filhos chegarem ao ensino superior. Graças ao seu empenho, eu, meu irmão Gabriel Gomes e minha irmã Shirley Gomes tivemos acesso à formação superior e, agora, a esta importante qualificação na pós-graduação.

Na mesma intensidade, estendo meus agradecimentos à minha esposa Hyulle e filha Elisa. À minha esposa, por suportar horas, dias, semanas, meses e anos de relativa distância mesmo coabitando no mesmo lar. Sua ajuda nos momentos de estudo em casa, na biblioteca ou na universidade, e seu apoio constante, mesmo diante da própria sobrecarga foram, sem dúvidas, fundamentais. À minha filha, pela compreensão de minhas ausências nas brincadeiras para as quais tão docemente me chamava.

Agradeço, igualmente, ao meu orientador, Professor Dr. Roberto Furtado. Embora o tenha conhecido apenas na pós-graduação, foi um verdadeiro guia no processo de produção e qualificação dessa dissertação. Admirável por sua luta por melhores condições de vida da classe trabalhadora, empreendida através de produções científicas problematizadoras e ações de extensão universitária interessadas.

Aos queridos Edimar e sua esposa Kelly, verdadeiros irmãos em Cristo. Para mim e minha família considerados mais que amigos, pois sempre nos estenderam as mãos, ombreando conosco em diferentes situações.

À Associação de Moradores do Residencial Buena Vista, de forma mais específica à Viviane Cortes e demais diretores da Associação. Agradecimento que estendo às Agentes Comunitárias de Saúde do CSF Buena Vista, aos moradores do bairro e lideranças locais que colaboraram com ricas informações necessárias a uma problematização totalizadora.

Ao Luenes Cabral, professor de Educação Física com formação prévia em Cartografia, que além de compartilhar um período no PPGEF se dispôs a contribuir com a produção de grande parte dos mapas apresentados nessa dissertação. Uma ajuda fundamental à qualidade deste trabalho.

Aos que me ajudaram a não desistir de ingressar no Mestrado. Neste agradecimento se encontram muitas pessoas, por isso não farei menção nominal, sejam eles companheiros da graduação da ESEFFEGO (Escola Superior de Educação Física e Fisioterapia do Estado de

Goiás), companheiros do meu período de trabalho na UNIASSELVI (Centro Universitário Leonardo Da Vinci), sejam eles familiares. Todos merecem igual sentimento de gratidão.

Agradeço, por fim, à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Goiás - FAPEG, que, ao disponibilizar recursos para esta pesquisa - desenvolvida por um pesquisador em formação - na forma de uma bolsa de estudos, me permitiu desenvolver o estudo com grade dedicação. Em retribuição a este valioso apoio, apresento a qualidade dessa dissertação, evidenciando que os recursos investidos foram primordiais para a produção de uma dissertação com relevância técnica, científica e social.

## RESUMO

Essa dissertação teve o objetivo de identificar as relações entre o território e a Cultura Corporal no esporte, saúde e lazer da população do Residencial Buena Vista, Goiânia, Goiás. Para isso, apresenta a história do território desde sua produção e ocupação social; identifica e caracteriza rugosidades espaciais (constituídas pelo poder público, por organizações, pessoas ou instituições) relacionadas à Cultura Corporal no esporte, saúde e lazer; analisa a relação da população com as rugosidades, ações e atividades de promoção da Cultura Corporal no território; e identifica e contextualiza problemas, necessidades e potencialidades do território relacionados com a produção e manifestação da Cultura Corporal na população no Residencial Buena Vista. Como pesquisa qualitativa, parte do pressuposto de que a Cultura Corporal é também determinada pela relação dialética entre o homem e o espaço, que é produzido por mediações particulares e universais: sendo este uma instância histórica e social. Em vista disso, o problema desta pesquisa foi sintetizado com a pergunta: como se dá a relação entre território e o processo de produção e manifestação da Cultura Corporal da população do Residencial Buena Vista? Assim, presume a relação entre território e a produção e manifestação da Cultura Corporal de modo particular e universal, local e global, cotidiano e histórico. Em vista disso, se desdobrou na necessidade de estudar o conjunto de Práticas Corporais materializadas na práxis social local, a partir do espaço como categoria central, mediante uma organização metodológica que começa com um levantamento documental sobre o a história do bairro e de sua população, seguida de um estudo empírico no Residencial Buena Vista. Essa pesquisa unificou diferentes instrumentos de coleta de dados, sendo os sujeitos pessoas moradoras ou trabalhadoras do bairro, abrangendo as seguintes etapas da pesquisa empírica: observação de campo; realização de grupos focais e entrevistas.

**Palavras-chave:** Educação Física; Cultura Corporal; Práticas Corporais; Território.

## ABSTRACT

This dissertation aimed to identify the relationships between the territory and Body Culture in the sport, health, and leisure activities of the population of Residencial Buena Vista, Goiânia, Goiás. To this end, it presents the history of the territory from its production and social occupation; identifies and characterizes spatial roughnesses (created by the government, organizations, individuals, or institutions) related to Body Culture in sport, health, and leisure; analyzes the population's relationship with these roughnesses, actions, and activities to promote Body Culture in the territory; and identifies and contextualizes the problems, needs, and potential of the territory related to the production and manifestation of Body Culture in the population of Residencial Buena Vista. As a qualitative study, it assumes that Body Culture is also determined by the dialectical relationship between people and space, which is produced by particular and universal mediations: space being a historical and social instance. Therefore, the problem of this research was summarized with the question: how does the relationship between territory and the process of production and manifestation of Body Culture in the population of Residencial Buena Vista occur? Thus, it presumes the relationship between territory and the production and manifestation of Body Culture in a particular and universal, local and global, everyday and historical way. In view of this, the need arose to study the set of Body Practices materialized in local social praxis, starting with space as the central category, through a methodological organization that begins with a documentary survey on the history of the neighborhood and its population, followed by an empirical study in Residencial Buena Vista. This research combined different data collection instruments, with the subjects being residents or workers in the neighborhood, encompassing the following stages of empirical research: field observation; focus groups; and interviews.

**Keywords:** Physical Education; Body Culture; Body Practices; Territory.

## **LISTA DE SIGLAS**

**ACS** - Agente Comunitária de Saúde

**APM** - Área Pública Municipal

**BNH** - Banco Nacional da Habitação

**CEP** - Comitê de Ética em Pesquisa

**CLS** - Conselho Local de Saúde

**CMEI** - Centro Municipal de Educação Infantil

**COHABS** - Companhias de Habitação

**CSF** - Centro de Saúde da Família

**eSF** - equipe de Saúde da Família

**HIS** - Habitação de Interesse Social

**IDTECH** - Instituto de Desenvolvimento Tecnológico e Humano

**LED** - Diodo Emissor de Luz

**LGBTQIA+** - Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, Queer, Intersexo, Assexuais e outras identidades

**OEA** - Organização dos Estados Americanos

**OIT** - Organização Internacional do Trabalho

**OMS** - Organização Mundial da Saúde

**PAC** - Programa de Aceleração do Crescimento

**PAS** - Programa Academia da Saúde

**PCAF** - Práticas Corporais e Atividades Físicas

**PCD** - Pessoa com Deficiência

**PEC** - Praça dos Esportes e da Cultura

**PNE** - Pessoa com Necessidades Especiais

**PNAB** - Política Nacional de Atenção Básica

**PNPS** - Política Nacional de Promoção da Saúde

**PPC** - Projeto Pedagógico de Curso

**PMCMV** - Programa Minha Casa Minha Vida

**PMHIS** - Política Municipal de Habitação de Interesse Social

**PTTS** - Programa de Trabalho Técnico Social

**SEMEL** - Secretaria Municipal de Esporte e Lazer

**SMHAB** - Secretaria Municipal de Habitação

**SUS** - Sistema Único de Saúde

**TCLE** - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

**UBS** - Unidade Básica de Saúde

**UFBA** - Universidade Federal da Bahia

**UFG** - Universidade Federal de Goiás

**UH** - Unidade Habitacional

**UNESCO** - Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

**USP** - Universidade de São Paulo

**ZEIS** - Zona Especial de Interesse Social

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Unidades temáticas e subtemas identificados na análise de dados .....	31
Figura 2 - Planta de Amarração do Sistema Viário Básico do Residencial Buena Vista .....	41
Figura 3 - Imagem de satélite do Meio Ecológico do Residencial Buena Vista (2009) .....	42
Figura 4 - Mapa que evidencia a distância entre o Centro de Goiânia e o Res. Buena Vista ..	42
Figura 5 - Imagem de satélite do Meio Ecológico com as três etapas do Residencial Buena Vista (2005) .....	44
Figura 6 - Registro de Satélite que distingue HIS em julho de 2014 no Residencial Buena Vista .....	47
Figura 7 - Tipologia das casas térreas do Res. Buena Vista .....	48
Figura 8 - Tipologia dos “mini condomínios” do Res. Buena Vista .....	48
Figura 9 - Buracos no piso de uma mini-quadra esportiva de um condomínio do Residencial Buena Vista (2025) .....	72
Figura 10 - APMs dos arredores da Represa do Residencial Buena Vista.....	77
Figura 11 - Áreas de ZPA e APM da Represa cercada por morador que alega ser proprietário do local (2025) 70	
Figura 12 - Mapa de equipamentos previstos/implantados no Residencial Buena Vista .....	80
Figura 13 - Imagem de satélite do Residencial Buena Vista (2025) .....	81
Figura 14 - Placa no local destinado à instalação do CRAS Buena Vista (2025) .....	90
Figura 15 - Demarcação da disputa territorial na praça do CSF, Buena Vista I .....	99
Figura 16 - Demarcação da disputa territorial entre torcidas de Futebol visível em uma entrada do bairro (2025) .....	100
Figura 17 - Demarcação da disputa territorial entre torcidas de Futebol na PEC do Buena Vista IV(2025) .....	100
Figura 18 - Demarcação da disputa territorial no prédio da PEC no Buena Vista IV(2025)	100
Figura 19 - Campos de Futebol Popular produzidos no Período inicial do Residencial Buena Vista .....	105
Figura 20 - Campos de Futebol Popular e Vôlei produzidos, continuados e desativados no Período intermediário .....	112
Figura 21 - Campo de Vôlei produzido pela população no Residencial Buena Vista I.....	112
Figura 22 - Mini-quadra não reformada .....	116
Figura 23 - Parquinho não reformado .....	116
Figura 24 - Mini-quadra reformada .....	117

Figura 25 - Parquinho reformado .....	117
Figura 26 - Registro de uma aula do projeto de Jiu-Jitsu que acontecia nos condomínios em 2018 .....	118
Figura 27 - Quadra de Esportes, Lazer e Eventos .....	120
Figura 28 - Primeira piscina utilizada para aulas de Hidroginástica .....	121
Figura 29 - Piscina aquecida utilizada para aulas de Natação e Hidroginástica (primeira piscina ao fundo) .....	122
Figura 30 - Academia de ginástica localizada no Residencial Buena Vista IV (2018) .....	125
Figura 31 - Imagem de satélite da Praa pública do Buena Vista IV (2019) .....	128
Figura 32 - Vista aérea da Praa pública do Buena Vista IV (2024) .....	128
Figura 33 - Imagem de satélite da Praa pública do Buena Vista I (2020) .....	129
Figura 34 - Imagem da Praa pública do Buena Vista I (2021) .....	129
Figura 35 - Campos de Futebol Popular produzidos, continuados e desativados no Período atual .....	132
Figura 36 - Mapa dos campos de Futebol Popular produzidos, ativos e desativados na história do bairro .....	133
Figura 37 - Vista aérea do principal campo utilizado pelo Projeto da institui�o local no Buena Vista IV (2024) .....	137
Figura 38 - Campos utilizados pelo Projeto da institui�o local a APM-33 do Buena Vista IV (2024) .....	137
Figura 39 - PEC, complexo esportivo e cultural produzido no Buena Vista IV (2025) .....	141
Figura 40 - Pista de Skate, bancos e mesas de concreto da PEC produzida no Buena Vista IV (2025) .....	141
Figura 41 - Parquinho infantil da PEC produzida no Buena Vista IV (2025) .....	141
Figura 42 - Teatro/auditório com capacidade para 237 pessoas da PEC produzida no Buena Vista IV (2025) .....	142
Figura 43 - Quadra Esportiva coberta da PEC produzida no Buena Vista IV (2025) .....	142
Figura 44 - Quadra de Areia da PEC produzida no Buena Vista IV (2025) .....	142
Figura 45 - Campo de Várzea da PEC produzida no Buena Vista IV (2025) .....	143
Figura 46 - Vista aérea da praa localizada na APM do CMEI Buena Vista I (2024) .....	144
Figura 47 - Equipamentos da praa localizada ao lado do CMEI no Buena Vista I (2025) .....	145
Figura 48 - Vista aérea da praa localizada na APM do CSF do Buena Vista (2024) .....	145
Figura 49 - Centro de Treinamento de Esportes localizado no Residencial Buena Vista I ...	146
Figura 50 - Centro de Treinamento de Esportes em 2025 .....	147

Figura 51 - Informativos postados na rede social da Academia de Ginástica (2025) .....	149
Figura 52 - informativo postados na rede social da Academia de Ginástica (2018) .....	149
Figura 53 - Brinquedos na APM instalados pela população .....	158
Figura 54 - Campo de golzinho, brinquedos e espaço de convivência da APM instalados pela população. ....	158

## **LISTA DE TABELAS**

Tabela 1 - Técnicas e Detalhamentos da Coleta de Dados .....	28
Tabela 2 - Áreas Públicas Municipais destinadas à recreação, lazer e equipamentos urbanos .	43
Tabela 3 - Resumo das Áreas Públicas Municipais por região do bairro.....	44

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO.....</b>	<b>13</b>
<b>1.1. Metodologia .....</b>	<b>25</b>
<b>1.2. Caracterização dos sujeitos.....</b>	<b>29</b>
<b>1.3. Análise de dados.....</b>	<b>31</b>
<b>2. A “SOCIEDADE DE MORADORES” DO RESIDENCIAL BUENA VISTA: seus elementos espaciais.....</b>	<b>33</b>
<b>2.1. O espaço: princípios fundamentais .....</b>	<b>34</b>
<b>2.2. O meio-ecológico: base física, “natural” onde foi produzido o residencial buena vista.....</b>	<b>41</b>
<b>2.3. O estado, o poder público municipal e a produção espacial do residencial buena vista.....</b>	<b>45</b>
<b>2.4. A população .....</b>	<b>53</b>
<b>2.5. As firmas e instituições: a solidariedade e a luta como heranças da cultura local .....</b>	<b>62</b>
<b>2.6. O caso dos predinhos .....</b>	<b>70</b>
<b>3. TRANSFORMAÇÕES DO TERRITÓRIO: os elementos do espaço e a configuração territorial atual do residencial buena vista.....</b>	<b>76</b>
<b>3.1. O meio ecológico.....</b>	<b>76</b>
<b>3.2. Transformações e espaço atual: as pessoas, as empresas, as novas infraestruturas e a mobilização social.....</b>	<b>82</b>
<b>3.3. A insegurança: a vulnerabilidade e a disputa territorial como mediações das manifestações da cultura corporal .....</b>	<b>91</b>
<b>4. A CULTURA CORPORAL DO RESIDENCIAL BUENA VISTA .....</b>	<b>103</b>
<b>4.1. Período de 2009-2013: o meio ecológico, os projetos sociais e o estado como mediações da cultura corporal.....</b>	<b>104</b>
<b>4.2. Período de 2013-2019: os condomínios, o comércio local da cultura corporal e as novas infraestruturas produzidas pelo estado.....</b>	<b>110</b>
4.2.1. A Cultura Corporal nos condomínios.....	115
4.2.2. O estabelecimento do comércio local da Cultura Corporal: Aluguel de quadra esportiva, Hidroginástica, Natação, musculação.....	119
4.2.3. Infraestrutura pública: o caso de duas praças públicas.....	127

<b>4.3. Período de 2020-2025: as novas infraestruturas produzidas pelo estado, o comércio local da cultura corporal e a mobilização social como mediações da cultura corporal .131</b>	
4.3.1. A infraestrutura produzida pela população e o meio ecológico como mediação da Cultura Corporal do bairro .....	132
4.3.2. Os projetos sociais da Cultura Corporal .....	134
4.3.3. Novos elementos de mediação da Cultura Corporal produzidos pelo Estado: a Praça de Esporte e Cidadania, a academia ao ar livre na “praça do CMEI” .....	140
4.3.4. Os novos comércios locais da Cultura Corporal e tendências no mercado das Práticas Corporais: um Centro de Treinamento esportivo, um Estúdio de Dança e um Box de <i>Cross Training</i> .....	146
4.3.5. Novas formas de mediação da Cultura Corporal gratuitas registradas no “Período atual” .....	150
4.3.6. O caso de uma praça do Buena Vista IV: nova forma de mobilização social em prol de um espaço público apropriado para a produção e manifestação da Cultura Corporal.	<b>155</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>160</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>164</b>
<b>APÊNDICES</b>	<b>169</b>
<b>APÊNDICE A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE): Grupo focal</b>	<b>170</b>
<b>APÊNDICE B - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE): Entrevista</b>	<b>173</b>
<b>APÊNDICE C - Roteiro Norteador do Grupo Focal - Agentes Comunitárias de Saúde (ACS)</b>	<b>176</b>
<b>APÊNDICE E - Roteiro Norteador do Grupo Focal - Líderes Comunitários e lideranças de atividades de cultura corporal</b>	<b>178</b>
<b>APÊNDICE F - Roteiro Norteador do Grupo Focal - moradores do bairro</b>	<b>179</b>
<b>APÊNDICE G - Roteiro Norteador da Entrevista</b>	<b>180</b>
<b>ANEXOS</b>	<b>181</b>
<b>ANEXO A – Número de processos aprovados no movimento político-empresarial para transformar áreas rurais em área urbana na “Macrozona Alto do Anicuns”.</b>	<b>182</b>
<b>ANEXO B - Projeto de esporte, lazer e saúde para a PEC do Buena Vista IV e outra Praça de Goiânia</b>	<b>183</b>
<b>ANEXO C – PLANILHA COM ORÇAMENTO DO PROJETO PARA A PEC</b>	<b>186</b>

## 1. INTRODUÇÃO

O espaço é a matéria trabalhada por excelência. Nenhum dos objetos sociais tem tanto domínio sobre o homem, nem está presente de tal forma no cotidiano dos indivíduos. A casa, o lugar de trabalho, os pontos de encontro, os caminhos que unem entre si estes pontos são elementos passivos que condicionam a atividade dos homens e comandam sua prática social.

(Santos, 2014)

Esta Dissertação apresenta um estudo da Cultura Corporal dos moradores do Residencial Buena Vista<sup>1</sup>, bairro periférico de Goiânia, Goiás. Alinhada com a premissa exposta na epígrafe, se fundamenta na compreensão do espaço como categoria necessária à explicação da vida e do cotidiano local (Santos, 2014). Os princípios da dialética, da totalidade e da relação local-global são nexos entre o entendimento de espaço e Cultura Corporal<sup>2</sup>, produto histórico e social (Taffarel; Teixeira; D’Agostini, 2005; Taffarel; Escobar, 2023) em constante transformação, condicionado pelo lugar (Santos, 2014).

Considerando que a interdisciplinaridade consciente é necessária ao avanço de determinados conhecimentos (Santos, 2004), a pesquisa realizada buscou se aproximar de uma abordagem interdisciplinar entre Educação Física e Geografia. Atitude metodológica necessária para captar mediações relacionadas às manifestações da Cultura Corporal no Residencial Buena Vista. Houve assim, intencionalidade em considerar contribuições do geógrafo Milton Santos no estudo da Cultura Corporal dos moradores do bairro, porque, conforme o autor,

[...] a ampliação dos conhecimentos é multilateral e os progressos obtidos em um ramo do saber se transmitem aos outros e os afetam [...], cada disciplina particular é forçada a modificar, ajustar, melhorar seu próprio esquema de apreensão da realidade (Santos, 2004, p. 193-194).

Logo, o território foi compreendido como “território usado”, onde os atores sociais “não desconsideram o que ali já existe, [...] não só as coisas, mas também os homens e as relações” (Santos, 1999, p. 18-9), porque “o território são formas, mas o território usado são objetos e ações, sinônimo de espaço humano, espaço habitado” (Santos, 2005, p. 255).

<sup>1</sup> No texto o bairro pode ser apresentado como “Residencial Buena Vista”, “Res. Buena Vista”, “Bairro Buena Vista” ou apenas “Buena Vista”. Quando o texto se referir a uma região específica estará seguida do número romano I, II, III ou IV, exemplo: Buena Vista IV.

<sup>2</sup> Falamos de um “conjunto de práticas corporais (jogos, brincadeiras, ginástica, lutas, esporte e outros) construídas historicamente pelo homem, em tempos e espaços determinados historicamente, sistematizadas ou não, que são passadas de geração a geração” (Taffarel; Teixeira; D’Agostini, 2005, p. 19). Uma compreensão também presente nas obras de Souza Júnior *et al.* (2011), Teixeira e Dias (2011), e Vaz (2019)

Considerou-se, pois, o espaço como um “fator social”, uma “instância social”<sup>3</sup>, tendo em vista que “o espaço se impõe através das condições que ele oferece para a produção, para a circulação, para a residência, para a comunicação, para o exercício da política, para o exercício das crenças, para o lazer e como condição de ‘viver bem’” (Santos 2014, p. 55).

O Residencial Buena Vista é um bairro dividido em quatro etapas (I, II, III e IV), localizado nos limites da Região Oeste do município de Goiânia, Goiás. Com trajetória histórica particular, foi lançado em 2008 como empreendimento misto (público-privado) (Goiânia, 2007b), influenciado pela Lei Municipal nº 8534/2007, que instituiu a destinação de 15% a 25% dos lotes de novos loteamentos à política de habitação de interesse social (HIS) do município (Oliveira, 2014). Além da distribuição de quadras e lotes para a política de HIS, o bairro recebeu a construção de várias moradias destinadas ao Programa Minha Casa Minha Vida (PMCMV), de iniciativa Federal. Como consequência, esse processo produziu a concentração de uma população com perfil socioeconômico particular (Borges *et al.*, 2014), composta por pessoas da classe trabalhadora com grandes índices de vulnerabilidade social.

Nessa direção, o problema desta pesquisa pode ser sintetizado na seguinte pergunta: como se dá no Residencial Buena Vista o processo de produção e manifestação da cultura corporal na população local? Sendo o objetivo geral da pesquisa compreender a produção e manifestação da Cultura Corporal no território.

Para tanto, tornou-se necessário caracterizar a história do bairro, a localização e a distribuição dos moradores, vulnerabilidades e infraestrutura do território; compreender o processo de transformação socioespacial; identificar e periodizar rugosidades<sup>4</sup> relacionadas à Cultura Corporal, destacar significados dessas rugosidades para a população, e compreender a relação das pessoas com esses elementos espaciais; além de apreender características da acessibilidade, das dificuldades e das potencialidades da relação dos moradores com a Cultura Corporal.

Sendo a Cultura Corporal um conceito central nesta pesquisa, emerge a necessidade de explicá-la.

---

<sup>3</sup> “[...] um fato histórico, na medida em que o reconhecemos como um elemento de um conjunto e realiza assim uma dupla função que lhe assegura, efetivamente, a condição de fato histórico: de um lado, ele se define pelo conjunto mas também o define; ele é simultaneamente produtor e produto; determinante e determinado; um revelador que permite ser decifrado por aqueles mesmos a quem revela; e, ao mesmo tempo, em que adquire uma significação autêntica, atribui um sentido a outras coisas. Segundo essa acepção, o espaço é um fato social, um fator social e uma instância social” (Santos, 2004, p.163).

<sup>4</sup> As rugosidades são “formas remanescentes de períodos anteriores” (Santos, 2023a, p. 75). Podem ser representadas por diferentes objetos: um rio, uma represa, uma escola; um hospital; uma praça; dentre outros.

No âmbito nacional, a entrada do conceito “Cultura Corporal” esteve relacionada com um momento histórico particular. Gerado no contexto sociopolítico de redemocratização brasileira, a expressão e seu significado foram gestados no movimento de crítica à biologização, esportivização e tecnicização (Souza Júnior *et al.* 2011; Nascimento, 2022) da/na Educação Física escolar. Neste cenário, a terminologia Cultura Corporal, com primeira aparição no fim da década de 1980 (Neira; Gramorelli, 2017; Nascimento, 2022), guarda em sua gênese, mediações nacionais e internacionais, tendo em vista que resultou da forte influência de intercâmbios entre o Brasil e países do continente europeu; mais significativamente Portugal (Vaz, 2019) e Alemanha (Souza Júnior *et al.* 2011; Neira; Gramorelli, 2017).

Nessa perspectiva, Vaz (2019, p. 4) entende que, no Brasil, “a expressão cultura corporal parece ter origem, ao menos em parte, na leitura de livros de autores portugueses de esquerda vinculados, direta ou indiretamente, ao Partido Comunista Português (PCP)”<sup>5</sup>. Levando em conta obras da década de 1970, o autor (*idem*) argumenta que, na Educação Física portuguesa, empregava-se o termo cultura física, e,

De cultura física chegou-se à cultura corporal, provavelmente porque física soava como próximo de uma perspectiva de atividade física. Por outro lado, a presença do termo cultura era muito importante naquele momento, demarcando a diferença de posições que defenderiam uma natureza não histórica em relação às práticas corporais (Vaz, 2019, p. 4).

Olhando para o contexto europeu da década de 1980, Souza Júnior *et. al* (2011), Vaz (2019), Neira e Gramorelli (2017) também chamam atenção à influência de um movimento de crítica aos paradigmas biológico e esportivo já presente no debate da Educação Física alemã, que colocava em xeque processos de ensino restritos às técnicas corporais e esporte de rendimento (Neira; Gramorelli, 2017):

No âmbito internacional, mais especificamente na Alemanha, as consequências desse processo haviam sido apontadas por Dieckert *et al.* (1985), enquanto no Brasil Medina (1983), Bracht (1986) e Ferreira (1987) convidavam a Educação Física a rever seus pressupostos e mudar de direção. Numa sociedade recém-saída da ditadura e em pleno movimento Diretas Já, as aulas de Educação Física não poderiam mais parasitar a escola, dificultando a formação de sujeitos desejada para uma democracia (Neira; Gramorelli, 2017, p. 323).

---

<sup>5</sup> Vaz (2019, p. 5) também chama atenção às relações da PCP com a extinta República Democrática da Alemanha (RDA), mediação importante ao conceito de cultura física em Portugal, pois neste país “a expressão institucional para Educação Física era Körperkultur (cultura corporal, cultura do corpo), traduzida em Portugal, como também, sintomaticamente, em Cuba, por cultura física, denominação que nesse país perdura até hoje” .

Assim, a conjuntura histórica de redemocratização brasileira colocou em pauta a necessidade de um novo paradigma (Neira; Gramorelli, 2017; Nascimento, 2022). Em resposta, autores e coletivos de autores produziram no debate acadêmico e pedagógico nacional, um conjunto de propostas caracterizado como Movimento Renovador da Educação Física brasileira. Um movimento “[...] que alia, na especificidade do fenômeno, críticas ao esporte tradicional, às ideias e práticas higienistas, à militarização das aulas nos pátios e quadras escolares [...]” (Vaz, 2019, p.4). Nesta senda, o movimento renovador evidenciou limites e fragilidades da abordagem hegemônica, tradicional, apresentando propostas de superação que incorporaram o reconhecimento dos aspectos histórico e cultural, em abordagens contra-hegemônicas que se fundamentam nos conceitos de “Cultura Corporal”, “Cultura Corporal de Movimento” e “Cultura de Movimento”<sup>6</sup> (Neira; Gramorelli, 2017; Vaz, 2019). Destaca-se, neste contexto, que as diferentes terminologias sugerem, respectivamente, diferentes referenciais teóricos: “um deles de recorte marxista mais ortodoxo, outro que, ainda se mantendo nessa tradição, incorpora aspectos da crítica cultural da Nova Esquerda. Soma-se a eles um terceiro, de corte fenomenológico” (Vaz, 2019, p. 2).

A mudança paradigmática promovida por propostas embasadas em teorias críticas e crítico-reprodutivistas, produzidas através do “[...] diálogo cada vez mais intenso com as ciências humanas desestabilizaram os alicerces biologicistas, o que levou a Educação Física a adotar uma compreensão do movimentar-se humano como fenômeno histórico-cultural [...]” (Neira; Gramorelli, 2017, p. 322). Mas, como apresenta Nascimento (2018, p. 679),

Diferentes posições teóricas sobre aquilo que a Educação Física é e/ou pode vir a ser levam-nos a diferentes compreensões sobre os seus objetos [...], o que reforça a necessidade de explicitarmos quais são os princípios teórico-metodológicos que fundamentam nossas investigações.

Dado o exposto, torna-se necessário abordar as mediações particulares e universais do conceito de Cultura Corporal que fundamenta esta dissertação. Ao se apropriar do entendimento de Cultura Corporal produzido na proposta Crítico-Superadora (Coletivo de Autores, 1992; 2012)<sup>7</sup>, a presente pesquisa se ampara em uma compreensão significada a partir dos “fundamentos do materialismo histórico e dialético (como método de conhecimento), da

---

<sup>6</sup> Destacamos as principais terminologias que norteiam as propostas mais difundidas pelo movimento renovador da Educação Física brasileira.

<sup>7</sup> Carmen Lúcia Soares, Celi Taffarel, Elizabeth Varjal, Lino Castellani Filho, Micheli Ortega Escobar e Valter Bracht.

psicologia histórico-cultural (como teoria sobre o desenvolvimento humano) e da pedagogia histórico-crítica (como proposição geral de um método de ensino)”<sup>8</sup> (Nascimento, 2022, p. 6).

Logo, desde que se preserve o trabalho como base material<sup>9</sup>, é possível falar de certa “elasticidade” conceitual (Tiriba, 2021) na compreensão da Cultura Corporal. Isso, porque sua expressão, “seus modelos socialmente elaborados” (práticas corporais), e seu sentidos “lúdicos, estéticos, artísticos, agonísticos, competitivos e outros” (Taffarel; Escobar, 2023, p. 26), são produtos do desenvolvimento histórico da humanidade como respostas a determinadas necessidades produzidas na relação do homem com a dimensão espacial e temporal.

Composta pelos “jogos, danças, lutas, exercícios ginásticos, esporte, malabarismo, contorcionismo, mímica e outros” (Coletivo de autores, 2012 p. 26), a Cultura Corporal tem sido historicamente produzida e culturalmente desenvolvida. Trata-se de um conjunto de práticas que compõe a “materialidade corpórea [...] historicamente construída [...], resultado de conhecimentos socialmente produzidos e historicamente acumulados pela humanidade [...]” (Coletivo de autores, 2012, p. 26). Essa noção de historicidade permite entender que

[...] o homem não nasceu pulando, saltando, arremessando, balançando, jogando etc. Todas essas atividades corporais foram construídas em determinadas épocas históricas, como respostas a determinados estímulos, desafios ou necessidades humanas (Taffarel; Teixeira; D’Agostini, 2005, p. 19).

Do mesmo modo, mantendo uma relação dialética com o território, a manifestação da Cultura Corporal no espaço atual dialoga, entre outras coisas, com o conhecimento e possibilidades técnicas (infraestruturas) de esporte, lazer e saúde disponíveis à população (Taffarel; Teixeira; D’Agostini, 2005; Coletivo de Autores, 2012). Mesmo no mundo globalizado e conectado, a possibilidade de usufruir do direito à Cultura Corporal é potencializada ou atenuada no território, a depender se este é capaz de dispor aos moradores, “bens e serviços indispensáveis”, cuja distribuição deve ser garantida “não importa onde esteja a pessoa” (Santos, 2020, p. 18).

---

<sup>8</sup> “Estes fundamentos, embora não sejam nominalmente explicitados na obra Metodologia do Ensino da Educação Física, apresentam posições e categorias que correspondem ao projeto histórico de formação humana defendido pelo Coletivo de Autores” (Nascimento, 2022, p. 6).

<sup>9</sup> “A categoria atividade humana, chamada categoria porque é uma explicação do que o homem faz, indica que o homem não se move, não se mexe a toa, não podemos falar do movimento do homem, da vida do movimento do homem, isto é um equívoco porque o homem não se mexe, ele ‘age’. [...] ‘Atividade’ e ‘movimento’ são conceitos diferentes. Quando o homem tem que resolver um problema, ele tem que organizar todo um complexo de atividades para resolvê-lo. As ações que ele realiza, e que podem ser vistas de fora, não podem ser reduzidas à simples repetição de movimentos de flexão, extensão, torção, adução, abdução e outras, porque a atividade humana é um complexo de ação, pensamento e emoção desencadeado por objetivos que não se colocam de fora (MICHELI)” p. (Souza Júnior *et al*, 2011, p.401).

A Cultura Corporal, “materialidade corpórea historicamente construída” (Coletivo de autores, 2012), abrange práticas imitativas e ou criativas que podem ser transformadas em sua forma técnica/tática, e ressignificadas no seu conteúdo e finalidades (Taffarel; Escobar, 2023; Nascimento, 2022). Uma transformação que é produto da relação dialética entre as necessidades, motivações, objetivos, território, experiências educacionais, ideológicas, políticas ou outras condições (Taffarel; Teixeira; D’Agostini, 2005; Taffarel; Escobar, 2023).

Entendendo que a Cultura Corporal engloba “conhecimentos socialmente produzidos e historicamente acumulados” presentes em diferentes situações, é preciso demarcar o que esta pesquisa considerou sua manifestação no âmbito do esporte, do lazer e da saúde. Antes disso, cabe destacar que as dimensões do esporte, lazer e saúde não se manifestam estritamente delimitadas, pois aparecem dialeticamente relacionadas.

Na tentativa de explicar a cultura esportiva, produzida na esfera do esporte como um elemento da Cultura Corporal, Betti (1993, p. 49) argumenta que ela “não é monolítica, podendo distinguir no seu interior o esporte de lazer”. Ou seja, a dimensão do esporte não é restrita às práticas ligadas ao treinamento técnico/tático voltado à competições infantis, juvenis, amadoras ou profissionais, seja no Futebol, no Voleibol, ou qualquer outro. Trata-se de uma perspectiva que acena para intersecção do esporte com as dimensões do lazer e da saúde da população, onde práticas “semelhantes” ao esporte de rendimento são orientadas ao prazer lúdico ou à melhora da saúde. Práticas Corporais que são, por vezes, marcadas por menor interferência de valores hegemônicos e interesses comerciais típicos da cultura de massas (Avila, 2000), onde os movimentos padronizados, técnicos e científicos, o binômio vitória/derrota, as regras rígidas e espaço de prática institucionalizados, são transformados pelo contexto (Betti, 1993) territorial.

Em qualquer terreno baldio, ou numa rua pouco movimentada, ainda é possível colocar duas pedras no chão, ou amarrar uma corda entre dois postes e encher-se do prazer lúdico que um jogo de futebol ou voleibol proporciona (e na medida em que a urbanização desenfreada faz desaparecer os terrenos baldios e as ruas sem movimento, a atuação do poder público é vital para garantir a existência de espaços de lazer) (Betti, 1993, p. 50).

A partir desse entendimento, a presença do esporte foi considerada nas duas formas destacadas: como prática institucionalizada, marcada pela iniciação e treinamentos sistematizados; e como manifestação desinteressada, autotélica, fruída pelo prazer lúdico, reconfigurável diante das variáveis socioespaciais e motivacionais.

Sobre o lazer, “[...] um conjunto de atividades opostas ao trabalho e que se diferenciam das obrigações, [...] promovendo *descanso*, a *diversão* e o *desenvolvimento*” (Mascarenhas, 2005, p. 11), o estudo se deteve às possibilidades de inserção da Cultura Corporal no tempo

livre, especificamente nas horas livres residuais<sup>10</sup>. Uma delimitação necessária, já que, como valor social imprescindível o lazer abarca inúmeras manifestações, uma enormidade delas, nos dias de hoje, subsumidas ao capital, o “mercolazer” (Mascarenhas, 2005). A partir do entendimento que atividades e práticas de lazer, e o próprio lazer, não são objetos acabados, mas em processo, Mascarenhas (2005) resgata traços de subsistência do lazer com origens remotas convivendo com o avanço de novas formas, efêmeras, impessoais e individualistas do lazer. Conforme o autor, atualmente é possível identificar

as conversas de botequim, o almoço de domingo, o circo tradicional, o salão de dança do bairro, a festa junina, a folia de reis, o futebol de várzea, a brincadeira de peão, o soltar pipa, a roda de samba, o churrasco depois do mutirão, o passeio e o namoro na praça etc., embora avancem também a prática da ginástica de academia, o espetáculo esportivo, os grandes shows de música, a audiência da TV, a locação de fitas de vídeo, o acesso à internet, as viagens de turismo, os passeios no shopping, os jogos eletrônicos, as pistas de caminhada, o esporte de aventura, o domingo no parque temático etc (Mascarenhas, 2005, p. 28).

No âmbito do lazer, para além das Práticas Corporais institucionalizadas, houve a intencionalidade de considerar outras manifestações, como os jogos, as danças, as brincadeiras, as lutas ou outras.

Diante da relevância que as Práticas Corporais e Atividades Físicas (PCAF) tem alcançado nas políticas públicas nacionais, com importante marco na promulgação da Política Nacional de Promoção da Saúde (PNPS), de 2006, na dimensão da saúde houve a intencionalidade de olhar como (e se) programas, atividades ou ações de promoção das PCAF chegam à população do Res. Buena Vista. Principalmente por se tratar de uma comunidade com histórico de vulnerabilidade e grande número de idosos. Assim, na dimensão da Saúde foram consideradas atividades, programas ou ações relacionadas com a Cultura Corporal no Sistema Único de Saúde (SUS), mais especificamente, promovidas no Centro de Saúde da Família (CSF) do bairro.

De modo geral, na esfera dos debates científicos e acadêmicos da Educação Física, muitos trabalhos e discursos que abordam as PCAF e estilo de vida saudável estão relacionados a uma perspectiva prevencionista comportamental, baseados no paradigma de riscos à saúde (Soares, *et al.* 2014). Em contrapartida, há poucas pesquisas orientadas à compreensão de elementos concretos que precedem essa relação: as possibilidades de prática e inclusão da

---

<sup>10</sup> O tempo livre, de não-trabalho, como oposição ao tempo de trabalho, é o momento “dedicado ao estudo, destinado às tarefas domésticas, às obrigações cívicas, familiares, religiosas, políticas, sociais etc., bem como aquele reservado às atividades de lazer” (Mascarenhas, 2005, p. 11). As últimas, portanto, são realizadas nas horas livres residuais, as horas não ocupadas pelas obrigações.

Cultura Corporal, inscrita como direito constitucional (Brasil, 1988), no cotidiano da população. Processo atravessado por determinações de classe e desigualdades históricas que abrangem dimensões econômicas, culturais, sociais e territoriais.

Em vista disso, como premissa, reitera-se que esta pesquisa considera que a Cultura Corporal produzida e reproduzida no território guarda relação qualitativa e quantitativa com “os homens, as firmas, as instituições, o chamado meio ecológico e as infra-estruturas” (Santos, 1997, p. 6). Um conjunto de mediações que produzem o espaço e estão presentes no lugar, condicionando a manifestação da Cultura Corporal no território, neste caso, no Residencial Buena Vista.

### 1.1. Metodologia

Na forma de um estudo exploratório, a investigação foi marcada por algumas características metodológicas, como: a) o território concreto como fonte direta dos dados; b) a presença do pesquisador no território próprio dos sujeitos pesquisados, o Residencial Buena Vista; c) o contato direto do pesquisador com o objeto pesquisado; d) a atuação do pesquisador como principal meio de coleta dos dados (Ludke; André, 1986). Na pesquisa foram utilizadas técnicas de coleta de dados como: levantamento e análise de documentos, observações, grupos focais e entrevistas. Além disso, no processo de aproximação ao objeto, buscou-se uma ampliação da percepção do pesquisador a partir de conversas informais com moradores (Ludke; André, 1986)<sup>11</sup>, supervisão de projetos de práticas corporais e participação em eventos locais.

Durante a pesquisa, a observação, o grupo focal e a entrevista semiestruturada foram precedidas pelo levantamento documental. Essa etapa de identificação, coleta e análise de documentos possibilitou o conhecimento de aspectos já registrados sobre a história, sobre as características iniciais e sobre o planejamento espacial relacionado às infraestruturas do Residencial Buena Vista. Uma caracterização fundamental à formulação de questionamentos que ajudaram a preencher lacunas presentes na história já documentada do território, qualificando o uso dos outros instrumentos da pesquisa. Além disso, durante as etapas da pesquisa foram realizados “levantamentos documentais visuais” (na forma paisagens) por meio de ferramentas geotecnológicas com acesso aberto, como *Google Earth*, *Google Maps* e *Street*

---

<sup>11</sup> Como dizem Ludke e André (1986, p. 47), “muitas vezes pode ser aconselhável tomar alguns sujeitos da pesquisa como informantes, no sentido de testar junto a eles certas percepções ou certas conjecturas do pesquisador”, constituindo um procedimento de “testagem de ideias junto aos sujeitos”.

*View*<sup>12</sup>. Levantamento e análise que possibilitaram a identificação e a caracterização do meio ecológico, rugosidades e infraestruturas produzidas no bairro. Apesar da baixa frequência de registros dos primeiros anos do território disponíveis no *Street View*, essa técnica permitiu o mapeamento de equipamentos urbanos relacionados à Cultura Corporal produzidos pelo Estado e pela população.

A primeira etapa da investigação permitiu identificar particularidades iniciais do bairro já registradas e documentadas em arquivos institucionais (Goiânia, 2010; Idtech, 2010, 2011; PAC, 2013), em artigos científicos (Borges *et al.*, 2014), dissertações (Carneiro, 2014; Oliveira, 2014) e nas Atas do Conselho Local de Saúde (CLS) do CSF Buena Vista. De modo geral, foi identificado que o desenvolvimento histórico do bairro foi marcado por uma mistura de ações do Estado. Iniciativas institucionais que incluíram o remanejamento de famílias que moravam em “[...] áreas pendentes de regularização fundiária, bem como [...] áreas de preservação ambiental” (Goiânia, 2007a), e a promoção do direito à moradia, a partir da Política Municipal de HIS e do PMCMV (Lucas, 2016; Luciano, 2016). Por outro lado, foram ações que resultaram no espraiamento populacional, na segregação social e na especulação imobiliária (Borges *et al.*, 2014); um processo que reforçou a necessidade de uma compreensão do espaço como instância social (Santos, 1997, 2004, 2014).

A identificação de áreas públicas municipais (APM) destinadas a equipamentos de práticas corporais foi feita, inicialmente, por meio do geoprocessamento disponível no site da prefeitura de Goiânia, posteriormente confirmada com o acesso ao Projeto do Bairro. Já a incursão histórica, ação fundamental à compreensão das mediações instaladas no território, foi enriquecida pelo “trabalho de campo virtual”, realizado através das geotecnologias apresentadas, que permitiram desenhar características históricas gerais do bairro.

Adicionalmente, as observações foram importantes para conhecer a apropriação cotidiana das infraestruturas identificadas; os recursos disponíveis, usos ou ausência de uso; e as Práticas Corporais comuns aos locais. Isso possibilitou identificar espaços de produção e reprodução da Cultura Corporal originados na comunidade local ou relacionados com instituições, firmas ou organizações externas ao bairro. O processo de observação também alcançou reuniões do CLS no CSF do Residencial Buena Vista, supervisão de Estágios da graduação em Educação Física da UFG (2023/2, 2024/1 e 2024/2) realizados no bairro, e

---

<sup>12</sup> O *Street View*, uma ferramenta do Google Maps e Google Earth que oferece vistas panorâmicas em 360 graus de ruas e outros locais ao redor do mundo, registradas em diferentes períodos. Esse recurso permite que qualquer pessoa com internet e recurso tecnológico compatível explore virtualmente a paisagem como se estivesse lá fisicamente.

grandes eventos locais: dois mutirões municipais (maio de 2024 e abril de 2025) e um estadual (2024). Assim, a observação oportunizou conversas informais com diferentes pessoas que contribuíram com a escolha de sujeitos posteriormente convidados às entrevistas e grupos focais. As reflexões e análises originadas neste contato inicial também alimentaram questões que foram exploradas nos diálogos formais realizados nos grupos focais e entrevistas, e também permitiram uma melhor identificação dos “sábios locais”, sujeitos que poderiam contribuir com o propósito da pesquisa. Dessa maneira, a seleção dos sujeitos para o grupos focais e entrevistas considerou a importância do saber local e do “sábio local” (Santos, 1999, p. 25).

E como esse saber local não é independente do saber global, as universidades [...] podem ter um papel importante na produção do saber local, com a produção de um saber global que não seja apenas discurso, mas que permita oferecer elementos de análise localmente reciclados [...] Esse saber do homem da universidade, [...] é indispensável também como um dado central na cozinha do saber local. A cozinha é local.

No geral, as técnicas de pesquisa grupo focal e entrevista levantaram informações concretas para ultrapassar problemas do pouco registro da história do bairro, dos limites da paisagem, e da aparência das dinâmicas espaciais. Constituíram uma etapa de apreensão da realidade que tornou possível a análise da relação da população com as rugosidades, ações e atividades fomentadas pelo poder público, pela mobilização social ou iniciativa privada relacionadas com a Cultura Corporal.

O desenho inicial da pesquisa previa a realização de quatro grupos focais, sendo eles: grupo de moradores (Grupo M); grupo de profissionais da Educação Física (PEF) e outros mestres e professores (Grupo P); grupo de Agentes Comunitárias de Saúde (Grupo ACS); e grupo de lideranças comunitárias (Grupo L). Diante da identificação de antagonismos já existentes entre lideranças, intensificados por um recente processo eleitoral para associação de moradores, debates, desavenças e disputas políticas decorrentes do ano de eleições municipais (2024), não foi possível realizar o Grupo L, previsto com lideranças locais, sendo realizado apenas os outros três grupos previstos. Entretanto, uma descoberta realizada no primeiro grupo focal realizado com o Grupo ACS, motivou a inclusão de um novo perfil populacional ao planejamento inicial dos grupos focais: moradores das redondezas de uma praça específica, no Res. Buena Vista IV (MP). Isso porque na pesquisa qualitativa os procedimentos podem ser modificados, ajustados, com vista às necessidades teórico-metodológicas encontradas na realidade estudada.

Por entender a relevância dos líderes comunitários, atores sociais fundamentais cuja conduta perpassa o conhecimento do bairro, a organização, a representação e a luta por melhores condições de vida local, foram realizadas entrevistas individuais com quatro pessoas com este perfil. Outro desafio encontrado foi a não participação de lideranças, mestres ou professores da Cultura Corporal que coordenasse ou ensinasse em projetos sociais, previstos no Grupo P, de “profissionais da Educação Física e outros mestres e professores”, sendo possível realizar entrevista individual com apenas um desses sujeitos (professor de projeto social). Com isso, foram realizadas quatro entrevistas com lideranças comunitárias e uma com um professor de Educação Física que trabalhou por dois anos em um projeto social de futebol, além dos quatro grupos focais.

Além das cinco entrevistas individuais, com quatro líderes comunitários (L) e um professor que já ensinou em projeto social (PPS), foram reunidos nos grupos focais: a) 7 pessoas no grupo de moradores gerais; b) 7 pessoas no grupo de moradores próximo à praça do Res. Buena Vista IV; c) 5 profissionais de Educação Física que trabalhavam no bairro; e d) 9 Agentes Comunitárias de Saúde (ACS) do CSF Res. Buena Vista. Um total de 33 sujeitos na qualidade de “sábios locais”, selecionados por meio da identificação prévia realizada nas primeiras etapas da pesquisa, e indicações consideradas importantes a partir de conversas informais.

Tabela 1 - Técnicas e Detalhamentos da Coleta de Dados

<b>Técnica de coleta de dados</b>	<b>Detalhamento</b>
Análise de documentos	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Documentos Institucionais;</li> <li>- Artigos Científicos;</li> <li>- Dissertações;</li> <li>- Atas do Conselho Local de Saúde.</li> </ul>
Observação	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Apropriação das infraestruturas;</li> <li>- Dinâmica espacial;</li> <li>- Reuniões do Conselho Local de Saúde (CLS);</li> <li>- Supervisão de Estágios da UFG;</li> <li>- Eventos do Estado e Município sediados no local.</li> </ul>
Grupo Focal	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Moradores do Bairro (M);</li> <li>- Profissionais de Educação Física (P);</li> <li>- Agentes Comunitárias de Saúde (ACS)</li> <li>- Moradores da redondeza da Praça (MP)</li> </ul>
Entrevistas	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Lideranças Comunitárias (L);</li> <li>- Professor de Projeto Social (PPS).</li> </ul>

Fonte: Autor (2025).

## 1.2. Caracterização dos sujeitos

Para participar dos grupos focais ou entrevistas, os sujeitos precisavam morar, ou no caso do Grupo P e PPS, atuar no Residencial Buena Vista por período igual ou maior que 2 anos, e ter idade igual ou superior a 18 anos. Só participaram do estudo pessoas que declararam concordância com as condições propostas na pesquisa, mediante assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da UFG. Em conformidade com as exigências éticas, a pesquisa foi realizada após a liberação do parecer N° 7.525.809. Os sujeitos foram convidados a participar de forma voluntária, sem ganhos ou gastos de qualquer natureza. Foi garantido às pessoas participantes a prerrogativa do anonimato como segue referenciado no TCLE (Apêndices “A” e “B”). A seguir há uma sintética caracterização das pessoas que participaram das entrevistas e grupos focais, bem como a forma que suas falas foram mencionadas nas próximas páginas.

Três pessoas do perfil de lideranças comunitárias residiam no bairro desde sua fundação e entrega das HIS. Apenas um sujeito, morador de um condomínio, se mudou em 2013. Nesta lista temos: uma mulher que faz parte do CLS, e reside nas proximidades da Praça dos Esportes e da Cultura (PEC) do Res. Buena Vista IV, identificada como L1; um homem, que foi mediador do processo de transferência das famílias que moravam em invasão localizada na Cidade Jardim, Goiânia, Goiás, e reside nas proximidades de uma praça com academia pública localizada no Res. Buena Vista I, identificado como L2; um homem, síndico em um condomínio do Res. Buena Vista 1, representante de uma organização não governamental (ONG) que presta serviços de saúde no bairro, identificado como L3; e uma mulher, eleita presidente da associação de moradores de 2023 a 2027, cuja chapa é composta pelo pesquisador e outros moradores, moradora que também integrou a chapa eleita para primeira associação do bairro escolhida por voto popular em 2011 (Idtech, 2011), além disso, é ACS e já participou de várias representações dentro do CLS e Conselho Municipal de Saúde, identificada como L4<sup>13</sup>.

O outro entrevistado foi um PEF que atuou de 2023 a 2024 como professor voluntário de Futebol em um projeto social instalado no bairro, no Buena Vista I. Este sujeito está representado pela sigla PPS.

Em relação aos sujeitos participantes dos grupos focais, o grupo dos moradores em geral contou com a participação de habitantes das quatro etapas do bairro, cinco homens (M2, M4, M5, M6 e M7) e duas mulheres (M1 e M3). Alguns que já viveram em casas térreas

---

<sup>13</sup> No final da pesquisa, a ACS, “L4”, foi empossada no cargo de gestão da Unidade Básica de Saúde do Residencial Buena Vista.

entregues pela Política Municipal de Habitação de Interesse Social do município, ou casas sobrepostas na forma de condomínios, com financiamento social a partir do PMCMV de iniciativa federal. Todos estavam no bairro desde o início. No decorrer do trabalho estes sujeitos estão representados pela M, seguida de um numeral de 1 a 7.

O grupo formado por profissionais de Educação Física e mestres da Cultura Corporal teve a contribuição de donos/professores e professores que no momento da pesquisa atuavam em três “comércios locais da Cultura Corporal”<sup>14</sup> do bairro: uma academia (P3), um estúdio de natação e hidroginástica (P4 e P5); e um centro de treinamento que oferece aulas de luta, treinamento funcional e vôlei de praia (P1 e P2). Estes estão representados pela letra P, seguida do numeral de 1 a 4.

Por fim, o grupo das ACS - primeiro a ser realizado - foi composto por trabalhadoras do SUS que participaram das primeiras equipes de Saúde da Família (eSF) iniciadas no CSF do bairro, e outras servidoras que chegaram posteriormente, em decorrência do aumento da população e incrementação de novas eSF ao território. Muitas foram habitar no bairro através da Política Municipal de HIS. Estas possuem sua fala identificada pela sigla ACS, seguida de um número de 1 a 9.

No agrupamento mais específico de moradores, houve a participação de pessoas que construíram suas casas em uma área de lotes comerciais, localizados nas redondezas de uma praça do Res. Buena Vista IV. Muitos começaram a construir suas moradias no mesmo período de construção das HIS produzidas no território. Suas falas estão registradas com a sigla MP, seguida de um numeral de 1 a 7.

A descrição inicial dos sujeitos visa apresentar ao leitor o que foi considerado “sábios locais”. Estes, foram essenciais ao entendimento da relação entre o território e acesso às práticas corporais na vida cotidiana da sociedade de moradores<sup>15</sup> do Residencial Buena Vista .

---

<sup>14</sup> A partir de Santos (2023b) a Academia, o Centro de Treinamento e o Estúdio de Hidroginástica e Natação representados no grupo P, podem ser assim classificados por compartilharem características do Circuito Inferior ou Inferior Misto da economia, por diferentes motivos: por serem baseados na tecnologia do “trabalho intensivo” e não do “capital intensivo” (p. 100); por serem “simultaneamente baseadas no crédito e no dinheiro líquido [...]”, com uma larga porcentagem de crédito pessoal direto” (p. 100); por oferecerem uso de equipamentos básicos, com baixo nível tecnológico; por atenderem a população local, olhando para a população próxima e disponibilizando um preço mais acessível em vista da concepção de lucro; e por terem um gerenciamento menos racionalizado; ao mesmo tempo em que utilizam, por necessidade do período histórico, softwares de gestão e redes sociais para divulgação que são característicos dos Circuitos Superiores.

<sup>15</sup> Para remeter à população, às pessoas, aos moradores, habitantes do território, também será usado o termo “sociedade de moradores”, entendendo que estas “[...] atendem a fins específicos, mas estão longe de substituir as comunidades autênticas, nas quais o indivíduo se realizava como personalidade integral [...]. As sociedades de moradores têm um inegável papel organizativo, mas não têm fôlego para ultrapassar o funcional, deixando intacto o estrutural” (Santos, 2020, p. 98).

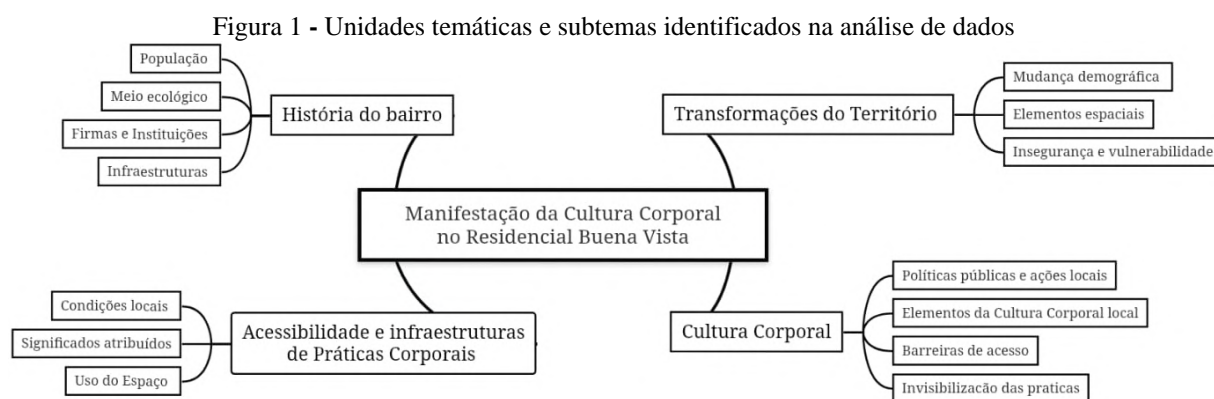
De modo geral os grupos focais e as entrevistas tiveram duração de 30 a 90 minutos. Como está descrito nos Apêndices C ao F, o grupo focal, primeira técnica realizada com diferentes perfis populacionais, foi marcada por características em comum: os participantes foram organizados sentados em círculo; as perguntas disparadoras foram direcionadas ao grupo; o pesquisador explorou as questões buscando a participação do maior número de participantes, inclusive captando opiniões conflitantes; os grupos foram encerrados diante do esgotamento das questões; e ao final de cada grupo foi aberto um momento pra exposição de alguma opinião sobre o tema. A segunda técnica, de entrevista, seguiu a descrição do Apêndice G.

As entrevistas individuais foram registradas por gravador de voz, e as falas coletivas foram gravadas em áudio, com acréscimo do registro por vídeo; ferramentas formalmente apresentadas no início de cada intervenção, com destaque para o consentimento expresso no TCLE. A captação de vídeo favoreceu a identificação dos sujeitos que estavam falando, possibilitando também a apreensão da comunicação não verbal.

### 1.3. Análise de Dados

A transcrição das entrevistas e grupos focais resultou um acervo geral de 180 páginas, material rico do “discurso do cotidiano, que é o discurso da política” (Santos, 1999, p. 21). Esse foi o ponto de partida para a análise dos dados, que buscou apresentar sínteses, problematizar questões e revelar contradições que impactam a manifestação da Cultura Corporal em um território marcado pelo crescimento desigual.

No processo de leitura e interpretação das informações foram identificadas quatro unidades temáticas: a história do bairro; as transformações do território, a acessibilidade e infraestrutura de Práticas Corporais; e a Cultura Corporal. Cada qual composta por diferentes subtemas:



Fonte: Autor (2025).

Considerando a Figura 1 - que não esgota os subtemas identificados -, a relação entre as unidades temáticas e os diferentes subtemas esteve presente nas discussões apresentadas nos próximos capítulos, na forma de um fundamento de análise. Caminho alinhado a uma periodização histórica da manifestação da Cultura Corporal local que permitiu dar objetividade aos dados encontrados. Uma periodização possível a partir da união das noções do tempo e espaço através da categoria “evento”, imprescindível à utilização da noção de “tempo empírico” (Santos, 1999).

Um tempo empírico que vai ser buscado numa definição muito simples do que existe, em que o que existe é um conjunto de possibilidades a tomar ou a deixar de tomar. [...] Esse tempo empírico que flui da existência de possibilidades concretas, que permite uma história já feita ou uma história por fazer, [...] trabalhado a partir de possibilidades que são reais, as que são conhecidas pela história a cada momento (Santos, 1999, p. 16).

Logo, para uma análise totalizante da manifestação da Cultura Corporal no Residencial Buena Vista, utilizou-se uma proposta de periodização, o que possibilitou historicizar relações entre os diferentes momentos do bairro e os dados levantados. Sinteticamente, a partir de Santos (1997; 1999; 2023a) uma proposta que diz respeito à organização de secções de tempo que abrangem a existência concreta de possibilidades, modos e momentos particulares de manifestação da Cultura Corporal no território, fundamentada e justificada no decorrer dessa dissertação.

## 2. A “SOCIEDADE DE MORADORES” DO RESIDENCIAL BUENA VISTA: seus elementos espaciais

É o uso do território, e não o território em si mesmo, que faz dele objeto da análise social. Trata-se de uma forma impura, um híbrido, uma noção que, por isso mesmo, carece de constante revisão histórica. O que ele tem de permanente é ser nosso quadro de vida. Seu entendimento é, pois, fundamental para afastar o risco de alienação, o risco da perda do sentido da existência individual e coletiva, o risco de renúncia ao futuro.

(Milton Santos, 2005)

O desenvolvimento histórico da humanidade se deu, se dá e continuará se concretizando sobre uma base material, o espaço, em constante processo de transformação e totalização (Santos, 1997; 2004; 2014). A partir disso, compreendendo que a cultura corporal, engendrada no curso histórico da humanidade (Coletivo de Autores, 2012), teve, e continuará tendo em qualquer tempo e lugar, uma relação dialética com o território usado.

Antes de abordar o Residencial Buena Vista, espaço habitado que constitui a centralidade desta pesquisa, cabe fazer uma apresentação do autor que fundamenta a discussão desta dissertação, para posteriormente localizar a concepção de território, espaço social<sup>16</sup> que sustenta esta pesquisa.

Segundo Fuks (2023), Milton Almeida dos Santos, mais conhecido como Milton Santos, nascido em Brotas de Macaúbas, Bahia (1926 - 2001), foi um importante e reconhecido geógrafo brasileiro, “um dos maiores intelectuais que nosso país já teve”, com reconhecimento nacional e internacional. Advogado de formação, Milton Santos graduou-se em direito na Universidade Federal da Bahia (UFBA), e cursou doutorado em Geografia na Université de Strasbourg, na França (1958).

Durante sua carreira acadêmica e intelectual, foi professor de Geografia Humana na Universidade Católica de Salvador e Universidade de São Paulo (USP), tornando-se professor emérito da UFBA, em 1961, e USP, em 1997. Além disso, como professor visitante lecionou em uma série de importantes instituições brasileiras.

Extrapolando o território nacional, Milton Santos também deu aulas fora do país, desenvolvendo contato com diversas instituições: Université de Paris, Universidade de Toronto,

---

<sup>16</sup> A partir de Santos (1999; 2005), os termos “território”, “território usado”, “espaço habitado”, “espaço social”, e “espaço”, aparecem neste trabalho como sinônimos.

Universidade Nacional de Ingeniería de Lima, Universidad Central de Venezuela, Columbia University e na University es Salaam (Tanzânia) entre outras (Fuks, 2023 [n.p.]).

Em sua trajetória de vida, o geógrafo alcançou, como pesquisador, a categoria 1A do CNPq, conduzindo pesquisas dentro e fora do país, em parcerias com centros de estudos norte-americanos e europeus. Carreira conciliada com importantes atividades políticas nacionais e internacionais, por exemplo: consultor das Nações Unidas; das Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO); da Organização Internacional do Trabalho (OIT); e da Organização dos Estados Americanos (OEA).

Milton Santos “foi o único brasileiro a receber um ‘prêmio Nobel’, o Vautrin Lud, uma espécie de Nobel da Geografia”, além de ter se tornado “Doutor *honoris causa* em vários países” (Saquet; Silva, 2008, p. 28). Assim, conforme Saquet e Silva (2008, p. 27) o renomado geógrafo “[...] tornou-se um expoente da geografia brasileira, como professor, pesquisador e pensador de temas e processos do mundo contemporâneo, sobretudo da urbanização-cidade-urbano, do meio técnico-científico informacional e da globalização”. Na sua trajetória acadêmica teve mais de cinquenta títulos publicados, dos quais se destacam: Por uma geografia nova (1978); Pobreza urbana (1978); O espaço dividido (1979); Espaço e método (1985); O espaço do cidadão (1987); A urbanização brasileira (1993); Técnica, espaço, tempo (1994); A natureza do espaço (1996); Por uma outra globalização (2000); O Brasil: território e sociedade no início do século XXI (2001).

Após essa breve apresentação do geógrafo, cientista, professor, pensador, intelectual, ativista pró questões sociais Milton Santos, segue-se a apresentação de elementos conceituais caros a esta pesquisa, que o autor desenvolveu em algumas obras da sua vasta produção teórica: “Por uma nova Geografia” (2004), “Espaço e Método” (1997; 2023a), “A Natureza do Espaço” (2014), “O Espaço do Cidadão” (2020), e “Da Totalidade ao Lugar” (2023b). Obras produzidas sob uma concepção “[...] claramente histórica e relacional elaborada utilizando-se de referenciais como A. Einstein, A. Whitehead, H. Lefebvre, E. Durkheim, F. Braudel, J. Sartre, entre outros” (Saquet; Silva, 2008, p. 40), tal como K. Marx, que lhe proporcionou uma centralidade nos “[...] princípios do materialismo histórico e dialético como método de interpretação” (ibid., p. 25) da realidade.

## **2.1. O espaço: princípios fundamentais**

Nas próximas páginas, o Residencial Buena Vista é apresentado a partir dos princípios da dialética espacial, que concebe o espaço como uma estrutura ativa, uma instância social

(Santos, 1997, 2004, 2014). Discussão histórica que considera, através das relações e ações entre “os homens, as firmas, as instituições, o chamado meio ecológico e as infra-estruturas” (Santos, 1997, p. 6), a relação dialética entre a dimensão global e a dimensão local (Santos, 1997, 2023a). Porque na qualidade de atores sociais (Santos, 2023b), estes diferentes elementos do espaço (Santos, 1997, 2023a) possuem forças de produção, transformação, significação, e dinamização espacial.

Nesta concepção, a apresentação do espaço único, particular, requer uma caracterização dos elementos do espaço que considere suas respectivas variações qualitativas e quantitativas, acompanhada da identificação dos diferentes momentos da configuração territorial. Essa, produzida por rugosidades e formas (objetos espaciais), marcadas por conteúdos particulares impressos pela sociedade: “a vida que as anima” (Santos, 2014, p. 103). Uma abordagem voltada à apreensão do “acontecer solidário”<sup>17</sup>, representado pela relação entre o que Santos (1999) denominou dimensões do espaço: a “dimensão global”, a “dimensão nacional”, as “dimensões intermediárias”, a “dimensão local” e a “dimensão cotidiana”<sup>18</sup>.

Para a análise do território como instância social, o estudo considerou os “elementos do espaço” - também chamados “variáveis” - caracterizados em diferentes obras do geógrafo Milton Santos (1997, 1999, 2004, 2014, 2020, 2023a). Elementos que representam “estados ou condições de coisas, mas não coisas por elas próprias” (Santos, 1997, p. 9). Por isso, sobre a variável população, atenta-se antes, que “em sistemas que envolvem pessoas não é a pessoa que é um elemento, mas os seus estados de fome, de desejo, de companheirismo, de informação ou um outro traço de qualidade relevante para o sistema” (Santos, 1997, p. 9). O elemento “homens” abrange todas as pessoas, e ultrapassa os limites de uma representação quantitativa.

Os homens são elementos do espaço, seja na qualidade de fornecedores de trabalho, seja na de candidatos a isso, trata-se de jovens, de desempregados ou não empregados. A verdade é que tanto os jovens quanto os ocasionalmente sem emprego ou já aposentados não participam diretamente da produção, mas o simples fato de estarem presentes no lugar tem como consequência a demanda de certo tipo de trabalho para outros. Esses diversos tipos de trabalho e de demanda são a base de uma classificação do elemento homem na caracterização de um dado espaço (Santos, 2023, p. 16-7).

---

<sup>17</sup> “O que possibilitaria reconstituir um território a partir de mosaicos - porque o território é sempre dado como mosaico - seria este ‘acontecer solidário’” (Santos, 1999, p. 17).

<sup>18</sup> Sobre a dimensão do cotidiano diz Santos (2014, p. 321): “esse componente imprescindível do espaço geográfico, que é, ao mesmo tempo, uma condição para a ação; uma estrutura de controle, um limite à ação; um convite à ação. Nada fazemos hoje que não seja a partir dos objetos que nos cercam”.

Olhando a dimensão local, a dialética espacial destaca a população como um elemento com potencial transformador, força que se relaciona com “[...] a população tomada como um todo, a importância da população concentrada, o grau de urbanização, o nível de industrialização, o nível de consumo, o nível cultural etc.” (Santos, 2004, p. 228). Como exemplo, o aspecto cultural da população de um território, que guarda nexos com à particularidade do espaço, pode ser representado pela “cultura de massas”<sup>19</sup>, por uma “cultura popular”<sup>20</sup> ou por uma “cultura popular de massas”<sup>21</sup>, produzida no movimento territorial e social particular, diferenciando-se em algumas características, da cultura de massas. Isso porque o movimento, o dinamismo e as transformações do e no espaço geográfico, podem produzir na cultura local características de um “movimento social”. Porque

a cultura, forma de comunicação do indivíduo e do grupo com o universo, é uma herança, mas também um reaprendizado das relações profundas entre o homem e o seu meio, um resultado obtido por intermédio do próprio processo de viver (Santos, 2020, p. 81).

Caracterizando o elemento população, Santos (1997) apresenta aspectos de outros elementos do espaço, demarcando uma relação entre os homens, as firmas e as instituições. De acordo com o autor, mais ou menos interessada em responder “a demanda de cada indivíduo como membro da sociedade total, [...] as firmas têm como função essencial a produção de bens, serviços e ideias. As instituições por seu turno produzem normas, ordens e legitimações” (Santos, 1997, p. 6).

A sociedade, porém, não se rege, apenas, por leis, decretos, portarias nos níveis federal, estadual ou municipal. As relações atuais entre as firmas e o poder público atribuem às empresas um certo poder de regulação da vida social. Cada vez mais, e a cada dia que passa, as empresas ditam normas, que são frequentemente ainda mais rígidas que as do poder público e às quais o cidadão não pode resistir, sob pena de se ver paralisado ou tolhido em seu cotidiano. É, às vezes, mais fácil contornar uma determinação burocrática do que infringir uma decisão de um empresário, tomada em seu próprio benefício individual (Santos, 2020, p. 89).

---

<sup>19</sup> “A cultura de massa é indiferente à ecologia social. Ela responde afirmativamente à vontade de uniformização e indiferenciação” (Santos, 2014, p. 327)

<sup>20</sup> “A cultura popular tem suas raízes na terra em que se vive, simboliza o homem e seu entorno, a vontade de enfrentar o futuro sem romper a continuidade. Seu quadro e seu limite são as relações profundas que se tecem entre o homem e o seu meio” (Santos, 2020, p. 86).

<sup>21</sup> Sob certos aspectos, a cultura popular assume uma revanche sobre a cultura de massas, constitucionalmente destinada a sufocá-la. Cria-se uma cultura popular de massas, alimentada com a crítica espontânea de um cotidiano repetitivo e, também não raro, com a pregação de mudanças, mesmo que esse discurso não venha com uma proposta sistematizada (Santos, 2014, p. 320).

A ressalva sobre a “delimitação” das funções, que representam ações, mostra que, no período histórico atual, “a esfera do público e do privado se confundem de forma intolerável, em detrimento do indivíduo e do cidadão”<sup>22</sup> (2020, p. 90). Conjetura em que “o conceito de serviço público foi, aliás, abastardado a um tal ponto que as entidades fornecedoras trabalham na base do lucro, que buscam aumentar gulosamente” (Santos, 2020 p. 36); sejam elas responsáveis pelo fornecimento de água, luz, transporte público ou outros bens e serviços. A cada dia que passa, “as firmas, direta ou indiretamente, também produzem normas, e as instituições são, como o Estado, produtoras de bens e de serviços” (Santos, 1997, p. 7). Portanto,

A simples enumeração das funções que cabem a cada um dos elementos do espaço mostra que eles são, de certa forma, intercambiáveis e redutíveis uns aos outros. Essa intercambialidade e redutibilidade aumenta, na verdade, com o desenvolvimento histórico; é um resultado da complexidade crescente em todos os níveis da vida. Desse modo, os homens também podem ser tomados como firmas (o vendedor da força de trabalho) ou como instituições (no caso do cidadão, por exemplo), da mesma maneira que as instituições aparecem como firmas e estas como instituições (Santos, 2023a, p. 17).

Outros elementos são o meio ecológico e as infra-estruturas. De modo geral, como destaca Santos (1997, p. 6) “o meio ecológico é o conjunto de complexos territoriais que constituem a base física do trabalho humano”; e “as infra-estruturas são o trabalho humano materializado e geografizado na forma de casas, plantações, caminhos, etc.”. Nas palavras do geógrafo (Santos, 2004, p. 203), é preciso destacar que,

Produzir e produzir espaço são dois atos indissociáveis. Pela produção o homem modifica a Natureza Primeira, a natureza bruta, a natureza natural, socializando, dessa forma, aquilo que Teilhard de Chardin chama de "ecossistema selvagem". É por essa forma que o espaço é criado como Natureza Segunda, natureza transformada, natureza social ou socializada. O ato de produzir é, ao mesmo tempo, o ato de produzir espaço.<sup>23</sup>

Além disso, na forma de mediação particular (do lugar), relacionada com mediações universais (globais), é preciso conceituar “rugosidades espaciais”, categoria que abrange um tipo específico de infraestrutura: as “formas remanescentes de períodos anteriores” (Santos,

---

<sup>22</sup> Nesse sentido, Santos (2020, p. 35) exemplifica: “as firmas hegemônicas, os bancos, tomam o lugar das instituições governamentais. Usurpam das assembleias eleitas um poder legislativo que não têm, impondo regras à totalidade dos cidadãos. Mediante essa invasão descabida, a vida social é ilegalmente regulada em função de interesses privatistas”.

<sup>23</sup> “Enfim, há sempre uma primeira natureza prestes a se transformar em segunda; uma depende da outra, porque a natureza segunda não se realiza sem as condições da natureza primeira e a natureza primeira é sempre incompleta e não se perfaz sem que a natureza segunda se realize. Este é o princípio da dialética do espaço” (Santos, 2004, p. 214)

2023, p. 75). Na condição de formas semi-permanentes, as rugosidades podem já estar no meio ecológico ou terem sido criadas como infraestruturas (Santos, 1997; 2023). Conforme Santos (2023a, p. 74-5), “uma vez criada e usada na execução da função que lhe foi designada, a forma frequentemente permanece aguardando o próximo movimento dinâmico da sociedade, quando terá toda a probabilidade de ser chamada a cumprir uma nova função”. O potencial que as rugosidades e as formas-conteúdo<sup>24</sup>, infraestruturas do período atual, têm de condicionar ou transformar o modo de vida da população, - através da produção de valor social, econômico e cultural, - fixam no território - através de sistemas de objetos e sistemas de ações, - diferenças espaciais que manifestam ou reforçam desigualdades sociais, negação ou oportunidades desiguais do acesso a bens e serviços fundamentais (Santos, 2014):

Como certas áreas não dispõem de certos bens e serviços, somente aqueles que podem se deslocar até os lugares onde tais bens e serviços se encontram têm condições de consumi-los. Desse modo, as pessoas desprovidas de mobilidade, seja em razão de sua atividade, seja em razão de seus recursos, devem resignar-se à não-utilização de tais bens e serviços, cujos preços são, às vezes, inferiores aos de sua localidade. Os moradores que dispõem de meios para locomover-se têm, assim, acesso mais fácil, e aqueles cuja mobilidade é limitada ou nula devem pagar localmente mais caro, e às vezes por isso mesmo renunciar ao seu uso (Santos, 2020, p. 116).

A desigualdade, geografizada na “configuração territorial”<sup>25</sup>, transmite à paisagem<sup>26</sup>, resquícios do processo de sua produção. Em vista disso, a consideração das rugosidades e formas-conteúdo presentes ou ausentes, produzidas por forças locais, nacionais ou internacionais, é uma ação necessária na análise da totalidade; e, pensando a interdependência funcional das variáveis, a interação entre os elementos do espaço também aparece como um dado básico da análise espacial (Santos, 1997; 2023). Nas palavras de Santos (1997, p. 7), “através do estudo das interações, recuperamos a totalidade social, isto é, o espaço como um todo e, igualmente, a sociedade como um todo. Pois cada ação não constitui um dado independente, mas um resultado do próprio processo social”.

---

<sup>24</sup> “A ideia de forma-conteúdo une o processo e o resultado, a função e a forma, o passado e o futuro, o objeto e o sujeito, o natural e o social. Essa ideia também supõe o tratamento analítico do espaço como um conjunto inseparável de sistemas de objetos e sistemas de ações” (Santos, 2014, p. 103).

<sup>25</sup> “A paisagem é o conjunto das coisas que se dão diretamente aos nossos sentidos; a configuração territorial é o conjunto total, integral, de todas as coisas que formam a natureza em seu aspecto superficial e visível” (Santos, 2021, p. 85).

<sup>26</sup> A paisagem depende do ponto de observação, assim, possui uma limitação. Quanto mais distante mais próximo ela está da apreensão da configuração territorial, porque alcança “[...] o conjunto de formas que, num dado momento, exprimem as heranças que representam as sucessivas relações localizadas entre homem e natureza. O espaço são essas formas mais a vida que as anima” (Santos, 2014, p. 103).

Entendendo que o “processo social” se realiza na interação entre a instância produtiva, instância política, instância cultural-ideológica e a instância espacial, conjunto de mecanismos e ações que determinam a estrutura social nas frações tempo histórico, entra em cena a necessidade da periodização. O período histórico, “sinônimo de áreas temporais de significação ou modos de produção e seus momentos” (Santos, 1997, p. 3), revela “secções da história”<sup>27</sup>, definidas por particulares organizações da estrutura social, que, de acordo com a ordem socioeconômica, determina princípios e normas da sociedade a partir das características da produção, da economia, da formação cultural, da política institucional, da ideologia, das formas-conteúdo<sup>28</sup> do lugar e do movimento social (Santos, 1997, 2023).

Quando se fala de modo de produção, não se trata simplesmente de relações sociais que tomam uma forma material, mas também de seus aspectos imateriais, como o dado político ou ideológico. Todos eles têm uma influência determinante nas localizações e tornam-se assim um fator de produção, uma força produtiva, com os mesmos direitos que qualquer outro fator (Santos, 2023, p. 32).

O período histórico, que revela a potência motriz de transformação do território, as forças políticas, econômicas, culturais e ideológicas hegemônicas que determinam o cotidiano e o lugar, é caracterizado a partir do tempo empírico (Santos, 1999),

[...] que vai ser buscado numa definição muito simples do que existe, em que o que existe é um conjunto de possibilidades a tomar ou a deixar de tomar. Possibilidades que apenas alguns atores são capazes de exercer e que são exercidas apenas em alguns lugares. Esse tempo empírico que flui da existência de possibilidades concretas, que permite uma história já feita ou uma história por fazer, [...] trabalhando a partir de possibilidades que são reais, as que são conhecidas pela história de cada momento (Santos, 1999, p. 16).

Por isso, o tempo empírico torna possível identificar, dentre outras coisas, que no período histórico atual, técnico-científico-informacional, “o comportamento dos subespaços do mundo subdesenvolvido está geralmente determinado pelas necessidades das nações que estão no centro do sistema mundial” (Santos, 1997, p. 21). No mundo globalizado, a consideração do período e suas mediações universais, ajudam na análise histórica do espaço como instância social que “*contém* e é *contido* pelas demais instâncias, assim como cada uma delas o contém

<sup>27</sup> Na sua obra “Espaço e Método” (1997, p.23), Milton Santos explica a seguinte proposta de periodização: 1) O período do comércio em grande escala (a partir dos fins do século XV até mais ou menos 1620); 2) o período manufatureiro (1620- 1750); 3) o período da Revolução Industrial (1750-1870); 4) o período industrial (1870-1945); e; 5) o período tecnológico.

<sup>28</sup> A ideia de forma-conteúdo une o processo e o resultado, a função e a forma, o passado e o futuro, o objeto e o sujeito, o natural e o social. Essa ideia também supõe o tratamento analítico do espaço como um conjunto inseparável de sistemas de objetos e sistemas de ações” (Santos, 2014, p. 103)

e é por ele contida” (Santos, 1997, p. 2). Como disse Santos (2023b), “a cada lugar geográfico concreto corresponde, em cada momento, um conjunto de técnicas e de instrumentos de trabalho, resultado de uma combinação específica que também é historicamente determinada”. Ou seja, unificando processos sincrônicos e diacrônicos (Santos, 2023b), ao espaço corresponde “[...] um conjunto de formas representativas de relações sociais do passado e do presente e por uma estrutura representada por relações sociais que estão acontecendo diante dos nossos olhos [...]” (Santos, 2004, p. 153).

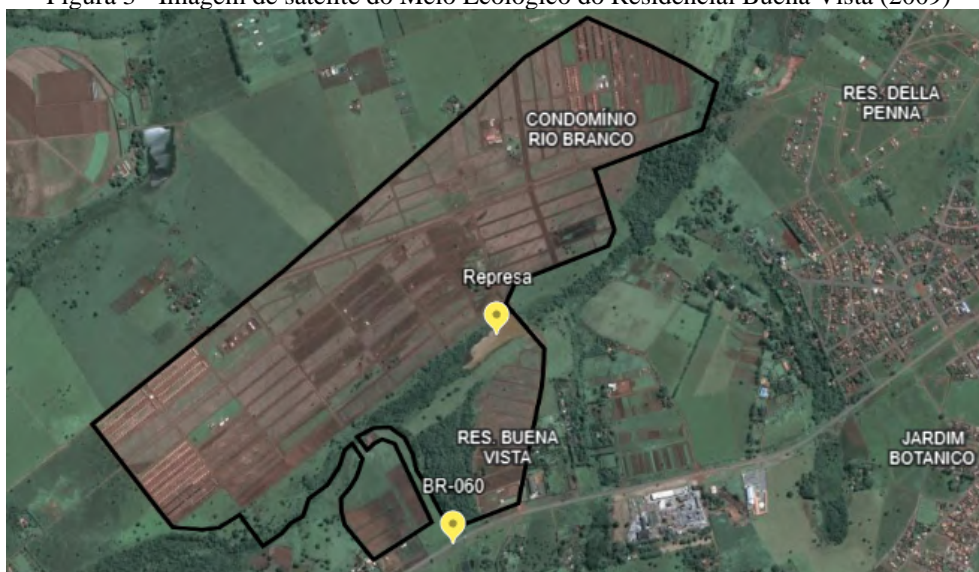
Considerando as interações entre dimensões espaciais, o território se constitui como uma “estrutura subordinada-subordinante”, porque embora submetido à “lei da totalidade”, pode ser privado, por fatores externos ou internos, de certas evoluções. A privação externa está relacionada à perversidade da globalização, uma vez que “[...] o nível universal nos é dado pelo que chamaremos de universalização perversa, uma vez que não atinge a todos os atores, não é utilizada igualmente por todos os agentes; e somente beneficia a uns poucos [...]” (Santos, 2004, p. 212). Mas a possível privação por fatores internos, da “dimensão local”, envolve o pressuposto de que o território “dispõe de uma certa autonomia que se manifesta por meio de leis próprias, específicas de sua própria evolução” (Santos, 2004, p. 181). Com isso, as constantes transformações sociais - mudanças contínuas no desenvolvimento tecnológico, comunicacional, nos poderes e jogos de poder em instâncias superiores - exercem influência sobre o espaço, mesmo que nele, por sua construção histórica, ou força global, nacional, estadual ou municipal, tais transformações sejam limitadas ou potencializadas, muitas vezes reguladas por firmas que visam o lucro, caracterizadas pelo poder semelhante às instituições: sejam elas empresas nacionais, internacionais, multinacionais ou transnacionais.

Em síntese, a concepção do espaço como um produto e fator histórico e social consolida o princípio de “um tempo espacial próprio a cada lugar” (Santos, 2004, p. 257). Diferentes períodos da história, com características típicas de produção material e imaterial, disseminação e incorporação de informação e tecnologias, relações de dependência e subserviência, dentre outros, estabelece em cada espaço, um ritmo evolutivo particular. Conseqüentemente, a qualidade e quantidade das pessoas, instituições, firmas e infraestruturas, que retratam “a presença simultânea de variáveis [...] tão diversas dá como resultado que a combinação característica de cada lugar é única” (Santos, 2004, p. 258).

Considerando a proposta de periodização descrita em Santos (1997, 1999, 2023), este estudo propõe uma periodização da manifestação da Cultura Corporal no Residencial Buena Vista. Parafraseando Santos (1999), trata-se de uma proposta que diz respeito à organização de áreas temporais que abrangem a existência concreta de possibilidades, modos e momentos de



Figura 3 - Imagem de satélite do Meio Ecológico do Residencial Buena Vista (2009)



Fonte: Adaptado de Google Earth (2025)

Figura 4 - Mapa que evidencia a distância entre o Centro de Goiânia e o Residencial Buena Vista



Fonte: Borges *et al* 2014, (p. 607).

A extensão territorial do bairro é marcada por 5 APMs de Zonas de Proteção Ambiental (ZPA), sendo que uma delas é composta por matas existentes no território, onde se encontram nascentes que deságuam na Represa do Bairro (Goiânia, 2007b). Segundo os moradores pioneiros, no período de construção das primeiras casas e equipamentos urbanos (2009-2010), “era uma fazendona, você olhava o capinzinho planinho” (MP2).

De modo geral, o bairro foi criado sobre um meio ecológico composto por pasto, represa, mata ciliar, brejo, mata existente e áreas próximas às ZPAs destinadas à integração de um futuro Parque Esportivo; algumas características que podem ser observadas na Figura 3. Na mesma Figura, é possível perceber que o Buena Vista é um bairro isolado, cercado por pastos,

pequenas chácaras, “lotes maiores” criados a partir da divisão e venda seccionada de chácaras, partes da Fazenda Salinas e demais fazendas da região.

Resultado de uma parceria estratégica entre o Poder Público Municipal e a iniciativa privada<sup>30</sup> na produção de HIS, e expansão da área urbana de Goiânia, o Bairro, de propriedade mista, foi produzido com um planejamento urbanístico caracterizado por certos aspectos: vias largas e avenidas centralizadas com destinação de lotes para uso comercial; APMs destinadas para praças, parques esportivos, escolas, Centros Municipais de Educação Infantil e outros equipamentos públicos; valorização e preservação dos recursos naturais através das ZPAs; e outros. Como uma consequência - planejada - do processo de ampliação do perímetro urbano, a especulação imobiliária e o olhar das firmas sobre a região guardam nexos com a produção do Buena Vista. Movimento político-empresarial representado pela aprovação de processos (Anexo A) com objetivo de transformar áreas rurais em área urbana na “Macrozona Alto do Anicuns” (Poder Goiás, 2025)<sup>31</sup>, que contorna o Residencial Buena Vista, território com 37 APMs, muitas destinadas à recreação, lazer e equipamentos urbanos, como apresenta a Tabela 2, que relaciona “Áreas Públicas Municipais destinadas à recreação, lazer e equipamentos urbanos”; e a Tabela 3, que apresenta um “Resumo das Áreas Públicas Municipais por região do bairro”.

Tabela 2 - Áreas Públicas Municipais destinadas à recreação, lazer e equipamentos urbanos<sup>32</sup>.

<b>ÁREAS PÚBLICAS MUNICIPAIS</b>	
<i>DESTINADAS A RECREAÇÃO, LAZER E EQUIPAMENTOS URBANOS E SISTEMA VIÁRIO</i>	
DESCRIMINAÇÃO	DESCRIMINAÇÃO
APM-1 CEMEI CENTRO MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO INFANTIL	APM-20 GERAÇÃO DE EMPREGO E RENDA
APM-2 SAÚDE	APM-21 ESCOLA DE 1º GRAU
APM-3 ESCOLA DE 1º GRAU	APM-22 PRAÇA/PARQUE INFANTIL
APM-4 ESCOLA DE 2º GRAU	APM-23 EQUIPAMENTO URBANO
APM-5 CONVIVÊNCIA DO IDOSO	APM-25 PARQUE ESPORTIVO
APM-6 GERAÇÃO DE EMPREGO E RENDA	APM-26 GERAÇÃO DE EMPREGO E RENDA
APM-7 PARQUE ESPORTIVO	APM-27 PRAÇA/ PARQUE ESPORTIVO
APM-9 EQUIPAMENTO URBANO	APM-28 CEMEI CENTRO MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO INFANTIL
APM-10 ESCOLA DE 1º GRAU	APM-29 ESCOLA DE 1º GRAU
APM-11 PRAÇA/PARQUE ESPORTIVO	APM-30 ESCOLA DE 2º GRAU
APM-14 PARQUE ESPORTIVO	APM-31 PRAÇA
APM-15 PARQUE ESPORTIVO	APM-32 PRAÇA
APM-16 EQUIPAMENTO URBANO	APM-33 TERMINAL DE TRANSPORTE COLETIVO
APM-17 CEMEI CENTRO MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO INFANTIL	APM-34 GERAÇÃO DE EMPREGO E RENDA
APM-18 ESCOLA DE 1º GRAU	APM-35 PRAÇA
APM-19 EQUIPAMENTO URBANO	APM-36 PRAÇA

Fonte: adaptado da Planta Cadastral do Residencial Buena Vista (Goiânia, 2007).

<sup>30</sup> Como consta na Planta Cadastral do Residencial Buena Vista (Goiânia, 2007b), se trata de um bairro de propriedade conjunta de um empresário e da Prefeitura de Goiânia.

<sup>31</sup> “Goiânia amplia área urbana em 1,2 mil hectares com nova política de uso do solo”, notícia publicada em março de 2025. Disponível em: <https://www.podergoias.com.br/materia/21838/goiania-amplia-area-urbana-em-1-2-mil-hectares-com-nova-politica-de-uso-do-solo>.

<sup>32</sup> Além das 36 APMs apresentadas na tabela, há no bairro a APM 37, que é uma Zona de Proteção Ambiental.

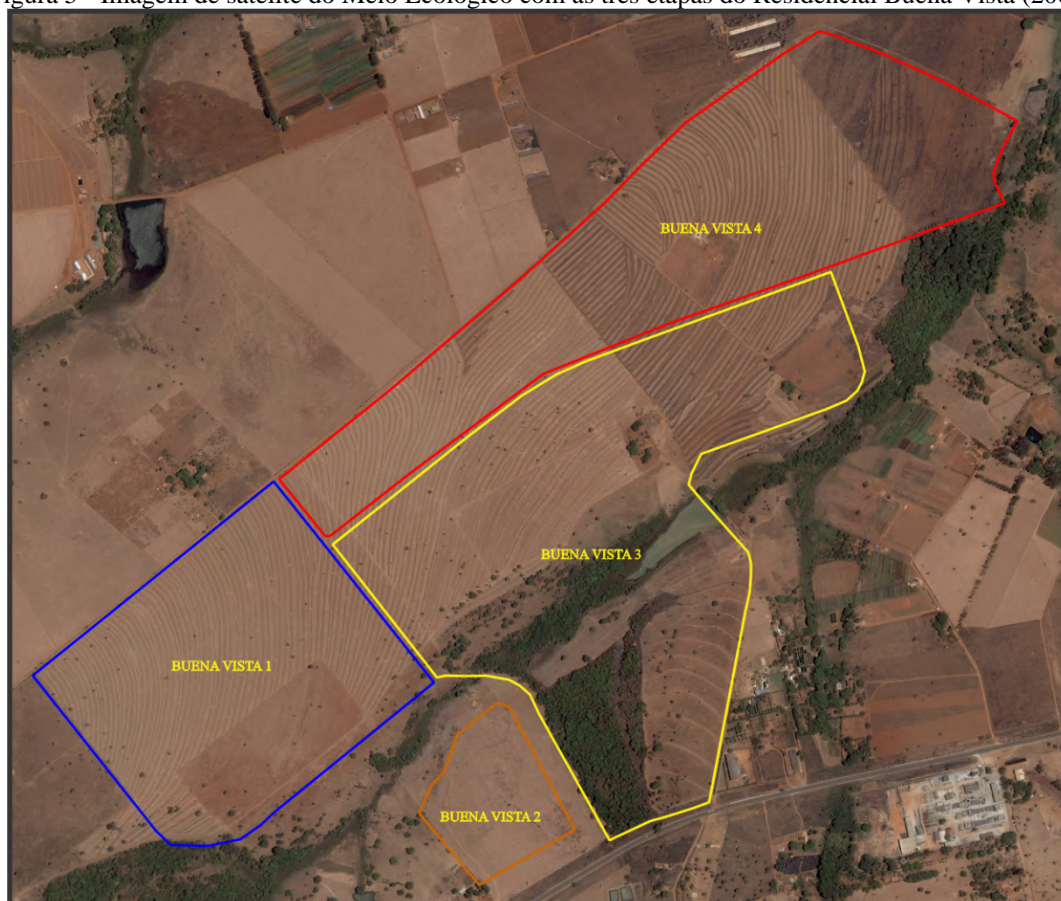
Tabela 3 - Resumo das Áreas Públicas Municipais por região do bairro

<b>RESUMO DAS ÁREAS PÚBLICAS MUNICIPAIS</b>					
DESCRIMINAÇÃO		USO EQUIPAMENTOS URBANOS		ESPAÇO LIVRE DE USO PÚBLICO	
		ÁREAS	%	ÁREAS	%
RESIDENCIAL BUENA VISTA I	7 APMS	44.396,44 m2	2,170%	39.477,53 m2	1,930%
RESIDENCIAL BUENA VISTA II	2 APMS	14.291,99 m2	0,699%		
RESIDENCIAL BUENA VISTA III	11 APMS	43.565,96 m2	2,129%	67.242,59 m2	3,287%
RESIDENCIAL BUENA VISTA IV	12 APMS	52.674,70 m2	2,575%	45.357,09 m2	2,217%

Fonte: adaptado Planta Cadastral do Residencial Buena Vista (Goiânia, 2007).

Lançado em 2008 pela Real Negócios Imobiliários, o Res. Buena Vista é um loteamento que, conforme a Figura 5, teve a base física de sua produção demarcada em quatro regiões, Buena Vista I, II, III e IV, autorizadas por decretos que datam dos anos de 2007 e 2008<sup>33</sup>. Entretanto, a Planta Cadastral do Residencial Buena Vista, na forma de Projeto do bairro, é unificada, datada aos dias 21 de julho de 2007 (Goiânia, 2007b).

Figura 5 - Imagem de satélite do Meio Ecológico com as três etapas do Residencial Buena Vista (2005)



Fonte: Adaptado de Google Earth (2025)

<sup>33</sup> Res Buena Vista I, Decreto 2.679/2007; Res. Buena Vista II, Decreto 1.507/2008; Res. Buena Vista III, Decreto 2.678/2007; e Res. Buena Vista IV, Decreto 2.680/2007.

De modo geral, estes são aspectos característicos do meio ecológico em sua condição inicial, que ajudam na compreensão do processo de produção do espaço, criado sobre essa base física, “natural”. Considerando este elemento, é possível falar sobre as ações que deram início à sociedade de moradores do Residencial Buena Vista.

### **2.3. O Estado, o Poder Público Municipal e a Produção Espacial do Residencial Buena Vista**

A caracterização do Buena Vista a partir dos princípios fundamentais apresentados transcende a existência do próprio bairro. Coloca em jogo a necessidade de compreender ações da política institucional que incidiram sobre as condições iniciais do território e da população, identificar os agentes pioneiros, as forças políticas e econômicas que transformaram e determinam o lugar.

Lançado em 2008, todas as frações do Residencial Buena Vista tiveram sua distribuição de quadras e lotes influenciada pela Lei Municipal nº 8534/2007 (Goiânia 2007a), que determina a destinação de 15% a 25% dos lotes de novos loteamentos à política de habitação de interesse social (HIS). Legislação municipal que determina, e determinou no Buena Vista, a entrega de áreas “contínuas e contíguas entre si, sem qualquer ônus para o município”, nas etapas I, II, III e IV do bairro (Oliveira, 2014, p. 96).

Em Goiânia, a destinação de lotes ao Estado - com objetivo de produzir habitações para famílias de baixa renda que habitavam em territórios irregulares marcados pela moradia precária e ausência de serviços essenciais - teve nexos com diretrizes estabelecidas em âmbito nacional. Segundo Gondim e Gomes (2012, p. 509) a preocupação com a “urbanização de risco”, que “[...] ao invés de exibir desenvolvimento e bem-estar, retrata e reproduz as injustiças e desigualdades sociais [...]”, passou a ser objeto da intervenção pública a partir da criação, em 1964, do Banco Nacional de Habitação (BNH), isso, apesar de sua atuação controversa que favorecia a classe média<sup>34</sup> (Gondim; Gomes, 2012; Santos, 2020).

Após o BNH, em 1999 destaca-se um marco legal acerca de habitações populares em escala nacional, a Lei nº 9.785/99 (Brasil, 1999) que trata, dentre outros assuntos, o

---

<sup>34</sup> “Os recursos destinados à moradia de baixa renda foram utilizados pelas companhias estaduais e municipais de habitação na construção de grandes conjuntos habitacionais localizados nas periferias urbanas e metropolitanas, onde são baixos preços dos terrenos, justamente pelas dificuldades de acesso a bens e serviços urbanos. Já a construção habitacional destinada às classes média e alta ocorreu predominantemente nas áreas mais centrais, superequipadas, cujo adensamento e consequente valorização levaram ao recrudescimento de especulação imobiliária (Monte-Mór, 2007)” (Gondim; Gomes, 2012, p. 509).

parcelamento do solo urbano, incluindo na legislação brasileira o conceito de zonas especiais de interesse social (ZEIS). A partir de 2001 o conceito ZEIS passou a ser considerado em instrumentos de “intervenção do poder público municipal no que tange ao uso e à ocupação do solo urbano [...] regulados pelo Estatuto da Cidade”, Lei Federal nº 10.257/2001 (Gondim; Gomes, 2012, p. 511). Assim, as ZEIS caracterizam três tipos de realidades territoriais:

O tipo mais comum de Zeis (geralmente denominadas de “Zeis de ocupação”) abrange áreas ocupadas por assentamentos irregulares, que abrigam população de baixa renda, incluindo favelas e cortiços (Zeis 1) e loteamentos e conjuntos habitacionais (Zeis 2). Outro tipo de Zeis (chamado, em geral, Zeis de vazios, ou Zeis 3) é constituído por áreas onde haja terrenos, glebas e edificações vazios ou subutilizados (Gondim; Gomes, 2012, p. 513).

Sinteticamente, a classificação destacada pelas autoras apresenta o contexto enfrentado, e descreve a possível intervenção da política pública voltada à promoção do direito à moradia digna. Por exemplo, o município pode empreender esforços na regularização fundiária de loteamentos irregulares (tipo 1 e 2), um processo que além de garantir a segurança jurídica da posse das moradias, pode favorecer a implantação de infraestrutura pública relacionada à oferta de serviços essenciais. Mas, também pode redirecionar famílias que residem em terrenos inapropriados para outros bairros e regiões da cidade, onde terras podem ser doadas, onde pode haver facilitação de crédito para financiamento ou construção, ou podem ser produzidas habitações populares para doação (tipo 3). A segunda opção normalmente engloba ações direcionadas à terrenos mais baratos, em bairros caracterizados por uma mínima (ou nem isso) infraestrutura para oferta de serviços básicos, muitas vezes distantes do centro da cidade (Gondim; Gomes, 2012; Borges *et al.*, 2014). Como descrito no ítem anterior, o Residencial Buena Vista foi produzido como empreendimento particular e ZEIS tipo 3: “zeis de vazios”.

Dado o exposto, Oliveira (2014) e Borges *et al.* (2014) identificaram consequências deste processo na realidade local. Segundo os autores, o desenvolvimento histórico do bairro, marcado pela construção de HIS relacionadas à legislação municipal e Programa Minha Casa Minha Vida (PMCMV)<sup>35</sup> de iniciativa Federal, resultou, predominantemente nos primeiros anos, uma população com perfil socioeconômico particular, composta por pessoas da classe trabalhadora em situação de vulnerabilidade social.

---

<sup>35</sup> Segundo os primeiros moradores, algumas destas habitações também foram doadas na forma de indenização para famílias que tinham casas construídas em áreas de preservação permanente (APP), áreas públicas, privadas ou regiões de risco que foram transferidas para o bairro.

Entre os anos de 2008 e 2014, grande parte dos moradores do bairro eram beneficiários da Política Municipal de Habitação de Interesse Social (PMHIS) ou do PMCMV, ambos relacionados ao Programa de Aceleração do Crescimento (PAC) de iniciativa do Governo Federal. Políticas que entregaram como doação e financiamento facilitado, dois tipos de habitações: (1) casas térreas doadas em 2009-2010 como indenização, totalmente gratuitas; e (2) unidades habitacionais (U.H) no formato de casas sobrepostas, entregues em 2013 através de um financiamento social, com preço mínimo de quarenta reais a serem pagos mensalmente durante 10 anos. A Figura 6, datada de 2014, permite ver o contraste entre a densidade de construções nas ZEIS da PMHIS destacadas em amarelo, do PMCMV destacados em azul, e dos lotes comerciais do empreendimento imobiliário, sem destaque; APMs também sem destaques.

Figura 6 - Registro de Satélite que distingue HIS em Julho de 2014 no Residencial Buena Vista



Fonte: Adaptado de Google Earth (2025)

No primeiro caso, foram entregues um total de 1396 casas térreas (cor amarela na Figura 6) construídas em lotes com aproximadamente 200m<sup>2</sup>, dos quais 45m<sup>2</sup> correspondia à construção padronizada (Figura 7) com dois quartos, sala, cozinha, banheiro e área de serviço. No segundo caso, foi entregue um número de 1.424 habitações distribuídas em doze “mini condomínios”<sup>36</sup> (Figura 8), formados por blocos com dois pavimentos, cada qual composto por duas U.H no térreo e duas U.H na parte superior (Borges *et al* 2014). Segundo o projeto, cada residência dos condomínios possui 44m<sup>2</sup> de área privativa, compartilhando dentro do

<sup>36</sup> Cada “mini condomínio” conta com um número de 13 a 17 blocos, ou seja, contendo de 104 a 136 U.H cada.

condomínio estacionamento e áreas coletivas na forma de um parquinho infantil e uma mini quadra esportiva.

Figura 7 - Tipologia das casas térreas do Res. Buena Vista



Fonte: Instituto de Desenvolvimento Tecnológico e Humano (Idtech, 2011).

Figura 8 - Tipologia dos “mini condomínios” do Res. Buena Vista



Fonte: Google (2023).

Compreendendo que a PMHIS e PMCMV constituíram importantes marcos no início do bairro, considera-se a força do Estado na produção de bens sociais, significação e dinamização do espaço neste território, ação que destaca a necessidade de compreensão dos critérios utilizados para doação das casas populares - previstas na Lei nº 8534/2007 - e financiamento social relacionado ao PMCMV, ambos ligados ao PAC, de iniciativa federal. Descrição necessária à compreensão inicial do perfil da população beneficiada por estas políticas no Res Buena Vista. Por isso, consideramos a seguir, a primeira redação da Lei

municipal, tanto quanto Decretos que formalizaram sua atualização temporal, tendo em vista as diferentes datas de entrega das duas tipologias de habitação social.

Sobre as casas populares entregues em 2009, evidenciamos a redação da Lei nº 8534/2007, que destaca, no Art. 2º, elementos que versam sobre critérios para as famílias terem direito aos benefícios da previstos na Lei; “Farão jus aos benefícios desta Lei, famílias que:

- I - comprovem renda familiar de 0 (zero) a 03 (três) salários mínimos vigentes;
- II - comprovem residência fixa no Município, no mínimo por 03 (três) anos;
- III - não possuam bens imóveis.”

Além disso, é válido demarcar que o documento salienta, no Parágrafo primeiro, que “o benefício previsto nesta Lei deverá priorizar as famílias residentes em áreas de risco, em áreas pendentes de regularização fundiária, bem como aquelas que ocupem áreas de preservação ambiental”. Ademais, no parágrafo segundo, acrescenta: “o Conselho Municipal de Habitação definirá os demais critérios e as quotas de atendimento a idosos, deficientes e famílias chefiadas por mulheres e que já estejam cadastradas”.

Sobre a segunda entrega das habitações, referente ao final de 2013, foram adicionados dois itens às exigências da Lei relacionada à PMHIS, que orientou a seleção de pessoas para U.H do PMCMV mediante financiamento social. As normativas, dispostas no Art. 2º do Decreto nº 3.404 de 18 de junho de 2013 (Goiânia, 2013), destacaram em uma de suas considerações, “a proximidade da data de entrega dos imóveis habitacionais de interesse social situados no Residencial Buena Vista”, definindo a implementação de “critérios complementares de seleção das famílias a serem contempladas pelo Programa Minha Casa Minha Vida, mantendo-se os critérios já estipulados pela Portaria nº. 610/2011, do Ministério das Cidades”<sup>37</sup>:

- I - famílias com maior quantidade de filhos;
- II - famílias com idosos em sua composição;

Além dessa mudança, Oliveira (2014) acrescenta que o Conselho Municipal de Habitação incluiu no item II, número de pessoas com necessidades especiais (PNE), ficando prescrita a prioridade do benefício para famílias com maior quantidade de filhos, idosos ou

---

<sup>37</sup> A Portaria nº 610/2011 dispõe sobre os parâmetros de priorização e o processo de seleção dos beneficiários do Programa Minha Casa, Minha Vida.

pessoas com deficiência (PCD). Informações que demarcam particularidades das famílias que, em grande número, ainda moram no território. Mapeamento que mostra a atuação do Estado sobre a variável “pessoas” deste bairro, além de ajudar a identificar na população, a presença de necessidades particulares, em que o estado das famílias, em muitos casos, era ou ainda é marcado por condições de vida de alta vulnerabilidade, representada por ausência ou pouco acesso a serviços básicos de saúde, educação e lazer.

Em síntese, de acordo com Oliveira (2014), em 2009, a Política Municipal de HIS já havia entregado as 1.396 unidades habitacionais (U.H) distribuídas da seguinte forma: 790 U.H no Res. Buena Vista I; 188 U.H no Res Buena Vista II; e 418 U.H no Res Buena Vista IV. Além disso, Oliveira (2014) registra a posterior entrega das 1.424 U.H no formato de casas sobrepostas em outubro de 2013. Conforme Borges *et al* (2014, p. 608), cabe destacar que “as áreas destinadas às casas populares estão localizadas nas regiões periféricas do Residencial e foram as primeiras a serem ocupadas” (vide Figura 4).

Segundo o Instituto de Desenvolvimento Tecnológico e Humano (Idtech), em 2011, ano que foi realizada primeira eleição da recém-criada associação de moradores, já residiam no novo bairro “aproximadamente 4 mil pessoas, muitas delas remanescentes de áreas de posse, onde sobreviviam em residências improvisadas e sem acesso aos benefícios públicos que são direitos de qualquer cidadão” (Idtech, 2011). No mesmo período, viu-se em desenvolvimento um cenário semelhante na implantação do Res. Jardins do Cerrado, que compartilha algumas características com o Res. Buena Vista. Localizado na extremidade da Região Oeste de Goiânia, próximo a divisa com o município de Trindade, o Res. Jardins do Cerrado I, II, III, IV e VII, lançado em 2009, já somava entre 2010 e 2011, aproximadamente 3.907 U.H entregues pela PMHIS (Oliveira, 2014).

Considerando a área total do Residencial Buena Vista, as HIS ocupam uma medida de aproximadamente 640.549,00 m<sup>2</sup> dos 2.047.000,00 m<sup>2</sup> totais do território. Além disso, o exemplo do bairro mostra um pouco do caminho que o Estado, representado pela ação da instituição pública Municipal, financiada pela esfera Federal, escolheu para enfrentar o déficit habitacional evidenciado como desafio no Eixo Estratégico Sociocultural do Relatório Técnico do Plano Diretor da Capital (Goiânia, 2007c).

Considerando o histórico de ações da instituição pública municipal destinadas à promoção do direito à moradia exposto no Plano Diretor da cidade (Goiânia, 2007c), pode-se

dizer que houve importante ampliação de Políticas Públicas voltada para HIS<sup>38</sup> nos anos posteriores a sua publicação. Uma exposição do contexto urbano da capital e previsão de como seria a ação da prefeitura de Goiânia frente ao enfrentamento da questão habitacional já estavam apresentados no documento:

Goiânia, como as outras capitais brasileiras, sofre os problemas gerados pelo crescimento desordenado, migração e exclusão social. As famílias de menor renda são as que mais padecem, pois procuram para suas habitações, terrenos baratos em áreas afastadas, sem infra-estrutura e com dificuldade de transporte coletivo.

Os vazios urbanos originados pela dispersão dos loteamentos constituem-se em um problema a mais para a gestão. Próximos às áreas centrais capitalizam os benefícios urbanos elevando seus custos e leva o poder público a adquirir áreas distantes para assentar a população carente, na tentativa de solucionar o problema habitacional da população (Goiânia, 2007c, p. 238).

O Res. Buena Vista está localizado na extremidade Oeste do município goiano. No Plano Diretor da cidade já havia “previsão” e “justificativa” para este tipo de localização. Uma atitude muito semelhante à feita pelas companhias estaduais e municipais de habitação (COHABs), que através dos recursos do BNH implementou a “construção de grandes conjuntos habitacionais localizados nas periferias urbanas e metropolitanas, onde são baixos preços dos terrenos, justamente pelas dificuldades de acesso a bens e serviços urbanos” (Gondim; Gomes, 2012, p. 509).

A pesquisa realizada identificou uma grande diversidade no grupo de moradores pioneiros do bairro, beneficiados pela PMHIS. Abrangendo a classe trabalhadora, a ação alcançou pessoas empregadas e um grande número sem emprego, marcadas pela iniquidade social. De acordo com os moradores, a política pública que alcançou pessoas que (1º) “vieram lá debaixo da ponte, vieram de invasão” (L1), também promoveu moradia para famílias que (2º) residiam em outras áreas irregulares, porém com aparentes traços de segurança e regularidade.

No primeiro caso, segundo várias pessoas entrevistadas (L1; L4; ACS3; ACS5; M7), se tratava de famílias que moravam debaixo da ponte, em barracos de lona, sem acesso a saneamento básico, e criavam as crianças “soltas”, sujeitas à contração de doenças e infecções. Um contexto em que os jovens, filhos mais velhos, deixavam de ir à escola para cuidar das

---

<sup>38</sup> “No período de 1990 a 2002 foram produzidos 66.627 (100%) novos lotes dos quais 37.009 (55,547%) como Parcelamento Prioritário, 7.762 (11,650%) como Zona Especial de Interesse Social e 1.072 (1,609%) como Conjunto Habitacional de Natureza Social. Observamos que de 1990 a 2004 ofereceram-se 85.514 novos lotes” (Goiânia, 2007, p. 237).

crianças mais novas, retratando a atualidade do que Soares (2007, p. 103) destacou a partir de dados da Pesquisa Nacional de Amostra por Domicílio (PNAD) de 1999,

que tomou como universo a população de 15 a 24 anos que não estudava, nem trabalhava - mostraram que os jovens nessa condição são justamente aqueles que estão localizados nas famílias de renda mensal per capita mais baixas, ou seja, quanto pior a renda das famílias, mais marginalizados da escola e/ou do trabalho estão.

No segundo caso, de acordo duas lideranças locais, se tratava de uma ocupação em que as casas foram compradas, contexto em que as pessoas já desfrutavam de alguns direitos sociais como serviços de saneamento básico, ruas pavimentadas e outros. Nas palavras dos que antes moravam nessa região, “não fomos nós os invasores, nós compramos deles [pessoas que iniciaram a ocupação]” (L4). Uma conjuntura que os levava a levantar questões:

[...] deixou construir, passou asfalto, passou a água tratada, nós tínhamos água tratada, tínhamos tudo. O IPTU nós pagamos, na época, e depois parava de pagar, mas nós tínhamos tudo: fez sobrado, tinha casa com piscina também, era top; então quer dizer, deixou fazer aquilo porque? (L2).

Eram famílias que moravam em uma área destinada à construção da extensão da Avenida Leste-Oeste de Goiânia, portanto, local pendente de regularização fundiária. Um local em que moravam mais de 400 famílias levadas para o Res. Buena vista. Uma ocupação que estava mais próxima do centro da cidade; em bairro com maior acessibilidade à outras regiões da cidade; e que, em alguns casos, pessoas transferidas haviam sido criadas no bairro:

Então eu vivi lá 30 anos da minha vida e eu mudei para cá. Eu estava com 29, eu acho, para 30 anos. E tudo que eu vivi; infância, adolescência, meu primeiro namorado, minha primeira escola. Tudo da minha vida era aquilo ali, tudo. Eu saía dali e subia na Consolação, como se diz, com um estalar de dedos, que eu morava pertinho. Eu subia, fazia caminhada no Guadalajara. Então aquilo ali para mim ainda é a minha casa. Eu não queria nem vir para o Buena Vista, mas eu não tinha outra opção, minha casa era aqui, como se diz, a gente salariado, não tinha condição nem de pagar um aluguel para lá (L4).

Ir para o Buena Vista foi uma mudança impactante nas duas situações descritas: relacionada às anteriores condições de moradia, que eram diversas; ou pela localização isolada do novo lugar. Isso porque, dentre outras mediações, a instituição municipal não mobilizou, preventivamente, esforços para amenizar as consequências da realocação de famílias em um bairro distante. Um processo que produziu vazios urbanos e conseqüente segregação, tendo em vista a dificuldade de acesso à serviços essenciais com acesso apenas a quilômetros do bairro:

“no começo, ninguém dava muito assim para o Buena Vista, tanto é que era muito difícil conseguir as coisas para cá [...]” (M6).

Apesar da instalação imediata de uma Escola Municipal<sup>39</sup>, um Centro Municipal de Educação Infantil (CMEI), e um Centro de Saúde da Família (Brasil, 2010), necessidades relacionadas à mobilidade e acesso a serviços essenciais muito presentes no início do Res. Buena Vista, foram pouco a pouco reduzidas, pois sua satisfação dependia e ainda depende de diferentes mediações. Desafios que não foram criados apenas por escolhas das pessoas moradoras do bairro, mas por força de ação pública institucional, que transferiu a população para certa segregação municipal e local: direcionada para a extremidade da cidade assim como as HIS foram produzidas nas extremidades do próprio bairro (Figura 5).

Não há pretensão aqui de criticar ações institucionais voltadas ao direito à moradia, mas, de defender uma relação conjunta entre essas ações e outras Políticas Públicas de impacto social. Isso porque a dignidade e cidadania não se realizam apenas com a conquista da moradia (Santos, 2020), é o território usado que fomenta a verdadeira cidadania: uma perspectiva espacial que apoia por um lado, uma

[...] instrumentação do território capaz de atribuir a todos os habitantes aqueles bens e serviços indispensáveis, não importa onde esteja a pessoa; e, de outro lado, uma adequada gestão do território, pela qual a distribuição geral dos bens e serviços públicos seja assegurada (Santos, 2020, p. 18).

Como mencionado, a história que se escreve no território transcende a história do próprio bairro. A partir disso, antes de falar sobre a relação entre o território e a cultura corporal, se torna necessário dar um passo atrás, e considerar os elementos do espaço, primeiramente em direção à população inicial, e primeiros anos de vida na “nova” localização espacial; com o objetivo de identificar aspectos relacionados às firmas, meio ecológico, infraestrutura e outras mediações relacionadas à manifestação da cultura corporal, que foram historicamente se destacando no local.

## 2.4. A População

Como as características e as condições da população ainda não foram apresentados, é necessário dar concreticidade às respostas de algumas questões: quem foram os primeiros

---

<sup>39</sup> Infraestrutura pública que dispõe de um pátio coberto e um parquinho infantil para práticas corporais, lazer e atividades recreativas. Mas não possui quadra poliesportiva, apesar de uma grande área gramada, local em que poderia ser produzido este equipamento.

moradores do Res. Buena Vista? De onde eles vieram? Como se deu o processo de seu assentamento? Na análise de documentos não foi identificadas explicações mais amplas sobre o processo de “mudança para o bairro”, por isso este tema foi abordado nos durante os grupos focais e entrevistas individuais (Apêndices C ao G). Mesmo limitadas pela formação do pesquisador e problemas característicos da natureza desta pesquisa, foi uma análise importante à compreensão do elemento população e do espaço, como suas “[...] leis próprias, específicas de sua própria evolução” (Santos, 2004, p. 181). Determinações relacionadas ao objeto investigado.

Um perfil básico dos primeiros moradores do bairro já foi descrito no tópico anterior. Sinteticamente, eram famílias que habitavam em áreas que foram desocupadas; famílias que moravam em Goiânia por no mínimo 3 anos, não possuíam bens imóveis, moravam de aluguel ou nas invasões e tinham uma renda mensal de 0 a 3 salários mínimos vigentes; famílias (muitas delas formadas por mães solo ou esposas de presidiários) caracterizadas por muitos filhos, que tinham idosos ou pessoa com necessidades especiais (PNE) em sua constituição (Lei nº 8534/2007 e Decreto nº 3.404 de 18 de junho de 2013).

No bairro já havia outros moradores, famílias marcadas por outras condições logo após sua inauguração: “[...] o bairro existe mais ou menos desde 2008, 2009, porque quando teve o loteamento particular, muitas pessoas já haviam comprado nessa época, foram os primeiros moradores, antes mesmo dos moradores das casinhas virem” (L4). Entretanto, no fim do período inicial de 6 anos desde seu lançamento, como pode ser observado na Figura 4 (Registro de Satélite que distingue HIS em julho de 2014), existia uma grande diferença na densidade de habitações construídas nas ZEIS em comparação com os mais de 4 mil lotes comerciais da área alienável descrita no projeto do bairro (Goiânia, 2007b). Por isso, é possível falar de um contexto de alta vulnerabilidade social, como resultado da prevalência de algumas características presentes em grande parte da população:

Porque assim, esse foi um dos critérios para ganhar o apartamento. Na AGHAB era os dois critérios. Tinha que ser mãe com mais de quatro filhos, idosos, ou vulnerável socialmente, ou também com deficiência. Então assim, se aqui já era complicado, com o povo da casinha, que vem das áreas de risco, que já vem das favelas, aí já veio o povo do prédio, que era só esse perfil. Quando o pessoal do prédio chegou, meu Deus... Eu pensei que isso aqui ia virar um... ia entrar em colapso. Principalmente nós da Unidade de Saúde [...] (ACS3).

Considerando a exclamação de uma liderança local, “só existe um Buena Vista, gente, pelo amor de Deus! Não dividam o meu setor!” (L1), é importante ressaltar que apesar das regiões delimitadas na forma de etapas, o Residencial Buena Vista é considerado um território

unificado. Mas em alguns momentos o debate se direciona a uma ou outra região, com o intuito de encontrar particularidades, com o propósito de retornar à totalidade:

O espaço deve ser considerado como uma totalidade, a exemplo da própria sociedade que lhe dá vida. Todavia, considerá-lo assim é uma regra de método cuja prática exige que se encontre, paralelamente, através da análise, a possibilidade de dividi-lo em partes. Ora, a análise é uma forma de fragmentação do todo que permite, ao seu término, a reconstituição desse todo. Quanto ao espaço, sua divisão em partes deve poder ser operada segundo uma variedade de critérios. O que vamos aqui privilegiar, através do que chamamos “elementos do espaço”, é apenas uma dessas diversas possibilidades. (Santos, 1997, p. 5)

Diante da importância de abarcar os elementos desse espaço, valoriza-se uma primeira caracterização da população:

Então, a classe social do Buena Vista, essa sociedade, nossa, é essa mistura, é uma mistura, o Buena Vista, então é uma mistura que você, só você convivendo, tipo eu convivo, aí eu sei... [...] Para mim definir isso para você, vamos supor uma mistura de pessoas, de classes, culturas, estudo, todos diferentes (L1)<sup>40</sup>.

Na mesma direção, colaborando com essa afirmação, a ACS6 se vale do pensamento de outro morador, uma caracterização que costuma ouvir de seu irmão: “os estrangeiros do nordeste né [...]. Moram maranhenses, tocantinenses, paraenses, por todo lado [...] é estrangeiro. Eu acho que tem muita gente de fora aqui, eu acho que é difícil achar goiano aqui...”.

Ao analisar os impactos sobre a relação entre o processo de modernização capitalista, terras e as migrações, Santos (2020, p. 60) ajuda a compreender porque “[...] o número dos que vivem fora do lugar onde nasceram aumenta de ano em ano [...]”. Segundo o autor,

[...] as migrações brasileiras, vistas pelo ângulo da sua causa, são verdadeiras migrações forçadas, provocadas pelo fato de que o jogo do mercado não encontra qualquer contrapeso nos direitos dos cidadãos. São, freqüentemente, também migrações ligadas ao consumo e à inacessibilidade a bens e serviços essenciais (Santos, 2020, p. 60).

Os grandes centros urbanos atraíram e atraem os pobres para o processo de migração como uma ação redentiva, sem deixar claro que os lugares hegemônicos, as cidades

---

<sup>40</sup> O termo “classe” e “classes” aparece em várias falas das entrevistas esvaziadas do sentido e significado conceitual que é empregado. Em muitos momentos, parece ser usado apenas para categorizar “tipos”, “perfis” das pessoas, uma diversidade mais superficial e aparente que se resumem no comportamento, nível educacional ou outro, porque é um bairro habitado por uma classe, a classe trabalhadora, mas com diferentes possibilidades de acesso a bens e serviços.

corporativas regidas pela lei do lucro (Santos, 2020), não tem vontade ou condições econômicas e políticas de receber todas as pessoas para uma vida digna (Santos, 1997, 2020, 2023a).

Como consequência, o desemprego crônico, a precarização do trabalho, e a criação intencional da pobreza urbana, submetem os migrantes à segregação socioespacial e ausência de cidadania, processo que Santos (2020) classifica como “mutilação”. O que transforma a atração criada por promessas de bens e serviços, em uma realidade marcada pela informalidade, pelo subemprego ou falta de trabalho, que levam uma multidão para ocupações ou áreas periféricas, onde muitas vezes não desfrutam da possibilidade de usufruir do essencial, como o saneamento básico, transporte público, lazer e segurança, marcadas pela pouca ou nula intervenção do Estado.

Nesses casos, não se trata propriamente de “escolhas” do lugar onde morar, pois praticamente não existem opções a serem ponderadas. As áreas ocupadas pelos pobres são, de fato, as únicas que não são (ainda) de interesse do mercado imobiliário. Trata-se da “lógica da necessidade”: a população de baixa renda não encontra espaço no mercado formal de habitação e recorre às ocupações irregulares por conta da necessidade, que é a lógica que a move [...] (Gondim; Gomes, 2012, p. 508)

Além disso, Gondim e Gomes (2012, p. 513) destacam que

Os assentamentos irregulares, principal forma de moradia da população de baixa renda, tipificam a reprodução da iniquidade que marca o espaço urbano. A condição de ilegalidade fundiária e urbanística gera uma espécie de subcidadania, baseada num ciclo vicioso: esses assentamentos localizam-se em terras não valorizadas no mercado imobiliário devido à falta de infraestrutura e serviços básicos e às restrições legais para sua ocupação (impedimentos decorrentes de problemas ambientais, loteamentos realizados sem a autorização do poder público, etc.); e a irregularidade fundiária e urbanística, a par do reduzido poder de pressão dos moradores, leva à escassez de investimentos públicos para dar condições de habitabilidade a essas áreas. Em contrapartida, a cidade legal, onde vivem os grupos de maior renda e poder de barganha, cada vez mais concentra os benefícios da urbanização, garantindo boas condições de vida (renda real) e ganhos no valor da propriedade imobiliária (renda monetária). A injustiça social é reforçada por programas de remoção de favelas ou revitalização urbana, que acarretam a expulsão dos grupos de baixa renda que vivem nas proximidades ou dentro de áreas mais bem aquinhoadas em termos urbanísticos.

Um processo em cadeia que vai de encontro ao que expressa Santos (2020, p. 11): “[...] a atividade econômica e a herança social distribuem os homens desigualmente no espaço [...]”, com isso, “[...] seu acesso efetivo aos bens e serviços distribuídos conforme a hierarquia urbana depende do seu lugar socioeconômico e também do seu lugar geográfico”. Na maior parte dos casos, a população que se mudou para o Residencial Buena Vista havia se estabelecido na cidade de forma precária, em diferentes ocupações de terras públicas ou particulares; ou em um contexto marcado pela dependência do aluguel da moradia. No entanto, essa é uma informação

pouco ou quase nada documentada ou ponderada nos materiais identificados no levantamento documental realizado.

Retornando ao decurso de transferência das famílias para o bairro, uma líder e moradora local relatou: “vieram [...] 12 invasões de Goiânia pro Buena vista. [...] 11, 12 invasões de Goiânia toda” (L4). Informação que confere com o Plano Municipal de Habitação de Goiânia, que foi apresentado e discutido em Plenária realizada no dia 10 de dezembro de 2010 no Auditório da PUC Goiás - Área II, e mostra uma consciência das características demográficas dessa sociedade de moradores:

Este projeto [Residencial Buena Vista] foi executado com o objetivo de assentar 83 famílias que ocupam a Área de Preservação Permanente no Setor Água Branca, 40 na APP do Jardim Conquista, 80 no sistema viário da Vila Alto da Glória, 100 na APP do Setor Novo Horizonte, 21 na APP do Jardim América I e II, 80 na APP do Jardim Vitória e mais 812 famílias que residem nas Vilas Mooca, Santa Rita, João Braz e Setor Rodoviário – leito da estrada de ferro, futura passagem da Av. Leste/Oeste (Goiânia, 2010, p. 64).

A partir da L2 e L4, é preciso destacar que a mudança não foi um processo simples ou imediato. Esteve permeado de negociações entre representantes das comunidades e diferentes órgãos da administração pública municipal envolvidos na ação, pois afetava inúmeras famílias: “eu fui votado pela população para acompanhar isso aí, porque lá era assim, não poderia juntar 420 pessoas, membros de família para falar com o prefeito. Então, quer dizer, tinha um líder, que era eu, lá eu era como o representante pra resolver tudo”;

O Iris [prefeito daquele tempo] pegou todas as invasões de Goiânia e trouxe pro residencial Buena Vista e parte delas pro Jardim do Cerrado. Então, assim, lá na cidade de Jardim, o pessoal da AMOB, [...] a SEINFRA chamava a AMOB, que ia fazer parte desse processo de mudança, pediram pra que elegeisse uma liderança. [...] Essas lideranças, elas estavam trabalhando o processo de mudança de lá pra cá: olhando o área, organizando espaço, sabe, fazendo todo o processo pro nosso bairro. Então eles vieram, foram eleitos lá pela comunidade, numa assembléia pública. E ficaram ali praticamente um ano e meio, sendo liderança desse pessoal que veio para o Residencial Buena Vista (L4).

Uma das funções das lideranças locais, mediadores entre comunidade e autoridades municipais, era de organizar a distribuição das pessoas no novo território. Segundo duas lideranças (L2; L4), se tratou de uma organização acertada, importante para a acomodação menos conflitante das diversas comunidades: “foi um trabalho assim, que a gente vinha desde, no trajeto para nós vir pra cá, tá aí desde 2008, desde de 2008 nós estávamos nessa, nessa peleja entre as construções do bairro e fazendo os trâmites pra gente ser transferido pra cá” (L2).

Como já foi apresentado, cada parte do setor possuía um número limitado de HIS para indenização, e algumas ocupações tinham número maior de famílias a serem remanejadas. Além de contribuir com a organização da mudança, o conhecimento e a mediação das lideranças comunitárias de cada comunidade ajudaram o poder público a direcionar os moradores para as etapas do bairro que lhes abrigassem. O olhar humanizado neste movimento de transferência das comunidades também permitiu que o processo de satisfação do direito à moradia levasse em consideração a vida pregressa das famílias. Uma moradora e trabalhadora do SUS apresenta resultados deste trabalho:

[...] todo mundo conhece todo mundo. Mas conhece porque aquele pessoal daquela rua... Vem de um lugar que eu já morava lá. Igual eu, eu morava há 17 anos no lugar. Todo mundo que morava lá veio comigo. Então, assim, eu conheço gente que me conhece desde quando eu era bebê. Conhece a minha mãe. É um pouco meio assim que de interior. Pegou cada pedacinho assim de Goiânia e trouxe para cá. Pessoas que já moravam [juntas] há muitos anos (ACS3).

Apesar de todo este processo, foi uma mudança radical que dividiu sentimentos e opiniões. Algumas pessoas relataram a dificuldade de romper com seu passado espacial, que pode ser relacionado ao que Santos (2020) chama de desterritorialização (desculturização)<sup>41</sup>; ao mesmo tempo que outras pessoas se mudaram com mais abertura, esperança e expectativa diante da nova territorialidade:

Eu sou apaixonada no Buena Vista. Mas parece que eu voltar para a Cidade Jardim me enraíza aquelas lembranças para mim que foram maravilhosas. Os primeiros anos aqui foram anos assim, de resistência para quem realmente não tinha onde morar. Não tinha o que fazer. Porque na Cidade Jardim, eu saía da minha casa e andava como aqui no seu portão eu pegava o ônibus. Agora, para eu poder pegar o ônibus, eu tinha que andar. Além disso, a gente morava aqui em cima, o único ponto de ônibus que tinha era lá na rótula da avenida. Aqui para cima não tinha ponto de ônibus (L4).

Eu acho aqui lindo. Quando eu desço assim, que eu estou lá na BR, que eu olho pra cá, eu vejo o Buena Vista no todo, nossa, eu fico encantada. Desde a primeira vez que eu venho pra cá, desde antes dos predinhos, no dia que eu vim, porque eu não conhecia, eu conheci o Buena Vista no dia que eu mudei. Então, no dia que eu mudei, que eles me falaram assim, é esse lado de cá, que eu olhei as casinhas, eu fiquei encantada. E aqui não tinha nada [RISADA]. Tinha nem asfalto quando a gente veio pra cá. E eu já, assim, fiquei encantada no dia que eu vim. (ACS3)

A falta de elementos concretos dificulta uma compreensão totalizante desses sentimentos e diferentes opiniões, por isso cabe uma elucidação. Primeiro, os sentimentos

---

<sup>41</sup> "Desterritorialização é freqüentemente uma outra palavra para significar alienação, estranhamento, que são, também, desculturização" (Santos, 2020, p. 82).

apresentados se referem a pessoas que vieram de diferentes ocupações. A primeira (L4) saiu de uma invasão mais estabelecida, em um território irregular que oferecia direitos básicos (saneamento básico; asfalto; construções de alvenaria; transporte público; e outros) e era bem localizada. A segunda, habitava em um território marcado pela vida precária, chamado de “buracão”, com ausência de serviços básicos e maior vulnerabilidade social: lá “[...] muita gente não tinha o costume de usar um vaso sanitário...” (ACS3). Estas informações ajudam a entender melhor os diferentes pontos de vista, não que estes casos específicos, relativos ao primeiro sentimento de satisfação ou insatisfação na desculturização e nova territorialidade (Santos, 2020) se aplique como regra a todas as situações, uma vez que as diversas experiências foram atravessadas de diferentes mediações.

Nas palavras de Santos (2020, p. 83),

A desculturização é perda, mas também doação. O novo meio ambiente opera como uma espécie de detonador. Sua relação com o novo morador se manifesta dialeticamente como territorialidade nova e cultura nova, que interferem reciprocamente, mudando-se paralelamente territorialidade e cultura, e mudando o homem. Quando essa síntese é percebida, o processo de alienação vai cedendo ao processo de integração e de entendimento, e o indivíduo recupera a parte do seu ser que parecia perdida.

Tanto nos casos das casas térreas, quanto das U.H sobrepostas, o processo de integração ao novo território foi mediado pela instituição pública municipal acompanhada por outras organizações.

No bairro, o Idtech foi o instituto que realizou o Projeto de Trabalho Técnico Social (PTTS) sob supervisão da Caixa Econômica Federal. Um trabalho feito nos primeiros meses, direcionado ao acolhimento das famílias beneficiadas pela PMHIS no Res Buena Vista. Através do PTTS desenvolvido pelo Idtech, as famílias foram acolhidas por profissionais do Serviço Social e Psicologia, recebendo orientações sobre benefícios sociais, como a bolsa família, matrículas, transferências escolares e outras burocracias que poderiam decorrer da mudança. Além disso, o instituto ofereceu inscrições para diferentes cursos de qualificação profissional (Idtech, 2010). O Idtech também foi responsável por organizar e realizar, em 2011, a primeira eleição da associação de moradores do bairro, fundamental para a luta por direitos e satisfação de necessidades dentro da nova comunidade,

[...] porque todas essas 12 invasões tiveram o seu líder. [...] Vila Viana, Coronel Cosme, Buracão... Foram várias invasões. João Bráz, Vila Santa Rita, cidade de Jardim. [...] Então cada uma tinha uma liderança. Então esse pessoal veio pra cá. Quando mudou pra cá, aqui ficou sem liderança nenhuma. Porque como que ia colocar 12 lideranças de diferentes setores para liderar um bairro? (L4).

Nos mini-condomínios, um projeto de acolhimento semelhante ao promovido pelo Idtech só foi realizado pela Forcom 7 anos depois da chegada das famílias: “[...] o Idtech foi só para as casinhas. Aqui foi a Forcom, depois de 7 anos que ganhou para fazer o [...] processo de conscientização das pessoas. Gestão condominial” (L3). Segundo L3, que no período da pesquisa estava como síndico de um condomínio do bairro, a administração pública demorou muito para atender um importante demanda, a de “[...] ensinar o que é que é morar [...], como morar [...] nesses predinhos. Como uma conscientização, na verdade, uma conscientização um com o outro” (L3).

Apesar da diferença nos critérios de seleção, a mudança para os mini condomínios abarcou famílias que moravam de aluguel, habitavam em ocupações ou compartilhavam um alto grau de vulnerabilidade, com prejuízos no acesso à habitação e outros direitos básicos. Contexto social que também evidenciou a necessidade de uma preparação para o novo modo de vida da população. Conforme L3, a demora do processo de conscientização voltado aos moradores dos mini condomínios resultou, no começo, em desafios de convivência e muitos casos de perturbação do sossego: “o povo não sabia os seus limites [...]”.

Nos dois casos, de casas doadas e habitações sobrepostas financiadas, a preparação para as novas formas de convivência social era fundamental, pois haviam famílias que ainda não conheciam uma forma “mais” digna de habitação “individual”, “coletiva”, ou interação social:

Onde a gente morava, por exemplo, eu morava numa área de risco que era um buraco. Um buraco mesmo. Lá embaixo, você estava vendo um buraco e lá tinha as casas. A maioria era barraco de lona. Eram poucas casas que eram na alvenaria. Então assim, quando veio pra cá, foi um baque pra muita gente. Muita gente não tinha o costume de usar um vaso sanitário... Então assim, isso chocou muito. Então até que as pessoas se adaptaram, que era uma casa, que tinha portas, que era uma outra estrutura, que as crianças não iam ficar soltas. Então assim, foi mudando. Eu vejo assim, às vezes quando eu passo assim na minha rua, quando eu lembro, quando a gente mudou, meu Deus. Sabe que na rua é muito estranho. Melhorou muito. Às vezes quem anda ali na minha rua acha estranho, principalmente a sujeira. Mas era muito mais. Vishi... Era muito, melhorou muito (ACS3).

Aí assim, depois do trabalho feito, tem vários cursos que deu para os moradores... Vários cursos mesmo: panificação, mexer com móvel, com computação, com costura. Aí também teve várias palestras [...], nas quadras [...], lá no galpão que foi alugado, teve as palestras de conscientização. Aí foi mudar a percepção das pessoas de como que mora em grupo. Que na verdade é um grupo que mora junto. É um condomínio, mas é um grupo (L3).

Além do exposto, repetidas falas registradas em diferentes entrevistas e grupos focais, demarcaram que grande parte dos moradores pioneiros não tinham histórico de acesso a serviços públicos essenciais como educação, saúde, lazer, saneamento, segurança e outros. Criava-se assim, uma nova comunidade, recém-formada pelo ajuntamento de diferentes populações e grupos familiares de distintas origens, marcada pela grande presença de crianças e idosos que viviam em ambientes de alta vulnerabilidade: este era o perfil da população do bairro.

Outro elemento importante que já foi apresentado, diz respeito ao trabalho. Apesar das diferentes possibilidades de acesso a bens de consumo, o bairro é formado por pessoas da classe trabalhadora, que no início, estavam marcadas pela ausência até mesmo do direito ao trabalho. Um fato que foi relacionado com a racionalização do período técnico-científico<sup>42</sup> atual que age junto à lógica desumanizadora da cidade corporativa. Uma necessidade humana que no local só foi enfrentada com os cursos profissionalizantes oferecidos à população, população essa que acaba se defrontando com o que Soares (2007, p. 105) referenciando Pochmann (2005), caracteriza como uma “regressão intergeracional”, em vista de que a maior escolaridade ou formação profissional “não é acompanhada de uma melhor inserção no mercado de trabalho [...] que ocorre em função das crescentes exigências da sociedade”.

Levando em conta as características de vulnerabilidade social, é necessário retomar a fala de L1 apresentada no início deste tópico: “Para mim definir isso para você, vamos supor uma mistura de pessoas, de classes, culturas, estudo, todos diferentes (L1)”. Todos diferentes, mas em comum a condição de classe. Caracterizada a diversidade da população pioneira, sua origem e o processo de mudança para o novo bairro, é preciso levantar outras questões. Como foram os primeiros anos do/no novo espaço? Quais são os resíduos do passado no presente?

---

<sup>42</sup> “Esse período também se caracteriza pela expansão e pre. dominância do trabalho intelectual e de uma circulação do capital à escala mundial, que atribui à circulação (movimento das coisas, valores, idéias) um papel fundamental, Esses dois dados, em conjunto, permitem a accele. razão da acumulação, da qual, aliás, são um fruto e já agora em escala mundial. Há uma concentração maior da economia, com a presença de firmas de grande dimensão, levando a produção a depender cada vez mais de capitais fixos de grandes dimensões e, também, a uma dependência agravada do trabalho em relação ao capital, ao mesmo tempo em que a ciência, isto , o conhecimento, se torna uma força produtiva direta” (Santos, 1997, p. 37)

## 2.5. As Firmas e Instituições: a solidariedade e a luta como heranças da Cultura local

A gente aqui não tinha asfalto não, até a água da rua não estava liberada, tinha as encanação, tinha as caixas d'água, mas ainda não estava liberado, porque tinha um engenheiro da SANEAGO, que tinha que dar uma assinatura de um laudo pra poder liberar a água, então tinha água na rua, mas não estava autorizado para fazer ligação.

Aí [...] quando a gente mudou, aqui antes, para construção, tinha uma vizinha ali, a gente buscava água na casa dela, ela também não morava aqui, só que ela furou um poço, aí quando ela não estava, a gente buscava água na represa. Para fazer massa, pra poder fazer o processo, fazer o puxadinho pra depois chegar na casa, né?

[...] A gente pegou, mudou, mesmo a gente morando aqui em 2010, as pontes, por exemplo, [...] a principal aqui, estava fazendo, então eles fizeram um desvio do lado, e a gente tinha que passar por um... era um barro.

Ou seja, na época da chuva igual a que nós estamos vivendo agora, tinha vez que eu estava descendo pra ir pro trabalho de manhãzinha, já se encontrava com alguém no caminho, “não passa não, que tem dois atolados lá, lá não está passando”. A gente tinha que estar procurando uma outra saída, né? Pra estar saindo, pra poder trabalhar.

Era dessa forma.

(Grupo focal de Moradores Praça)

Na epígrafe, deste item, identifica-se dificuldades vividas por uma família que adquiriu lote e construiu sua casa no Res. Buena Vista IV. Retrata um momento que o bairro já havia recebido os moradores das ZEIS na forma de casas doadas. Portanto, todos os moradores daquele período passaram pelos mesmos transtornos relacionados à água e locomoção. Transtornos que só poderiam ser amenizados através da ação das firmas e instituições: da Empresa de Saneamento de Goiás S.A (Saneago), da Real Negócios Imobiliários e da prefeitura de Goiânia<sup>43</sup>.

Outra dificuldade recorrentemente mencionada, que segundo vários moradores, foi sendo amenizada com o passar dos anos, refere-se ao transporte público, única opção de deslocamento para boa parte da população:

Quando a gente mudou para cá, olha o terror para quem precisava de ônibus, eu andava de ônibus [...], pegava o ônibus 7 horas da manhã, depois você pegava meio-dia, depois 5 horas da tarde, os primeiros horários de ônibus que a gente tinha” (L4).

---

<sup>43</sup> A imobiliária ficou responsável pela pavimentação das principais vias e ruas adjacentes aos lotes particulares, enquanto a prefeitura estava responsável por asfaltar as ruas das ZEIS.

Um começo marcado por uma linha de transporte público em pontuais horários do dia. Desafio diário que também só poderia ser amenizado mediante ação das firmas e instituições.

No geral, um conjunto de dificuldades que, para serem superadas, demandou muita solidariedade e mobilização social. Mobilização e luta por melhores condições de vida semelhante ao que Gondim e Gomes (2012) caracteriza como “novo movimento” de resistência à remoção de favelas iniciado na década de 1970: “as articulações presentes nas periferias urbanas passam a se expressar por meio de ações diretas como abaixo-assinados, ida de comissões a órgãos públicos, marchas e mesmo enfrentamentos diretos [...]” (Gondim; Gomes, 2012, p. 510).

Na epígrafe deste tópico, já se encontra registrado um primeiro exemplo de solidariedade, representada pela relação de uma família com a vizinha que permitia tirar água do poço particular. Mas no contexto de desafios e mudanças, a solidariedade também esteve representada em outras situações:

Eu não vim das áreas de habitação como a maioria do pessoal, quando veio aqui para o setor. Antes de eu morar aqui, eu e minha família, a gente morava no Balneário Meia Ponte, mas a gente não fazia parte da habitação lá. A gente conseguiu a casa através do sorteio, mas não era de quem fazia parte da habitação. E aí, quando a gente mudou, a gente mudou pra uma rua lá embaixo, [...] em que praticamente todos os nossos vizinhos faziam parte da habitação do João Leite. Então tinha gente que já foi presa de um lado, tinha gente que já tinha matado o outro, tinha boca de fuma atrás, só que esse pessoal não era um pessoal assim. Eles conseguiram, por mais que a gente não viesse do mesmo lugar que eles, não fosse vizinho deles de onde eles vieram, eles acolheram a gente, eu e minha família: “então, olha, vocês estão chegando agora, o que vocês precisarem, precisar de alguma coisa e tal, tudo mais”. Era um pessoal que a gente sabia que tinha histórico de envolvimento ou alguma violência, mas foi um pessoal que, tipo assim, abraçou a gente e fez com que a gente se sentisse bem onde a gente estava (M7).

Como o morador relata, a rede de suporte próximo era local, por vezes promovida por atores sociais inesperados a ele. Sobre isso, vale mencionar uma fala recorrente entre moradores do bairro, que destacam o “sofrimento do bairro” como produtor da cooperação:

“eu acho que assim, como [...] chegou aqui, era terra batida, não tinha ônibus, não tinha isso, a população se tornou mais amiga; eu ajudo você, você me ajuda: [...] a vizinhança se tornou mais amiga por isso, por ver o sofrimento do bairro e um ajudar o outro (MP1).

Pode-se dizer que havia, neste contexto, traços remanescentes de uma vida comunitária baseada na solidariedade social que veio historicamente a ser substituída pela racionalidade, competitividade e individualismo na sociedade mercantil (Santos, 2020).

Em outras situações, a solidariedade foi evidenciada através de mobilizações sociais. Luta empreendida por uma coletividade ativa, que buscou meios de satisfazer as necessidades originadas e produzidas na relação da população com o novo território. Articulação que, logo nos primeiros momentos do setor, identificou uma necessidade que precisava ser solucionada: a falta de água:

A primeira briga [...] no setor, antes mesmo da associação [de moradores] acontecer, que eu vi, foi do “Ronaldo”<sup>44</sup> brigando para fornecer água, para o pessoal da caixa d’água liberar a caixa d’água para os moradores, porque eles não queriam liberar. Aí ele chamou, fez um movimento, chamou o pessoal da Saneago, brigaram, chamaram a reportagem e falaram que tinha que liberar a caixa d’água para o pessoal. Aí eles foram e liberaram a água. Primeiro movimento que eu vi (L4).

Uma população que já estava marcada pela falta de acesso a serviços essenciais como moradia, saneamento básico, educação, lazer e saúde, não se imobilizou por causa da conquista da “casa própria”, mas se movimentou no novo território em prol da realização de um serviço vital, negado: o abastecimento de água potável. Outro direito reclamado diz respeito a pavimentação do bairro, que segundo os relatos, foi iniciada após 4-7 meses da mudança para o território. Responsabilidade que era delegada à prefeitura e imobiliária: a primeira ficou encarregada de asfaltar as ZEIS; e a segunda incumbida de asfaltar as regiões dos lotes particulares.

[...] outra discussão que teve, que muitas pessoas nem sabem, que, além dessa da Caixa d’Água, que o “Ronaldo” brigou, o asfalto que veio para o Residencial Buena Vista, ele ia lá para o Jardim do Cerrado. Aí o “Ronaldo” foi lá, conversou com o prefeito Iris na época, que foi o Iris que entregou. Aliás, foi o Paulo Garcia, porque foi no ano que o Iris se candidatou ao governo do Estado [2010]. Então o Iris saiu da prefeitura. Aí ele conversou com o Paulo Garcia, falou e juntou um monte de gente, levou lá o pessoal do Residencial Buena Vista IV, [...] a luta para as melhorias do Buena Vista começou lá no Residencial Buena Vista IV pelo “Ronaldo” e os moradores de lá. Que levou.[...] sem associação. Sem associação, porque quando a gente mudou para cá, a gente viu o Buena Vista, ele era todo na terra, todo na terra! Eles tinham acabado de fazer terraplanagem. Aí a gente viu todo o Buena Vista, e... que dia que ia asfaltar, o setor que é o último da cidade, porque aqui faz divisa com Abadia (L4).

A insatisfação que produziu o enfrentamento direto pela resolução dessa necessidade, relevante para uma comunidade cansada da poeira, da lama, de chegar no trabalho, na escola, nos espaços de lazer, sujos, molhados, em outras palavras, humilhados, tornou palpável a força interna do espaço (Santos, 2004), representada pela população mobilizada que movimentou a

---

<sup>44</sup> Nome fictício utilizado para se referir a este morador, um líder local que marcou presença em diferentes acontecimentos históricos do bairro.

instituição pública à resolução aligeirada de um problema local. Demanda que temiam demorar muito para ser solucionada (e provavelmente tardaria), tendo em vista as burocracias inerentes à intervenção da máquina pública e bairros mais bem localizados que ainda não haviam sido completamente asfaltados: “que dia ia asfaltar, o setor que é o último da cidade” (L4).

Aos poucos, foram ocorrendo transformações no território, promovidas pelo Estado, acionado pelas mobilizações sociais, através do direito de reivindicar respostas e ações às demandas urgentes da população. Organização social imprescindível diante de disputas em que regiões onde vivem os mais pobres enfrentam os bairros habitados pelos mais ricos, com o objetivo de obter uma maior fatia do investimento de recursos públicos (Santos, 2020; 2023; Gondim; Gomes, 2012; Soares, 2007).

Como importante detalhe, é preciso destacar a articulação de um grupo mais específico do/no bairro: “[...] a luta para as melhorias do Buena Vista começou lá no Residencial Buena Vista IV pelo “Ronaldo” e os moradores de lá” (L4). No contexto inicial marcado por dificuldades, antes da Associação do Bairro, o morador citado despontou como um importante ator social, acompanhado de outros moradores do IV, que lutaram por melhorias para toda a comunidade, inicialmente pela água e posteriormente pela pavimentação asfáltica. Este líder, inicialmente “sem mandato”, um dos atores sociais fundamentais à luta pela satisfação das necessidades do bairro, se tornou, no ano de 2011, presidente da Associação de Moradores<sup>45</sup>. Entretanto, outras demandas relacionadas à pavimentação asfáltica e mobilidade ainda não haviam sido superadas nos primeiros atos.

Apenas para elucidação, foi identificado que a imobiliária, instituição responsável por pavimentar ruas e avenidas do bairro adjacentes aos lotes disponíveis para compra/venda da área alienável, representados pelo Res. Buena Vista III e parte do IV, demonstrou resistência para realizar o trabalho. Situação que chamou atenção da Associação de Moradores, que identificou documentos e protocolou ofícios junto à prefeitura, solicitando apoio da instituição pública para a solução da reivindicação:

Aí a imobiliária fez esse asfalto do loteamento particular. E a raiva deles foi tão grande, porque teve um custo muito alto, que eles fizeram esse asfalto e não fizeram parte da avenida da rua Ernesto Teodoro de Moraes. [...] Aí depois de muito tempo [2018], com muita briga, o presidente da associação “Ronaldo” conseguiu asfaltar ela com a prefeitura de Goiânia. E quem fez o asfalto foi a prefeitura de Goiânia. Mas a imobiliária asfaltou o loteamento particular todinho, insatisfeito, mas asfaltou [...] (L4).

---

<sup>45</sup> Notícia “28/02/2011 - Moradores do Residencial Buena Vista elegem diretoria de sua Associação”, disponível: <https://www.idtech.org.br/principal.asp?edoc=conteudo&secaoid=168&subsecaoid=168&conteudoid=3208>

Com a satisfação da necessidade de pavimentação asfáltica, outra necessidade mencionada ganhou destaque. Uma situação problemática que envolvia a disponibilidade de apenas uma linha, poucos horários e pequeno número de veículos do transporte público disponíveis para a população. Santos (2020) fala sobre isso ao discutir a condição dos pobres na cidade corporativa, em obra datada de 1987, cujo trecho analisa consequências de ações do BNH e outros programas de habitação popular em território nacional, aparentemente uma tendência que segue atual:

Como morar na periferia é, na maioria das cidades brasileiras, o destino dos pobres, eles estão condenados a não dispor de serviços sociais ou a utilizá-los precariamente, ainda que pagando por eles preços extorsivos. É o mesmo que se dá com os transportes. Caros e ruins. Ruins e demorados. Como conciliar o direito à vida e as viagens cotidianas entre a casa e o trabalho, que tomam horas e horas? A mobilidade das pessoas é, afinal, um direito ou um prêmio, uma prerrogativa permanente ou uma benesse ocasional? Como há linhas de ônibus rentáveis e outras não, a própria existência dos transportes coletivos depende de arranjos nem sempre bem-sucedidos, e nem sempre claros, entre o poder público e as concessionárias. Aliás, com o estímulo aos meios de transporte individuais, as políticas públicas praticamente determinam a instalação de um sistema que impede o florescimento dos transportes coletivos. Enquanto isso, o planejamento urbano convencional trabalha a partir das mesmas falsas premissas e fica dando voltas em torno de si mesmo, sem encontrar uma saída que seja interessante para a população (Santos, 2020, p. 63).

Considerando que as habitações estão localizadas nas extremidades do bairro, distantes das avenidas e Rodovia Federal (BR-060) paralela ao setor, únicos caminhos por onde passava o transporte público, havia no lugar um contexto que produziu situações desafiadoras, por vezes desagradáveis para a população: “a gente colocava saco no pé para poder pegar ônibus lá em cima, e quando você caía na lama, voltava para casa de novo” (M3).

Por conta disso grande parte dos moradores viam como saída usar linhas coletivas direcionadas à outras cidades, Abadia de Goiás e Guapó, pois passavam na BR 060 paralela ao bairro. Todavia, segundo os próprios moradores, inúmeras vezes sua presença nessas linhas era indesejada, nitidamente marcada pelo desgosto dos “usuários”<sup>46</sup> das referidas linhas do transporte público, já que, para os “autênticos usuários da linha”, o pessoal do Buena Vista enchia demasiadamente “seus veículos”.

Nas palavras de um morador, no começo “só tinha um ônibus bem feio, bem sujo, que todo mundo sabia que era do Buena Vista. [...] Era o menorzinho, assim. E ele só passava de

---

<sup>46</sup> “O conceito de serviço público foi, aliás, abastardado a um tal ponto que as entidades fornecedoras trabalham na base do lucro, que buscam aumentar gulosamente. Os clientes, isto é, toda a população, ganharam o apelido de “usuários” (Santos, 2020, p. 36).

uma em uma hora e eu não tinha transporte; pegava o ônibus da BR” (M5). Mas com o tempo, a cultura de articulação e mobilização, que demonstra a incipiência da cidadania<sup>47</sup>, produziu outro movimento de luta por melhores condições:

**População protesta por melhoria no transporte coletivo em Goiânia;** Usuários do Residencial Buena Vista 4 impedem a circulação dos ônibus. Eles pedem que a linha 341 seja ampliada e tenha número maior de carros (G1, 2014)<sup>48</sup>.

A notícia acima faz uma marcação histórica de outro episódio de mobilização social no decurso histórico do bairro, a forma que a população encontrou de ser ouvida, usando a manifestação social e o enfrentamento direto (Gondim; Gomes, 2012) como instrumento de luta. Coerentemente, existiu um contexto de necessidade territorial que justificou e amparou a iniciativa. Naquele período houve uma transformação espacial, a entrega das U.H sobrepostas, que resultou no aumento repentino do número de famílias vivendo no bairro, evidenciando a necessidade de uma contrapartida do poder público que promovesse a continuidade do acesso ao direito básico de ir-e-vir.

Então, depois dessa mobilização, a gente conseguiu 13 horários de ônibus. [...] Então a gente passou a ter ônibus das 7 às 11, de 1 em 1 hora; a gente passou a ter horário do meio-dia às 6, de 1 em 1 hora, e no intervalo ali das 3 horas a gente ainda teve horários a mais, de 40 a 40 minutos, e teve horário a ter estendido até 23h30. Então, só nesse movimento, nessa ação que ele fez, a gente teve a quantidade de ônibus, assim, subiu bastante. Até porque a gente mudou em 2010, mas em 2013 foi inaugurado os predinhos, que são as vulgo casas sobrepostas. Elas foram entregues em outubro de 2013: os apartamentos. Então, nesse período, a preocupação foi nesse período que a gente conseguiu esses 13 horários, que a gente teve esse boom no horário (L4).

Uma grande vitória para a população, mas que, apesar de ter sido uma ação conjunta da população em prol da própria população, os métodos dividiam opiniões. Muitos não entendiam a urgência das demandas e o mecanismo de ação, enquanto outros compreendiam o pano de fundo e a certa medida de “brutalidade” nas ações:

Porque no começo o pessoal, para ver se conseguiu alguma coisa, vamos tirar aqui por exemplo, quando aumentaram a linha dos ônibus. Por que aumentaram a linha dos ônibus? Porque traziam o ônibus para cá, o ônibus quando não atolava na baixada, ele quebrava o tempo todo, e o pessoal parava, jogava pneu na rua, queimava, destruía

<sup>47</sup> Segundo Santos (2020, p. 19), “a cidadania é uma lei da sociedade que, sem distinção, atinge a todos e investe cada qual com a força de se ver respeitado contra a força, em qualquer circunstância”.

<sup>48</sup> Notícia disponível em: <https://g1.globo.com/goias/noticia/2014/02/populacao-proteta-por-melhoria-no-transporte-coletivo-em-goiania.html>.

mesmo para chamar atenção, para chamar atenção da prefeitura, para chamar atenção de vereador, para chamar atenção de todo mundo.

Quem vê de fora fala, “nossa, mas o pessoal do Buena Vista é um bando de animal, um bando de ignorante, olha o que eles estão fazendo”. Mas foi isso que fez com que o pessoal conseguisse trazer mais um milhão de ônibus para cá. Foi chamando atenção, quebrando mesmo o ônibus, que o pessoal conseguiu fazer isso.

Então, assim... A característica do setor é um pessoal ignorante [...], mas é um pessoal que é unido, que querendo ou não se uniu muito pra fazer com que o setor fosse o que ele é agora. (M7)

Hoje, “aqui é um dos poucos setores que eu conheço, por exemplo, que tem três linhas de ônibus. Que passa assim de meia em meia hora, pela manhã é até mais cedo” (M5). .Mais que beneficiar os primeiros habitantes, as manifestações produziram importantes resultados para toda a população, demonstrando solidariedade, articulação e atenção às necessidades produzidas e intensificadas pela chegada de novos moradores. Além disso, o acréscimo populacional - nas ZEIS de casas e mini-condomínios, acompanhadas pela construção de casas nas áreas do loteamento particular, - reforçou o já existente perfil populacional e aprofundou necessidades que demandavam transformações para além do direito básico de locomoção. Circunstância espacial que colocou em pauta a necessidade de mudanças em serviços e infraestruturas locais, na dimensão da saúde, do lazer e da educação, tendo em vista que os equipamentos instalados pelo Estado até então seguiam sem alterações: um CSF, uma EM, e um CMEI.

No geral, houve um acréscimo acelerado no número de pessoas idosas, pessoas com necessidades especiais, mães solo e muitas crianças ao território, que demandaram maior atenção nas dimensões da saúde, do lazer e da educação. Um produto socioespacial do processo histórico da chegada de muitas famílias, várias delas caracterizadas pela vulnerabilidade e falta de acesso aos direitos básicos previstos na Constituição Federal (Brasil, 1988). Como resposta, empreendeu-se novas lutas em várias direções: na dimensão da saúde, do lazer e da educação.

Uma luta registrada no Livro Ata do CLS, refere-se à mobilização pelo aumento no número de equipes de Saúde da Família (eSF)<sup>49</sup> no CSF do bairro. Este pedido, documentado, foi iniciado antes mesmo da chegada dos moradores dos mini-condomínios (2013), mas só foi respondido após a recontagem de todos os habitantes do bairro realizada em 2014, que deixou claro para o Poder Público, a necessidade de mais uma eSF no território. Encontra-se no mesmo documento diferentes registros referentes à necessidade/solicitação de médicos, enfermeiros e técnicos da saúde para a Unidade Básica de Saúde (UBS); e pedidos de instalação de uma praça

---

<sup>49</sup> A reivindicação por ampliação das equipes e consequente inclusão de profissionais da saúde no atendimento do território encontra-se registrada nas Atas de diversas reuniões do Conselho Local de Saúde do CSF do bairro.

com “academia de ginástica ao ar livre” na mesma Área Pública Municipal do CSF do bairro: “desde 2012 é um anseio da unidade de saúde, do conselho local de saúde, a construção dessa praça, para que a gente pudesse proporcionar atividade física com os moradores, através da promoção de saúde feita pela unidade de saúde” (L4).

Outras reivindicações envolveram a luta para o início da construção da Praça dos Esportes e da Cultura – PEC Buena Vista IV; e início da construção de mais um CMEI no Res. Buena Vista III. Obras de impacto social respectivamente iniciadas em 2013 e 2014, porém, “finalizadas” apenas em 2020. Quanto à necessidade de uma nova Escola Municipal e de um Colégio Estadual, a solução temporária promovida pelo Estado envolveu a oferta de ônibus escolares para as crianças estudarem em outro bairro.

Todas as mudanças citadas decorreram da participação ativa e conjunta dos representantes do bairro (Associação de Moradores, Conselho Local de Saúde e outros) e habitantes do setor, atuantes por meio de solicitações feitas através de ofícios, e pressões populares nas firmas e instituições responsáveis. O curso dos movimentos e lutas sociais produzidos no território não acabaram por aí, foram continuados, mas passaram por transformações. De modo geral, constituíram-se como herança espacial material e imaterial. Material por territorializar infraestruturas e serviços que constituíram o que Santos (2014) conceitua como “inércia-dinâmica”<sup>50</sup> do espaço, considerando que, “em cada lugar, pois, o tempo atual se defronta com o tempo passado, cristalizado em formas (Santos, 2014, p. 140), e “a escolha, pelo poder, da forma de satisfação das necessidades coletivas constitui um elemento de reorganização espacial” (Santos, 2004, p. 227). Imaterial por compor traços da cultura popular local, semelhante ao que Santos conceitua “cultura popular de massas, alimentada com a crítica espontânea de um cotidiano repetitivo e, também não raro, com a pregação de mudanças, mesmo que esse discurso não venha com uma proposta sistematizada” (2014, p. 320).

A partir de Santos (2020), e Gondim e Gomes (2012), pode-se concluir que a luta por uma configuração espacial que permita a satisfação dos direitos básicos surge como resposta aos desafios impostos pelo “tamanho desmesurado das metrópoles e ao menor coeficiente de ‘racionalidade’ na operação da máquina urbana” (Santos, 2014, p. 319). Tendo em vista que “o espaço se dá ao conjunto dos homens que nele se exercem como um conjunto de virtualidades

---

<sup>50</sup> “A relação do sujeito com o prático-inerte inclui a relação com o espaço. O prático-inerte é uma expressão introduzida por Sartre, para significar as cristalizações da experiência passada, do indivíduo e da sociedade, corporificadas em formas sociais e, também, em configurações espaciais e paisagens. Indo além do ensinamento de Sartre, podemos dizer que o espaço, pelas suas formas geográficas materiais, é a expressão mais acabada do prático-inerte” (Santos, 2014, p. 317).

de valor desigual, cujo uso tem de ser disputado a cada instante, em função da força de cada uma" (Santos, 2014, p. 317), as lutas foram e continuam necessárias em diferentes situações.

## 2.6. O caso dos predinhos

Em outubro de 2013 entrou em cena um novo tipo de habitação, os mini-condomínios, comumente chamados de “predinhos”. Como citado, na forma de um produto da ação institucional, sua entrega impactou o conjunto de elementos espaciais, pois além de reforçar o perfil populacional e intensificar necessidades locais, produziu no território novas rugosidades relacionadas à Cultura Corporal. Por exemplo, a presença de mini-quadras esportivas cobertas e de parquinhos infantis.

Mas, antes de analisar a relação entre a Cultura Corporal e estes “novos” equipamentos produzidos no território, é imprescindível descrever como foram os primeiros momentos nessas habitações. Será que os moradores atravessaram desafios como o restante da população? A entrevista realizada com o síndico de um dos condomínios e grupo focal com outros moradores do bairro contribuíram com o levantamento de informações históricas para responder essa questão.

Diferente do processo de acompanhamento e aconselhamento social, educacional e formativo realizado pelo Idtech junto aos moradores das casinhas, os habitantes dos predinhos só tiveram uma ação semelhante 7 anos após a mudança para a habitação. Uma demora no preparo para o convívio que impactou substancialmente os primeiros anos desde a instalação deste grupo populacional:

[...] aqui nos predinhos mesmo, quando a gente recebeu isso aqui, não teve esse trabalho de conscientização das pessoas que... Aqui é apartamento. A perturbação do sossego era terrível. O povo não sabia os seus limites, hoje já sabe. Aí depois de 7 anos, aí liberaram uma empresa para fazer o trabalho (L3).

No início, os condomínios eram cercados por tela de alambrado, que ofereciam pouca proteção para as habitações. Nas palavras de uma ACS é possível perceber a relação entre a fragilidade protetiva e a incidência de roubos e furtos na região: “[...] igual antigamente que a gente ouvia falar que entravam nos predinhos, o povo saía com televisão na mão, durante o dia, e tinha que ter grade nas janelas dos predinhos: hoje a gente não ouve falar isso” (ACS8). Ao que tudo indica, as dificuldades para melhorar essa infraestrutura tinha relação com a falta de compreensão do significado da associação em condomínio:

Porque a pessoa para morar no condomínio tem que pagar a taxa do condomínio. No começo, quando não tinha garantidor, como lá uns seis anos, não tinha garantidor nesses condomínios. Era precário. Não tinha como pagar um porteiro, não tinha como pagar um zelador. Aí todos os condomínios foram endividados (L3).

No geral, conforme os relatos, era muito difícil controlar o acesso aos mini-condomínios, fosse pela entrada principal ou alambrado de proteção, tendo em vista que uma simples ferramenta tinha potencial para abrir buracos na tela: “antes era tela alambrado, aí o que ocorreu? A periculosidade do setor na época era muito alta; o que acontecia? Os infratores cortavam a tela, geral; abriam buracos para entrar e fazer furto. Direto!” (L3). Uma conjuntura repleta de desafios, acrescidos por problemas na infraestrutura construída, como ausência de itens e garantias que deveriam ter sido providenciados pela empreiteira responsável por construir as habitações:

Aqui ó, a parte da quadra mesmo aqui, muita coisa foi a gente que fez, que os golzinhos aqui não tinham, não. A gente que fez. Agora, nos apartamentos, desde interfone, kit de banheiro. Aí quando foi, tinha garantia, as garantias das janelas, muitas estragadas, banheiro, os pisos soltando tudo, infiltração de água nas paredes, trinca. Foi tudo... as caixas d'água, muitas amassadas, tivemos que trocar, mas foi assim, eles entregaram, isso aqui, eu, na época, era época de campanha para presidente. E eles queriam entregar pra que? Por causa do voto, infelizmente. Aí entregou de qualquer jeito<sup>51</sup> (L3).

Problemas estruturais identificados poucos meses após a mudança para as habitações sobrepostas colocaram maiores desafios à gestão e população, pois iam se agravando pela falta de respostas da parte da empresa responsável pela construção<sup>52</sup>. Além disso, muitas vezes despreparados ou desprovidos da ajuda mútua para a resolução dos problemas que eram identificados, - tais como os custos básicos de manutenção das instalações, - os síndicos encontraram dificuldades no controle da deterioração normal dos espaços internos relacionados à Cultura Corporal nas dimensões da saúde, esporte e lazer; fosse por falta de manutenção ou revitalização. Isso acabou produzindo no bairro uma enormidade de infraestruturas despreparadas para uso, com grandes chances de ocasionar lesões na população: “porque os condomínios, você sabe, essas quadras não estão, as quadras não são adequadas. São doze

---

<sup>51</sup> Uma situação da qual em 1987 Milton Santos (2020, p. 62) já descrevia: “Quando, diante da situação explosiva nas cidades e em face da proximidade de eleições, foi decidido construir casas para os mais pobres, foi para lhes dar habitações que já nasciam subnormais, neste caso sem aspas. A normalidade estabelecida para os pobres por definição oficial, aconselhada e defendida por pseudo-intelectuais, passou a autorizar a construção de habitações tão pequenas que conduzem a toda espécie de confinamentos e promiscuidades”.

<sup>52</sup>Notícia: “Moradores reclamam da precariedade dos apartamentos financiados por programa do governo” (2014). Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/3191397/>.

condomínios, três quadras que são adequadas para o esporte” (L3); “[...] aqui tem uma turma boa que vem pra jogar a bola aqui, só que estão reclamando do piso, que já está estragado, machuca os pés” (L3). Uma realidade em que a ausência do cuidado com a infraestrutura acaba sendo compreensível, tendo em vista que as condições de vida desta população, colocam o esporte e o lazer em posição de necessidade secundária. A Figura 9 mostra problemas no piso da mini-quadra do condomínio onde a entrevistada está síndico.

Figura 9 - Buracos no piso de uma mini-quadra esportiva de um condomínio do Residencial Buena Vista (2025)



Fonte: Autor (2025).

Dentro dessa realidade, a insatisfação de alguns moradores se constituiu como força motriz para um movimento de transformação do contexto “precário” (L3) da gestão e infraestrutura dos predinhos. Inicialmente na pessoa dos síndicos, que começaram a buscar qualificações administrativas, melhores formas e condições de gestão:

Então, é por isso que eu falo, não teve um estudo pra aquelas pessoas no começo, de síndico. Eu para me tornar ser síndico do condomínio. Não só eu, como a “fulana”, o “ciclano”, e o “beltrano”<sup>53</sup>. Fizemos um curso de síndico profissional. Pra poder entender o que era a demanda que ia precisar aqui. O que a gente pode fazer. Porque tem uma gestão financeira também (L3).

No mesmo caminho, percebendo a solidariedade como um instrumento de fortalecimento dos laços e melhorias relacionadas aos condomínios, condôminos, e síndicos, nos últimos anos a camaradagem se tornou cada vez mais presente entre as gestões:

[...] a gente tem um grupo de síndicos dos condomínios. Somos 12 síndicos. A gente tem contato direto. Tudo que acontece num condomínio que for para melhoria, estamos adaptando um ao outro. Quando um descobre uma coisa, passa para o outro.

<sup>53</sup> O pesquisador não conseguiu contato com os sujeitos citados, por isso os nomes mencionados foram ocultados.

O nosso trabalho é assim, é um querer melhorar, e passa para os outros melhorarem também (L3).

Aqui eles queriam fazer, na verdade, era assim, que todos reformassem suas quadras, e tipo, formassem uma competiçãozinha de futsal, golzinho, futsal/golzinho, para interagir entre os meninos de um condomínio para o outro. Para formar um elo de amizade. Não de rivalidade (L3).

Na dimensão da proteção, o risco de invasão foi reduzido a partir da construção de grades ou muros, automatização e controle das entradas, instalação de sistemas de segurança por videomonitoramento, contratação de portaria, e através do projeto “condomínio mais seguro”, instituído pela própria população. Alguns destes recursos nos dias de hoje estão presentes em grande parte dos condomínios, mas o último, referente ao policiamento local, atende todos os condomínios do bairro e outros da região:

[...] a gente também tem um projeto: “condomínio mais seguro”. Onde a polícia tem os controles no farol das viaturas dos portões do condomínio. Foi autorizado em assembleia. Cada condomínio fez assembleia com os moradores para poder autorizar. Hoje as viaturas têm livre acesso.

E agora, na semana passada, eu fechei com um comando de polícias especiais, que é o Choque, o CPE, o ROTAN, o GIRO. Hoje eles vão colocar nos faróis das viaturas também para poder entrar nos condomínios para poder ter mais segurança. E também não só aqui para os condomínios como também para o setor. Tem vários setores, lugar do setor que eles vão por pedido (L3).

Além disso, se gesta nos predinhos projetos relacionados à Cultura Corporal, considerando as particularidades da população. Segue descrita uma proposta de infraestrutura e promoção de práticas corporais identificada em uma entrevista:

Aqui ó, tem muitos idosos aqui, que fazem uma caminhadinha aqui nessa rua do condomínio. Aí foi quando eu te falei que, o que eu quero fazer aqui, do lado do muro, do lado de dentro. Eu quero fazer uma calçada de 1,5m, sabe, pra poder adaptar pros idosos. Onde tiver altura, eu vou colocar aquelas barras de ferro de proteção, pra eles fazerem uma caminhada, porque eles sabem que tem que fazer uma caminhada, tem que fazer uma atividade.

Agora o que a gente pode fazer, quando tiver tudo arrumadinho aqui, chamar um professor de Educação Física, pra fazer um projetinho aqui, para os idosos. Começar com 3, 4, vai nos outros, vai vindo, vai vindo... porque isso aí é bom exercício pra eles, porque eles ficam só dentro de casa. Aqui tem muito idoso mesmo que só fica dentro de casa, e acaba adoecendo (L3).

Após a explicação, instigado pela exposição, o pesquisador questionou: “essa é uma ideia comum com os outros síndicos, ou é uma ideia sua?”. Ele respondeu:

Não, essa ideia é minha, mas quando eu fizer os outros síndicos com certeza vão se adaptar também, pra fazer.

Porque aqui ó, aqui é um falando do outro trabalho. O primeiro condomínio a colocar esse refletor de LED, foi eu, fiz o projeto todinho, e coloquei, hoje todos os doze condomínios é tudo refletor, porque aquelas bolas que tinha, os meninos quebravam. Você pode ver que não tem aquelas bolas mais. Aí foi eu que fiz o projeto (L3).

Em outras palavras, a relação de intercâmbio e cooperação entre os síndicos produziu uma força motriz de transformação. Ampliou o potencial de alcance de ações que podem alterar o cotidiano do interior e do derredor dos predinhos.

Um segundo caso identificado ajuda a qualificar que essa busca por melhorias na dimensão da Cultura Corporal não representa preocupação isolada. Em outro momento da investigação, no grupo focal com os moradores, que contou com a participação de um morador de outro condomínio relativamente distante do gerido por L3, foi verificado que o síndico e condôminos demonstraram uma preocupação semelhante:

[...] justamente pela falta de espaço pro pessoal da terceira idade, o pessoal lá do meu condomínio, foi mês passado [...], mês passado a gente teve uma reunião de condomínio com o síndico, e com um advogado que sempre vai lá, pra construir uma academia pros idosos especificamente. Até porque eles são a maioria lá dentro do meu bloco, da minha quadra.

E aí eles aprovaram. Já tem um parque das crianças, e agora vão estar construindo a academia, alguns equipamentos pros idosos. Que nem o que fizeram aqui nessa praçinha [praça do Res. Buena Vista I, com Academia ao ar livre]. Só que eles preferiam colocar lá dentro do condomínio por ser um espaço mais seguro, pro pessoal não fazer tanta caminhada do lado de fora, até porque não é tão seguro assim do lado de fora do condomínio... (M7)

Identificado no contexto das casinhas (HIS) e lotes comerciais do bairro, a solidariedade e o movimento comunitário em prol de causas de interesse social aparecem também na vida que acontece nos predinhos. Os moradores dos mini-condomínios, que atravessaram e atravessam dificuldades históricas para implementação de iniciativas, nos últimos anos tem se empenhado em projetos que buscam melhorias diversas, inclusive as relacionadas à manifestação da Cultura Corporal. O que demonstra ao menos uma percepção da necessidade de superação da tendência cultural circunscrita ao Futebol e Futsal:

Lá, 10 anos atrás, quando eu construí esses predinhos, lá tem uma quadra, [...] eu moro no prédio, lá tinha a rede de basquete, de uns negócios de colocar o vôlei e futebol, hoje em dia você vê os meninos jogando só futebol, só isso, tem 10 anos lá e eles jogam só isso (P3).

Olhando para a carência de equipamentos públicos adequados para as Práticas Corporais, compreendendo as possibilidades que os condomínios possuem de promover atividades para os moradores da vizinhança, identificou-se nos síndicos e condôminos a busca

por uma integração com a comunidade circundante. Vale destacar ainda, que já houveram projetos comunitários dentro dos condomínios, atividades que também atendiam jovens e crianças que não habitavam no predinho, e serão melhor apresentadas nos próximos capítulos.

### **3. TRANSFORMAÇÕES DO TERRITÓRIO: os elementos do espaço e a configuração territorial atual do Residencial Buena Vista.**

Então, eu vi o crescimento do setor e eu acredito que morar aqui é tranquilo. As pessoas tendem a dizer que aqui não é bom. Que aqui é longe. Que é um setor “de pobre”. Mas eu não vejo dessa forma. Então, vejo o crescimento. No começo sim, mas aí existe essa escada. As pessoas, elas adquiriram a casa própria, aí elas deixaram de pagar aluguel, aí elas focaram em outras coisas, que aí vem, focar no carro, focar no estudo, aí vem essa oportunidade, justamente porque a maioria tem casa própria. Ter a casa própria já é um alicerce gigantesco para a pessoa trilhar o caminho que ela quer. Aí entra o filho de mãe solteira, entra a pessoa que é de baixa renda. Mas aí ela vai fazer a escolha dela. Porque existem vários caminhos. [...] Aí entra o contexto cultural.

(Grupo Focal de Moradores)

Algumas transformações ocorridas no desenvolvimento do Residencial Buena Vista foram apresentadas no Capítulo 1, metamorfoses que precisaram ser descritas diante do seu nexos com o momento inicial do território. O início da construção da PEC do Buena Vista IV e do CMEI do Buena Vista III, a mudança na quantidade de linhas, número de veículos e horários do transporte público, as mudanças no contexto dos condomínios, seja na esfera da infraestrutura, da segurança, e propostas direcionadas ao esporte, saúde e lazer fazem parte de uma mudança maior, mas precisaram ser antecipadas com o objetivo caracterizar e agregar concreticidade à primeira caracterização dos elementos espaciais.

#### **3.1. O meio ecológico**

Em certos aspectos, o meio ecológico do Buena Vista permanece pouco transformado. Após 17 anos do seu início, o Bairro ainda é cercado por pastos, pequenas chácaras, partes da Fazenda Salinas e outras fazendas da região, apesar de algumas casas e empresas construídas nessas localizações. Contudo, o interesse das firmas e instituições sobre essas glebas rurais, que estão em processo de inclusão na expansão da área urbana de Goiânia (Poder Goiás, 2025), está diretamente ligado à especulação imobiliária.

Porque está crescendo. É o último setor de Goiânia, por esse lado, aí já entra a área de Abadia de Goiás. Então a gente vê que é um setor que está se expandindo. Teve promessas aqui para o lado do pasto, não sei se era boatos, ou se foi verídico, ou se aí tem planos, mas tinha, né? Alguns aqui devem ter ouvido esse comentário no setor, que iam lotear o pasto aqui e tal [...]. Aí parou, né? Sumiu. Não sei se era só boatos. Mas é uma opção de crescimento do setor (M4).

Do mesmo modo, as APMs destinadas à um Parque Esportivo com potencial de instalar equipamentos de esporte, saúde e lazer nas redondezas da Represa e ZPAs seguem como “natureza natural”, como apresenta a Figura 10.

Figura 10 - APMs dos arredores da Represa do Residencial Buena Vista



Fonte: Autor (2025).

A instalação do equipamento destinado ao local apresentado na Figura 9 não só criaria rugosidades ligadas à Cultura Corporal, favorecendo práticas ao ar livre em ambientes com grande presença de elementos naturais, mas também promoveria a educação ambiental. Um processo educativo fundamental, pois o local abriga uma represa, mata ciliar, brejo e mata existente, contendo inúmeras espécies e uma importante biodiversidade local.

Eu gostava muito de fazer [caminhada] ali, perto do lago. Gente, caminhar em volta daquele lago. Você ouvir os passarinhos, você ouvir o barulho da água, é tão bom. Assim, se todo mundo tivesse uma experiência dessa, assim uma vez, sair de casa, andar um pouquinho... E é tão interessante aí, o quanto faz bem para a gente... (ACS3)

Então é um dos espaços que eu acredito que seja muito promissor do Buena Vista, principalmente para prática de esporte, corrida, bicicleta, ou somente ficar ao ar livre mesmo, mas infelizmente hoje está naquela forma mal-cuidada. Eles não asfaltam aquela parte onde você pode andar sem ser do lado de fora do meio fio [na rua]. E também não deixam bem capinado para que as pessoas possam andar por cima deles. Então, eu acho um dos melhores espaços, que eu acredito que tem aqui no Buena Vista, você vai, você fala, ó, “tem um espaço bonito, um espaço com ar puro”, é lá, mas não é bem utilizado (M7).

Porque no parque a gente tem a proposta de uma praça, uma quadra de esporte a gente tem a proposta de uma quadra de areia, a gente tem a Academia ar-livre, o parque infantil sem contar a lagoa. Se você fizer uma caminhada no entorno daquela lagoa, é prazeroso. Então eu acho que esse é um patrimônio que a gente tem aqui dentro do setor que não está sendo bem usado, que por parte do poder público ele poderia ser

melhor trabalhado para o bem da população. Construindo aquele parque ali eu acredito que nosso bairro fica assim, [...] melhorando a qualidade de vida em 60% (L4).

Os relatos mostram que esta rugosidade, mesmo na forma de meio ecológico, é cercada de interesse e de necessidade social. Mas, apesar da importância, há ausência de uma infraestrutura adequada que colocaria à disposição equipamentos de esporte, bem como a pista de caminhada, trilhas preparadas e pequenas pontes de madeira para pedestres, fundamentais à Prática Corporal ou passeios voltados à contemplação da natureza em momentos de lazer. Ausências que limitam o potencial local e dificultam o cuidado, preservação e valorização da natureza que vem sendo degradada com a poluição. Fato importante de ser considerado, porque na dimensão do cotidiano, a infraestrutura como materialidade, é um “componente imprescindível do espaço geográfico, que é, ao mesmo tempo, uma condição para a ação; uma estrutura de controle, um limite à ação; um convite à ação” (Santos, 2014, p. 321).

A escolha, pelo poder, da forma de satisfação das necessidades coletivas constitui um elemento de reorganização espacial; quer dizer que cada opção realizada pelo Estado em matéria de investimento, mesmo improdutivo, atribui a um determinado lugar uma vantagem que modifica imediatamente os dados da organização do espaço (Santos, 2004, p. 227).

Lamentavelmente, além da acirrada disputa pelo recurso do investimento público e funcionamento burocrático do Estado, soma-se, no caso das incertezas sobre a instalação do Parque Esportivo (conhecido como “Parque da Lagoa”), um outro elemento complicador: a disputa territorial. Segundo uma líder local, “A gente tem um problema lá, muito grande, que a gente tem um morador lá [...]. Só que esse morador nunca saiu dali. Então a prefeitura não pode mexer nesse parque até esse morador definir se... esse morador sai ou fica..” (L4). Trata-se de uma família com propriedade próxima à ZPA.

Ao analisar a Planta Cadastral do bairro, identifica-se que a casa e demais construções dessa família estão localizadas em uma área que, embora não faça parte do Residencial Buena Vista, cinda uma parte do bairro, fazendo divisa com o Buena Vista 2 e, ZPAs e APMs destinadas ao Parque do bairro. Contudo, o morador alega ser proprietário de outras duas áreas que, de acordo com o documento oficial, possuem destinação específica de ZPA e Parque Esportivo no loteamento de propriedade mista; local registrado com uma cerca na Figura 11.

Figura 11 - Áreas de ZPA e APM da Represa cercada por morador que alega ser proprietário do local (2025).

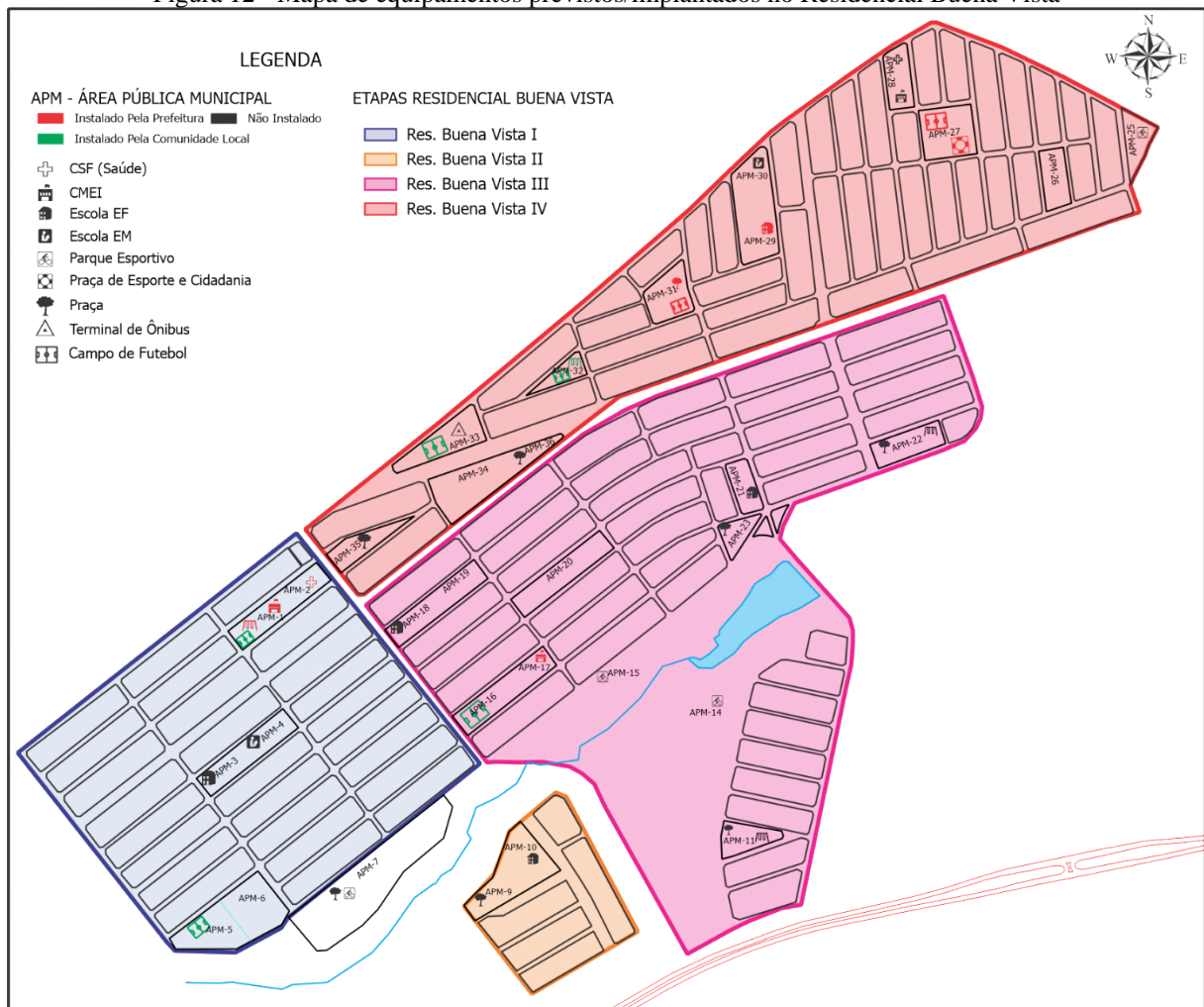


Fonte - Autor (2025).

Segundo a Prefeitura, a indevida ocupação da área é um impasse para a efetivação da destinação original das APMs. Uma situação que está em desfavor da população em geral, que poderia, cotidianamente, se beneficiar do equipamento planejado para o local: “a lagoa em si, quando a gente comprou, disse que ia ser uma praça lá, entendeu? Para a galera fazer caminhada e tudo, e acabou que isso não saiu do papel, até hoje”. (MP2).

Sobre o meio ecológico, também é preciso falar do estado atual das demais APMs do bairro. Ao fazer uma comparação entre as informações da Tabela 2 (Áreas Públicas Municipais destinadas à recreação, lazer e equipamentos urbanos) e da Figura 12 (Mapa de equipamentos previstos/implantados no Residencial Buena Vista), muitas APMs continuam em estado de meio ecológico no território.

Figura 12 - Mapa de equipamentos previstos/implantados no Residencial Buena Vista



Fonte: Autor (2025).

As APMs sem edificações são, em sua maioria, áreas “abandonadas” pelo poder público. Muitos são terrenos caracterizados pelo mato alto, acúmulo de entulho e insegurança, que, por vezes, são apropriados e ressignificados pela população que, por sua própria força, tenta produzir espaços seguros, voltados às Práticas Corporais. Isso, principalmente na dimensão do lazer, através da criação de campos de futebol varzeano ou instalação de brinquedos comprados por arrecadação coletiva. Nas palavras de uma liderança local,

Espaço a gente tem, área a gente tem para fazer, já tem aqui, mas precisamos de prefeito de peito para fazer esse parque para nós. Temos uma área ali embaixo para fazer um parque muito bom, que tem uma parte boa, separada para a área de academia, de caminhada, muito boa. [...] Acho que precisa de mais praças, um espaço... mais praças, mais academia, que são poucas, que você viu, [...], precisa de mais. [...] (L2).

Isso mostra que as lideranças entrevistadas conhecem aspectos do meio ecológico do bairro e suas destinações para diferentes equipamentos relacionados com a Cultura Corporal.

Além disso, por muito tempo, o meio ecológico do Buena Vista também foi formado por terrenos não construídos. No entanto, como é possível observar na Figura 13, houve uma grande mudança na paisagem local, impulsionada pela especulação e aquecimento do mercado imobiliário<sup>54</sup>. O preço dos lotes inicialmente “baixo” em conjunto com as alterações nos valores de financiamento habitacional do PMCMV - que entraram em vigor no ano de 2023 - atraíram o interesse das firmas ou pequenos grupos de construtores. Diante do novo contexto político e econômico, esses empreendedores produziram inúmeras moradias no bairro e região em constante valorização.

Figura 13 - Imagem de satélite do Residencial Buena Vista (2025)



Fonte: Adaptado do Google Earth (2025)

Nessa conjuntura, poucos lotes mais caros paralelos à avenida principal permaneceram, porque a construção de galpões para uso comercial cresceu em proporção

---

<sup>54</sup>Segundo um construtor local, a crescente nas construções se deu após as eleições presidenciais de 2022. Um acontecimento que teve relação direta com as alterações na política federal de financiamento habitacional, que implementou mudanças significativas no PMCMV no primeiro ano do Governo Lula iniciado em 2023.

semelhante à das habitações. Além disso, conforme relato de um pequeno construtor, houve pouco investimento em moradias para financiamento pelo PMCMV nas quadras que margeiam as ZPAs, tendo em vista que nestas regiões a legislação não permite o registro de condomínio, condição necessária para construção de mais de uma casa financiável por terreno.

### **3.2. Transformações e Espaço atual: as pessoas, as empresas, as novas infraestruturas e a mobilização social**

Como disse Santos (2020, p. 63), “por meio de extensores e de programas de habitação popular, a cidade aumenta desmesuradamente a sua superfície total e este aumento de área encoraja a especulação, o processo recomeçando e se repetindo em crescendo”. O processo de especulação e valorização imobiliária, que produziu uma incomum expansão na construção de casas “planejadas” e padronizadas para serem financiadas no Residencial Buena Vista, foi imbuído de força dentro do próprio bairro. Acontecimento nutrido por melhorias em serviços e infraestruturas conquistadas por meio de lutas e mobilizações sociais:

Eu acredito que é um setor que está crescendo aos poucos, né. E apesar de ser aos poucos, ainda é muito comparado com outros setores que já é bem mais velho do que o nosso. Então você vê setores aqui em volta, que muitas das vezes você vai passar pelas ruas, nem asfaltado ainda é.

Nossa, a gente deu muita sorte de conseguir asfaltar todas as ruas do setor, né. E conseguir construir praças, conseguir colocar mais coisa, mais comércio local onde não tinha. Então, não só a questão da infraestrutura do setor, mas da valorização também. Hoje em dia você não compra mais um lote como você comprava há cinco anos atrás (M7).

Um crescimento recente e notável, cujo processo de mudança urbana ainda está sendo assimilado. Nas palavras da ACS5, trabalhadora do SUS e moradora pioneira do bairro: “é um bairro que cresceu muito, acho que em pouco tempo. A população aqui está enorme né? e acho que é... a construção de casa, que acho que foi um ponto em que, rapidamente, começou a crescer muito”. Complementa a ACS3: “então assim, às vezes você vai a uma casa, igual essas casas que são do loteamento, principalmente lá pra cima da lagoa mesmo, tem muitas casonas... Assim, [...] que são pessoas que parece que você está em outro lugar”. Ou seja, como um resultado da dialética espacial, a transformação de alguns elementos do espaço - tais como a melhoria da infraestrutura de serviços públicos, a instalação de estabelecimentos comerciais e de prestação de serviços - intimamente ligada à chegada de uma nova quantidade e qualidade de infraestrutura habitacional potencializou uma mudança populacional. Assim, a partir da relação entre os processos de mudanças urbanas, mudanças sociais e crescimento demográfico

houve uma “metamorfose espacial”. Um acontecimento que um morador identifica como um duplo processo:

Por quê? A maioria dessas pessoas [primeiros moradores] hoje já não mora mais aqui, vendeu os lotes, vendeu as casas e quem está aqui hoje em dia, parte das pessoas que estão aqui hoje em dia são pessoas que compraram lote agora, que estão mudando para cá agora, que estão mudando um pouco o hábito do setor, por isso que a gente vê um pouco essa diferença que a gente não via antes, no começo.

[...]

A característica é que o pessoal está querendo investir aqui e achou o setor, por mais que seja distante, a maioria do pessoal que vem [...] e compra, pelo menos o que eu vejo na maioria das vezes, é o pessoal que já tem carro ou moto. [...] Você quer vir, mudar aqui para esse setor que é longe, você tem que ter um carro ou uma moto se você trabalha no centro ou em algum outro setor (M7).

Ao explicar consequências de “políticas puramente espacialistas”, não propriamente espaciais, que agem apenas sobre uma fração do território uno, total, Santos (2020) auxilia na compreensão da primeira situação mencionada na fala do morador:

A melhoria eventual das condições de residência de parcelas das populações urbanas mais pobres não lhes garante nem mesmo a propriedade da casa ou dos terrenos. Os pobres continuam migrantes dentro da cidade. A propriedade da casa ou do terreno é a propriedade de uma mercadoria dentro de uma sociedade mercantil.

Como os pobres ainda estão muito longe de possuir todos os bens que a sociedade de consumo lhes comanda, e como a sociedade de consumo lhes está sempre criando novas necessidades, os seus ganhos insuficientes com frequência aconselham a troca da casa por dinheiro, com o qual buscam completar a cadeia dos objetos buscados. Quanto a morar, basta deslocar-se para ainda mais longe, recomeçando tantas vezes o ciclo quantas vezes se façam necessárias (Santos, 2020, p. 98).

A segunda situação apresentada pelo morador refere-se a uma transformação que condiciona, no espaço geográfico, a mudança de uma variável espacial: as pessoas. Essa mudança resulta em um novo contexto territorial, agora marcado pelo convívio de diferentes condições de vida no mesmo local. Ou seja, uma coexistência de diferentes circunstâncias econômicas, de trabalho e de saúde, conforme identificado em relatos de uma ACS e de um profissional de Educação Física (PEF) do Bairro, que apresentam aspectos dessa diversidade:

Eu tive dois perfis diferentes. Quando eu estava no três ali depois do quatro, era um perfil diferente. Normalmente era um pessoal que era mais difícil de achar em casa. Era um pessoal que às vezes tinha plano de saúde, então não queria fazer o cadastro; não tinha bolsa família. Então era um perfil. O segundo perfil, eram os predinhos que eu tinha ali no três. Aí já é um outro perfil, já é mais, um pouco mais dependente. É... Nesse sentido sabe, um pouquinho assim, mais vulnerável nesse sentido, sabe. Então são perfis diferentes. Apesar de que a gente, ser um bairro só, ainda tem um... Não é bem desigualdade, mas são bem diferentes as realidades (ACS4).

Então, eu acordo 4 horas da manhã, mais ou menos... 3 horas, pra ir trabalhar. Então são horários que os pais estão indo trabalhar. E quando eu saio daqui da academia do bairro, a hora que eu vou chegando em casa, é a hora que os pais estão, a maioria deles estão voltando. Pelo menos, no Buena Vista 3 onde eu moro, a maioria dos pais estão voltando. Então eu saio às 5h da manhã e estão voltando às 10h da noite (P1).

Habitado pela classe trabalhadora, emerge no bairro uma diversidade social que abrange diferentes “perfis” que expressam diferentes condições de vida, marcadas por uma maior ou menor vulnerabilidade social. Um contexto territorial que também pode ser explicado pelo crescimento desigual, porque no mesmo tempo que o território se desenvolve, se aprofundam as já existentes (e novas) necessidades sociais. Necessidades que aparecem como herança territorial, um resultado da “inércia-dinâmica” do espaço, cristalizada em algumas etapas do Residencial Buena Vista:

O Buena Vista 1 e 2, [...] o diferencial principal é que são pessoas idosas, tem uma quantidade de idosos muito maior.[...] O Buena Vista 3 e parte do 4, particular, que são as pessoas que estão vindo, são as pessoas que estão comprando os seus imóveis, são as pessoas que estão vindo de fora, eu vejo muita necessidade na saúde mental, muito. Então, o Buena Vista 3 tem esse perfil e o Buena Vista 4 o que a gente vê é a vulnerabilidade. A vulnerabilidade no Buena Vista 4 é muito grande. Então assim, se for chegar uma ação social pra cá e a gente tem uma quantidade X de família pra entregar essa ação social, eu vou beneficiar, se chegar umas 30 cestas básicas, 20 vai pro Buena Vista 4. É uma vulnerabilidade de instrução educacional, uma vulnerabilidade de condição financeira. É um acesso muito fácil a entorpecentes. É um acesso muito fácil a isso que eu acho também que é devastador.

O controle de natalidade lá é muito desordenado. A gente vê que não existe esse controle de natalidade. É mães com muitos filhos, são muitos beneficiários do Bolsa Família, então cada filho é um beneficiário [...]. A gente tem esse problema em duas quadras aqui do Buena Vista 1 e tem esse problema lá também.

Então, assim, é um pensamento desordenado e essa vulnerabilidade social, que é muito grande, [...] o poder público faz de conta que não vê (L4).

Muitos adolescentes não tiveram oportunidade de estudar porque o pai não teve sit-pass pra pagar pra ir pra fora. “Ah, fulana, tem ônibus”. Nem sempre teve ônibus, nem ia pra todas as escolas estaduais. “Ah, tem o sit-pass de graça”; tem mesmo, mas muitas mães não souberam e muitas mães não deixaram. Os filhos “iam pra escola” e depois não iam. Terminaram desistindo e a mãe que tinha que trabalhar, não vigiou. O que aconteceu? Os adolescentes ficaram em casa e não foram pra escola. Por quê? Porque era em outro setor. E assim, temos adolescentes que hoje estão com 20 anos, 18 anos, que não terminou o ensino médio, terminou mal o fundamental... (L1)

No início do bairro, estas mesmas regiões, Buena Vista IV e parte do I destacadas na Figura 8 com “áreas de vulnerabilidade social”, foram habitadas por famílias caracterizadas por maior vulnerabilidade, em muitos casos chefiadas por mães solteiras, divorciadas ou companheiras de presidiários; e mães de muitos filhos, crianças, adolescente e jovens que não tinham acesso à direitos básicos como lazer, saúde e educação. Por isso, considerando a

categoria “inércia dinâmica” do espaço é possível identificar nas falas a descrição de um ciclo representado por certa “escravidão das circunstâncias anteriores” (Santos, 2014).

Essas regiões, ainda marcadas pelo alto índice de vulnerabilidade, são um dado concreto que coloca em xeque uma ideia expressa na epígrafe deste capítulo, um pensamento influenciado por uma ideologia baseada na lógica da causa-efeito universalmente linear: “justamente porque a maioria tem casa própria. [...] Ter a casa própria já é um alicerce gigantesco para a pessoa trilhar o caminho que ela quer. [...] Mas aí ela vai fazer a escolha dela. Porque existem vários caminhos” (M5). São locais que destacam a necessidade de políticas públicas de interesse social que, ultrapassando a doação e a facilitação de crédito na aquisição da casa própria, ou o caráter redistributivo do Bolsa Família, minimizem outras necessidades dessa população. Isso poderia ocorrer através da criação do Colégio Estadual, de outra Escola Municipal e de mais um CMEI, que resultaria na ampliação de vagas educacionais, inclusive Educação de Jovens e Adultos (EJA); de incentivos para que aqueles que deixaram de estudar retornem à educação básica, com posterior possibilidade de ingressar na formação técnica/superior; de ações de educação em saúde e educação sexual; de oferta gratuita de lazer e Práticas Corporais; dentre outras. Tais transformações poderiam ser potencializadas com a instalação de um Centro de Referência de Assistência Social (CRAS) com prédio-sede construído na PEC do Buena Vista IV.

Além disso, identificou-se a negação ou oportunidades desiguais no acesso a bens, serviços e comércios essenciais, que não foram reduzidas com o desenvolvimento espacial. Um problema relacionado com os interesses dos empresários e produção de serviços públicos de educação (CMEI e EM), lazer e saúde, cuja desigualdade se efetiva por falta de um crescimento infraestrutural que acompanhe o aumento demográfico, impactando principalmente as famílias com menor mobilidade. Na questão do comércio, se relaciona com um movimento de centralização, porque “na parte um, do um, a infraestrutura chegou. [...]. Devido à avenida principal, os comércios optaram por se fazer mais na avenida principal que seria o Buena Vista I. Ele tá expandindo” (L2). Como exemplifica o líder local, “[...] o Buena Vista I [...] é o mais diferenciado um pouquinho [...]. Aonde chegou mais, onde tem posto de saúde, onde tem CMEI, distribuidoras grandes, né? Casa de carne, farmácia” (L2), escola particular, atividades de beleza e bem-estar, empresas prestadoras de serviços, duas das cinco<sup>55</sup> empresas que no período do estudo trabalhavam com Práticas Corporais, e outros.

---

<sup>55</sup> Até o fim da coleta de dados feita por meio dos grupos focais e entrevistas havia no bairro apenas três comércios locais da Cultura Corporal.

Diante das diferentes possibilidades de acesso a bens, serviços e comércios essenciais, foi identificada maior dificuldade aos moradores do Buena Vista II. Trata-se de uma etapa do bairro onde todas as casas foram entregues como indenização pela PMHIS, e onde há apenas duas APMs, que não tiveram seus respectivos equipamentos implantados.

Na região do Buena Vista II, nunca teve nada. Porque lá é uma região muito, muito residencial. De comércio, tem um bar, e aí ali na avenida tinha comércio, mas nunca teve comércio lá que durou mais que dois anos, porque é uma região que as pessoas preferem mais vir no Veredão [Mercado localizado na avenida principal, no Buena Vista III], já por costume, eu não sei por qual... não sei dizer exatamente por qual motivo.

Ali quando mudou, a maioria das pessoas daquela região eram do setor onde eu morava, água branca, região próxima à Serra Dourada, o Novo Mundo. E a maioria das crianças daquela época cresceram. Hoje em dia tem poucas crianças e as que tem não tem nada pra fazer. O máximo que tem é 2, 3 crianças que são primos ali perto do bar, que brinca na rua um pouco, mas raramente também.

Então assim, o Buena Vista II é uma região que não tem nada. Parece até de certa forma exagero, mas realmente ali no 2 não tem nada. É só residência, a pessoa sai pra trabalhar, volta e vai pro bar. É um lugar ali na distribuidora ali na avenida que as pessoas ficam lá o tempo todo também (M2).

Portanto, apesar de ter áreas destinadas à instalação de equipamentos urbanos que podem oferecer, serviços de saúde, recreação, lazer ou outros (APM-9), e serviços de Educação com a construção de uma Escola de Ensino Fundamental (APM-10), no Buena Vista II esses equipamentos não foram instalados. Isso, apesar de tais formas-conteúdo terem o potencial de novo significado ao espaço, quando se considera o território usado,

A respeito das novas infra estruturas produzidas pelo Estado, houve um crescimento tímido entre os anos de 2014 e 2025. Neste período, foram registrados os seguintes eventos: a entrega de uma praça arborizada com parquinho infantil e campo de várzea no Buena Vista IV, em 2018; a entrega de uma praça com parquinho infantil no Buena Vista I, em 2019, onde foi instalada uma Academia ao ar livre em 2023; “inauguração”<sup>56</sup> da PEC do Buena Vista IV, em 2020; e a inauguração do CMEI do Buena Vista III, em 2020 (Redação, 2020)<sup>57</sup>. É importante acrescentar informações sobre duas dessas infraestruturas: a PEC e a Praça do Buena Vista I.

Após anos de atraso na construção, a Prefeitura “entregou” a PEC do Buena Vista IV:

<sup>56</sup> Destacamos entre aspas porque a PEC ainda não se encontra finalizada e devidamente inaugurada com a disposição de serviços básicos para a comunidade. Notícia “Prefeitura de Goiânia abandona obra inacabada que foi inaugurada no ano passado” (2022) <https://opopular.com.br/cidades/prefeitura-de-goiania-abandona-obra-inacabada-que-foi-inaugurada-no-ano-passado-1.2481075>

<sup>57</sup> CMEI Inaugurado dezembro de 2020, após passar mais de 5 anos com as obras paralisadas. Disponível em: <https://www.aredacao.com.br/noticias/144001/prefeitura-inaugura-novo-centro-municipal-de-educacao-infantil-em-goiania>. Acesso em abril de 2025.

[...] a PEC lá embaixo foi inaugurada, porém inaugurada inacabada, ela foi entregue [...], de manhã as celebridades vieram pra entregar, e no final do dia foram recolhidos todos os equipamentos que foram colocados ali. E infelizmente o anfiteatro, as salas, todos eles ficaram inacabadas e inauguraram sem energia, que é um absurdo isso né, inaugurar um imóvel sem energia para poder prestar o serviço para comunidade. E na época veio até ministro, foi em 2020, veio até ministro pra poder participar, para poder inaugurar este empreendimento, porque essa praça é um investimento do Governo Federal, que vem pro nosso setor, então até então ela era uma das maiores praças da América Latina, da América do Sul, da nossa América, acho que é isso mesmo, e o território dela é mais de 14 mil metros quadrados, então ela é um espaço bem amplo, voltada pro nosso setor, que tem uma oferta de muito serviço... uma oferta de esporte, uma oferta de lazer muito grande pra comunidade no geral, não só pros nossos moradores (L4).

Segundo o “Balanço da Gestão 2021” da Prefeitura de Goiânia, trata-se de “Obra [entregue] em uma área de 12 mil metros quadrados, com campo de futebol, quadra de esportes, praça de skate, playground, auditório, salas de aula e banheiros” (Goiânia, 2021)<sup>58</sup>, que ainda não foi verdadeiramente entregue à população. Como expressa um profissional de Educação Física entrevistado, “aquele complexo lá, aquele elefante branco né? Que a gente fala. Lá é um elefante branco, lá não funciona. [...] Você não pode falar que lá tem funcionalidade, não tem” (P5). Abandonada, a construção se tornou um objeto espacial que não foi incorporado ou reconhecido pela população.

Uma condição do equipamento urbano que acaba contribuindo com o processo de invisibilização das práticas corporais e outras atividades formativas que dialogam com o lazer. Pois nega o acesso ao conhecimento humano, seja na forma da Cultura Corporal, da leitura em uma biblioteca comunitária, da educação e performance teatral, musical ou cultural possíveis no anfiteatro; atividades que deveriam estar disponíveis à população, principalmente por essa rugosidade estar em um local onde moram pessoas marcadas pela negação de direitos básicos, pela exclusão social e marginalização. No próximo capítulo esta situação será relacionada aos limites e potencialidades da manifestação da Cultura Corporal no Bairro.

Também merece destaque outra praça construída no Buena Vista I, por ter uma história particular; por disponibilizar para a população a única academia ao ar livre do bairro; e por ter sido uma infra estrutura usada no Estágio Curricular Obrigatório do curso de Graduação em Educação Física da UFG, que será descrito no próximo capítulo.

Conforme já foi apresentado, desde o início do bairro o CLS discutia a necessidade de uma praça com Academia ao ar livre próximo à UBS. A preferência pela instalação desse equipamento na APM do CSF ia além do livre acesso à população, pois, nessa localização o

---

<sup>58</sup>Disponível em: <https://www.goiania.go.gov.br/balanco-da-gestao/o-cuidado-com-a-cidade/>. Acesso em abril de 2025.

equipamento poderia ser facilmente usado como recurso de educação e promoção de saúde promovidas pela instituição. No entanto, evidenciando o bairro como um campo de disputa, a L4 menciona que no ano da autorização e produção dessa rugosidade houve uma repentina mudança no local de instalação, sendo ela construída na APM do CMEI, área sem destinação para este tipo de equipamento:

A intenção era que fosse colocada ali. A solicitação, o anseio do nosso conselho local de saúde, é que essa praça, essa Academia ao Ar Livre fosse colocada do lado do Posto de Saúde. E por intervenção política, para alimentar “ego político”, o vereador, então, tirou do objetivo principal e colocou na parte do lado do CMEI, um pouco mais distante do Posto de Saúde (L4).

Apesar de ser caracterizada como uma das praças mais movimentadas do bairro, a observação e o acompanhamento do Estágio Curricular Supervisionado realizado por estudantes de Educação Física da UFG<sup>59</sup>, ajudou a identificar aspectos da relação da população com esse objeto espacial. Com intervenções direcionadas ao grupo Hiperdia<sup>60</sup> do CSF do bairro, foi possível identificar nesse grupo populacional, uma baixa ou nula apropriação de conhecimentos relacionados ao usufruto dos equipamentos, acompanhada do medo de sua incorreta utilização.

Junto à baixa apropriação identificada no grupo Hiperdia, foram observados traços do pouco significado do equipamento público (Academia ao ar livre) em ações de outro grupo populacional. Isso porque houve depredação do equipamento público instalado na praça, acontecimento que sinaliza a falta de reconhecimento e de apropriação dessa forma-conteúdo do lugar.

Até o término da pesquisa estes foram os equipamentos acrescentados à configuração territorial. Além disso, o território continua a dispor, com grande influência na Cultura Corporal local, diversos campos de futebol de várzea, produzidos e preservados nas APMs que ainda não foram instaladas.

Diante das mudanças apresentadas, no espaço ainda há movimentos de luta e mobilização social com vistas às necessidades locais. Uma cultura de luta iniciada pelo morador “Ronaldo”, - posteriormente diretor da Associação de Bairro - e moradores que a ele se juntaram. Atitude de luta continuada pela nova diretoria da Associação liderada pela L4 - que era secretária na primeira chapa eleita em 2011 -, eleita em 2023 para representar os moradores.

---

<sup>59</sup> Atividade discente realizada sob orientação docente.

<sup>60</sup> O “Hiperdia”, é um grupo populacional composto por adultos e idosos, agrupamento que inclui pessoas com hipertensão e/ou diabetes que são atendidas pelas equipes de Saúde da Família que trabalham no território.

É possível perceber duas formas principais de luta. A primeira, liderada por “Ronaldo”, com defesa da autonomia e independência da Associação em relação ao estado e partidos políticos. Essa forma de luta está relacionada com as conquistas da liberação da água no início do bairro, da pavimentação asfáltica primeiro nas ZEIS e depois nas outras regiões, do aumento do número de veículos e linhas do transporte público, e do início da construção do CMEI Buena Vista III e da PEC no Buena Vista IV.

Na segunda forma, liderada pela L4, trata-se de uma liderança marcada por outras formas de realizar luta social, menos interessada em enfrentamentos diretos, manifestações ou articulação de pressão social. Assim, configura-se atualmente uma luta institucionalizada, através de ações dentro das instituições, engajamento político nas esferas municipal e estadual, e na busca por mudanças através do sistema próprio do Estado.

Uma forma de mobilização que nos últimos 2 anos ajudou a aproximar o Bairro das lideranças políticas Municipais e Estaduais, que trouxeram para o Residencial, - após a Associação do Bairro participar e pedir ações em inúmeros eventos em que se encontravam representantes destas instituições - grandes eventos locais: 2 mutirões da Prefeitura e 1 mutirão do Estado (Goiás Social). Eventos que produziram “janelas de oportunidade” para reforçar pedidos e conquistar melhorias requisitadas na esfera da infraestrutura e linhas do transporte público, iluminação pública, infraestrutura e serviços na UBS, e pavimentação asfáltica.

Assim, houve neste período a construção de “abrigos dos pontos de parada de ônibus” e novos pontos de parada; ampliação do trajeto de algumas linhas do transporte público; instalação de pontos de iluminação pública e trocas de lâmpadas incandescentes ou queimadas por lâmpadas com tecnologia *Light Emitting Diode* (LED); atualização do quadro de médicos e técnicos em enfermagem no CSF do bairro; e pavimentação asfáltica de uma pequena estrada que liga o Buena Vista ao município de Abadia de Goiás, Goiás<sup>61</sup>. Um apanhado de transformações que modificaram o cotidiano da população. Por exemplo, facilitando o acesso ao transporte público nos períodos marcados pelo calor, sol intenso ou fortes chuvas<sup>62</sup>.

Além disso, como a diretoria anterior, a atual diretoria da Associação de Bairro também tem reivindicado a construção de escolas de ensino fundamental e médio para atender as necessidades locais. Uma demanda aumentada com o crescimento demográfico, que foi

---

<sup>61</sup> Uma pavimentação preparada para trânsito de veículos pesados, pois um dos interesses da liderança local é conseguir linhas que transitem entre os municípios passando por dentro do bairro. Isso porque muitos jovens estudam em Abadia de Goiás, e precisam se deslocar a pé para acessar transporte público no município vizinho.

<sup>62</sup> Uma mudança proporcionada pelo abrigo e maior proximidade que as linhas de transporte público têm dos moradores, pois antes os veículos circulavam apenas na avenida principal do Residencial.

acompanhada por um igual crescimento no número de crianças e jovens que se deslocam para estudar escolas de outros bairros ou cidades da região.

Destaca-se que a Associação tem solicitado ao Estado a conclusão e entrega oficial da PEC do Buena Vista IV. Um pedido que abrange o conteúdo originalmente planejado para aquela forma espacial: o CRAS Buena Vista; o Teatro/auditório com capacidade para 237 pessoas sentadas; a Biblioteca; e o Telecentro. Mas apesar das diversas conversas com a gestão municipal passada e atual, e apesar da instalação da placa da unidade do CRAS (Figura 14), - que dispõe serviços importantes para a região - não houve instalação da equipe por não haver ligação da rede elétrica na parte interna do prédio<sup>63</sup>.

Figura 14 - Placa no local destinado à instalação do CRAS Buena Vista (2025)



Fonte: Autor (2025).

Ainda no âmbito das necessidades que envolvem a Cultura Corporal, a Associação tem se mobilizado na luta pelo “Parque Esportivo” da Lagoa, e mais recentemente, por uma nova forma de “Academia ao Ar Livre coberta” para o CSF do bairro.

Agora a gente ainda não desistiu, a gente tem um projeto de buscar, junto ao Ministério da Saúde, um modelo muito bonito, que é a praça, a Academia ao Ar Livre coberta. Então existe uma Academia ao Ar Livre coberta, pública, que a gente pode sim construir ali do lado do Posto de Saúde, e é um projeto muito mais amplo, muito mais bonito; ela tem verba do Ministério da Saúde pra isso (L4).

<sup>63</sup> De acordo com moradores, parte da rede elétrica instalada até o momento da inauguração foi furtada após a encenação da entrega do equipamento à população, que deixou a instalação sem supervisão. Desde então, diante dos gastos da verba federal e contrapartida municipal não houve esforços do poder público em resolver a questão.

No geral, são lutas relacionadas às demandas e necessidades de uma população ainda marcada pela vulnerabilidade, condição social que não pode lhes tirar o direito constitucional à Cultura Corporal.

### **3.3. A insegurança: a vulnerabilidade e a disputa territorial como mediações das manifestações da Cultura Corporal**

Como foi apresentado, a população do Res. Buena Vista e o próprio bairro passaram por um movimento histórico particular, marcado por uma sequência de transformações em um curto intervalo de tempo. Neste processo, diferentes tipos de violência - física, patrimonial ou outras - produziram no território um contexto de insegurança que tentou ser remediado com a instalação de infraestruturas (tecnologias) de segurança, aumento do policiamento e da coerção por parte das forças de segurança pública no local. No entanto, formas de ação que não combatem as causas desse problema global, de origem estrutural, pois, como um produto das condições históricas da sociedade capitalista, a insegurança atinge tudo e todos vestida de uma roupagem ideológica que leva as pessoas a olharem apenas para aparência daquilo que se apresenta, o que impede a compreensão do problema a partir de suas mediações fundamentais.

Em vista disso, como produto histórico, a insegurança precisa ser analisada a partir de mediações globais e locais. Porque “as transformações espaciais provêm da intervenção simultânea de redes de influência operando simultaneamente em uma multiplicidade de escalas, desde a escala local até a escala mundial” (Santos, 2004, p. 207). Relação dialética submetida à perversidade da globalização que produz, dentre outras coisas, a desumanização e o aprofundamento das desigualdades sociais como resultados da “concentração e centralização da economia e do poder político, cultura de massa, cientifização da burocracia, centralização agravada das decisões e da informação” (Santos, 2021, p. 21). Condições presentes no Buena Vista, exemplificadas na vulnerabilidade e negação do acesso a bens e serviços essenciais que integram direitos constitucionais como educação, saúde, alimentação, moradia, transporte, lazer, segurança e outros (Brasil, 1988).

Assim, é fundamental compreender a insegurança em sua relação com a vulnerabilidade social. No Residencial Buena Vista, uma condição de vida relacionada à migração, à desterritorialização, à ruptura e à fragmentação das relações sociais, à negação dos meios de satisfação das necessidades mais fundamentais e à falta da proteção social evidenciadas na história de muitos moradores do bairro (Idtech, 2011; PAC, 2013; Borges *et al.*, 2014; Oliveira, 2014).

A começar pela migração, pode-se dizer que a “necessidade da migração” (Santos, 2020) e a instalação precária na cidade (PAC, 2013; Borges *et al.*, 2014) produziu em Goiânia uma “[...] contínua expansão dos assentamentos informais: favelas, ocupações de áreas de risco ou loteamentos irregulares ou clandestinos” (Gondim; Gomes, 2012, p. 509); na capital goiana configurados como uma urbanização de risco. Locais em que “se generalizam as situações de submissão, desproteção, alienação, aculturação, degradação social” (Soares, 2007, p. 54).

Olhando para o contexto da vulnerabilidade tipicamente brasileiro (Santos, 2020), essa condição presente em muitos moradores do Buena Vista esteve relacionada com o processo de produção do próprio bairro. Logo, a insegurança produzida tem íntima relação com a situação de vulnerabilidade que foi e é vivida; relacionada com a desterritorialização, com a ruptura e fragmentação das relações sociais e com a limitação precoce da consciência de comunidade ou cidadania. Uma condição do elemento espacial “homens” reforçado pela divisão social do trabalho, pela criação de novas necessidades, pelo ópio do consumo<sup>64</sup>, e pela produção do individualismo que afetam em proporção desigual a pessoas de baixa renda (Soares, 2007; Santos, 2020).

Contemporaneamente, diante da reestruturação produtiva - embora se exija no mínimo o ensino médio para o ingresso de jovens no mercado de trabalho [...], e, embora tenha havido a expansão da escola para os estratos de baixa renda da população - não se observa melhora na inserção dessa população em ocupações mais qualificadas, porque o mercado ficou mais exigente e perverso, dificultando e até impossibilitando a entrada de jovens dessas camadas em ocupações compatíveis com o estudo adquirido [...]. Em meio à atual *crise social*, dois quintos dos jovens estão desempregados [...] (Soares, 2007, p. 104).

Contexto retratado por Soares (2007) que é “comum” aos que moram na periferia:

Então tem que tomar muito cuidado na hora que a gente vai falar sobre a questão de violência [...]. Eu, pra mim, porque eu tive meu primeiro emprego, com 14 anos, sendo um menino pobre, vindo da periferia que mora a “300 quilômetros” do meu serviço, morava, eu tive que passar acho que umas 7, 7, 8 entrevistas. E eu tipo assim, eu sempre via meus coleguinhas passando, passando, passando, porque passou? Porque morava mais perto, e eu morava no fim do mundo. Porque passou? porque tem uma “condiçãozinha” melhor (M7).

---

<sup>64</sup> “Numa sociedade em que a pobreza se alarga e se aprofunda, a fabricação de novas necessidades agravava a vocação ao consumo, e esta só é parcialmente saciada para alguns, enquanto para os pobres não contemplados, e para os novos pobres que se criam pelo mesmo processo econômico, a revolução das expectativas crescentes renova a alimentação das esperanças: é a esperança dos inconscientes de sua condenação à pobreza. Como a criação de novos objetos oferece novas opções às classes médias, estas novamente aparecem como um exemplo a seguir, mas na verdade um exemplo impossível. É dessa forma que o consumo prossegue o seu trabalho ideológico, uma mitologia entranhada nas coisas, um ópio social mais eficaz que as religiões o foram no passado, já que se alimenta das práxis individuais e coletivas experimentadas no próprio processo da vida: o trabalho, a casa, a educação, o lazer” (Santos, 2020, p. 53).

De modo geral, este não é um contexto particular ou restrito ao local Buena Vista. Ao contrário, revela uma conjuntura inerente ao modo de produção capitalista, reforçada e reproduzida em seu estágio contemporâneo e global. Momento que resulta de mudanças econômicas que

[...] provocaram a erosão do *capitalismo social* no final do século XX, transformando profundamente o espectro da desigualdade que, progressivamente, foi se vinculando ao isolamento social, à apartação, ficando as massas cada vez mais marginalizadas de qualquer rede de apoio e podendo contar consigo mesmas no jogo de sorte e azar que a vida passou a ser (Soares, 2007, p. 158).

Analisando este momento do modo de produção capitalista, Santos (2020, p. 74-5) elege a pobreza como

[...] um dos resultados da crise profunda em que o mundo está vivendo: pobreza crescente em meio à abundância, apelo ao consumo e dificuldade para atender a esse apelo, ampliação do tempo livre para os bem empregados e imposições do tempo livre aos sem emprego.

Tendo em vista que diferentes moradores evidenciaram a insegurança como uma das dificuldades enfrentadas no acesso às infraestruturas de esporte, saúde e lazer, ela foi identificada como uma mediação no processo de produção e manifestação da Cultura Corporal do Residencial Buena Vista.

Assim, a insegurança se constitui como mediação porque é um produto de atividades ilegais e disputas territoriais que, no bairro, utilizam infraestruturas destinadas à Cultura Corporal como um de seus palcos principais. Cenário em que se destacam o consumo de drogas lícitas ou ilícitas e as disputas territoriais de torcidas de futebol. Situações que influenciam diretamente o usufruto de espaços relacionados com as Práticas Corporais:

[...] as pessoas têm medo, eu escutei ‘ah, vai andar na praça não, aqueles meninos estão lá’; ‘estão lá sentados e aí se vierem outros pra dar tiro neles e for acertar um tiro em mim, eu não vou fazer caminhada’ (L1).

Esse depoimento se refere à PEC, principal praça do setor e que dispõe à população a maior infraestrutura de esporte, saúde e lazer da região. Uma infraestrutura que, como mencionado anteriormente, encontra-se com suas instalações abandonadas e deprecadas. De modo geral, este foi um contexto local e uma condição do objeto espacial também evidenciados no grupo focal das ACS e na fala de uma moradora das redondezas da praça:

ACS2 - Lá tem pouco movimento. É os meninos fazendo bagunça. E quase ninguém usa aquela praça para fazer exercício.

ACS4 - Usa pra usar droga lá, e vai lá e...

ACS6 - Tem encontro de torcidas organizadas. Mas lá está bem iluminada lá

ACS - [...] em dia de jogo.

ACS - Em dia de jogo

ACS2,7 - Usuário de droga, venda de droga, ponto de droga.

No IV lá é muito bom, tem um pátio muito bom [PEC], só que está inativo, está parado, é uma quadra grande, enorme, nada funciona, tudo quebrado, criando mato... lá dava para fazer um esporte, tirar as crianças das drogas, porque lá no 4 não vou mentir... os adolescentes estão perdidos [no crime], se não nas drogas (M3).

Relatos que envolvem uma situação que outrora foi mais “comum”, como foi retratado no grupo focal dos moradores:

Aqui no começo, o Buena Vista, tinha muito isso. Eu lembro até hoje de muito pessoal que é do crime, que está aqui na região. Tanto é que com o tempo foi eliminando tudinho, [...] hoje em dia diminuiu bastante (M6).

Tanto é que hoje em dia ainda se enfrenta a questão das drogas, principalmente por pessoas mais novas (M7).

Neste caso, o consumo de drogas e as disputas territoriais apresentam grande relevância no contexto da Cultura Corporal do Buena Vista, sendo este um objeto complexo:

Explicar o consumo de drogas inserido na dinâmica social - na sua dimensão estrutural - requer, portanto, em primeiro lugar, situar a condição histórica que inscreve a droga como uma mercadoria, ora lícita - proveniente de uma indústria com lucros aviltantes, ora ilícita - produzida e distribuída pelo narcotráfico. Em segundo lugar, é necessário compreender o processo contemporâneo de produção e distribuição da mercadoria droga como consequência das formas atuais da acumulação capitalista (Soares, 2007, p. 55).

Pensando na sugestão de Soares (2007), alguns aspectos da condição histórica atual já foram destacados. Porém, é preciso apresentar as drogas como mercadoria no sistema capitalista. Uma perspectiva que perpassa a compreensão de como este objeto, originalmente útil (com valor de uso), foi subsumido pelo capital às formas atuais da indústria do lucro, passando a ser predominantemente marcado pelo valor de troca.

Como apresenta Pasquim (2017, p. 62),

[...] a droga possui valor de uso para a vida humana, porque é útil para alguém, e as necessidades que se vinculam ao seu consumo são constituídas socialmente. No caso das drogas, várias delas são parte indispensável dos ritos de sociabilidade, devoção, consolo, prazer e cura.

No entanto, no modo de produção capitalista “as mercadorias não são feitas unicamente para serem consumidas imediatamente, mas também para serem trocadas” (Pasquim, 2017, p. 63). Com isso, “a droga, enquanto produto de trabalho útil, pode assumir a forma de mercadoria, porque gera não apenas valor de uso, mas também valor de troca” (idem); uma condição que é indiferente ao caráter legal ou ilegal de sua comercialização.

Dadas as características já apresentadas do atual modo de produção,

As drogas foram submetidas à lógica do capital, tornando-se grande negócio e subvertendo sua origem histórica para tornar-se meio de enriquecimento de grandes capitalistas. [...] Ao final, quem fica com o lucro e quem controla a distribuição, o atacado e o varejo das drogas, não são os traficantes marginais, mas os grandes capitalistas (Pasquim, 2017, p. 67-8).

Em outras palavras, a droga “está completamente imbricada no sistema econômico e político moderno, compondo suas possibilidades e contradições” (Pasquim, 2017, p. 68). “Ao entender a droga como mercadoria, ela é colocada dentro do regime de acumulação capitalista e não à parte dele” (Pasquim, p. 62). Na mesma perspectiva, Pasquim e Soares (2015, p. 306) apresentam um sinal de alerta a partir de uma contradição: “[...] a guerra contra (certas) drogas, para além de objeto de interesse econômico e disputa por mercado de grupos poderosos, consiste em instrumento de controle da população”. Para alguns pesquisadores, isso se dá porque “vários custos sociais associados às drogas, como a violência e o tráfico, são na verdade oriundos da política proibicionista adotada pelo Estado para contornar a questão” (idem).

Para Pasquim e Soares (2015, p. 306 - **grifo nosso**),

As práticas da guerra contra as drogas ilícitas são desumanas e ocultam suas verdadeiras funções: punir os pobres, ou melhor, os “estranhos da era do consumo” – recusados como trabalhadores e estimulados como consumidores. **Apesar de haver consumo de drogas em todas as classes sociais, as consequências da guerra contra as drogas são mais alarmantes nas frações da classe trabalhadora inseridas em empregos, cujos trabalhos são manuais e de menor valor frente à divisão social e técnica do trabalho.**

Isso porque, segundo os autores, o aumento do policiamento e da coerção por parte das forças de segurança pública na periferia, além de “reprimir” a circulação e o consumo de drogas, regula atividades locais consideradas, arbitrariamente, vinculadas ao narcotráfico<sup>65</sup>

---

<sup>65</sup> “Na atualidade, a mão forte desta censura é exercida pelo sistema penal que adquire um poder de vigilância destacadamente nas áreas carentes, reprimindo o consumo das substâncias ilícitas e inibindo as expressões culturais de grupos sociais específicos. Por exemplo, na proibição dos bailes funks, que com o pretexto de reprimir a apologia ao narcotráfico, se volta para o encarceramento das ‘classes perigosas’ [...]” (Pasquim, 2017, p. 59).

(Pasquim; Soares, 2015). Além disso, como um mecanismo institucional “para legitimar socialmente esse controle, dissemina-se a ideologia de que o consumo de drogas é resultado da ociosidade no tempo livre do trabalho” (Pasquim; Soares, 2015, p. 307), “justificando” o controle e a regulação do lazer de determinadas populações. Uma ideologia que penetra a consciência social acompanhada do discurso hegemônico - produzido na área da saúde em geral - centrado “de um lado, nos problemas comportamentais e mentais causados pelo consumo de drogas - especialmente a dependência - e, de outro, nas propriedades farmacológicas da droga propriamente dita” (Soares, 2007, p. 4):

No primeiro caso - em que se focam os problemas comportamentais e mentais - o objetivo se circunscreve ao usuário e no âmbito individual e, no segundo caso, o objeto recai sobre a droga em si. **Em ambos, o contexto instaurador do consumo, quando lembrado, exerce a configuração de pano de fundo, marginal à compreensão do fenômeno ou à intervenção.** Nesse sentido, o uso de drogas é abordado então como sendo um fator causal, lançando-se mão quase sempre de um arcabouço teórico-metodológico de cunho funcionalista, que classifica o usuário como “desviante” (Soares, 2007, p. 5 - **grifo nosso**).

Trata-se de uma perspectiva em que o consumo desordenado e a dependência da substância droga são relacionados apenas ao indivíduo, sendo este ou sua própria comunidade responsáveis pela saúde ou cuidado da saúde individual<sup>66</sup>. Um modo de compreender a realidade que acaba “[...] carregando consigo uma individualização do problema, compartimentalizando sua compreensão e, por consequência, encaminhando soluções limitadas” (Soares, 2007, p. 9), pois “[...] a ideia da dependência química restringe a compreensão da relação sujeito-substância ao curto circuito dos efeitos psicoativos no cérebro de um sujeito propenso a tal relação problemática” (Pasquim, 2017, p. 70). Uma compreensão “altamente questionável” (idem), que obscurece tanto a compreensão quanto o enfrentamento deste problema social de origem estrutural.

Mas se a centralidade do problema não está circunscrita ao teor viciante da substância (Pasquim, 2017), o que, na atualidade, ajuda a explicar o consumo excessivo e descontrolado de drogas, que é mais impactante em jovens de populações periféricas com salários mais baixos (Soares, 2007; Pasquim; Soares 2015; Pasquim, 2017)?

Primeiro, “pode-se dizer que o capitalismo marca uma inflexão entre um uso de drogas circunstanciado a contextos culturais específicos e o consumo indiscriminado propriamente dito, que coloca usuários de drogas na condição de consumidores” (Soares, 2007, p. 54).

---

<sup>66</sup> “[...]de acordo com a OMS [Organização Mundial da Saúde] e UNESCO [Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura] o consumo de drogas é considerado uma doença” (Soares, 2007, p. 5)

Segundo, como apresenta Soares (2007), Pasquim e Soares (2015) e Pasquim (2017), o aumento do comércio e circulação das drogas estão relacionados a um “mal-estar contemporâneo”, uma condição histórica produzida pela perversidade da globalização e da sociedade mercantil. Circunstâncias que afetam adultos e, em maior intensidade, os jovens, pois estes, como expressa Soares (2007, p. 102) “[...] estão sedimentando valores para constituírem a vida adulta, [...] assim submetidos à lógica de peregrinação sem fim, do instável, do volátil e do descartável, dos descompromissos e da desobrigação”. Onde

Tais representações sobre o trabalho acabam por levar os jovens a se culparem quando não conseguem acessar bens e os levam a estabelecer uma relação direta entre a melhora de sua inserção no mercado de trabalho e a conclusão de cursos profissionalizantes. Muitos sequer conseguem falar sobre um projeto de futuro, aceitando trabalhar em ocupações que requerem pouca ou nenhuma qualificação com baixos salários para atender às necessidades de sobrevivência (Soares, 2007, p. 105).

Sinteticamente, um conjunto de situações presentes no Buena Vista e que vem sendo apresentada desde o primeiro capítulo dessa dissertação. Que estão determinadas por uma conjuntura social com valores fundamentados no individualismo, marcada pelo

[...] estímulo à moral do prazer, obtido pelas sensações, pelo corpo, que passa a adquirir valor maior na constituição da subjetividade e dificulta a participação e o compromisso dos sujeitos no objetivo de bem comum (Soares, 2007, p. 52).

Como consequência, produziu e produz no território um contexto de insegurança que precisa ser considerada na análise da Cultura Corporal produzida no bairro. Isso porque

[...] na sociedade de mercado, sob o manto da globalização e do neoliberalismo, as dificuldades das atuais formas de trabalhar e de viver das famílias nas diferentes classes sociais têm levado à impossibilidade de perspectivar o futuro com alguma clareza e gerado as mais diversas reações, que, se incluem uma condição de submissão/aceitação aos desígnios da contemporânea sociedade de mercado - forjada pelas necessidades de sobrevivência (o trabalho precoce, por exemplo) - e mesmo uma participação social e política de rumo incerto (participação em ONGs, em entidades estudantis), não deixam de abarcar, no processo de *descontinuidade geracional*, **a busca de “reforços” nos objetos que alteram a psicoatividade, seja para tolerar as inseguranças, seja para contrariar a ordem estabelecida pelo mundo adulto, seja para obter prazer**. Com isso, novos hábitos podem se difundir e serem aceitos, adquirindo caráter cultural mais amplo (Soares, 2007, p. 106 - **grifo nosso**).

Considerando a discussão apresentada a partir de um contexto mais amplo, é possível analisar e compreender melhor as atividades que produzem a insegurança no Residencial Buena Vista.

No geral, uma simples pesquisa nos buscadores da internet permite identificar diversas notícias relacionadas à diferentes tipos de violência no bairro, muitas delas relacionadas ao narcotráfico. Mas apesar de ser uma particularidade inicial que vem sendo superada, enraizou-se como aspecto destacado numa caricatura do bairro, que por muito tempo disseminou preconceitos fundados em fatos isolados e menos intensos na atualidade:

Quando eu vim ainda tinha uma fama muito grande, de Goiânia todinha, fui trabalhar uma vez do outro lado de Goiânia, os caras, quando descobriu que eu era do Buena Vista, fazia piada direto...

[...] quando eu falei que era do Buena Vista, os caras pegavam até a carteira. [RISADAS] (MP5).

Onde o Uber cancela a corrida (MP1)

Diante disso, o consumo de drogas na história do bairro tem íntima relação com o nível de vulnerabilidade da população:

É a maioria assim com jovens aqui do Buena Vista, são jovens pretos, são jovens periféricos, são jovens que têm um lar que não é estruturado, então tipo assim, o único local onde ele vê facilidade e pertencimento é o local onde fala assim pra eles, “vem!”, que é o que? Que é a droga, que é o roubo, que é o tráfico, que é as quadrilhas que se formam aqui dentro do setor (M7).

Sem o propósito de generalização, a fala citada demarca a constatação de um morador que percebeu uma relação entre as condições sociais, educacionais e familiares, de um certo número de habitantes, e o contexto de violência revelado no bairro. Realidade que já foi mais preocupante, mas que continua acontecendo e determinando o cotidiano nos locais ainda caracterizados por alta vulnerabilidade. Nesse sentido, é preciso reforçar que, desde início, essa não é uma condição de todas as ZEIS, pois as etapas, as casas e os predinhos foram habitados por grupos populacionais de diferentes regiões; como foi destacado no tópico anterior, pessoas marcadas por diferentes níveis de vulnerabilidade social.

Além disso, a insegurança relacionada à esfera das torcidas de futebol pode ser relacionada às ações institucionais que deram início à história do bairro<sup>67</sup>. Um acontecimento que reuniu em um mesmo território adversários inicialmente distantes: conglomerados populacionais que professavam alianças e desenvolviam atividades relacionadas com diferentes times de futebol, mais especificamente o Vila Nova Futebol Clube e o Goiás Esporte Clube,

---

<sup>67</sup> As iniciativas institucionais incluíram o remanejamento de famílias que moravam em diferentes “[...] áreas pendentes de regularização fundiária, bem como [...] áreas de preservação ambiental” (Goiânia, 2007a), e a promoção do direito à moradia, a partir da Política Municipal de HIS e do PMCMV.

precisavam agora conviver no mesmo espaço que os “rivais”. Essa rivalidade, expressa com mais agressividade por determinados agrupamentos presentes na Torcida Esquadrão Vilanovense (TEV), e Força Jovem Goiás (FJG), impuseram as áreas públicas como seus principais campos de disputa (Figuras 15, 16, 17 e 18).

Figura 15 - Demarcação da disputa territorial na praça do CSF, Buena Vista I



Fonte: Autor (2025).

Acontecimento que posteriormente transformou os eventos de enfrentamento entre as torcidas de futebol em acontecimentos determinantes do acesso a espaços públicos, e consequentemente, uma mediação do processo de produção e manifestação da Cultura Corporal local:

Mas a praça já foi, já foi como diz eles, [...] consagrada a eles, eles estão lá, um montinho, dentro da quadra, porque ao de redor da praça está claro, mas dentro da praça, da quadra está escuro; eles estão lá dentro: sentado, conversando, mexendo no celular, fumando narguilê, fumando vape, e vai vir um de carro e vai atirar... Já aconteceu isso. [...] Assim que lançou a praça, a algum tempo atrás tinha [pessoas que usavam mais a praça]. Até acontecer essa briga de torcida organizada, e vir pessoas e atirar lá, sem respeitar o morador ao derredor, porque ali na, no derredor daquela praça, só tem cidadão. Mas eles vêm lá de baixo... lá da casa, e vai lá... Eu digo porque sou uma moradora de perto da praça (L1).

Figura 16 - Demarcação da disputa territorial entre torcidas de Futebol visível em uma entrada do bairro (2025)



Fonte: Autor (2025).

Figura 17 - Demarcação da disputa territorial entre torcidas de Futebol na PEC do Buena Vista IV(2025)



Fonte: Autor (2025).

Figura 18 - Demarcação da disputa territorial no prédio da PEC no Buena Vista IV(2025)



Fonte: Autor (2025).

A partir disso, em vista das informações identificadas e acontecimentos narrados, parece acontecer no bairro uma simbiose entre o contexto da vulnerabilidade, do comércio e consumo de drogas e as torcidas de futebol que marcam presença no território. Um tema “complexo” que pode ser melhor entendido a partir de uma síntese feita por Hollanda (2021)<sup>68</sup> em sua participação no *podcast* “Dividida com Mauro Cezar Pereira”<sup>69</sup>, que apesar de grande vale a pena ser mencionada, pois fala sobre a relação entre o público jovem, o consumo de drogas, as torcidas de futebol e o do crime organizado:

Então, sempre né, com o cuidado, [...] de não tomar a parte pelo todo, a gente sabe né, que a reunião de grupos de jovens... toda e qualquer reunião, no caso das torcidas em torno do futebol, ela mobiliza, entre outras coisas, o consumo de drogas. No caso das torcidas agente tem as caravanas, a gente tem diversos momentos desses encontros, e a gente sabe que essa presença, ela acontece porque esse é um dado da realidade brasileira, da juventude brasileira, da juventude periférica, também que vem sendo bastante marginalizada, [...] essa é uma influência que existe né, enfim, que a gente também conhece a partir dos bastidores, e que de fato é muito difícil de se lidar, de ter parâmetros para lidar. Então uma série de torcidas conseguem estabelecer regras, conseguem estabelecer uma certa, vamos dizer, um “cinturão de isolamento” ali, em relação a isso. Mas a gente sabe que é um tema que tem capilaridade, que entra né, mesmo que, né, como hoje você tem uma adesão muito grande né, muitas pessoas são vinculadas às torcidas, você não tem esse mecanismo de controle [...]... Então é, em maior ou menor grau existem torcidas que sofrem essa pressão, sofrem essa influência [...]. Isso vai também chegando nessas zonas, vamos dizer, “porosas”, que estão abertas à influência, e no caso das torcidas essa presença também está colocada. [...] Desde os anos 90 que isso começa a ser uma questão, e ela vai se tornando cada vez mais complexa à medida que o próprio crime organizado está mais estruturado, e isso é uma realidade que é muito difícil de lidar [...]. Enfim, os grupos têm seus próprios mecanismos, mas existe também uma pressão grande, e nesse limiar entre a legalidade e ilegalidade, os mecanismos são muito difíceis de controle, de contenção, dessa pressão externa, então é um fenômeno [...] que os grupos têm de lidar, que não se pode ser hipócrita né, que ele não exista. Ele está colocado e ele é um fenômeno bastante complexo.

Conforme Hollanda (2021), trata-se de um contexto “obscuro”, mas que precisa ser analisado em uma compreensão totalizadora do objeto estudado, pois, no caso do Res. Buena Vista, acarreta eventos que impactam o cotidiano da população local. No caso das torcidas de futebol, a vinculação normalmente ocorre na juventude. Além disso, pode-se considerar que a incorporação de atitudes que visam “contrariar a ordem estabelecida pelo mundo adulto” (Soares, 2007) é comum entre determinados grupos dentro das torcidas organizadas de futebol.

---

<sup>68</sup> Bernardo Buarque de Hollanda é historiador, com mestrado e doutorado na PUC-Rio, professor da Escola de Ciências Sociais, da Fundação Getúlio Vargas (FGV-CPDOC), e coordenador de projetos de história oral sobre a memória das torcidas organizadas no Brasil.

<sup>69</sup> Acessível em formato de vídeo público na plataforma de *streaming* Youtube. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=EzC9-rQpYQI>. Acesso em maio de 2025.

No geral, identificou-se que ao produzirem embates muitas vezes marcados pela violência e agressividade, a disputa e delimitação de espaços protagonizadas por estes grupos geram impedimentos ao uso da infraestrutura pública. Em termos gerais, foi identificado que a insegurança nos espaços de manifestação da Cultura Corporal foi alimentada, dentre outras questões, pelo consumo de drogas e disputas territoriais protagonizadas por torcidas de futebol do Vila Nova e do Goiás. Além disso, por vezes impulsionadas pelo crime organizado e o narcotráfico, identificou-se que, a insegurança como mediação, tem relação com determinações que transcendem a dimensão local. Conjuntura que se relaciona com a desterritorialização, ruptura e fragmentação das relações sociais relacionadas com a dimensão global que, apesar das lutas comunitárias empreendidas, resultou em uma limitação precoce da consciência de comunidade ou cidadania.

#### 4. A CULTURA CORPORAL DO RESIDENCIAL BUENA VISTA

Na minha opinião, o Buena Vista está crescendo cada vez mais, as avenidas estão enchendo de comércio, de galpões e tudo mais. No começo ninguém dava muito assim para o Buena Vista, tanto é que era muito difícil conseguir as coisas para cá, mas dá para perceber que na área do esporte, o Buena Vista é muito forte, porque cada canto que você vai, você vê uma turma de amigos jogando futebol, nem que seja na rua, na praça, nos campos aí que estão abertos. Quantas vezes eu e meus colegas já capinamos o lote dos outros para fazer campo, e foi mais de cinco, ali para cima.

Mas também tem muito nas férias aqui em que o pessoal solta muita pipa por causa do pasto, quando o vento fica pra cá é maravilhoso, naquela época, mas é isso aí.

O Buena Vista está cada vez melhor, muito melhor do que comparado a antes.

(Grupo Focal dos Moradores).

Considerando o desenvolvimento particular do Residencial Buena Vista, é proposto aqui, uma periodização da manifestação da Cultura Corporal no território. A partir dos fundamentos presentes em Santos (1999), trata-se de uma proposta que diz respeito à organização de períodos que abrangem a existência concreta de possibilidades, modos e momentos de produção particulares da Cultura Corporal no território. Secções temporais que abrangem o conjunto de elementos espaciais que permitiram ou permitem a manifestação de certas práticas corporais.

A proposta se justifica pelo processo histórico de produção espacial do Bairro, marcado por transformações na quantidade e qualidade das pessoas, firmas, instituições, do meio ecológico e das infraestruturas (Santos, 1997) que constituíram e constituem o lugar. Processo que, para ser concretamente analisado, justifica uma periodização.

Portanto, a partir do transcorrer histórico do bairro, foi feita a seguinte periodização:

- O período inicial, do meio ecológico, dos projetos sociais e do Estado como mediações da Cultura Corporal (do início do bairro em 2009, até a entrega dos predinhos, em outubro de 2013)
- O período intermediário, dos condomínios, do comércio local da Cultura Corporal e das novas infraestruturas produzidas pelo Estado (de 2014 - 2019)
- O período “atual”, das novas infraestruturas produzidas pelo Estado, do comércio local da Cultura Corporal e da mobilização social (de 2020 - 2025).

#### **4.1. Período de 2009-2013: o meio ecológico, os projetos sociais e o Estado como mediações da Cultura Corporal.**

Se apresenta neste item, a relação entre o espaço e a Cultura Corporal na população do Res. Buena Vista, abrangendo um período que se inicia em 2009 e finaliza em outubro de 2013. Um recorte temporal demarcado entre o início do bairro até a chegada dos moradores dos mini-condomínios, construídos com subsídios do PAC do governo federal.

Muitos moradores desse período não tinham histórico de acesso a direitos básicos antes de se mudarem para o Buena Vista. Além da ausência de prerrogativas como “moradia digna”, saneamento básico, transporte público e outros, os primeiros habitantes tinham um modo de vida marcado pela negação do acesso à programas de esporte, lazer, saúde e educação. Um conjunto de direitos básicos que foi pouco assistido ou foi ignorado no período inicial do bairro, que apesar de abrigar mais de 4 mil pessoas em 2011 (Idtech, 2011), contava com poucas infraestruturas institucionais: um CMEI; uma Escola Municipal; e um CSF.

Neste período, não havia no território praças ou parques esportivos produzidos pelo Estado, seja na dimensão Municipal, Estadual ou Federal. As possibilidades de manifestação da Cultura Corporal disponíveis para a população apareciam na forma de avenidas menos movimentadas, ou “equipamentos” produzidos pela própria sociedade. Rugosidades criadas em áreas vazias disponíveis na forma de meio ecológico do bairro: áreas públicas não instaladas; pastos; lotes particulares não construídos; áreas de preservação e seus arredores destinados ao Parque da Lagoa, no Buena Vista III.

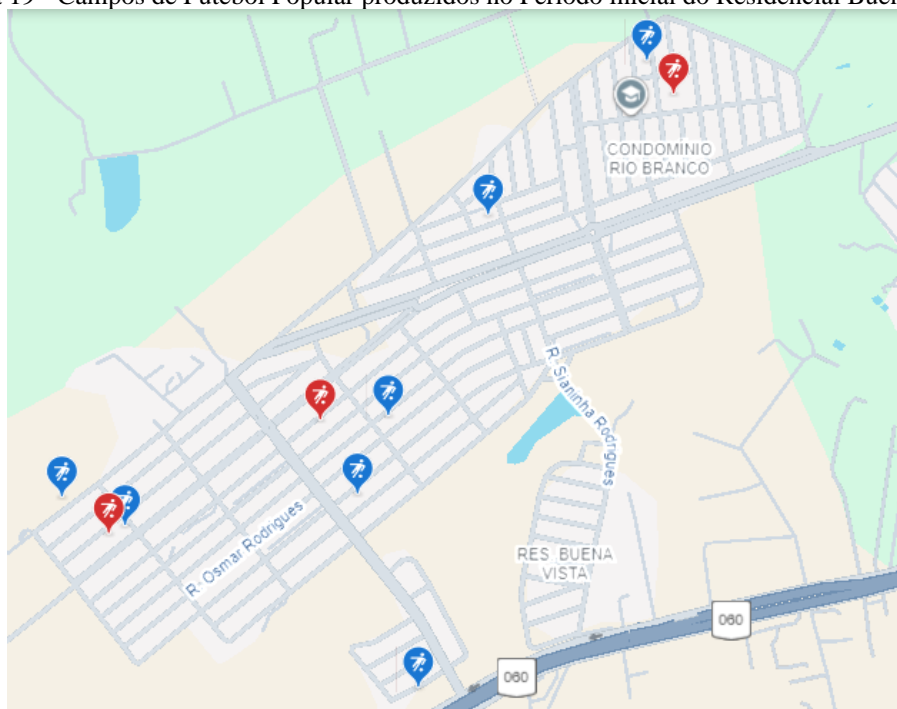
Nas avenidas e ruas menos movimentadas, os adultos e as crianças caminhavam, corriam, andavam de bicicleta, brincavam de amarelinha, soltavam pipa, ou desenvolviam outras práticas da cultura popular, como “roubar bandeira” e outros: atividades possíveis diante do pequeno trânsito de veículos na região já pavimentada.

No meio ecológico - desde o início do bairro - a lagoa se destacou como espaço de lazer para a população do local e da região: usada para nado, churrasco, passeio com cachorros, passeio com motos aquáticas, dentre outros. Mas devido ao perigo e alto risco de acidentes com banhistas, a utilização de *jet-ski* foi proibida. Cabe considerar que boa parte dos proprietários de motos aquáticas vinham de outras regiões, tendo em vista, no início do bairro, que o valor de troca agregado do bem considerado destoava das condições socioeconômicas de grande parte

da população. Além disso, o perigo de afogamento ficou evidenciado por muitos casos fatais<sup>70</sup>, e atualmente, o banho na lagoa se tornou pouco recomendado.

De modo geral, nas outras formas do meio ecológico apresentadas - áreas públicas não instaladas, glebas, pastos ou lotes particulares não construídos, - se produziu grande parte dos “campos comunitários” de prática do futebol de várzea. A Figura 19 apresenta, em vermelho os campos de Futebol Popular produzidos e descontinuados no período, e em azul os campos produzidos que continuaram sendo utilizados até o período seguinte:

Figura 19 - Campos de Futebol Popular produzidos no Período inicial do Residencial Buena Vista.



Fonte: Adaptado do Google Earth (2025)

De acordo com dois moradores que participaram do grupo focal, o Futebol foi a Prática Corporal mais vivenciada neste período:

Tudo era jogar bola, o único meio que tinha aqui era jogar bola, que a gente tinha de diversão. Igual, ele [outro participante do grupo focal] era lá de perto do Serra Dourado, ele [outro participante] era ali de perto do Jardim, o rapaz era de outro canto, às vezes a gente se interagia por conta do futebol. Tipo assim, por mais que ele seja do outro lado lá, o acolhimento que ele falou [relacionado ao acolhimento já destacado no texto, evidenciado pelo M7], no futebol a gente teve esse acolhimento, teve esse laço de amizade, que a gente acabou conhecendo de várias regiões.

[...] quantas vezes eu e meus colegas já capinamos lote dos outros para fazer campo, e foi mais de cinco, ali para cima (M6).

<sup>70</sup> Uma simples busca na internet demonstra acidentes recentes que acabaram com vítimas fatais.

[...] de esporte ali na região, a única coisa que teve foi [...], na minha rua que os meninos reuniram, capinaram uma região pra jogar futebol, e depois de um tempo, o dono daquele lote, [...] ele vendeu aquilo, e aparentemente não podia ter vendido, porque a obra foi embargada, pra uma garagem de caminhão. E aí eles acabaram com o campinho, e nunca mais voltou (M2).

Identificando o futebol como um esporte que se destacou desde o início do bairro, um Profissional de Educação Física argumentou:

P5 - Por isso que a gente fala que o futebol é o esporte mais praticado no Brasil. É porque? É porque é fácil.

P4 - É mais acessível.

P5 - É mais acessível. Se você reparar, às vezes você precisa de uma bola. Você vai estar jogando ali. É muito mais prático o futebol. Por isso que é o mais... Porque se você tiver uma bola, se juntar três, quatro, cinco e arrumar uma bola, já virou um futebol.

É fato indiscutível que o Futebol tem um peso na história esportiva e na Cultura Corporal nacional. Mas existem considerações importantes que precisam ser feitas sobre a relação entre a “sociabilidade”, a “forma de jogar” e a “acessibilidade” de “um tipo de futebol”; relevantes aspectos que foram identificados nas falas. O que demanda, nessa discussão, a apresentação e aprofundamento de alguns conceitos: Cultura Popular, Futebol Popular e Cultura Corporal de Massas.

Com base em Santos (2020), aprofundando o entendimento de Cultura Popular já caracterizado no Capítulo I, é fundamental ressaltar que essa forma de cultura se desenvolve dialeticamente na relação entre as pessoas e o território em que vivem. Nas palavras do autor, “seu quadro e seu limite são as relações profundas que se tecem entre o homem e o seu meio” (2020, p. 86). Embora diversa, a Cultura Popular é simultaneamente una, assim, se distingue da Cultura de Massas por não estar limitada à racionalidade e homogeneização. Contudo, na atualidade a Cultura Popular estabelece inegáveis relações com os produtos e aspectos hegemônicos do atual modo de produção (Avila, 2000).

Logo, a Cultura Popular pode tanto sucumbir à lógica capitalista, incorporando o individualismo, a competição, a busca pela ascensão social, e assim, entrelaçar-se com a ideologia dominante. Ou, ao contrário, efetivar-se como uma manifestação contra-hegemônica, apropriando-se de elementos de origem dominante e instrumentalizando-se deles a favor de valores sociais e culturais mais amplos. Como assinala Santos (2020, p. 98), “progredir na

sociedade de consumo é, freqüentemente, regredir na escala de valores”<sup>71</sup>. Essa dinâmica multiforme demonstra que “[...] o mundo dos dominados e o mundo dos dominantes não são dois mundos separados, [...] possuem como ponto de encontro a própria dominação” (Avila, 2000, p. 66), demarcando uma fronteira tênue entre a possibilidade da cultura popular fazer-se instrumento hegemônico ou contra-hegemônico.

Por isso, “sob certos aspectos, a cultura popular assume uma revanche sobre a cultura de massas, constitucionalmente destinada a sufocá-la (Santos, 2014, p. 320). Uma revanche que pode se desenrolar através de um produto da Cultura Popular: o “Futebol Popular”, que para Spaggiari e Ribeiro (2024, p. 28-9), se constitui como

[...] uma categoria operacional, com vistas a abarcar uma diversidade de vertentes do futebol no Brasil, praticadas em campos de grama ou de terra, com formações de 11 jogadores por time, que, além da condição contra-hegemônica e do afastamento do circuito de espetáculo, se caracteriza pela prática entre as classes trabalhadoras e subalternas, habitantes das periferias urbanas, de municípios do interior ou das áreas rurais. Um grupo social que compartilha de valores culturais expressos numa multiplicidade de manifestações igualmente reconhecidas como populares.

Formas de manifestação ressignificada do esporte espetáculo “Futebol”, que Avila (2000) vai caracterizar como uma “subcultura” a partir da antropologia cultural:

É justamente frente a essa possibilidade de ser ressignificado, inclusive quanto à forma de jogar e o sentido do jogo, diferindo da cultura esportiva hegemônica que consiste a possibilidade de, enquanto um bem cultural, ser reapropriado com vistas à negação dessa cultura esportiva, traduzindo-se em uma ação contra- hegemônica (p. 55).

Uma apropriação significativa observada na fala e no cotidiano dos moradores, pois, além do caráter esportivo, lúdico, artístico, entre tantos outros, a prática do futebol varzeano produziu no novo território um espaço de acolhimento e socialização. Estes, elementos que contribuíram, no novo espaço, com a formação de um senso de coletividade fundamental à sociedade de moradores, formada por pessoas de diferentes regiões da cidade.

No entanto, é preciso considerar que a Cultura Popular pode “engendrar em uma mesma manifestação aspectos de dominação e resistência” (Avila, 2000, p. 60). No Futebol Popular essa dualidade é particularmente evidente, pois “[...] ao longo do tempo, este [o

---

<sup>71</sup> Nesse quadro de vida, a existência é vivida não tanto para a consagração dos valores, mas para a busca das coisas, o produtor se tornando submisso ao objeto produzido. É o produto que ganha em poder, enquanto o trabalhador se despoja de seu próprio poder, enquanto o trabalhador se despoja do seu próprio poder, conforme já mostrado por Marx nos Manuscritos de 1844. A força das coisas é o contraponto da alienação (Santos, 2020, p. 52).

Futebol] revela-se em campo de disputa entre dominantes e dominados”, tendo em vista que, “de ‘esporte de elite’ passa a ‘esporte popular’”. Como alertam Spaggiari e Ribeiro (2024, p. 29), esta prática corporal apresenta

Um modo de fazer que não ignora o espetáculo futebolístico e é por ele impactado. Desde a expectativa de se tornar o “celeiro de craques” até a criação de um mercado de jogadores, competições e materiais esportivos, o futebol popular é invadido pelas lógicas hegemônicas do jogo.

Uma influência impulsionada pela comunicação de massas, a qual Avila (2000) atribui grande responsabilidade na disseminação dos valores hegemônicos da ideologia capitalista, com a proclamação do individualismo e do hedonismo, típicos da sociedade mercantil:

O esporte nessa perspectiva possui um papel importante, pois este caracteriza-se pelos mesmos princípios da ordem social capitalista, formando nos seres humanos uma forma de pensar e de agir que garantem essa hegemonia. Além disso, serve sobremaneira na venda e propaganda de mercadorias (p. 79).

Com base nesse entendimento, “o futebol que é jogado, entre crianças e adultos no campinho do bairro” (Avila, 2000, p. 54), ou o futebol varzeano, - “de terra, com formações de 11 jogadores por time” (Spaggiari; Ribeiro, 2024, p. 28) - aparecem no início do Buena Vista como uma subcultura que fortalece valores mais amplos, compartilhando traços de uma cultura contra-hegemônica; apesar de muitos jovens terem a expectativa de ascensão social através do esporte nutrida pela indústria cultural (ou, pela ditadura cultural)<sup>72</sup>.

Caracterizada a importância desta prática popular, foi feita uma demarcação dos locais de prática deste futebol nos primeiros anos da história do território, que identificou até outubro de 2013, a existência (breve ou continuada) de dez campos, produzidos e cuidados pela comunidade, espalhados em todas as etapas do setor (Figura 5): 3 no Buena Vista I; 1 no Buena Vista II; 3 no Buena Vista III; e 3 no Buena Vista IV. Dentre estes, alguns foram capinados por grupos de moradores, enquanto outros, a pedido dos habitantes, foram preparados com terraplanagem realizada por maquinário público durante o período de pavimentação asfáltica do bairro.

---

<sup>72</sup> “Em se tratando do Brasil os casos dos meios de comunicação de massa merecem um real cuidado ao serem tratados, pois além de serem grandes monopólios que se colocam a serviço da construção da hegemonia capitalista - isso não ocorre somente no Brasil, mas se expressa nesse país de forma massiva -, possuem uma série de engrenagens que demonstram claramente o caráter ideológico que assumem, no sentido de forjar nos seres humanos um gosto cultural, criar desejos e expectativas. Assim, sua aparência democrática acaba por revelar-se uma ditadura cultural” (p. 72)

Destaca-se, que o mapeamento foi realizado a partir das falas - captadas em entrevistas e grupos focais, - e posterior confirmação da informação através de registros da paisagem histórica do bairro disponíveis como imagens de satélite no *Google Earth*. Observa-se que no período citado (2009 a 2013) não foram identificados comércios ou firmas da Cultura Corporal, seja na forma de academias de ginástica ou centros de treinamento esportivos instalados no território. Apesar da ausência de comércios locais relacionados com a Cultura Corporal, neste período foram identificadas outras formas de mediação ligadas ao “Futebol”: projetos sociais, promovidos por moradores locais.

Um destes projetos, destacado em todas as entrevistas e grupos focais, foi o programa social coordenado pelo “Cafú”<sup>73</sup>, morador mais conhecido como “professor Cafú”. Ator social que começou dando aulas para crianças em diferentes campos do bairro, um deles construído no terreno destinado à PEC do Buena Vista IV, ainda nos primeiros anos do Residencial. Durante a construção da PEC, sua ação social foi transferida para outros locais, também no Buena Vista IV. Seu projeto ainda é atuante, agora na PEC, mas não só no Res. Buena Vista, pois também atende crianças e jovens em outro bairro da região.

Outro projeto desenvolvido neste período - também ligado ao Futebol Popular, - foi a iniciativa social desenvolvida pela moradora entrevistada na categoria de lideranças comunitárias, a L1. Com foco em meninas que queriam jogar futebol, essa agente social desenvolveu atividades desde o início do bairro, nos mesmos campos e região que o professor “Cafú”. De acordo com ela, sua articulação com o treinamento esportivo começou em 2010, iniciando a participação em campeonatos apenas no ano de 2018. Infelizmente nos últimos anos o projeto foi descontinuado por falta de condições. Segue as palavras da liderança local:

Esse ano, desde o ano passado, acabaram todos os projetos que tinha, até que eu mesma tinha... eu fazia, treinava com as meninas, futebol, nem as meninas treinam mais, entendeu?

E tinha. Tinha não, tem esse campo. Um é na frente da casa do professor “Cafú”, tinha um outro que era nesse loteamento aqui descendo da sua casa até lá embaixo é loteamento. Tinha um campinho lá também, esse acabou, né, então só existe aquele da praça (L1).

Além dos casos mencionados, a produção e reprodução da Cultura Corporal neste período também aconteceu nas aulas de Educação Física escolar. Sobre este aspecto, é importante destacar que a instituição municipal do bairro não possui quadra poliesportiva,

---

<sup>73</sup> Nome fictício utilizado para se referir a este morador, um importante ator social que marcou a história do bairro com a oferta do Futebol Popular para a população.

infraestrutura que pode potencializar um ensino diversificado da Cultura Corporal. De acordo com relatos e observações, o local contava apenas com um pátio coberto, um parquinho infantil e um extenso gramado aberto, local em que a quadra deve ser construída.

Na dimensão da saúde, o período apresentado foi marcado por uma potente mediação: o Núcleo de Apoio da Saúde da Família (NASF) que realizou matriciamentos no CSF do bairro, mas apenas por alguns meses:

Nasf era um programa maravilhoso [...]. Só que aí o [...] secretário [de saúde] da época tirou o Nasf e achou que não era importante pra comunidade. E o Nasf [...] é um programa, ele contava com uma psicóloga, ele contava com assistente social, ele contava com educador físico e com nutricionista. Então era um grupo de trabalhadores multidisciplinar que para atenção básica é fundamental. A gente tinha um, a gente tem um gargalo enorme aqui dentro do Residencial Buena Vista que é saúde mental, e a psicóloga não tinha condições de atender o público pela demanda que era tão grande [L4].

De acordo com as ACS do bairro, o NASF era fundamental ao desenvolvimento das atividades de educação em saúde nos grupos especiais ligados ao CSF: idosos, hipertensos, diabéticos e gestantes. Apesar de “somente” passar informações, - “[...] era todo mês que tinha os grupos (ACS3),” - as ações educativas em saúde figuravam como importante instrumento de educação e conscientização para as práticas corporais. No entanto, o NASF “[...] ficou acho que nem um ano direito, o Nasf ficou por um curto período, muito pequeno [...]” (L4), deixando de promover importantes atendimentos possíveis através do seu amplo atendimento e articulação com a população.

Vale ressaltar que, de acordo com os dados levantados, a Academia ao ar livre, - uma infraestrutura de Prática Corporal instalada ao lado do CMEI Buena Vista I no último período que será apresentado - começou a ser solicitada pelo Conselho Local de Saúde durante a atuação do NASF.

#### **4.2. Período de 2013-2019: os condomínios, o comércio local da Cultura Corporal e as novas infraestruturas produzidas pelo Estado**

A análise da relação entre o espaço e a manifestação da Cultura Corporal no “período intermediário” abrange um recorte histórico entre os meses finais de 2013 e dezembro de 2019. Como apresentam os capítulos I e II, o início deste período foi marcado pela chegada dos moradores dos “predinhos”, e, conseqüentemente, pela intensificação do perfil de

vulnerabilidade social presente no bairro. Um acontecimento que, simultaneamente, intensificou necessidades locais relacionadas ao transporte público, à educação, à saúde e ao lazer; e, inaugurou, no território, novas infraestruturas ligadas à Cultura Corporal: as mini-quadras esportivas e os parquinhos infantis localizados dentro dos predinhos.

Neste contexto, a luta social pela satisfação dessas necessidades engrenou uma “rápida” transformação espacial. Transformação realizada pelo Estado, que produziu mudanças qualitativas e quantitativas nas dimensões da saúde, educação e lazer, e envolveram a ampliação de serviços básicos e a construção de infraestruturas entregues no “período intermediário” e no “período atual”.

Considerando que o período precedente é base para o desenvolvimento do período subsequente, as características da Cultura Corporal do período anterior não foram descontinuadas. Ao contrário, constituíram o alicerce para a produção de novas mediações:

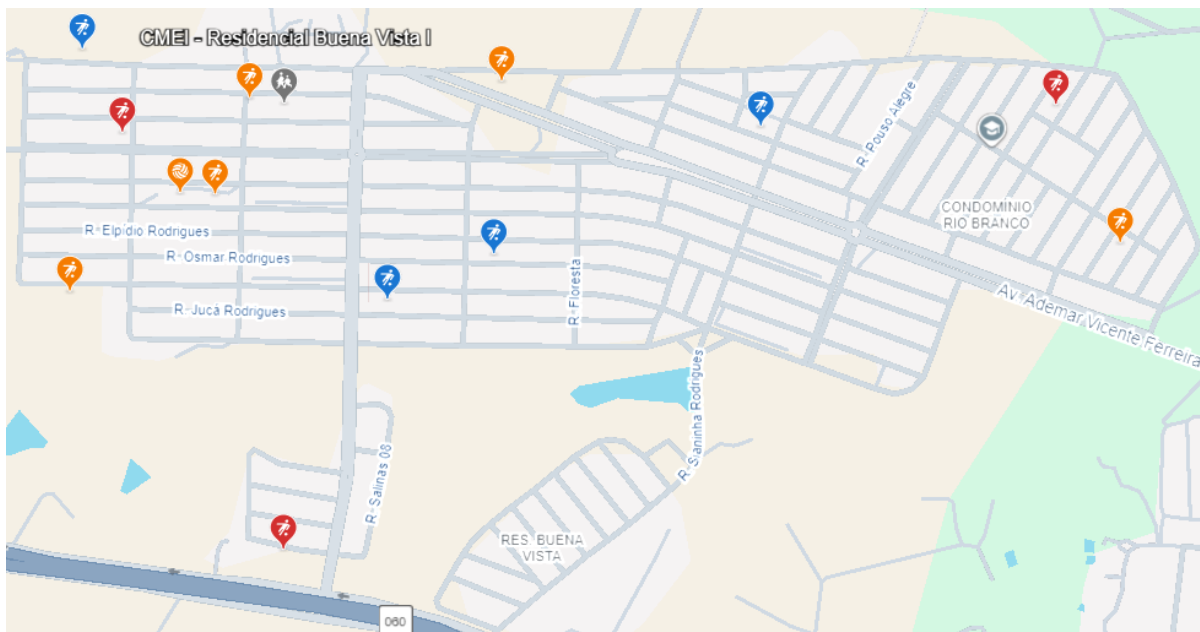
A elaboração e reelaboração dos subespaços - sua formação e evolução - se dão como num processo químico. O espaço que assim é formado extrai sua especificidade exatamente de um certo tipo de combinação. A sua própria continuidade é uma consequência da dependência de cada combinação em relação às precedentes [...] (Santos, 1997, p. 23).

Portanto, é necessário identificar como as mediações presentes no “período inicial” foram continuadas, intensificadas, transformadas ou descontinuadas no “período intermediário”, levando em conta as mudanças espaciais relacionadas a essas mediações.

Começando com a análise do meio ecológico, principal mediação da produção e reprodução da Cultura Corporal no “período inicial”, a Represa, as ZPAs e as APMs destinadas à instalação do Parque esportivo (não instalado até o final da pesquisa) continuaram como importantes locais de prática mesmo com a ausência do Estado. Outras rugosidades distintas das representadas pelo meio ecológico são infraestruturas primárias originalmente desvinculadas das Práticas Corporais, como foi o caso de algumas avenidas e ruas menos movimentadas que favorecem a prática da corrida, do ciclismo e da caminhada.

Além disso, o meio ecológico continuou como principal lugar de produção de novos locais para a manifestação da Cultura Corporal. Na Figura 20 (Campos de Futebol Popular e Vôlei continuados, produzidos e desativados no Período intermediário) é possível identificar fatos que revelam a continuidade e a força do Futebol Popular: em vermelho são destacados três locais de prática desativados; em amarelo, seis locais de práticas criados no “período intermediário”; e em azul, quatro locais de prática continuados do “período inicial”.

Figura 20 - Campos de Futebol Popular e Vôlei continuados, produzidos e desativados no Período intermediário.



Fonte: Adaptado do Google Earth (2025).

Apesar de mostrar a interrupção no uso de três “campos” de Futebol, a Figura 20 apresenta a força do Futebol Popular representada pela produção de novos locais de prática, principalmente em APMs não instaladas. Trata-se de um movimento indiferente à diversidade da população, pois os campos estão localizados tanto nas regiões de ZEIS quanto nas regiões do loteamento comercial do Residencial.

Destaca-se na dimensão do “esporte popular”, a identificação pontual de outra mediação, produzida ao lado de um dos campos de Futebol Popular: uma “quadra” de vôlei, registrada na Figura 21. Conforme a Figura (de 2019), é possível ver os postes para instalação da rede e marcações que delimitam as dimensões da quadra de Vôlei.

Figura 21 - Campo de Vôlei produzido pela população no Residencial Buena Vista I (2019)



Fonte: Street View (Google, 2025).

Este “campo” de Vôlei, uma mediação particular, foi inicialmente identificado na fala do L3, um líder local, posteriormente confirmada com pesquisa nos registros de satélite e *Street View* disponíveis no *Google Maps* e *Google Earth*. Através dessa busca foi possível identificar que a quadra de jogo foi produzida em um quarteirão ao lado do condomínio em que o entrevistado estava síndico: quadra das APMs 3 e 4 (não instaladas), destinadas à instalação de uma Escola Municipal e uma Escola Estadual:

Tem uns campos de futebol aqui que eu vejo mais futebol mesmo, aqui é mais futebol mesmo. Assim, agora eu vou aqui, se fizesse um, igual, ali tem a quadra de vôlei, então se divulgasse mais, porque aqui tem gente aqui que joga vôlei. O pessoal estava arrumando esse campo bem aqui ó [ao lado], aí foram lá, os meninos daqui botaram umas travas lá de novo, que era do rapaz lá, o rapaz disse que podia usar as travas dele, estavam jogando vôlei lá. Acho que tem que fazer uma divulgação aqui, que às vezes o pessoal pensa, vamos lá, tal, é melhor (L3).

Cabe destacar que a afirmação presente na frase final, sobre o local preparado na APM ser “melhor” para a prática fazendo uma comparação com quadras nos condomínios do bairro, o morador se refere a duas questões: à altura das mini-quadras - “o problema é só esse teto por causa do vôlei, né?” (L3) - ; e à condição “precária” de algumas quadras, já retratada no capítulo I<sup>74</sup>. Após essa fala o entrevistado acrescentou:

Assim, eu acho que o que a gente tem que trabalhar é fazer parcerias, né? Futuramente fazer uma parceria, como eu falei pra você, que é fazer uma divulgação, um negócio pro pessoal, sobre jogar vôlei, ou até mesmo, não sei se é a Peteca, né? Que chama? Peteca? Não sei se lá já está adaptado para jogar também, porque tem muitos lugares que já estão fazendo isso.  
Igual, em casa tem, a minha menina tem. Ela fica doidinha pra brincar.  
Então, aqui é restrito, para brincar, entendeu? Aí se fizer uma divulgação melhorzinha desse trabalho, ficaria bom também (L3).

Este é um relato que precisa ser analisado, porque a observação feita pelo morador e líder local demarca mais de uma necessidade territorial: a necessidade de locais de Prática Corporal que sejam adequados e acessíveis à toda população; a necessidade de outras Práticas Corporais; e a necessidade dos conhecimentos necessários para a vivência de outras Práticas Corporais. Além disso, a fala retrata a mobilização dos moradores em prol do acesso às atividades tipicamente humanas, historicamente cristalizadas como elementos da Cultura Corporal; mas também expressa um pedido de ajuda, endereçado ao Profissional de Educação Física, ator social que trabalha com este conhecimento humano. Um pedido implícito na fala

---

<sup>74</sup> “[...] aqui tem uma turma boa que vem pra jogar a bola aqui, só que estão reclamando do piso, que já está estragado, machuca os pés” (L3).

“fazer uma parceria, como eu falei para você”, pois quando o pesquisador se apresentou como um PEF morador do bairro, antes de iniciar a entrevista gravada o síndico lhe convidou para desenvolver atividades gratuitas no condomínio. Nas palavras dele, “é a união, o que eu mais quero é a união de todo mundo. Porque assim, com a união a gente pode ir longe. Uma pessoa sozinha não dá conta. Se for tudo unido...” (L3).

Trata-se de um movimento que busca a satisfação de uma necessidade que deveria ser atendida pelo Estado (Brasil, 1988), com a instalação da infraestrutura institucional originalmente destinada aos locais: uma escola municipal e outra estadual. Porque estas, são rugosidades com mais de uma importância para a comunidade local.

Primeiro, no atendimento da demanda por escolas de ensino fundamental e médio que aumentou com o rápido crescimento demográfico do bairro. Segundo, por serem infraestruturas que pressupõem a criação de, pelo menos, uma quadra esportiva, fundamental ao ensino e vivência da Cultura Corporal. Isso, porque essa forma-conteúdo (quadra esportiva) está prescrita em normativas estaduais que orientam e regulam itens da infraestrutura mínima para certos tipos de estabelecimentos públicos de ensino<sup>75</sup>. Terceiro, por territorializar a possibilidade de programas de esporte, cultura e lazer integrados à comunidade local conforme as diretrizes estabelecidas pela Portaria Normativa Interministerial nº 19, de 24 de abril de 2007, mais especificamente no Art.2º, incisos V, VI e VII, que determinam, respectivamente: a “disponibilidade de recursos humanos para otimizar a utilização da quadra pela comunidade escolar”; a “disponibilidade de infra-estrutura de lazer na comunidade beneficiária”; e um “plano de utilização da quadra pela comunidade, propiciando a integração escola-comunidade”.

Além disso, sobre as bases do primeiro período, é importante abordar os projetos sociais. Conforme mencionado, o projeto do Professor “Cafú” prossegue até o terceiro período; contudo, o período intermediário marcou o fim do projeto de Futebol para meninas iniciado e coordenado pela L1. Ademais, foi identificado neste recorte histórico, o início de outra mediação na forma de projeto social, com aulas de Futebol em um dos primeiros campos de várzea do bairro:

Quando eu mudei pra cá não tinha nada, com o passar do tempo teve um projeto de uma igreja lá no Buena Vista 2, que reunia os jovens da região ali do Buena Vista 2, do Buena Vista 1 e pra todo mundo que quisesse ir, que eram aulas de futebol ali no campo do Buena Vista 1, ali na baixada (M2).

---

<sup>75</sup> Resolução CEE/CP N. 03/2018 (Goiás) e Decreto nº 10.482, de 21 de junho de 2024 (Goiás).

Retomando a caracterização das particularidades que diferenciam cada região do bairro, realizada no Capítulo II, desde o início o Buena Vista II apresenta carência de serviços e programas como esse. Neste caso, segundo o morador, o projeto social teve início em meados de 2015, organizado e mantido por uma igreja cristã, instituição religiosa local com sede no Buena Vista II:

[...] ele acontecia sempre no final de semana um único dia [...] no sábado de manhã. Aí eles sempre faziam da seguinte maneira: de manhã antes do treino tinha um lanche que eles serviam gratuitamente, e depois eles organizavam ali um futebol dividido ali com os meninos, dividia mais ou menos ali por faixa etária para não ter conflito de idade diferente, para não machucar ninguém. Era isso, aí a gente jogava lá com a organização deles. Eles tinham materiais, como a rede, colete, bola, e aí a gente jogava lá (M2).

Percebe-se com isso a atuação da instituição religiosa frente essa necessidade local, que envolveu a organização da prática e a disponibilização de materiais.

#### **4.2.1. A Cultura Corporal nos condomínios**

Considerando a existência de regras que regulam o acesso às áreas de uso comum dos condomínios, as mini-quadras e parquinhos infantis dos 12 conjuntos habitacionais são infraestruturas privadas que marcam o início do período intermediário. Para abordar a relação entre essa infraestrutura - integrada aos condomínios - e a manifestação da Cultura Corporal, é necessário, primeiramente, apresentar a condição desses elementos espaciais. Retomando a caracterização apresentada no Capítulo I, houve e há certa diversidade no estado de manutenção e conservação das 12 quadras e dos parquinhos<sup>76</sup> espalhadas pelo bairro: alguns deteriorados (Figura 22 e 23), marcados pelo desuso ou dificuldades no cuidado; e outros reformados (Figura 24 e 25), com custeio realizado através de “rateio” do valor da obra entre os condôminos.

---

<sup>76</sup> Mini-quadras esportivas com 8 metros de largura e 16 metros de comprimento; parquinhos infantis com 6 metros de largura e 12 metros de comprimento.

Figura 22 - Mini-quadra não reformada.



Fonte: Autor (2025).

Figura 23 - Parquinho não reformado.



Fonte: Autor (2025).

Figura 24 - Mini-quadra reformada.



Fonte: Autor (2024).

Figura 25 - Parquinho reformado.



Fonte: Autor (2025).

Como foi descrito no Capítulo I, os moradores e síndicos dos condomínios enfrentaram grandes desafios relacionados à convivência, à gestão, à manutenção e aos problemas estruturais precoces que afetaram as habitações. Apesar disso, foi identificado interesse na revitalização e produção de novos espaços que favoreçam a manifestação da Cultura Corporal, com atenção especial às necessidades e acessibilidade da população idosa - que reside em grande número nas habitações sobrepostas.

Os condomínios através de programas de caráter social, já atenderam jovens e crianças que não habitavam nos “predinhos”:

Aqui teve um, no começo aqui teve um pastor de Trindade, que ele veio nos condomínios, falou de um projeto de Jiu-Jitsu, a gente aceitou o projeto, aqui teve...

[...]

Tinha 3 professores, era uma maravilha pra esses condomínios; isso aqui enchia de gente, isso aqui ó. A quadra aqui ficava lotada. Eles botavam aquele emborrachado [tatame] aqui ó, aí saía, limpava tudinho, botavam emborrachado, os alunos. Eles deram o kimono, deram tudo. Toda a “infraestrutura” que eles tinham.

[...]

Nós ajudávamos no combustível, aí pra dar um incentivo, pra eles não deixarem de vir, porque na época que eles fizeram aqui, os jovens precisavam muito de apoio, porque infelizmente a droga andava solta (L3).

De acordo com o síndico, foi um projeto que, para a tristeza da população, foi precocemente encerrado. No entanto, demonstrou, a partir do conhecimento proporcionado, o potencial das práticas corporais na vida de jovens e crianças da região. Em conversa com uma moradora das casas doadas que teve seu filho atendido pelo programa, ela relatou que as aulas tinham 60 minutos de duração, aos sábados, e expressou a satisfação que teve com a participação do filho. Além disso, ela disponibilizou a Figura 26, um registro fotográfico feito em setembro de 2018.

Figura 26 - Registro de uma aula do projeto de Jiu-Jitsu que acontecia nos condomínios em 2018.



Fonte: cedido por moradora (2025).

Além do projeto de Jiu-Jitsu, o morador e síndico descreveu que nas quadras sempre tem crianças e jovens jogando Futebol, em contrapartida, as reclamações sobre o piso

inapropriado são recorrentes. De modo geral, o golzinho é a prática predominante nessas localizações.

Outros projetos semelhantes podem já ter acontecido em outros condomínios, mas não puderam ser identificados ante as limitações dessa pesquisa. Destaca-se apenas que um projeto semelhante ao do jiu-jitsu foi recentemente identificado, e será qualificado na análise do próximo período.

Em síntese, a disposição em realizar projetos que olham para a criança, para o jovem e para a pessoa idosa aparece cheia de importância, porque nos condomínios, apesar das mudanças, ainda há um perfil marcado pela falta de acesso - à saúde, ao lazer, e à educação, - e vulnerabilidade social. Segue o que a ACS4 destaca como perfil desses moradores após falar sobre as características de famílias que moram em uma área particular: “o segundo perfil, eram os predinhos que eu tenho ali no três. Aí já é um outro perfil, já é mais, um pouco mais dependente. É... Nesse sentido sabe, um pouquinho assim, mais vulnerável [...]”.

Neste contexto, as práticas corporais nas dimensões do esporte, lazer e saúde se misturam. Essa é uma característica da Cultura Corporal manifesta ou que pode se manifestar (projetadas para acontecer) nas áreas de uso comum dos condomínios: nas quadras esportivas; nos parquinhos infantis; ou em outros objetos espaciais que podem ser construídos (academia, pista de caminhada, ou outro)

#### **4.2.2. O estabelecimento do comércio local da Cultura Corporal: Aluguel de quadra esportiva, Hidroginástica, Natação, musculação**

Foi no período intermediário que começou no Buena Vista o “comércio local da Cultura Corporal”. Uma categoria que abrange novas infraestruturas ligadas ao ensino de Práticas Corporais ou ao aluguel de espaços preparados para a prática. Firms (Santos, 1997; 2023a) que foram identificadas na pesquisa de campo, conversas informais e grupos focais realizados com moradores, profissionais de Educação Física e donos de alguns desses estabelecimentos<sup>77</sup>.

Inicialmente, é importante destacar que três academias pequenas permaneceram por período igual ou inferior a dois anos, o que dificultou o levantamento de informações nas entrevistas, nos grupos focais e nos registros de satélite disponíveis no *Google Earth*, *Google*

---

<sup>77</sup> O grupo focal com Profissionais de Educação Física foi realizado em dezembro de 2024, e alcançou profissionais dos três Comércios de Prática Corporal na forma de academia, estúdio e Centro de Treinamento que estavam até aquele momento em atividade no bairro.

*Maps* ou no *Street View*. Assim, devido ao curto tempo que essas empresas permaneceram no território, poucas informações foram encontradas sobre esses comércios locais.

A apresentação dos demais comércios locais da Cultura Corporal identificados e caracterizados segue considerando a ordem cronológica de instalação. Dando início à essa lista, destaca-se um galpão construído para aluguel, destinado a receber pequenas atividades do bairro, uma edificação que consolidou a primeira rugosidade desse tipo de comércio local (Figura 27). Além da ampla área para receber eventos, identificou-se que o piso do galpão possui marcações para a prática de esportes de quadra; característica que favorecia seu aluguel em sessões, como: uma hora, duas horas; três horas ou mais.

Figura 27 - Quadra de Esportes, Lazer e Eventos.



Fonte: *Street View* (Google, 2025).

Registrado no Google Maps como “Quadra de esporte, lazer e eventos”, produzido entre os anos de 2015 e 2016, é uma infraestrutura que apresenta características de um pequeno galpão industrial, inicialmente disponível para receber pequenos eventos locais, como: partidas de futsal, aniversários, confraternizações institucionais, e eventos semelhantes.

Localizada na frente de um dos condomínios no Buena Vista I, essa infraestrutura aparece como a primeira mediação privada relacionada à Cultura Corporal no esporte e lazer que se estabeleceu no território.

Um comércio local focado em hidroginástica e natação marca o início de outro tipo de comércio local da Cultura Corporal, que não vende apenas o acesso ao espaço, às instalações e aos equipamentos de Práticas Corporais, mas também vende serviços de saúde, ensino e

treinamento físico. Trata-se de um estabelecimento com características particulares. Localizado em uma chácara na zona rural que margeia o bairro - região já apresentada na discussão do meio-ecológico presente no Capítulo I -, oferece aos alunos-clientes um ambiente natural e tranquilo, amplo e arborizado. Esse comércio local, instalado na propriedade onde reside a família e o casal de professores/empreendedores, iniciou seus atendimentos à população em 2017. Organizado como um negócio familiar voltado ao atendimento de uma demanda local, começou a oferecer aulas de hidroginástica em uma pequena piscina inicialmente utilizada nos momentos de lazer da própria família, apresentada na Figura 28 - imagem cedida pela proprietária.

Figura 28 -Primeira piscina utilizada para aulas de Hidroginástica.



Fonte: Cedida pela proprietária (2025).

Os profissionais de Educação Física e empreendedores deste comércio local participaram do grupo focal realizado com “Profissionais de Educação Física” que trabalham no bairro. Uma fala da dona do “Estúdio de hidroginástica e natação” ajuda na compreensão do processo de concepção e crescimento rápido da empresa:

Bom,[...] sou profissional de Educação Física e moro aqui nessa região antes mesmo de ter o bairro. A gente já morava aqui na Chácara desde,[...] 2006, 2005, algo assim, e então eu vi o setor desde o início, assim que eu me formei. No ano que eu formei a gente já veio e começou com um estúdio, [...] com aulas de hidroginástica. Seis meses depois a gente já ampliou o espaço e também colocou a natação, então a gente já

trabalha aqui no setor com o estúdio [...] já tem sete anos, com hidroginástica e natação. Até tentamos outras modalidades, mas a gente decidiu ficar com foco em aquáticas (P4).

Como destacou, logo após o início das atividades, houve uma ampliação da infraestrutura comercial e dos atendimentos realizados no local. O “Estúdio de hidroginástica” passou então a contar com uma nova piscina (aquecida) e com a nova modalidade de prática corporal, a Natação. O novo local de atendimento está registrado na Figura 29, também cedida pela proprietária.

Figura 29 - Piscina aquecida utilizada para aulas de Natação e Hidroginástica (primeira piscina ao fundo).



Fonte: Cedida pela proprietária (2025).

Considerando que a história do bairro é marcada por uma grande quantidade de pessoas idosas que enfrentam, dentre outros desafios, a dificuldade de mobilidade urbana, a oportunidade de acessar localmente a hidroginástica mostra-se fundamental. Essa foi uma importância local ampliada com o acréscimo da natação, nova modalidade disponível no Comércio Local. Relevante porque se trata da primeira oferta - no bairro - de uma Prática Corporal sistematizada para diferentes públicos, incluindo bebês, crianças, adultos e idosos.

Falando sobre os alunos-clientes e os principais objetivos buscados nas práticas aquáticas, a P4 expressa:

Então no nosso espaço, os idosos [buscam] por conta de saúde, e tem o segundo público que é maior que é o infantil, que é em busca de atividade física para as crianças mesmo: gastar energia, ter ali um momento para a criança, e também busca, primeiramente é isso. As mães falam mais “ah gastar energia” e tudo mais. Depois a questão da segurança aquática, que é aprender a nadar. Em terceiro plano, no caso do infantil, é buscar uma prática de atividade física, de exercício físico. É mais em busca de gastar energia e de aprender a nadar, e os idosos a questão da busca de saúde. Na nossa vivência, do estúdio, quem busca [somente] pela prática do exercício físico são poucos (P4).

Ao pensar sobre uma importância para aos idosos em particular, os profissionais do Estúdio destacaram:

Eles adoram a questão mais “social”. Às vezes o idoso está... não quer fazer atividade, mas chega lá na gente e fala assim “ó e eu estou cansado, mas eu vim para participar”. Aí ela começa a atividade, faz um exercício, faz outro. Mas a conversa com o “vizinho” está fluindo (P5).

Muitos são sozinhos, os idosos (P4)

É que a gente acha assim, “não!”. Mas é benéfico para ele. Às vezes, para nós, você fala “não, ela fica assim meio assim, não”. Mas às vezes você está fazendo o bem para ela e você não está sabendo. [...] é benéfico para ele, porque às vezes mora sozinho, não conversa. A pessoa só conversa no dia que ela vem na aula (P5).

Além disso, é relevante salientar que, ao abordar a questão do perfil socioeconômico e a acessibilidade aos serviços ofertados nos comércios locais da Cultura Corporal, os profissionais do Estúdio - que já trabalharam em projetos sociais de Futebol de várzea e Hitbox<sup>78</sup> desenvolvidos em Trindade, Goiás (cidade vizinha) - apresentaram características de pertencimento e territorialidade<sup>79</sup> (Santos, 2020). Em outras palavras, expressaram “[...] saber local, que é nutrido pelo cotidiano, é a ponte para a produção de uma política” realmente social (Santos, 1999, p. 21):

Eu vejo que a nossa região é uma região mais humilde. Então por isso que eu sempre tive esse desejo de ter um projeto social para alcançar esse público que às vezes

<sup>78</sup> Treinamento que mistura tanto exercícios calistênicos e aeróbicos, quanto movimentos da ginástica localizada orientados pelo ritmo de músicas populares.

<sup>79</sup> “[...] cultura e territorialidade são, de certo modo, sinônimos. A cultura, forma de comunicação do indivíduo e do grupo com o universo, é uma herança, mas também um reaprendizado das relações profundas entre o homem e o seu meio, um resultado obtido por intermédio do próprio processo de viver. Incluindo o processo produtivo e as práticas sociais, a cultura é o que nos dá a consciência de pertencer a um grupo, do qual é o cimento” (Santos, 2020, p. 81)

realmente quer ter a prática do exercício físico, quer cuidar do bem-estar, da saúde mental, quer cuidar do seu corpo, mas realmente não tem como tirar da sua renda familiar.

Ah, por mais que a modalidade ali seja 70, 80 reais. Mas não pode. Se ela tirar esse valor ali daquela da renda da família dela, vai fazer falta. Então por isso que eu sempre tive o desejo de fazer fluir um projeto social aqui na nossa região, porque eu vejo que a nossa região é uma região humilde.

Então eu vejo que muitas das pessoas aqui não estão praticando um exercício em um espaço como o nosso por questão financeira mesmo. Vou dar um exemplo. Uma mãe que tem três filhos. A Natação, 120 reais. Ela vai poder tirar da renda familiar dela esse valor para proporcionar para o filho essa vivência do esporte, de um exercício físico?

Então eu vejo que a nossa região é muito humilde e é carente de projeto social.

Então eu vejo que a nossa região ainda é muito carente de ter acesso à prática do esporte. E eu acho que é mais por questão financeira. Não sei (P4).

A vulnerabilidade social da população do Residencial Buena Vista, amplamente discutida nos Capítulos I e II, é apresentada na fala da P4 como um dos grandes problemas para o acesso às formas sistematizadas da Cultura Corporal. Uma observação que a leva a considerar os projetos sociais como estratégia para enfrentar esse problema de origem estrutural. No entanto, como já foi apresentado, o referido problema é um produto do período histórico atual (Santos, 1997; 2023a Soares, 2007), que, no processo de transição para um novo período, com novas formas e bases do trabalho e sociabilidade humana, deve ter suas consequências atenuados por meio de Programas e Políticas Públicas que verdadeiramente atendam as demandas sociais. Como disse o Profissional que já deu aulas em um projeto social do bairro:

Assim, eh... eu vejo que as crianças, até os pais, eles anseiam que os filhos tenham alguma oportunidade, independente do que seja, se é futebol, se é o que quer que seja, mas o poder público deixa muito a desejar. Eh, eu acredito que teria que ter algumas políticas públicas voltadas para os bairros, para atender essas, tanto as famílias quanto as crianças. Porque, eh, tem uma demanda muito grande. Se você for levantar uma pesquisa, tem muita criança, muitos jovens que já estão perdidos nas drogas, principalmente naquela região ali do Buena Vista (PPS).

Outra mediação do tipo comércio local da Cultura Corporal produzida neste período é uma de academia de ginástica, localizada em um prédio com dois pisos construído de frente a uma praça pública no Residencial Buena Vista IV (Figura 30). Instalada em 2018, oferece a prática de diferentes modalidades como musculação, ergometria, zumba, treinamento funcional e luta (Kick Box ou Muay Thai).

Figura 30 - Academia de ginástica localizada no Residencial Buena Vista IV (2018).



Fonte: *Street View* (Google, 2025)

Semelhante ao Estúdio de Hidroginástica e Natação, a Academia de Ginástica atende um público diversificado. É uma empresa que não vende apenas o acesso ao espaço, às instalações e aos equipamentos de práticas corporais, também vende serviços com ênfase na saúde, na estética, no lazer, na recreação, ou em outros aspectos.

Refletindo sobre o público de alunos-clientes mais atendidos neste comércio local, o P3, profissional de Educação Física que trabalha na academia destacou:

É... Sabe qual é o público que vai para a academia lá?  
 Tem aquele grupo que junta lá de menino e menina, e vai treinar.  
 Agora, da idade mais avançada, 30 a 50 anos, é mais para manter a saúde mesmo; o médico mandou fazer um exercício físico, alguma coisa, tal: para baixar a glicemia, a pressão arterial, alguma coisa desse tipo.  
 E lá a minoria é a pessoa mais idosa. Mas vão lá, mas igual a P4 falou, mais para socializar, para estar perto de pessoas ali, para conversar, para manter a vida ativa também (P3).

Adentrando na questão do perfil socioeconômico e acessibilidade aos serviços ofertados nos comércios locais da Cultura Corporal, o profissional que atua na academia destacou uma constatação semelhante à descrita pela P4: a vulnerabilidade como um dos grandes problemas para o acesso às formas sistematizadas da Cultura Corporal.

Nessa questão ela [P4] tem razão, lá na academia, de vezes quando aparece alguma mãe, só que mãe solteira, faz um mês, faz outro, e para, com essa questão. Então uma mulher lá [...], ela estava fazendo desde a época que eu entrei. Aí passou acho que uns sete, meses, oito meses, e ela parou, porque ela tinha três filhos e não tinha condição de continuar pagando (P3).

Mais do que fortalecer a informação sobre o contexto socioespacial identificado pela P4, a fala do P3 apresenta um dado objetivo que sustenta um pressuposto aqui defendido, de que o problema do pouco acesso e prática dos elementos da Cultura Corporal não está circunscrito à falta de vontade, ao desinteresse ou à “preguiça” das pessoas. É um problema de origem estrutural e global, que na relação local-global determina aspectos do cotidiano da população. Assim, a vulnerabilidade social, a falta de acesso e a negação de direitos básicos - como produtos da perversidade da globalização - resultaram, num quadro espacial, em que a pouca condição econômica de muitas famílias se soma à usurpação do conhecimento humano historicamente produzido. O que faz com que pessoas, alienadas que estão, não consigam ver as Práticas Corporais e os conhecimentos nelas cristalizados como um direito, sem entender sequer os “porquês” dessas práticas, os possíveis benefícios e a importância individual e social de incluí-las em seu dia-a-dia:

Eu estava percebendo aqui, falando sobre o perfil do bairro, eu acho que que ainda existe talvez uma falta de conscientização [conhecimento], eu analisando aqui, a maioria das alunas falam assim, “ah não, mas eu vim porque eu precisei, porque eu não gosto desse negócio de estética, meu corpo pra mim tava bom, mas é porque eu tô sentindo uma dor aqui, outra ali”. Então assim, elas atrelam, muitas pessoas atrelam o exercício físico à estética, então, às vezes não é uma coisa importante assim, de primeiro momento. E aí geralmente, também tem a questão assim, das crianças, né. Os pais estão muitas vezes no serviço, igual o P1<sup>80</sup> falou, então não tem quem traz, não tem quem monitora os meninos, eles vão pra rua, já teve muitas crianças chegando aqui, falando, “fico querendo fazer aula experimental”, [a gente fala] “faz”, [a criança responde] “não tio, mas a minha mãe não tem como pagar”. Então assim, acho que são dois fatores, acho que a falta de conscientização é um ponto, e também a carência financeira, como foi falado (P2).

A fala da P2 sintetiza questões como a falta de conhecimento - que incorpora um senso comum que associa a realização de Práticas Corporais exclusivamente à melhora da estética -, a vulnerabilidade, e ainda as relaciona à extenuante rotina de trabalho de boa parte da população; situações “naturalizadas” por uma divisão social do trabalho e pelo poder da propaganda, que dissemina e reproduz a perversidade da globalização (Santos, 1997; 2004; 2014; 2020; 2023a). Assim, de modo geral, houve entre os profissionais de Educação Física que participaram do grupo focal e entrevista, um consenso sobre a realidade vivida e observada a partir de uma interpretação crítico-social. Constatação que confronta outro tipo de interpretação, alimentada pelas mídias sociais e valores da ideologia hegemônica, amparadas

---

<sup>80</sup> Fala já citada no Capítulo II: “então, eu acordo 4 horas da manhã, mais ou menos, 3 horas pra ir trabalhar. Então são horários que os pais estão indo trabalhar. E quando eu saio daqui da academia, a hora que eu vou chegando em casa [22h], é a hora que os pais estão, a maioria deles estão voltando” (P1).

no individualismo, na responsabilização individual e na desconsideração dos determinantes sociais. Contraditoriamente, uma forma de pensar expressa por profissionais da Saúde que trabalham no CSF do bairro:

Eu acho que o maior desafio é aqui, na mente. Porque a correria do dia a dia não justifica. Eu acho que nada justifica você não praticar exercício físico; nada justifica. É mesmo a educação mesmo, de saber que aquilo ali é importante. Do mesmo jeito que você vem aqui no médico. Que você tem que beber água....E “Não bebe água”. É simples, é uma coisa simples e a pessoa não faz, ela não bebe água. (ACS3).

Essa fala cita a educação, mas não reconhece consequências da negação da educação para essa população. Apesar disso, apresentou-se, no grupo focal, acompanhada de concordância por quase todas as demais ACSs participantes. Outras interpretações fundamentadas na mesma lógica também foram identificadas em outras falas, tanto em entrevistas quanto grupos focais.

Em síntese, neste período foram identificadas três academias temporárias, uma “Quadra de Esporte, Lazer e Eventos”, um “Estúdio de Hidroginástica e Natação” e uma “Academia de Ginástica”. Estas foram as firmas do tipo comércio local da Cultura Corporal do período intermediário.

#### **4.2.3. Infraestrutura pública: o caso de duas praças públicas**

Completando o cenário das mediações da Cultura Corporal produzidas no território durante o período intermediário, destacam-se a inauguração de duas praças públicas: uma no Buena Vista IV e outra no Buena Vista I, entregues à população respectivamente em 2018 e 2019.

Nas Figuras 31 e 32 é possível ver a paisagem da primeira praça (registrada por satélite e drone respectivamente), uma infraestrutura que oferece aos habitantes um campo de várzea - que já havia sido produzido pela comunidade desde o início do bairro (2010) -; uma pista de caminhada com aproximadamente 390 metros de comprimento; um parquinho infantil com escorregador, gangorra e escalada horizontal, instalados em caixa de areia; e uma pequena área concretada com bancos de madeira. Essa é uma rugosidade produzida pelo poder público em uma região que teve lotes vendidos pela Real Negócios Imobiliários no Buena Vista IV.

Figura 31 - Imagem de satélite da Praça pública do Buena Vista IV (2019).



Fonte: Adaptado do Google Earth (2025).

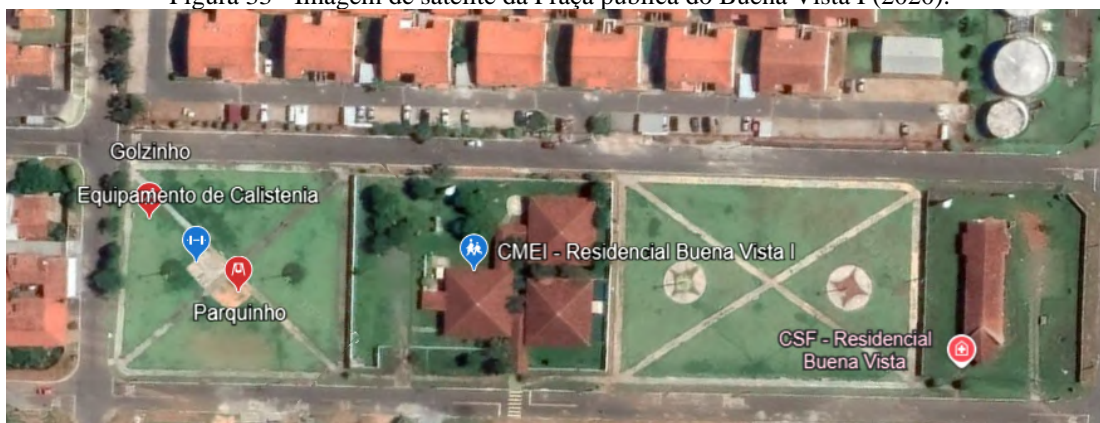
Figura 32 - Vista aérea da Praça pública do Buena Vista IV (2024).



Fonte: Autor (2025).

Nas Figuras 33 e 34 é possível ver a paisagem da segunda praça (registrada por satélite e *Street View*), uma infraestrutura dividida em duas APMs (1 e 2) - originalmente não destinadas a esse tipo de equipamento. Essa praça foi entregue com uma pista de caminhada com aproximadamente 500 metros de comprimento, dividida nas duas áreas públicas: ao lado do CMEI e entre o CMEI e o CSF do bairro. Além disso, ao lado da creche, disponibiliza as seguintes infraestruturas: um parquinho infantil com escorregador, gangorra, escalada vertical e balanço instalados em uma caixa de areia; e equipamentos de ginástica calistênica, com barras fixas em três alturas, barra paralela e três níveis de plataforma para abdominais.

Figura 33 - Imagem de satélite da Praça pública do Buena Vista I (2020).



Fonte: Adaptado do Google Earth (2025).

Figura 34 - Imagem da Praça pública do Buena Vista I (2021).



Fonte: Google Earth (2025).

Apesar de não haver um campo de várzea na segunda praça apresentada nas Figuras 33 e 34, desde seu início, uma parte do gramado é usada para prática do “golzinho”, um tipo de futebol popular:

Porque o futebol menino joga na pracinha, o jovem o adolescente. Aí aqui nessa pracinha, próximo a nós, é bem legal. Se você chegar ali, você vai ver um lugar ali que não tem mais grama. Por quê? Porque os meninos... colocaram o golzinho lá, mas eu acho melhor acabar com a grama mesmo, mas vai ter um campinho, ali eles desenharam um campinho. Põe o golzinho no final do dia ali, você pode passar lá, vai estar lá, 7, 8, 12, 13 meninos, adultos correndo (P5).

Seguindo a mesma tendência do primeiro período, observa-se a força do Futebol Popular. Além disso, essa praça está localizada em frente a um condomínio com habitações sobrepostas financiadas pelo PMCMV, e próximo à um grande número de casas doadas pela PMHIS que marcou o início do bairro. Como apresenta uma líder local, a redondeza da praça é uma região caracterizada pela presença de muitas pessoas idosas: “[...] o Buena Vista 1 e o Buena Vista 2, a gente tem uma quantidade de população muito idosa, é perfil, a gente vê a quantidade, tanto é que os médicos entram e eles falam” (L4).

De acordo com as conversas registradas nos grupos focais, as duas praças foram identificadas como infraestruturas muito utilizadas pela população. Por proporcionarem duas grandes áreas limpas e iluminadas, favorecem a prática de diferentes elementos da Cultura Corporal. São espaços de manifestação dos jogos, das brincadeiras, dos esportes, das práticas corporais de aventura, representadas pela prática do ciclismo, patins, patinetes e outros.

Sobre a primeira praça produzida no Buena Vista IV, a ACS6 destacou: “[...] eu moro próximo de lá e eu sempre vejo, no final tarde e à noite, até o final da tarde tem crianças jogando bola, e a noite tem a noite tem adulto”. Para uma melhor descrição, a seguir estão destacadas mais duas falas que caracterizam as praças:

Às vezes eu deixo de ir naquela pra andar com cachorro, eu deixo de ir naquela do 4, de frente à academia, pra vir nessa daqui, porque eu sei que ela tem mais gente, é mais organizada, é mais limpinha, então, essa daqui atualmente eu acredito que ela seja [...] a mais cuidada, né? Na outra lá do, na outra lado do 4, eu sei que parece que arrancaram uns bancos. Tinha uns bancos de madeira lá, tiraram (M7).

Então essa praça aqui é boa também, né. A praça que é perto ali do da creche, né, que é do lado da creche e do postinho ali, são duas praças, também que tem opção né, de fazer algo pra comunidade. Você pode ver que lá a maioria das vezes tá tudo organizado, tá capinado, você não acha lixo, lá tem várias lixeiras. Então, assim, lá é um local também que daria é algo para a comunidade também, pros idosos passar o dia, né (M1).

É relevante sublinhar a importância de aspectos relativamente simples que fazem a diferença nessas praças: a organização, a presença de lixeiras e a limpeza. Essas condições básicas contribuem para o maior fluxo de pessoas, para o cuidado do espaço e a segurança na utilização do equipamento público. Contudo, apesar do reconhecimento dessas infraestruturas de uso comum, representado pelo usufruto da população, foram identificados aspectos de depredação: na praça do Buena Vista IV houve vandalismo nos bancos de madeira (“Tiraram tudo, arrancou” - M3); e na praça do Buena Vista I, uma tentativa de estabelecer um local de encontro para o comércio e consumo de drogas, “possibilidade” essa evitada pela presença constante da população:

Aqui é interessante, porque teve algumas vezes. Sempre teve a pracinha aqui. Aí eu passei e tinha muito menino, usando maconha. Aí de um tempo pra cá, como está vindo muita gente, muitas famílias e muito menino também, eles tipo que deu uma... [sinalizou redução com as mãos]. Quando eles vêm quando eu estava fazendo a caminhada aqui, eles estavam indo pra cá assim [ mais para a extremidade da praça, saindo da área mais movimentada]. Mais escondidinho, porque eles ficam acuados né, onde tem o movimento de gente eles não querem ficar lá, e aí nesse tempo eu achei interessante. Interessante porque eu cheguei em casa 21h, aí meus meninos estavam lá e eu falei, vamos, aí eles pegaram a bicicleta e a gente veio, e eu fiquei aqui até umas 21h40, e a praça cheia de gente, cheia de meninos jogando bola. Tinha um grupinho lá dos predinhos jogando bola, achei meio interessante, porque quase não tinha... (ACS3).

A inclusão da rugosidade no cotidiano da população demonstra que o objeto espacial adquire sentido e significado no local. Fala-se de uma territorialidade que possibilita a constituição de valores mais amplos, incluindo a convivência, a solidariedade, a individualidade<sup>81</sup>, o cuidado com o bem comum, entre outros. No entanto, certamente esse reconhecimento do objeto espacial não é universal nem estável na sociedade de moradores, o que o torna suscetível a ser confrontado por ações e valores divergentes de grupos particulares, semelhante ao que foi exposto na citação, que abrange a depredação e o consumo de drogas. Um processo que retrata a força que a população tem quando utiliza os equipamentos promovendo o cuidado e proteção do bem comum.

#### **4.3. Período de 2020-2025: as novas infraestruturas produzidas pelo Estado, o comércio local da Cultura Corporal e a mobilização social como mediações da Cultura Corporal**

Neste tópico a análise abarca mediações presentes em um recorte temporal que se inicia no ano de 2020, com o marco da entrega da PEC do Buena Vista IV, e termina em junho de 2025. Começando com uma atualização do que permanece até este período, apresentando as “últimas”<sup>82</sup> condições e o conjunto de novas infraestruturas, serviços e programas relacionados com a manifestação da Cultura Corporal, sejam eles produzidos pela população, por instituições, por comércios locais da Cultura Corporal ou pelo Estado.

---

<sup>81</sup> A individualidade de que Santos (2020) proclama, perpassa as dimensões da consciência de si e das coisas, da personalidade autêntica, da liberdade e escolha, ou seja, da desalienação, negando a ideologia, cuja capacidade apreende a verdade:

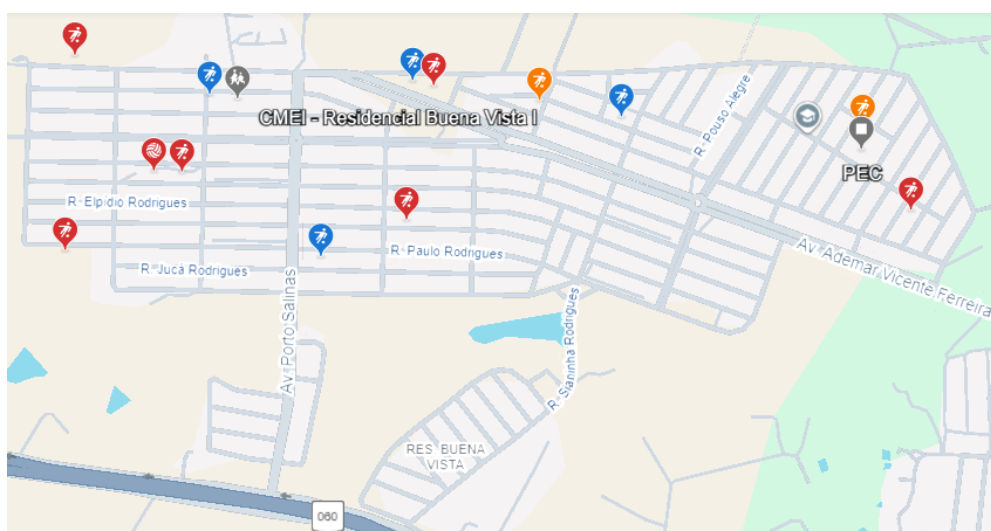
“O ato de perceber ultrapassa os sentidos e ganha a razão. É assim que se opera a metamorfose do sensorial, mudado em conhecimento. Este se alimenta da relação entre sujeito e objeto, relação em que este, permanecendo o que é e interagindo com o sujeito, contribui para que, nessa interação, o sujeito evolua. É essa mesma evolução que permite revisitar o objeto, vendo-o de forma nova, despojando-o dos símbolos que escondem a sua realidade profunda. É a vitória da individualidade, da individualidade forte que ultrapassa a barreira das práxis repetitivas e se instala em uma práxis liberadora” (p. 70-71)

<sup>82</sup> Ou seja, que puderam ser identificados no decorrer do limitado tempo dessa dissertação.

### 4.3.1. A infraestrutura produzida pela população e o meio ecológico como mediação da Cultura Corporal do bairro

Com base nas Figuras 19, 20 e 35 é possível identificar um processo de novidade, continuidade e descontinuidade dos locais de prática do Futebol Popular. Apesar do último período apresentar pequeno crescimento no número de “campos” cuidados pela população, nota-se a consolidação dos principais campos utilizados. Conforme a Figura 35, no decorrer desse período alguns campos foram criados, e, na mesma seção histórica, deixaram de ser utilizados. Esse acontecimento pode estar relacionado com o recorte temporal de cinco anos, um período marcado por grandes transformações espaciais que abrangem o perfil, a rotina de trabalho e os “hábitos” da população.

Figura 35 - Campos de Futebol Popular produzidos, continuados e desativados no Período atual.



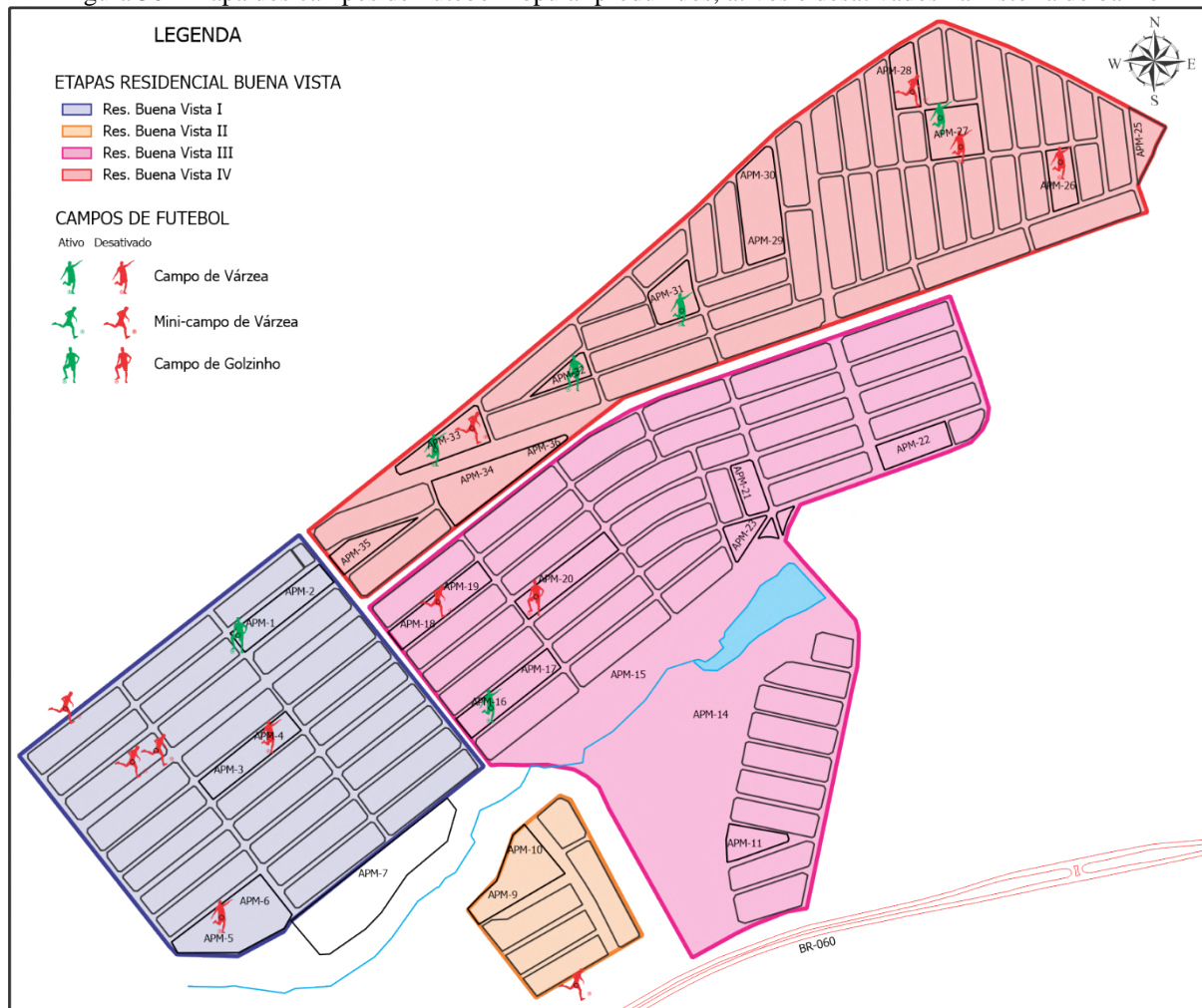
Fonte: Adaptado do Google Earth (2025)

Uma “metamorfose” espacial relacionada à chegada dos novos moradores, pessoas que compraram casas produzidas especialmente para serem financiadas através do - atualizado - PMCMV. Relembrando as palavras de um morador: “[...] quem está aqui hoje em dia, parte das pessoas que estão aqui hoje em dia são pessoas que já compraram lote agora, que estão mudando para cá agora, que estão mudando um pouco o hábito do setor [...]” (M7). Logo, o período atual registra a menor produção (três) e a maior desativação (cinco) de campos de Futebol Popular.

Em vista desse contínuo processo de produção, continuidade e descontinuidade dos locais de prática do Futebol Popular, a Figura 36 apresenta uma síntese do movimento desenvolvido nos três períodos. Assim, demonstra que os campos mais utilizados e duradouros

estão localizados em diferentes APMs do bairro, tanto nas ZEIS quanto nas regiões de lotes vendidos no Residencial Buena Vista.

Figura 36 - Mapa dos campos de Futebol Popular produzidos, ativos e desativados na história do bairro



Fonte: Autor (2025).

Sobre o meio ecológico, observa-se pouca transformação. Dentre as 36 APMs destinadas à equipamentos urbanos, 30 continuam sem edificação. Quando não ressignificados pela população, esses terrenos ainda aparecem como locais esquecidos e descuidados pelo Estado.

Destacando a represa como um local que está esquecido e descuidado, identifica-se - através de conversas com pessoas que moram nas redondezas - que, apesar da queda na quantidade de frequentadores, a lagoa continua a ser uma importante rugosidade para manifestação de práticas corporais e outras atividades de lazer. Entretanto, registra-se, na prática da caminhada, o impacto acarretado pela falta de uma mínima infraestrutura adequada; ausência que se torna empecilho para o mínimo aproveitamento do local:

[...] lá é um ótimo espaço, é um espaço que hoje se você for colocar no Google, ele vai mostrar lá como “Parque Ecológico do Buena Vista”, alguma coisa assim. [...] Mas hoje se você for lá, você não vê o espaço para caminhar, você não vê, tipo assim, não está bem cuidado, então é um espaço bonito, é um espaço que você tem conexão com a natureza, é um espaço que ele tem um tamanho legal pra você, pelo menos fazer uma caminhada do 3 até a entrada lá no 1, ou então dar a volta nas duas entradas [do setor]. Ele é um espaço bom, é um espaço promissor, é um espaço que tem condição de chamar pessoas pra lá. Eu conheço muita gente, por exemplo, quando eu pego Uber, [...] ele entra por aquela entrada da represa, ele olha e fala assim, “nossa, mas que lugar bonito, o que é isso aqui? O pessoal pesca aqui? O pessoal toma banho? o pessoal faz o que aqui? é reserva? é o que?” (M7).

Como foi apresentado, este Parque é uma promessa para o bairro, e as condições que dificultam sua instalação envolvem aspectos como, a disputa territorial entre um morador e o Estado, o funcionamento burocrático do Estado, a localização periférica do bairro, e a condição de classe (Santos, 1997; 2023a) de quem mora no Buena Vista<sup>83</sup>. Neste sentido, considerando que é dever do Estado promover e proporcionar o acesso ao Esporte, à Saúde e ao Lazer (Brasil, 1988), as particularidades do bairro reforçam a necessidade dessa infraestrutura no processo de satisfação dessas necessidades e desse direito na população que reside no bairro.

#### **4.3.2. Os projetos sociais da Cultura Corporal**

De modo geral, a ausência do Estado evidencia no território a carência de ações direcionadas à Cultura Corporal, o que justifica a criação e manutenção de projetos sociais ligados às Práticas Corporais. Contudo, as iniciativas produzidas na própria comunidade - a partir de pessoas ou instituições locais - enfrentam dificuldades para se fixar. A falta de locais adequados para a prática, a escassez de recursos para contratar professores ou para adquirir os materiais necessários, e a necessidade de voluntários - dentre outras questões - limitam a oferta e a diversificação das atividades, comprometendo o acesso da população. Essas, muitas vezes restritas ao Futebol e público masculino.

Além disso, o início do último período foi marcado por uma crise mundial - de dimensão sanitária e de saúde - decorrente da pandemia de COVID-19 (2020-2023), evento que confere uma característica particular a este recorte temporal. Ou seja, além dos desafios já mencionados, os projetos sociais em atividade passaram por um longo período de incertezas, marcado por orientações de saúde e restrições de circulação que divergiram do modo de vida

---

<sup>83</sup> Estes dois últimos aspectos devem ser considerados, porquê, quando Santos (2004, p. 228) fala sobre as forças internas do espaço, o autor destaca “[...] população tomada como um todo, a importância da população concentrada, o grau de urbanização, o nível de industrialização, o nível de consumo, o nível cultural etc.”.

“normal” determinado pela lógica do mercado (Pasquim; Martinez; Furtado, 2021). Uma conjunção de fatores que provocou atritos na estrutura social capitalista, mesmo quando os cuidados prescritos eram fundamentais à saúde do trabalhador:

Poucos dias após a Organização Mundial da Saúde (OMS) reconhecer o novo coronavírus como uma Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional, foram adotadas várias medidas não farmacológicas para reduzir a contaminação em massa. No Brasil as medidas envolveram a implementação gradual de campanha “Fique em casa”, fechamento de restaurantes, shoppings, escolas, academias de ginástica, entre outros estabelecimentos comerciais e de serviços não considerados essenciais. Posteriormente, o uso de máscaras foi recomendado ou tornou-se obrigatório e o Congresso Nacional aprovou o auxílio emergencial. Essas estratégias reforçam o distanciamento social, medida que busca restringir aglomerações (Pasquim; Martinez; Furtado, 2021, p. 2).

A pandemia de COVID-19 foi um evento histórico que impactou toda a estrutura social. Produziu inúmeros impactos socioespaciais, seja pela quantidade de vidas perdidas, pela migração do trabalho presencial para o regime parcial ou totalmente remoto. Um conjunto de situações com efeitos mais intensos e destrutivos na classe trabalhadora, principalmente em populações marcadas por baixos salários, mínimo acesso à saúde, educação e informação.

Na forma de uma contradição interna, a condição histórica que dificultou a sobrevivência dos projetos sociais relacionados com a Cultura Corporal, únicos programas gratuitos disponíveis no Residencial Buena Vista, produziu, com o passar dos meses, maior importância sobre esse tipo de ação. Acontecimento que tem relação com a quantidade de crianças e jovens que ficaram em casa em decorrência do ensino remoto, distanciados do convívio com seus pares e de oportunidades de vivenciar a Cultura Corporal.

Justamente neste cenário pandêmico destaca-se o fim de um projeto social de Futebol iniciado e mantido por uma instituição religiosa local:

Com a pandemia, esse projeto se extinguiu, mas ele era um projeto gratuito, onde antes do futebol sempre tinha uma palavra e um lanche que eles levavam para as crianças, tudo totalmente gratuito. E aí veio a pandemia, esse projeto tentou se sustentar, mas não conseguiu. Após a pandemia tentou voltar, [...] e pelo que eu fiquei sabendo o projeto acabou, mas fora isso ali na região do Buena Vista 2 nunca teve nada (M2).

Por outro lado, os anos “finais” da pandemia marcaram o início de outro projeto social relacionado ao Futebol Popular, iniciado e coordenado por uma instituição local vinculada à Central Única das Favelas (CUFA) - organização nacional de reconhecimento internacional. Com atuação recente, essa iniciativa foi mencionada em todas as entrevistas e grupos focais, sendo detalhada na conversa com um PEF que já foi voluntário no projeto local.

Apesar de não morar no bairro, o PPS trabalhou como voluntário entre os anos de 2023 e 2024. Sua aproximação ao projeto aconteceu porque ele e a coordenadora da instituição local (Associação Privada sem fins lucrativos) trabalhavam em instituições que desenvolviam projetos em parceria com a CUFA.

E através desse projeto eu conheci a coordenadora lá dentro. Aí eu fiquei sabendo que ela tinha um outro projeto, na Associação [...], que trabalhava com esporte, só que ela não tinha um professor. Lá funcionava como uma recreação. E aí ela chegou a mim e perguntou se eu não queria dar uma ajuda a ela lá, no projeto social dela. Até na época, falei pra ela: "sim, eu ajudo, só que, com uma condição de ajuda de custo, pelo menos para deslocamento, né?" (PPS)

Sendo atendida a condição apresentada, o PPS permaneceu no projeto por aproximadamente dois anos. Nesse período, realizou atividades de acordo com o cronograma de amistosos, jogos e copas organizadas pela CUFA, permitindo que as crianças atendidas participassem de diversos eventos e competições:

E lá fiquei no projeto por quase 2 anos, mais ou menos, trabalhando no projeto, levando os meninos para jogar amistosos e jogos na região toda. Até levei alguns meninos para Caldas Novas, eles jogaram em alguns times lá. E, na Taça das Favelas, né? Que era o foco do projeto: formar os meninos, preparar eles para jogar a Taça das Favelas por meio de mobilizações (PPS).

Atendendo uma média de 70 pessoas, o projeto teve significativa importância para muitas crianças e jovens moradores do bairro.

Geralmente eu dividia. No horário das 8:00 eu fazia com as crianças menores, né? 10, 11, 12, até 13 anos, e as turmas maiores a gente começava ali com 14 anos pra cima. Aí dava um grupo bom. Tinha algumas meninas que vinham, eh, duas, três, mas era muito pouco.

E teve uma época que a gente tava com tanto aluno que a gente fez dois terrões [campo varzeano], tinha o principal e abaixo dele já tinha um outro terrão, que a gente tinha que dividir as turmas, tão grande que tava a turma (PPS).

Figura 37 - Vista aérea do principal campo utilizado pelo Projeto da instituição local no Buena Vista IV (2024).



Fonte: Autor (2025).

Figura 38 - Campos utilizados pelo Projeto da instituição local a APM-33 do Buena Vista IV (2024).



Fonte: Adaptado do Google Earth (2025)

Neste contexto, o PEF também destacou que ele e a instituição local tinham interesse em preparar uma equipe mais competitiva para concorrer nos torneios. No entanto, a falta de verba dificultou a implementação de uma rotina de treinamento mais frequente:

Até eu falava com ela que ela queria que a gente montasse um time competitivo, só que para montar um time competitivo você tem que treinar ou todos os dias, ou ao menos duas vezes na semana, e jogos aos finais de semana. E na época, então, ela falou que não tinha condições de ajudar com um custo para ter todos os dias, nem para ter alguns dias na semana. E aí a gente só, basicamente, treinava nos finais de semana (PPS).

O anseio por melhores classificações nos campeonatos dirigidos pela CUFA, organizados em etapas regionais, estaduais e nacional, pode ser um resultado da busca pela promoção de uma “ascensão social através do esporte”, ideologia que penetrou no próprio projeto social; notadamente, uma influência do Esporte Espetáculo. Isso porque, além da transmissão em diferentes mídias sociais, as finais destes campeonatos (masculino e feminino) são caracterizadas pela presença de olheiros que estão atentos a novos “talentos”.

Apesar da participação de algumas meninas, o foco do projeto estava sobre as competições masculinas: “até na época, eu sugeri pra ela a gente montar um time feminino, só que teria que ter uma professora feminina, que se identifica mais com as meninas, né? Eh, assim, o professor é bom e tudo, mas uma professora feminina ia atrair mais as meninas, né?” (PPS). Por este motivo e com vista às divisões etárias dos campeonatos mencionados, a ação social ficou restrita aos meninos com faixa etária entre 10 e 17 anos.

Outro aspecto identificado refere-se à oferta de materiais para a prática esportiva. Considerando a condição de vulnerabilidade das famílias atendidas, o projeto buscou doações de chuteiras e outros equipamentos necessários para a participação nas aulas. Nas palavras do PPS, “[...] ela [coordenadora do projeto] correu demais atrás de doações de chuteiras, as próprias chuteiras deles, a coordenadora que foi atrás. E ela tinha, as chuteiras guardadas, eles utilizavam e depois devolviam para o projeto”.

Coordenado por uma instituição local com suporte de uma instituição nacional com atuação global, o Projeto Social também atendia as famílias com doação de cestas básicas, vale-gás e realização de bazares. Além disso, levava os moradores associados para eventos locais, regionais ou nacionais por meio de veículos privados ou públicos fornecidos pela CUFA-Goiás ou pela prefeitura.

Ainda assim, apesar do reconhecimento e da importância do projeto no bairro, o PPS relatou um acontecimento relacionado ao narcotráfico, citando uma ameaça feita pelo pai de um aluno que participava das atividades do projeto:

Ele falou: "Meu pai não tá gostando que você está trazendo nós pra cá". Porque devido ao menino ter alguma influência com alguma droga, alguma coisa, nós estávamos tirando ele de lá e trazendo pro esporte. E o menino chegou a me ameaçar, falou assim: "Meu pai não tá gostando que você tá dando a escolinha pra nós aqui, não sei o quê" (PPS).

Apesar disso, por ser conhecido na região e perceber a importância do esporte para essa população, o PEF não interrompeu as atividades ou denunciou a situação. Sem atribuir mérito demasiado ao esporte no processo de “superação” do comércio e consumo de drogas,

esse acontecimento retrata um desconforto do crime organizado quanto à ocupação do tempo livre dessas crianças e suas famílias. Isso pode ter relação com o fato de que, além do tempo destinado ao treinamento, as crianças e jovens atendidos precisavam ser assíduos em outras atividades promovidas pela instituição: reuniões em uma igreja evangélica local, palestras, cursos, passeios ao cinema, participação em eventos regionais, dentre outras.

No entanto, apesar de permanecer até o início de 2025, atualmente as atividades não têm sido mais observadas no campo onde ocorriam os treinamentos, o que pode ter relação com um distanciamento entre a instituição local e a CUFA. Conseqüentemente, as crianças e jovens que participavam das intervenções não participaram da “Taça das Favelas 2025”, porque o projeto está temporariamente desativado desde o início deste ano. Além disso, a redução das atividades na instituição local também afetou a doação de alimentos, vale-gás e a realização de bazares, eventos que eram frequentes até meados do ano de 2024.

Resumidamente, este é mais um caso que realça limites dos projetos sociais, e destaca a necessidade de políticas públicas efetivas e duradouras na região. Porque mesmo o vínculo de uma instituição local com uma instituição de envergadura mundial não garante facilidades, regularidade, diversidade e um contínuo atendimento. Nas palavras do PPS temporariamente voluntário:

Eh... eu acho que, primeiramente, eles [Estado] deveriam olhar mais pro setor, né? Para a região do Buena Vista. Tanto na questão de infraestrutura quanto de segurança, para dar um apoio maior para essas famílias de lá. Eu acredito que seja esse um pontapé inicial, porque querendo ou não, tem muitas famílias ali que esperam algo, um apoio maior do do governo, né? Do poder público, e eles deixam muito a desejar. Eles vêm, fazem na época de campanha e depois somem. E eu acredito que tem que ser o ano todo, não pode ser só na época de campanha (PPS).

Considerando os projetos que atravessaram a história do bairro até o ano de 2025, destaca-se apenas a ação do Professor “Cafú”, que atualmente atende no bairro aproximadamente 90 jovens. Diante da dificuldade de participação deste “Mestre da Cultura Corporal” no Grupo focal ou entrevista individual - durante o período proposto no projeto submetido ao CEP - a identificação da história do projeto foi realizada por meio de conversas informais com este morador.

Coincidindo com o começo do bairro, o projeto do Professor “Cafú” foi iniciado como uma ação individual. Com o tempo, o treinador passou a ser ajudado por uma igreja local, desenvolvendo os treinamentos e outras atividades vinculadas à programação da instituição religiosa do bairro. Desde o início o Professor “Cafú” promoveu atividades com grupos de

Futebol masculino e feminino, um trabalho que era mantido com apoio financeiro buscado em diversos comércios instalados no bairro e região.

Atualmente o projeto social atende aproximadamente 75 alunos e 15 alunas, com uma rotina de atividades desenvolvida quatro vezes por semana, realizadas das 14h30 às 18h30 de cada dia; por vezes ligadas aos trabalhos da instituição religiosa local. De acordo com o Mestre da Cultura Corporal, o trabalho é mantido através da ajuda mensal de R\$300,00 reais, juntamente com a disponibilização dos materiais necessários, ambos custeados pela igreja local. Como forma de ajudar na manutenção do projeto e custeio de outras despesas relacionadas, o Professor “Cafú” continua a buscar ajuda junto aos comerciantes do bairro e da região.

Além das ações expostas, outras atividades locais ligadas ao Futebol Popular emergem da própria população. Trata-se da criação de grupos de “pelada” e realização de campeonatos de Futebol de Várzea que marcam presença nos momentos de lazer dos moradores. Mesmo sem um específico levantamento, a incursão ao campo permitiu identificar que equipes de jovens e adultos treinam e disputam partidas, com certa frequência, nos finais de semana. Além disso, estes times amadores marcam amistosos e disputam pequenos campeonatos de “terrão” (Futebol varzeano) no bairro e na região.

#### **4.3.3. Novos elementos de mediação da Cultura Corporal produzidos pelo Estado: a Praça de Esporte e Cidadania, a academia ao ar livre na “praça do CMEI”.**

Localizada no Buena Vista IV, a Praça de Esporte e Cidadania foi construída entre os anos de 2013 e 2020 - “inaugurada” durante a pandemia. Trata-se de um equipamento construído para oferecer importantes infraestruturas de Práticas Corporais<sup>84</sup>. No entanto, como está descrito no Capítulo II, vários itens da infraestrutura estão abandonados e inutilizados, sendo a PEC percebida como um “elefante branco” por grande parte da população.

Devido ao abandono do Estado, esse complexo esportivo e cultural sem igual na região não recebe da população um significado (conteúdo) compatível com sua infraestrutura (forma). Contraditoriamente, o espaço planejado para promover o ensino, a convivência e a vivência de atividades esportivas e culturais, bem como para minimizar os impactos da vulnerabilidade

---

<sup>84</sup> Uma quadra esportiva coberta, com arquibancada bilateral; um campo de várzea cercado por alambrado, com arquibancada unilateral; uma quadra de areia cercada por alambrado; uma pista de skate; mesas de tênis de mesa; vestiários; um parquinho infantil; um teatro/auditório para 237 pessoas; salas para o CRAS, para uma biblioteca e um telecentro

através de atendimentos e serviços locais possíveis com o CRAS, se tornou um lugar marcado pela insegurança. Uma condição que está relacionada à depredação, às constantes disputas entre torcidas de Futebol, e ao comércio e consumo de drogas nas redondezas do local.

Figura 39 - PEC, complexo esportivo e cultural produzido no Buena Vista IV (2025)



Fonte: Autor (2025).

Figura 40 - Pista de Skate, bancos e mesas de concreto da PEC produzida no Buena Vista IV (2025)



Fonte: Autor (2025).

Figura 41 - Parquinho infantil da PEC produzida no Buena Vista IV (2025)



Fonte: Autor (2025).

Figura 42 - Teatro/auditório com capacidade para 237 pessoas da PEC produzida no Buena Vista IV (2025)



Fonte: Autor (2025).

Figura 43 - Quadra Esportiva coberta da PEC produzida no Buena Vista IV (2025)



Fonte: Autor (2025).

Figura 44 - Quadra de Areia da PEC produzida no Buena Vista IV (2025)



Fonte: Autor (2025).

Figura 45 - Campo de Várzea da PEC produzida no Buena Vista IV (2025)



Fonte: Autor (2025).

Ligada apenas no final de 2023, a iluminação pública na parte externa do complexo só foi conquistada após a incessante luta e mobilização do “Ronaldo”, da população e da Associação de Moradores do bairro. No entanto, a parte interna do complexo continua sem energia, o que constitui um dos impedimentos para a instalação do CRAS ou outro órgão público na edificação. Este problema, somado à depredação, ao furto de objetos, à ausência de manutenção dos equipamentos utilizáveis e outros problemas estruturais do projeto resulta no pouco uso, na dificuldade de instalação de projetos locais, e na rápida degradação da infraestrutura construída com recurso público.

A melhor estrutura que nós temos, é aquela praça do esporte, e a gente ainda fica limitada. Se você quer fazer uma aula lá, algo assim, tem que ser durante o dia e que você não precise de energia. Porque se você precisar ligar um som, você já não tem acesso a uma fonte de energia lá. Então se você quiser trabalhar, fazer um aulão, o que seja, ou montar um projeto para ele fluir, vai ter que ser horários durante o dia e que não use nada. E atualmente aqui no nosso setor, só daria certo lá. Porque pra gente fazer um projeto nas praças em aberto, aí tem o sol, tem chuva, acho que dificulta (P4).

Além disso, foi identificado que em 2023 a Secretaria Municipal de Esporte e Lazer de Goiânia (SEMEL) solicitou, através da parceria que têm com a UFG, a elaboração de um projeto de esporte, lazer e saúde para a PEC do Buena Vista IV e outra Praça de Goiânia. Um projeto feito pelo Professor Doutor Heitor de Andrade Rodrigues, docente efetivo na FEFD<sup>85</sup>, a partir de um convite do Centro de Educação, Trabalho e Tecnologia da UFG. De modo geral,

---

<sup>85</sup> O Professor Doutor Heitor de Andrade Rodrigues foi um dos docentes que supervisionou o Estágio Supervisionado Obrigatório da graduação em Educação Física da UFG realizado no Buena Vista

o documento propõe atividades para a área externa da PEC prevendo os recursos humanos e investimento necessários, abrangendo informações sobre as Práticas Corporais a serem ofertadas, a organização de horários e um orçamento básico relacionado ao pagamento de bolsas, salários e compra de materiais (conforme detalhado no Anexo B). Um projeto<sup>86</sup> que o Professor autor considera “bastante interessante”, mas que infelizmente não foi para frente, porque além do custo anual, a infraestrutura já demanda um grande investimento para a reforma das instalações, levantamento também feito pelo Professor.

Considerando os equipamentos públicos produzidos pelo Estado, é preciso realizar uma atualização sobre a praça localizada na APM do CMEI do Buena Vista I. A praça, que já contava com parquinho infantil, equipamentos destinados à prática da calistenia, bancos de concreto e uma pista de caminhada, recebeu em 2023, a instalação de uma Academia ao ar livre e grade de proteção no parquinho. Nas Figuras 46 e 47 é possível ver os equipamentos. Além disso, na primeira imagem (Figura 46) é visível o desgaste na grama onde crianças, jovens e adultos jogam o “golzinho”:

Figura 46 - Vista aérea da praça localizada na APM do CMEI Buena Vista I (2024)



Fonte: Autor (2025).

---

<sup>86</sup> No trabalho de elaboração do projeto o autor fez visitas à praça, analisou a infraestrutura, identificou desafios e potencialidades do espaço. De acordo com ele, o maior desafio envolvia a depreciação e a falta de zelo com a infraestrutura pública.

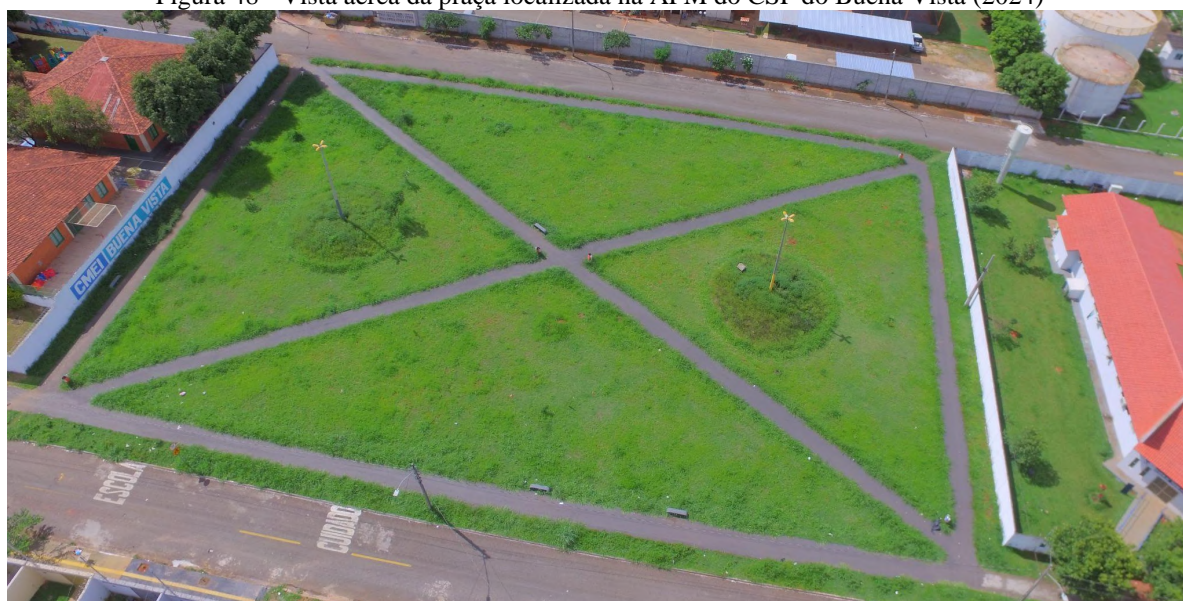
Figura 47 - Equipamentos da praça localizada ao lado do CMEI no Buena Vista I (2025)



Fonte: Autor (2025).

É pertinente lembrar que os equipamentos da praça estão localizados na APM do CMEI, e não constam no planejamento inicial do bairro. Inicialmente, a solicitação da Academia ao ar livre realizada pelo CLS do CSF Buena Vista pedia a instalação do equipamento na “outra praça” (Figura 48), localizada na mesma APM da UBS, local que, atualmente, possui iluminação, bancos de concreto, jardim e pista de caminhada.

Figura 48 - Vista aérea da praça localizada na APM do CSF do Buena Vista (2024)



Fonte: Autor (2025).

#### **4.3.4. Os novos comércios locais da Cultura Corporal e tendências no mercado das Práticas Corporais: um Centro de Treinamento esportivo, um Estúdio de Dança e um Box de *Cross Training*.**

Em 2020, mesmo ano de inauguração da PEC, destaca-se no território a produção do terceiro Comércio Local da Cultura Corporal, localizado próximo à “praça do CMEI” no Buena Vista I, na forma de um Centro de Treinamento Esportivo. Com características semelhantes ao Estúdio de hidroginástica e natação, encontra-se localizado em um lote na zona rural que margeia o bairro, e oferece aos alunos-clientes um ambiente parcialmente aberto e ventilado.

Instalado na propriedade onde reside o casal de professores/empreendedores, o Centro de Treinamento Esportivo iniciou os atendimentos à população em setembro de 2020, oferecendo apenas a modalidade Muay Thai, no espaço registrado na Figura 49. Com a ampliação das instalações realizadas desde a inauguração, no final de 2022 o estabelecimento passou a oferecer novas práticas, abrangendo aulas-treino de Muay Thai, Treinamento Funcional e Vôlei de Praia; modalidades trabalhadas na área construída registrada na Figura 50. Além disso, a instituição privada faz locação da quadra de areia para momentos de lazer da população.

Figura 49 - Centro de Treinamento de Esportes localizado no Residencial Buena Vista I em 2020.



Fonte: Autor (2020).

Figura 50 - Centro de Treinamento de Esportes em 2025



Fonte: Autor (2025).

Ao falar sobre as duas principais modalidades oferecidas neste comércio local da Cultura Corporal, a empreendedora destacou: “no Funcional são mulheres entre trinta a cinquenta, sessenta anos e no Muay Thai, adolescentes e adultos. [...] No Funcional é mais mulher e no Muay Thai são mais homens” (P2). Destacando características do principal público, constituído por mulheres adultas, ela retrata:

O nosso foco aqui no funcional é a saúde. Procura se queixando de dores, às vezes falando, não, o médico mandou procurar porque eu estou com um problema no joelho, problema na coluna e está doendo tudo. O nosso público no funcional geralmente é isso. E no final também algumas pessoas que não se adaptaram às vezes na sala de musculação (P2).

Iniciando com a modalidade de Luta (Muay Thai), que atende diferentes faixas etárias com turmas mistas, a empresa expandiu suas ofertas disponibilizando o Treinamento Funcional, e por último, o Vôlei de praia. Essa variedade de modalidades oportuniza a Cultura Corporal nas diferentes esferas: os treinos de Muay Thai podem ser voltados tanto à saúde quanto à competição; a quadra de areia pode ser alugada para momentos de lazer da população; e a modalidade de Treinamento Funcional busca oferecer um atendimento direcionada à saúde das pessoas. Logo, é uma rugosidade que fixou novas oportunidades de Práticas Corporais abrangendo as esferas do esporte, do lazer e da saúde da população.

Além da mediação apresentada, no final do primeiro semestre de 2025, após a realização das técnicas Grupo Focal e Entrevista usadas nesta dissertação, o bairro recebeu a

instalação de dois novos comércios da Cultura Corporal: um Estúdio de Dança e um Box de *Cross Training* e Luta.

Criada por um morador do Buena Vista, a primeira mediação mencionada aparece como um comércio local da Cultura Corporal, e compartilha características com o Estúdio de Hidroginástica e Natação, a Academia de Ginástica e o Centro de Treinamento Esportivo presentes no bairro. Primeiramente, o empreendedor é o próprio professor. Além disso, o estabelecimento começou com um baixo investimento inicial, tanto no local de instalação, quanto no capital fixo empregado. Ou seja, está localizado onde o aluguel é mais barato e tem pouco recurso na estrutura física e tecnológica. Sinteticamente, o estabelecimento busca atender uma demanda local, estando voltado à prática e ensino de Danças Urbanas, um conjunto de Práticas Corporais e Artísticas de origem popular.

Por outro lado, com particularidades que o diferencia das outras mediações, o segundo comércio mencionado foi instalado por um empresário externo ao bairro, mas, apesar de ser um comércio local da Cultura Corporal, possui particularidades. Isso porque - apesar das poucas informações levantadas - é um estabelecimento marcado por um maior investimento inicial, tanto no local de instalação, quanto no capital fixo empregado. Está em um galpão localizado em ponto comercial estratégico - uma avenida movimentada do bairro -, e possui um maior investimento físico, técnico e tecnológico aplicado. Apesar de não ter sido inaugurado, as observações permitiram identificar que, inicialmente, serão oferecidas três modalidades: o *Crossfit*, o Muay Thai e o Jiu-Jitsu; provavelmente partindo de preços já estabelecidos no mercado.

De modo geral, a chegada desse novo “comércio da Cultura Corporal”, aponta para uma tendência e consequentes transformações no mercado das Práticas Corporais do Buena Vista.

Primeiro, a chegada dessa nova empresa sinaliza, dentre outras coisas, que o território possui atrativos buscados por firmas da Cultura Corporal de dimensão regional, e que também podem ser de interesse daquelas de amplitude nacional ou internacional. Inicialmente, o Buena Vista era um bairro conhecido pela “violência” e “marginalidade”, pelo baixo poder aquisitivo da população - composta majoritariamente pela classe trabalhadora marcada pela vulnerabilidade social - e por ser um lugar com pouca infraestrutura e baixo interesse comercial. Todavia, as transformações produzidas pela e na população, firmas e instituições promoveram uma ressignificação do local. Assim, o bairro passou a ser visto como um loteamento em pleno desenvolvimento, e agora, apresenta-se como um lugar de relevante interesse comercial: “[...]”

é um setor que está servindo tanto para investir, pessoas que estão crescendo o olho para investir e para morar [...]” (M7).

Segundo, devido à relação dialética entre os elementos do espaço, a chegada de novos comércios da Cultura Corporal cada vez mais caracterizados pela técnica e tecnologia (Santos, 1997, 1999, 2004, 2014) - elementos relacionados ao capital fixo investido -, tende a produzir mudanças institucionais. Uma dinâmica identificada na instalação do Box de *Cross Training* no bairro. Porque a chegada deste comércio está relacionada a um investimento tecnológico e consequente aumento no preço da “mercadoria” Prática Corporal em um comércio local. A Figura 51, um informativo publicado pelo mencionado comércio local, apresenta o motivo para a alteração dos preços anteriores (Figura 52) para os atuais.

Figura 51 - informativos postados na rede social da Academia de Ginástica (2025)

**AVISO!**

Olá, pessoal!  
Devido a alguns ajustes necessários,  
a partir de 10/08, nossos preços  
terão um leve reajuste.

Isso nos permitirá continuar  
trazendo o melhor para vocês!

**ESCOLHA SEU PLANO**

PERÍODO	PREÇO
MENSAL	R\$110,0 /mês
TRIMESTRAL	R\$100,0 /mês
SEMESTRAL	R\$95,00 /mês

Fonte: Instagram (2025)

Figura 52 - informativo postados na rede social da Academia de Ginástica (2018)

**Musculação**  
**Ergometria**  
**Zumba**  
**T Funcional**  
**Kick Box**

**Planos a partir de**  
**R\$ 59,90\***

\*Valor referente ao Plano Executivo.

Fonte: Facebook (2025)

Em síntese, o Buena Vista de hoje apresenta particularidades que o tornam um “novo” lugar viável para o investimento de firmas da Cultura Corporal. Viabilidade que vai além da crescente diversidade no perfil populacional - que inclui uma fração da classe trabalhadora com maior poder de compra. Pois também está relacionada com a baixa competitividade local e com a ausência de políticas públicas de esporte e lazer que atendam à população: características que tornam o bairro um local de interesse para os empresários.

#### **4.3.5. Novas formas de mediação da Cultura Corporal gratuitas registradas no “Período atual”**

No último período, o ano de 2023 marca o início do protagonismo de outra instituição local, que passou a trabalhar em prol do acesso à Práticas Corporais: a Associação de Moradores. Contando com a presença de dois PEF (a P4, entrevistada no grupo de moradores e o próprio pesquisador), a chapa eleita em julho de 2023 começou a realizar aulões de Ritbox em duas praças do bairro: na PEC do Buena Vista IV e na praça “do CMEI” no Buena Vista I. No entanto, devido à rotina de trabalho da PEF voluntária, as atividades ficaram restritas a um encontro mensal, normalmente realizado aos sábados ou domingos. Apesar de algumas interrupções, o projeto foi mantido até o final de 2024.

Além dos aulões, o período de 2023 a 2024 também foi marcado por outras mediações. Demarca-se, neste intervalo, ações realizadas através da articulação e colaboração entre a Faculdade de Educação Física da UFG, a Associação de Moradores - representada pelo pesquisador, no papel de supervisor de campo - e o CSF do bairro. Assim, o território se tornou campo de um Estágio Obrigatório do curso de Graduação em Educação Física da UFG, denominado “Educação Física, intersectorialidade e território” (Projeto Pedagógico de Curso - PPC).

De modo geral, as atividades do Estágio no território foram realizadas no decorrer de três semestres letivos: no segundo semestre de 2023, no primeiro e no segundo semestre de 2024. Conforme a proposta da disciplina, os estudantes conheceram a história, a infraestrutura, as pessoas, as instituições, as empresas e os comércios locais da Cultura Corporal do bairro. Um conjunto de tarefas realizadas sob o acompanhamento do PEF supervisor (o pesquisador) e do docente orientador, como atividades direcionadas à compreensão da história, do contexto de Saúde, de Esporte e do Lazer da população. Além disso, as três turmas realizaram ações de

promoção da Cultura Corporal em diferentes infraestruturas, equipamentos e instituições<sup>87</sup>, atendendo a diferentes públicos em diferentes localizações.

Após o processo de territorialização, considerando a extensão do bairro, as características da população, o alcance e acesso de um maior número de moradores, a primeira turma de Educação Física - do 4º período - elaborou um planejamento de intervenções com Práticas Corporais realizadas por três grupos, divididos em “três polos”: dois condomínios localizados no Buena Vista I e a PEC do Buena Vista IV. Dessa forma, cada grupo foi acompanhado e supervisionado pelo docente orientador, pelo PEF supervisor ou por uma ACS do bairro. De modo geral, as intervenções foram realizadas nas quadras de esporte dos condomínios, e na quadra de esportes da PEC, com PCAF direcionadas à dois públicos: os idosos e as crianças. Assim, as ações seguiram uma rotina de uma ou duas vezes por semana, com dois horários programados de acordo com o cronograma de aulas do Estágio.

Olhando para a primeira experiência do Estágio, na etapa de planejamento e avaliação da turma anterior, a segunda turma propôs um novo modelo de intervenção. Isso porque mudanças na gestão da UBS trouxeram mais força à parceria entre o Estágio da UFG e a instituição, relação que permitiu a identificação de uma necessidade na dimensão saúde local: o retorno das atividades do grupo Hiperdia (grupo que envolve pessoas com hipertensão e diabetes no território), anteriormente ativo pré-pandemia de COVID-19. Considerando este cenário, a proposta de intervenção da segunda turma de Estágio buscou fortalecer o vínculo dos “usuários” com o CSF através da estratégia “grupo hiperdia”, com ações realizadas na UBS e Academia ao ar livre localizada próximo à instituição. Assim, além de promover o ensino da Prática Corporal, as intervenções buscaram dar significado ao equipamento público, disponível na forma-conteúdo da praça e academia pública e gratuita; promover educação em saúde na UBS; desenvolver conhecimentos e autonomia para o uso dos equipamentos; e principalmente, gerar no grupo um sentimento de pertencimento, que poderia resultar em uma auto-manutenção das atividades iniciadas com o Estágio.

Diante do acerto na organização das intervenções realizadas pela segunda turma, o docente orientador propôs, através de um Projeto de Extensão Universitária, a continuidade das atividades no recesso letivo. Com isso, além das três semanas de intervenção realizadas durante a disciplina, três estudantes voluntários realizaram mais três semanas de intervenção na UBS e Academia ao ar livre do bairro, continuando o atendimento à população. Neste contexto

---

<sup>87</sup> Além das intervenções apresentadas, os estudantes do Estágio Supervisionado da UFG também participaram de algumas atividades de aula ou treinamento em dois comércios locais da Cultura Corporal: no Centro de Treinamento de Esportes e no Estúdio de Hidroginástica e Natação.

realizavam duas intervenções por semana no mesmo horário do Estágio, supervisionados pelo PEF local, contando com a presença de 6-15 pessoas do hiperdia.

Na mesma direção, a terceira turma (de 2024/2) deu continuidade ao planejamento anterior, incorporando novos recursos para o desenvolvimento das atividades locais: uso de elásticos, minibicicleta ergométrica, halteres, corda naval e outros; recursos fornecidos pelos próprios estudantes ou pelo supervisor de campo. Seguindo a mesma organização dos outros estágios, após o estudo do território a terceira turma promoveu duas intervenções por semana, seguindo o procedimento semelhante ao consolidado pela turma anterior e projeto de extensão.

Assim como os outros projetos tiveram seus benefícios e desafios destacados, a apresentação geral das atividades do Estágio deve evidenciar algumas adversidades encontradas. A principal delas, certamente, esteve relacionado à dependência do interesse e da disposição de um docente responsável pela disciplina<sup>88</sup> dar continuidade às atividades no bairro. Isso ocorre porque, neste componente curricular, existe uma “relativa liberdade” de escolha do campo de atuação, escolha que, por sua vez, costuma considerar aspectos como a distância do bairro, a possibilidade e a vontade de um grupo mínimo de estudantes matriculados se deslocarem para o local, bem como a própria viabilidade de o docente realizar e manter esse deslocamento semanal. Dada a localização periférica e a distância de 26 quilômetros entre o bairro e a UFG, este foi um ponto fundamental que demarcou o começo e o fim da atuação do Estágio no Residencial Buena Vista. No geral, a permanência do Estágio no bairro foi conduzida por três docentes, mas foi descontinuada, dentre outros motivos, em decorrência de mudanças no quadro de professores da disciplina<sup>89</sup>.

Outro desafio encontrado foi a periodicidade das intervenções e a participação da população. Acertadamente, o cronograma da disciplina previa exposições de conteúdo, pesquisas individuais e estudos dirigidos ligados à temática do Estágio, além de um conhecimento mínimo do território antes de iniciar os trabalhos em campo. Esse processo - que demandava alguns meses - organizava o Estágio em dois momentos. O primeiro era iniciado em sala de aula e continuado em campo, com uma territorialização por meio de visitas, observações, entrevistas e outros recursos. O segundo momento era iniciado no campo com as intervenções locais, sendo finalizado em sala de aula, com a organização do “Relatório Final

---

<sup>88</sup> O quadro docente da disciplina é formado por três professores orientadores, cada qual direcionado a um campo de estágio, local de estudo e intervenção dos discentes, que também possuem relativa liberdade na escolha do local de atuação.

<sup>89</sup> Essa mudança está relacionada com a ausência de um quadro de professores efetivos mais amplo, que favoreça a permanência do docente na disciplina. Uma manutenção fragilizada por conta das dificuldades e incertezas dos trabalhadores submetidos ao contrato temporário.

de Estágio”. Assim, as intervenções ocorreram durante um período variável de três a oito semanas, intercaladas por meses sem intervenção: intervalos que impactavam a continuidade da participação da população. Registra-se que em alguns momentos essa dificuldade foi atenuada com a atuação voluntária do PEF local, que conseguiu manter as atividades durante algumas semanas nos intervalos entre os Estágios.

Cabe ainda destacar que, mesmo sob orientação docente, as intervenções de cada turma de estágio apresentaram características próprias e passaram por desafios particulares, visto que o planejamento das intervenções estava intimamente relacionado à individualidade de cada grupo. Apesar disso, algumas observações comuns foram identificadas nas diferentes turmas do Estágio: a vulnerabilidade da população, a necessidade local de um significado à PEC, e a necessidade de atividades de promoção da Cultura Corporal para o público idoso e adulto. Ademais, as atividades de ensino e orientação de Práticas Corporais constituíram a primeira intervenção gratuita e aberta direcionada ao público adulto-idoso, configurando-se como uma mediação da Cultura Corporal na esfera da saúde local que marcou a história do território.

Além do Estágio, no grupo de moradores e em conversas ocasionais com moradores foram identificadas outras duas mediações dentro dos condomínios: a primeira, promovida por um jovem atleta; a segunda, com características semelhantes ao projeto de Jiu-Jitsu, porém voltado à Capoeira.

A primeira trata-se de uma atividade protagonizada por um jovem praticante de Muay Thai (Luta de origem Tailandesa), que convidava amigos e colegas para uma prática não sistematizada. Abaixo está o relato da mãe deste jovem:

Então aí os meninos ficam ociosos, e ele tem muita energia, principalmente no final de semana o tédio dele é imenso, aí ele quer fazer alguma coisa. Então ele vai pra quadra, aí ele faz flexão, ele arrumou uns peso aí de concreto. E aí sobe com esses pesos. Arrumou um saco de pancada. Então ele amarra o saco de pancada lá, ele bateu o tanto nesse saco de pancada que rasgou ele no meio.

Então assim, ele sai por aí, ele sai chamando os meninos que ficam na rua. Então tem uns coleguinhas dele que chama ele “não, vamos correr, ele corre daqui na Eternit, então assim, ele vai puxando um, vai puxando outro.

Mas através disso, às vezes o jovem, ele ia no coleguinha puxar uma droga, um coleguinha beber. Então ele pega esse jovem, faz umas duas horas lá, e o que ele ia fazer de errado, ele já não vai, já tá cansado, já não está mais disposto (M1).

Além do aspecto de mediação da Cultura Corporal, no qual o jovem por vezes atuou como um ator social na promoção de um treinamento esportivo com seus pares, identifica-se na fala, uma outra questão: a associação do consumo de drogas com a ociosidade no tempo livre (Pasquim; Soares, 2015, p. 307). Como foi apresentado no Capítulo II, o consumismo, problema

social que também se propaga sobre a mercadoria droga, tem origem estrutural, e afeta tanto adultos quanto jovens (Soares, 2007; Pasquim; Soares, 2015; Pasquim, 2017). Por isso, é preciso ter cautela ao associar um ou outro caso isolado de um jovem que, após a prática do exercício, não prosseguiu com a ação auto degradante propagada pelo mercado, seja pelo circuito físico-químico do exercício<sup>90</sup>, seja pelo cansaço causado pelo exercício físico. De modo geral, trata-se de uma associação de causa e efeito que fortalece uma ideologia fundamentada no controle do lazer (Pasquim; Soares, 2015; Pasquim, 2017).

Devido à limitação de tempo, poucas informações foram levantadas sobre a segunda mediação. Sabe-se que ela ocorreu em um condomínio localizado no Buena Vista III, promovida por um “mestre da Cultura Corporal” de outro bairro, que oferecia aulas de Capoeira gratuitas para crianças na quadra esportiva do local. De acordo com dois moradores do condomínio, o projeto social durou aproximadamente três meses, e foi encerrado em junho de 2025.

Por fim, nos meses finais do primeiro semestre do ano de 2025, surge no território uma nova forma (tendência) de promoção social da Cultura Corporal. Um projeto voltado à pessoa idosa denominado “Mergulho do Bem: um convite à transformação através da água”, e está dando seus primeiros passos. Uma ação intersetorial, planejada a partir da articulação entre o Estúdio de Hidroginástica e Natação, a Associação de Moradores e o CSF do bairro. Iniciativa encampada pela P4, proprietária do comércio local da Cultura Corporal e PEF que também faz parte da Associação de Moradores.

De modo geral, a PEF - proprietária e professora do Estúdio de Práticas Aquáticas - começou disponibilizando vagas gratuitas para uma turma de hidroginástica. A seleção dos participantes, realizada pelo CSF do bairro, tinha como critérios de inclusão a vulnerabilidade social (expressa pela baixa renda), a indicação e autorização médica, sendo as ACS da UBS responsáveis por fazer as indicações. Inicialmente o projeto foi organizado para promover a oferta de vagas gratuitas e bolsas com 50% de desconto na mensalidade. Assim, de acordo com a PEF local, o projeto tem atendido cerca de 15 idosos de forma gratuita e 15 idosos com bolsa de 50% no preço da mensalidade, com rotina de aulas de duas vezes por semana.

Diante da condição inicial deste projeto, ainda não há elementos suficientes para uma avaliação concreta. Apesar disso, tendo em vista que a iniciativa já superou desafios iniciais, como a falta de um local apropriado, de materiais, de um mestre da Cultura Corporal ou PEF

---

<sup>90</sup> Que resulta em uma cascata de substâncias químicas no corpo, seja endorfinas, dopamina, serotonina e adrenalina; que promovem a sensação de bem-estar, prazer e redução do estresse e da ansiedade.

voluntários, a possibilidade de dificuldades semelhantes ou diferenciadas dos projetos analisados no decorrer desse estudo não pode ser descartada. Nesse formato, o modelo apresenta pontos fortes para sua manutenção, pois conta com dois PEF fixos (o casal de professores/empreendedores, P3 e P4), e uma PEF de apoio, o que potencializa sua sustentação. Apesar disso, como esta pesquisa tem reforçado, ações pontuais não diminuem a importância e necessidade locais de Políticas Públicas voltadas à promoção da Cultura Corporal.

#### **4.3.6. O caso de uma praça do Buena Vista IV: nova forma de mobilização social em prol de um espaço público apropriado para a produção e manifestação da Cultura Corporal.**

Como foi descrito no item “Metodologia”, durante o Grupo Focal com as ACS o pesquisador identificou, no território, uma forma particular de mediação da Cultura Corporal que justificou a inclusão de um “novo perfil” de moradores na pesquisa. Essa mediação apareceu na forma de uma praça pública que tem sido produzida pela população. Uma rugosidade relacionada a certos aspectos da “inércia dinâmica” (Santos, 2014) do Buena Vista: a força da população, a solidariedade e a mobilização social.

Este tópico aborda uma mobilização social que tem buscado meios de satisfazer uma necessidade local, produzindo no bairro, uma praça pública localizada na região de lotes vendidos no Buena Vista IV:

Assim, só resumindo, a maior necessidade mesmo é o lazer, né? É o lazer, que a gente queria, a gente queria bastante. A gente trabalha tanto, tem uma pracinha perto da nossa casa, e a gente pode, igual a gente tá aqui hoje, aqui debaixo de uma árvore, né? É o lazer de a gente descansar, brincar (MP5).

É uma coisa que é por direito, né. Porque quando eu comprei no loteamento, aqui era uma pracinha, tá constando lá no mapa que aqui é uma pracinha, por que que não conclui, hein? você pode olhar os loteamentos aí, e tá todos preenchidos já, [...] daqui pra frente tem casa, ali tem casa, só resta eles agora finalizar a pracinha pra gente, né? O intuito nosso é a praça (MP2).

A luta pelo acesso à infraestruturas e à manifestação da Cultura Corporal - bens materiais e imateriais - não seriam necessárias se essas prerrogativas fossem garantidas pelo Estado, como prevê a Constituição (Brasil, 1988). No entanto, a imobilidade do Estado, representada pela ausência do equipamento público comunitário de Esporte e Lazer originalmente destinado ao local, produz desafios e impacta negativamente a manifestação da Cultura Corporal. Assim, diante da sua “invisibilidade” socioespacial, os próprios moradores

se veem responsáveis por produzir a “terceirizada” transformação da condição local, empreendida a partir da apropriação e ressignificação da APM inicialmente abandonada: “[...] essa praça estava esquecida, só tinha o local da praça” (MP6); “jogava entulho, né?” (MP3); “é, jogava entulho, jogava entulho aí o pessoal” (MP6). Ao serem perguntados sobre “o que gerou esse movimento no grupo local”, um morador relatou:

Primeiro, que a gente mora perto. segundo, que era só o mato, era bicho dentro de casa, a gente se sentia até um pouco ameaçado por causa da altura do mato, a gente ficava até com medo. E aí a gente começou a plantar a ideia, a colocar algumas plantas. Na verdade, era pra ter árvores até grandes, porque a prefeitura só vem em roça (MP5).

Com o objetivo de ampliar as oportunidades de acesso a equipamentos gratuitos de Práticas Corporais, e produzir um local seguro para a população, os moradores deram um novo sentido e significado à APM não edificada:

São poucas oportunidades, né? Porque a gente tá falando sobre o assunto praça, né, que é pra atividade física e tal... Então a gente tem a academia aqui, mas é algo privado, né? E a praça lá embaixo, né? É difícil por quê? Porque a gente tem que se deslocar para lá, sendo que a gente poderia ter aqui mais próximo de casa... Eu não posso ué, carregar um idoso, fazer uma caminhada lá pra baixo, sendo que poderia fazer um exercício mais leve, poderia ter colocado aqui uma academia pública, né? [...] Porque as crianças, elas andam de bicicleta aqui é no meio da rua porque não tem um ambiente pra elas (MP1).

E a praça que tem aqui é um pouco distante, né? E aqui, da porta de casa, a gente consegue olhar nossas crianças. Foi essa necessidade também. Porque, poxa, tem um espaço aqui que é destinado à praça, é uma área pública, e não estava sendo usado pelas crianças, que é o principal intuito da gente aqui, porque elas brincam na rua, querendo ou não passam carro toda hora, é perigoso (MP1).

Diante dessa necessidade, o começo da praça foi marcado por ações individuais e coletivas: de um morador que propôs a ideia e de um grupo de moradores que se mobilizou para torná-la concreta. Como relataram dois participantes do grupo focal:

Só tinha o local da praça. Aí o MP5 falou assim, não gente, vamos investir na praça? [...] O MP5 comprou os brinquedos, investiu aí, a gente fez o contrapiso aqui debaixo da árvore aqui pra gente ficar, entendeu? A gente investiu na praça, entendeu? Porque, dependendo das outras pessoas, não ia ter isso aqui. Ia estar só o mato, até hoje (MP6).

Aí veio aí, não, vamos mexer com a praça? Vamos! E cada um foi, o MP5 foi, comprou os brinquedos para as crianças brincar, fez o campinho ali, tinha campeonato entre os meninos, né? Juntava os rapazes aqui, jogava bola, aí a gente teve a ideia também de fazer festa junina aqui, e foi isso que motivou a gente a mexer aqui com a praça, e mexer porque aqui é um ambiente público, que é pra a gente desenvolver isso mesmo (MP1).

Conforme os relatos, o grupo começou a se mobilizar com o propósito de produzir uma “praça de lazer e esportes” (MP5), uma infraestrutura com infraestrutura manifestação de diferentes Práticas Corporais. Ação que demonstra, na coletividade, atenção à diversidade presente na população, já que a iniciativa propõe a criação de um equipamento comunitário que atenda minimamente diferentes perfis de moradores do bairro.

Demonstrando solidariedade - mesmo que limitada à elementos hegemônicos da Cultura Corporal -, o grupo de moradores demonstrou entender que, apesar das individualidades, as pessoas têm o direito de acessar conhecimentos e práticas da “materialidade corpórea” historicamente construída e acumulada (Coletivo de Autores, 2012):

Igual o MP5 falou, da quadra de vôlei, o campinho, por exemplo, o campinho às vezes atende mais aos homens, né? Às vezes um vôlei, uma areia, as mulheres jogam vôlei, as mulheres brincam vôlei, entendeu? Então, tipo assim, a praça, a gente tá falando, é pra todos, é pra criança, né? É pra homem, né? Para as mulheres. Então, é pra todos. (MP3).

Conforme disse um pequeno grupo de crianças que acompanhavam os pais durante o grupo focal, “e as crianças, nós queremos o direito de brincar na pracinha!”. Esse é um direito básico que, mesmo com a instalação de alguns brinquedos já realizada pela população, é dificultado pela esporádica limpeza do local, uma responsabilidade do poder público Municipal.

É, não, hoje foi o menino aí [um homem estava limpando o mato momentos antes da entrevista] [...]. E ele viu aí, ó, solão de 40 graus, o rapaz na enxada aí. E não é fácil não, por que o que acontece? Quando você pega um mato baixo, ele é fácil pra você limpar. Fácil, não, né? É, teoricamente, mais fácil. Agora, por exemplo, se voltar o capim dessa altura, se a prefeitura estivesse fazendo o papel dela, por exemplo, o mato estava mais baixo, talvez o que ele fez aqui, numa área de 200 metros, ele poderia fazer 400, 500, né? [...] A partir da hora que a prefeitura deixa o mato tomar conta, aí é dificultoso para todo mundo (MP3).

Mesmo com todo este esforço, a solidariedade - um valor relacionado com a produção de valores mais amplos, cada vez mais escassos no período histórico marcado pelo egoísmo e o individualismo - é impactada pelo recurso financeiro limitado da população. Condição que, para instalar equipamentos que deveriam ser produzidos ou comprados pelo Estado, a população é levada a recorrer a métodos como bingo, vaquinha, arrecadação coletiva, ou gastos individuais:

A gente tem mais um projeto agora, que é o próximo, que é a gente vai promover uma ação aqui. Inclusive, já vou até de te convidar pra você ajudar a gente também, a gente vai fazer um, tá querendo organizar um bingo, em prol dessa praça, que a gente quer

fazer um projetozinho, que é cercar o brinquedo das crianças, jogar areia e fazer uma quadra de vôlei ali, de vôlei e cercar, cercar ela, né? (MP5).

As Figuras 53 e 54 apresentam os brinquedos mencionados, que também são utilizados por famílias que não habitam nas redondezas da praça. Como disse um morador: “eu acho bom na hora que eu vejo uma pessoa que vem de outro lugar, e vem ali e vai brincar. Eu fico lisonjeado na hora que eu vejo, eu falo, nossa, assim, tão pouca coisa, e o cara vem, né?” (MP5).

Figura 53 - Brinquedos na APM instalados pela população



Fonte: Autor (2025)

Figura 54 - Campo de golzinho, brinquedos e espaço de convivência da APM instalados pela população.



Fonte: Autor (2025)

Sem o propósito de endossar este tipo de mobilização frente às situações de descaso do Estado com a população, este destaque perpassa alguns objetivos. Primeiro, mostrar que apesar das mudanças, a luta e a mobilização social ainda são forças de transformação espacial. Segundo, valorizar um conjunto de atitudes que ultrapassam a limitada escala de valores promovida pela atual estrutura social. Terceiro, mostrar a invisibilização socioespacial que é

um produto do descaso da política institucional vigente, que humilha a classe trabalhadora alienada da sua força política e cidadã, a ponto de submetê-la à desleal luta por um direito constitucional historicamente negado.

É igual, por exemplo, você veio fazer uma entrevista comigo, com a gente, aí você disse, “olha, essa entrevista, ela é um trabalho da minha faculdade, porém, não vou te prometer, mas ela pode talvez ter uma repercussão, talvez outras pessoas podem olhar a situação de vocês e tal”, mas, assim, a gente não espera mais, a gente não espera. É difícil, a gente fica brigando com o mato ali, é difícil, mas a gente não espera. A gente está pedalando devagarzinho, vai brigando, vai indo (MP5).

Portanto, ao serem marcadas por condições de vida e trabalho desumanizadoras, relegadas à “cidadania mutilada” (Santos, 2020) essas pessoas lutam, de forma limitada, pela transformação local e resolução de um problema que tem origem histórica e estrutural.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Primeiramente, em um momento de síntese, importa sublinhar algumas limitações desta pesquisa. A primeira, relacionada com a formação prévia do pesquisador, limitada à graduação em licenciatura e bacharelado em Educação Física, sem qualquer formação técnica ou tecnológica relacionada ao estudo do espaço como categoria. A segunda, representada pelo tempo de pesquisa da elaboração do projeto à redação da dissertação, dimensão temporal de aproximadamente 24 meses que demarcou o recorte que o pesquisador teve para o estudo, aprofundamento no referencial teórico, elaboração da proposta de pesquisa (que perpassa um constante processo de produção e correção e revisão), submissão da pesquisa no CEP, realização da pesquisa teórica e empírica, e redação da dissertação. Relacionada à segunda, é relevante pontuar uma terceira dificuldade, não necessariamente uma limitação: a produção de uma análise totalizadora e coerente a partir da relação interna entre os diferentes instrumentos de pesquisa, sendo eles o levantamento documental, a observação empírica, o grupo focal e a entrevista.

Este conjunto de condições exigiu do pesquisador uma tomada de decisão dialeticamente relacionada aos resultados encontrados e apresentados: os critérios de seleção dos sujeitos que participaram dos grupos focais e entrevistas. Logo, outras Práticas Corporais, outros significados e usos dos espaços de manifestação da Cultura Corporal podem ser problematizados em pesquisas mais amplas, que deem voz a outros grupos populacionais. Por exemplo, pessoas sem teto - que utilizam a infraestrutura da PEC como abrigo -, pessoas LGBTQIA+, pessoas participantes de torcidas organizadas ou outras. Perfis particulares que permearam, mas não foram selecionados para contribuir nessa dissertação.

Conforme registros do CSF Residencial Buena Vista, no início de 2024 já se encontravam cadastradas na unidade de saúde cerca de 10.500 pessoas nas três equipes<sup>91</sup> de Saúde da Família. Levando em conta que muitos moradores permanecem sem cadastro na UBS local, este número é uma referência para estipular aproximadamente 15.000 pessoas morando no bairro.

No estudo da história do bairro foi identificado que o Residencial Buena Vista é habitado pela classe trabalhadora, com um significativo número de pessoas em situação de

---

<sup>91</sup> De acordo com o Ministério da Saúde (Brasil, 1997), o Programa Saúde da Família conta com equipes formadas por um médico de família ou generalista, enfermeiro, auxiliar de enfermagem e Agentes Comunitários de Saúde (ACS), cada qual responsável por no máximo 750 pessoas. No CSF Buena Vista I, cada equipe é formada por 5 ACS.

vulnerabilidade social. Grupo populacional que demanda políticas públicas voltadas à redução das desigualdades econômicas, sociais, educacionais, culturais e outras, ações fundamentais à satisfação das necessidades dessas famílias. De modo geral, o Buena Vista também incorporou, com o passar dos anos, novos moradores de mesma classe social, porém, com diferentes possibilidades de acessar bens de consumo na sociedade capitalista: representada por uma parcela da população com maior poder de compra.

Neste cenário, as infraestruturas e os equipamentos públicos foram e são fundamentais à produção e manifestação da Cultura Corporal na população local, pois são rugosidades que carregam o potencial de proporcionar gratuitamente, diferentes oportunidades de satisfação deste direito no cotidiano. Por outro lado, o abandono da PEC - uma importante infraestrutura do bairro -, a inexistente oferta de ações, programas e serviços públicos e gratuitos voltados à Cultura Corporal também são determinantes sobre a inclusão das Práticas Corporais no cotidiano local. Determinações mais impactantes na realidade das pessoas idosas, das pessoas com deficiência e das pessoas marcadas por um maior grau vulnerabilidade social, que historicamente possuem pouco ou nenhum acesso aos recursos públicos ou privados de mobilidade urbana.

Assim, a ausência do CRAS e Escolas de Ensino Médio, a insuficiente quantidade de instituições de Ensino Fundamental e Centros de Educação Municipal Infantil, o descaso com as APMs destinadas à equipamentos públicos comunitários, a insuficiente quantidade de Equipamentos Públicos de Esporte e Lazer instalados, e a inexistente de manutenção de espaços com grande potencial produzidos no bairro, acabam reduzindo as possibilidades de produção e manifestação da Cultura Corporal. Ou seja, essa problematização identifica, na concretude do Buena Vista, o “território usado” como força ativa e estância fundamental às análises empreendidas no estudo da manifestação da Cultura Corporal.

Dessa forma, a pesquisa identificou que, no Residencial Buena Vista, as infraestruturas produzidas pelo Estado, os Condomínios, os campos e quadras de esporte popular produzidos pela população, os projetos sociais, as ações espaciais e os comércios locais da Cultura Corporal são elementos insuficientes à promoção horizontal do direito à Cultura Corporal nas dimensões da saúde, do esporte e do lazer. Logo, o contexto estudado evidenciou a necessidade do Estado, seja na instalação das APMs originalmente destinadas às infraestruturas de Esporte e Lazer, seja na reforma e manutenção dos equipamentos já existentes, seja na produção de programas de PCAF para a população:

[...] no território, tal como ele atualmente é, que a cidadania se dá tal como ela é hoje, isto é, incompleta. Mudanças no uso e na gestão do território se impõem, se queremos criar um novo tipo de cidadania, uma cidadania que se nos ofereça como respeito à cultura e como busca da liberdade (Santos, 2020, p. 18).

Tendo em vista que, no bairro, a transformação do espaço coexiste com a manutenção da vulnerabilidade social, esta, juntamente com a luta e a mobilização social, foram identificadas como “inércia-dinâmica” do Residencial Buena Vista. Em outras palavras, identificou-se um crescimento desigual, onde a força de ações empreendidas pela população, pelas firmas e pelas instituições valorizaram o território - que se desenvolveu - enquanto a vulnerabilidade social permaneceu: tanto em seu impacto histórico e imediato, quanto pelo aprofundamento da desigualdade e desumanização inerentes ao período histórico atual. Com isso, no território, consequências da vulnerabilidade e ausência de serviços de educação, de formação cidadã, de educação sexual, de esporte e lazer, dentre outros - que deveriam ter sido proporcionados pelo Estado – estão em íntima relação com o desenvolvimento desigual.

Nessa conjuntura, a histórica negação da educação, e o pouco conhecimento da Cultura Corporal também estão relacionadas com a limitada produção e manifestação das Práticas Corporais, o que obscurece a possibilidade de outros elementos da Cultura Corporal, principalmente no esporte e no lazer dessa população. Esse pouco conhecimento, identificado bastante restrito ao Futebol - salvo alguns projetos que trabalharam com outras Práticas Corporais-, pode, e deve ser ampliado com o acesso ao ensino e consequente apropriação de novas Práticas Corporais, sejam disseminadas na escola, projetos sociais e principalmente, em políticas públicas desenvolvidas pelo Estado.

Além disso, a pesquisa identificou elementos que favorecem um olhar crítico e ampliado sobre a responsabilização individual, que alinhada à ideologia do capital, reforça, no senso comum, o discurso da culpabilização. Isso porque a inclusão da Cultura Corporal no cotidiano não está restrita à vontade individual, mas está em constante relação com as condições de vida, que envolvem as condições econômicas, sociais, de trabalho, de mobilidade urbana e outras da população. Determinações que dialogam com o poder de compra e com as possibilidades de acesso à equipamentos públicos seguros e gratuitos disponíveis no território.

Nesta direção, o estudo levantou elementos concretos em uma perspectiva particular, que considera a cultura corporal um “fenômeno multiforme”, produto histórico que resulta da relação contínua do homem com a natureza e a sociedade, em processos mediados pela produção material, ideológica, política, cultural e outras (Taffarel; Escobar, 2023). Um conjunto de situações detalhados nessa Dissertação que, de certa forma, condicionam as

possibilidades de educação, esporte, saúde, lazer e trabalho dos que lutam pela sobrevivência e residem nessa localização.

## REFERÊNCIAS

A REDAÇÃO (Goiânia) (ed.). **Residencial Buena Vista III**: prefeitura inaugura novo centro municipal de educação infantil. Prefeitura inaugura novo Centro Municipal de Educação Infantil. 2020. Disponível em: <https://www.aredacao.com.br/noticias/144001/prefeitura-inaugura-novo-centro-municipal-de-educacao-infantil-em-goiania..> Acesso em: 20 nov. 2023.

BETTI, M. Cultura corporal e cultura esportiva. *Revista Paulista de Educação Física*, [S. l.], v. 7, n. 2, p. 44–51, 1993. DOI: 10.11606/issn.2594-5904.rpef.1993.138756. Disponível em: <https://revistas.usp.br/rpef/article/view/138756..> Acesso em: 02 fev. 2025

BORGES, F. N. *et al.* Espalhamento Urbano e Segregação Social: o caso do Buena Vista. in: **SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE ARQUITETURA, TECNOLOGIA E PROJETO. FORMA URBANA: RUPTURAS E CONTINUIDADES/CIDADE E ARQUITETURA DE INTERESSE SOCIAL**. 2014, Goiânia: UEG, 2014. p. 600-613. Disponível em: <https://www.anais.ueg.br/index.php/siarq/article/view/4645>. Acesso em: 12 ago. 2023.

BRASIL, Ministério das Cidades. **Urbanização de Favelas: a experiência do PAC**. Brasília: Secretária Nacional de Habitação, 2010.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. 1988.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Política Nacional de Promoção da Saúde (PNPS)**. Brasília: Ministério da Saúde, 2006

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do Ensino de Educação Física**. São Paulo: Cortez Autores Associados, 2012.

DAOLIO, J. **A cultura da/na Educação Física**. 2002. 115 f. Tese (Doutorado) - Curso de Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Universidade de Campinas, Campinas, 2002. FUKS, R. **Milton Santos**. Ebiografia. Disponível em: [www.ebiografia.com](http://www.ebiografia.com). Acesso em 03 de Novembro de 2023.

FURTADO, Roberto Pereira. André Gorz: trabalho, tempo livre e liberdade. 2012. 146 f. Tese (Doutorado em Ciências Humanas) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2012.

GOIÂNIA. **Balanco da Gestão 2021**. 2021. Disponível em: <https://www.goiania.go.gov.br/balanco-da-gestao/o-cuidado-com-a-cidade/>. Acesso em: 25 jan. 2024.

GOIÂNIA. Câmara Municipal de Goiânia. Secretaria Municipal de Obras. **Planta Cadastral: Residencial Buena Vista**. Goiânia: SMO, 2007b.

GOIÂNIA. Câmara Municipal de Goiânia. Diretoria de Planejamento e Gestão do Plano Diretor. **Plano Diretor de Goiânia**: relatório técnico. Goiânia: CMG, 2007c.

GOIÂNIA. Comurg. Companhia de Urbanização de Goiânia (ed.). **Mutirão de Goiânia revitaliza 11 praças na região do Buena Vista**: trabalho é coordenado pela companhia de urbanização de goiânia (comurg) e tem como alvo o mobiliário dos espaços de lazer. Trabalho é coordenado pela Companhia de Urbanização de Goiânia (Comurg) e tem como alvo o mobiliário dos espaços de lazer. 2024. Disponível em:

<https://www.goiania.go.gov.br/agora/mutirao-de-goiania-revitaliza-11-pracas-na-regiao-do-buena-vista#56c8c11c-732b-4e90-b072-970929c9b4ba>. Acesso em: 15 jun. 2024.

GOIÂNIA. Decreto n. 1.507 de 26 de julho de 2008. **Gabinete do Prefeito**, 26 jun. 2008.

GOIÂNIA. Decreto n. 2.678 de 18 de dezembro de 2007. **Gabinete do Prefeito**, 18 dez. 2007.

GOIÂNIA. Decreto n. 2.679 de 18 de dezembro de 2007. **Gabinete do Prefeito**, 18 dez. 2007.

GOIÂNIA. Decreto n. 2.680 de 18 de dezembro de 2007. **Gabinete do Prefeito**, 18 dez. 2007.

GOIÂNIA. Decreto n. 3.404 de 18 de junho de 2013. Institui critérios adicionais para a seleção de famílias a serem beneficiadas pelo Programa Minha Casa Minha Vida. **Gabinete do Prefeito**, 18 jun. 2013.

GOIÂNIA. Lei n. 8.534, de 31 de maio de 2007. Dispõe sobre a doação de unidades habitacionais ou lotes às famílias de baixa renda de acordo com o Programa Municipal de Habitação de Interesse Social, altera dispositivos das Leis nº 4.526, de 20 de janeiro de 1972 e 7.222, de 20 de setembro de 1993, e dá outras providências. **Gabinete do Prefeito**, 31 mai. 2007a.

GOIÂNIA. Plano municipal de habitação de Goiânia. Auditório PUC Goiás, dez-2010. Disponível em: <chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcglclefindmkaj/https://www4.goiania.go.gov.br/portal/Dados/uploads/arquivos/3597/429824303356481.pdf>. Acesso em: 12 de setembro de 2024.

GOIÂNIA.. **Secretaria Municipal de Desenvolvimento Urbano Sustentável**. Disponível em: <https://www.goiania.go.gov.br/shtml/seplam/dados/biblioteca.shtml>. Acesso em: 5 abr. 2024.

GONDIM, L. M. G. (1991). Os movimentos sociais urbanos: organização e democracia interna. *Sociedade e Estado*. Brasília, v. 6, n. 1 e 2, pp. 129-150. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/sociedade/article/view/43734>. Acessado em 5 abr. 2025.

GONDIM, L. M. P.; GOMES, M. P. A. O direito à cidade em disputa: o caso da Zeis do Lagamar (Fortaleza-CE). São Paulo: *Cadernos Metrópole*, vol.14, núm.28, p.507-527, jul./dez. 2012. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/metropole/article/view/14820/10814>. Acessado em 10 abr. 2025.

INSTITUTO DE DESENVOLVIMENTO TECNOLÓGICO E HUMANO (Goiânia) (ed.). **Idtech e Smhab inscrevem para curso de panificação no Residencial Buena Vista**. 2010. Disponível em: <https://www.idtech.org.br/principal.asp?edoc=conteudo&secaoid=168&subsecaoid=168&conteudoid=2904>. Acesso em: 20 nov. 2023.

INSTITUTO DE DESENVOLVIMENTO TECNOLÓGICO E HUMANO (Goiânia) (ed.). **Moradores do Residencial Buena Vista realizam eleição para Associação de Moradores**. 2011. Disponível em: <https://www.idtech.org.br/principal.asp?edoc=conteudo&secaoid=168&subsecaoid=168&conteudoid=3203&transparenciases=&fonte=>. Acesso em: 20 nov. 2023.

LUCAS, E. R. Cidades na cidade: habitação social e produção do espaço urbano em Goiânia. Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2016.

LUCIANO, F. O programa Minha Casa, Minha Vida e a questão da habitação social em Goiânia. Anápolis: Universidade Estadual de Goiás, 2016.

LÜDKE, M. e ANDRÉ, M. E. D. **A Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986, p. 11-45. Disponível em: <https://moodle.ufsc.br/>. Acesso em: 11 de janeiro de 2023.

MASCARENHAS, F. **ENTRE O ÓCIO E O NEGÓCIO**: teses acerca da anatomia do lazer. 2005. 325 f. Tese (Doutorado) - Curso de Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Universidade de Campinas, Campinas, 2005.

NASCIMENTO, C. P. A expressão cultura corporal na obra Metodologia do Ensino de Educação Física. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 25, 2022. DOI: 10.5216/rpp.v25.72098. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/fef/article/view/72098>. Acessado em: 17 mai. 2024.

NASCIMENTO, C. P. OS SIGNIFICADOS DAS ATIVIDADES DA CULTURA CORPORAL E OS OBJETOS DE ENSINO DA EDUCAÇÃO FÍSICA. **Movimento** (Esefid/Ufrgs), Porto Alegre, v. 24, n. 2, p. 677-690, 24 jun. 2018. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. <http://dx.doi.org/10.22456/1982-8918.77157>. Acessado em: 17 mai. 2024.

NEIRA, M. G.; GRAMORELLI, L. C. EMBATES EM TORNO DO CONCEITO DE CULTURA CORPORAL: gênese e transformações. **Pensar A Prática**, Goiânia, v. 20, n. 2, p. 321-332, 30 jun. 2017. Universidade Federal de Goiás. <http://dx.doi.org/10.5216/rpp.v20i2.38103>. Acessado em: 17 abr. 2024.

OLIVEIRA, E. A. **POLÍTICA HABITACIONAL EM GOIÂNIA: ESTUDO DE CASO DO RESIDENCIAL BUENA VISTA IV** (2009-2013).. 2014. 197 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Exatas e da Terra) - Pontifícia Universidade Católica de Goiás, GOIÁS, 2014.

PASQUIM, H. M. Lazer na área de drogas: construção coletiva de crítica e de práticas emancipatórias. São Paulo, 2017.

PASQUIM, H. M.; MARTINEZ, J. F. N.; FURTADO, R. P. Academias de Ginástica E Exercícios Físicos No Combate À Covid-19: reflexões a partir da determinação social do processo saúde-doença. **Movimento**, [S. l.], v. 27, p. e27031, 2021. DOI: 10.22456/1982-8918.111724. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/111724>>. Acessado em: 17 mai. 2024.

PASQUIM, H. M.; SOARES, C. B. Lazer, Saúde Coletiva e Consumo de Drogas. **LICERE** - Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer, Belo Horizonte, v. 18, n. 2, p. 305-328, 2015. DOI: 10.35699/1981-3171.2015.1111. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/licere/article/view/1111>. Acesso em: 02 fev. 2025.

SANTOS, M. **A Natureza do Espaço**: Técnica e Tempo, Razão e Emoção. São Paulo: Universidade de São Paulo, 4º ed., 2014.

SANTOS, M. **Da totalidade ao lugar**. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1º ed., 2023b.

SANTOS, M. **Espaço e método**. São Paulo: Nobel, 4º ed., 1997

SANTOS, M. **Espaço e método**. São Paulo: Universidade de São Paulo, 5º ed., 2023a.

SANTOS, M. **Metamorfose do espaço habitado**. São Paulo: Universidade de São Paulo, 6º ed., 2021.

SANTOS, M. **O Espaço do Cidadão**. São Paulo: Universidade de São Paulo, 7º ed., 2020.

SANTOS, M. O Território e o Saber Local: algumas categorias de análise. **Cadernos Ippur/Ufrj**, Cidade Universitária, v. 2, p. 15-26, 1999. Rio de Janeiro: <https://ippur.ufrj.br/cadernos-ippur-3/>. Acessado em: 20 mai. 2024.

SANTOS, M. **Por uma Nova Geografia: Da Crítica da Geografia a uma Geografia Crítica**. São Paulo: Universidade de São Paulo, 6º ed., 2004.

SANTOS, Milton. O retorno do território. OSAL: **Observatorio Social de América Latina**, Buenos Aires, ano 6, n. 16, p. 255-261, jun. 2005. Disponível em: <https://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/osal/osal16/D16Santos.pdf>. Acesso em: 20 jun. 2024

SAQUET, M. A.; SILVA, S. S. **Milton Santos**: concepções de geografia, espaço e território. Geografia UERJ, 2008, p. 24-42.

SOARES, C. B. Consumo contemporâneo de drogas e juventude: a construção do objeto na perspectiva da saúde coletiva. São Paulo: Escola de Enfermagem, Universidade de São Paulo, 2007.

SOARES, C. B. et al. Marxismo, trabalho e classes sociais: epidemiologia crítica como instrumento de saúde coletiva. In: CARVALHEIRO, J. R.; HEIMANN, L. S.; DERBLI, M. **O social na epidemiologia: Um legado de Cecília Donnangelo** São Paulo: Instituto de Saúde, 2014, p.119.

SOUZA JÚNIOR, M. *et al.* Coletivo de autores: a cultura corporal em questão. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte (Impresso)**, Florianópolis, v. 33, n. 2, p. 391-411, jun. 2011. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0101-32892011000200008>.

SPAGGIARI, Enrico; RIBEIRO, Raphael Rajão. Por um futebol popular. In: RIBEIRO, Raphael Rajão; SPAGGIARI, Enrico; ALMEIDA, Caroline Soares de (org.). **Futebol popular**. São Paulo: Ludopédio, 2024. p. 27-60.

TAFFAREL, C. N. Z., TEIXEIRA, D. R., & D'AGOSTINI, A. CULTURA CORPORAL E TERRITÓRIO: uma contribuição ao debate sobre reconceptualização curricular. **Motrivivência**, (25), 2005, p.17-36. Disponível em: <https://doi.org/10.5007/%x>. Acessado em: 17 jun. 2024.

TAFFAREL, C. N. Z.; ESCOBAR, M. O. CULTURA CORPORAL E OS DUALISMOS NECESSÁRIOS À ORDEM DO CAPITAL. In: SILVA, Maria Cecília de Paula; TEIXEIRA, Cristina Maria D'ávila; ROCHA JUNIOR, Coriolano Pereira da (org.). **Educação, cultura corporal e lazer**: desafios da pós-graduação e ciência no tempo presente. Salvador: Edufba,

2023. p. 21-36. Universidade Federal da Bahia: [https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/36651/1/Educa%C3%A7%C3%A3o%20Cultura%20Corporal%20e%20Lazer\\_RI.pdf](https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/36651/1/Educa%C3%A7%C3%A3o%20Cultura%20Corporal%20e%20Lazer_RI.pdf). Acessado em: 17 abr. 2024.

TEIXEIRA, D. R.; DIAS, F. B. M.. A necessidade histórica da cultura corporal: limites e possibilidades sob a ordem capitalista doi. **Motrivivência**, Florianópolis, n. 36, p. 94-110, 7 nov. 2011. Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). <http://dx.doi.org/10.5007/2175-8042.2011v23n36p94>. Acessado em: 10 mai. 2024.

TIRIBA, L. Modo(s) de vida e modos de produção da existência humana: ensaio teórico-metodológico. **Germinal: Marxismo e Educação em Debate**, Salvador, v. 13, n. 2, p. 407-419, 17 set. 2021. Universidade Federal da Bahia. <http://dx.doi.org/10.9771/gmed.v13i2.43526>. Acessado em: 17 jul. 2024.

VAZ, A. F. . CERTA HERANÇA MARXISTA NO RECENTE DEBATE DA EDUCAÇÃO FÍSICA NO BRASIL. **Movimento (fid/Ufrgs)**, Porto Alegre, v. 25, p. 1-12, 16 nov. 2019. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. <http://dx.doi.org/10.22456/1982-8918.96236>. Acessado em: 15 mai. 2024.

**APÊNDICES**

**APÊNDICE A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE):****Grupo focal**

Você está sendo convidado (a) a participar, como voluntário (a), da pesquisa intitulada “CULTURA CORPORAL NO RESIDENCIAL BUENA VISTA: um estudo amparado na compreensão espacial de Milton Santos”. Meu nome é Samuel Gomes de Souza, sou professor de Educação Física e pesquisador responsável por esta pesquisa e minha área de atuação é a Educação Física. Após receber os esclarecimentos e as informações a seguir, se você aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que está impresso em duas vias, sendo que uma delas é sua e a outra ficará comigo. Esclareço que em caso de recusa na participação, em qualquer etapa da pesquisa, você não será penalizado (a) de forma alguma. Mas se aceitar participar, as dúvidas sobre a pesquisa poderão ser esclarecidas pelo pesquisador responsável, via e-mail (souza.academico@gmail.com) e, através do(s) seguinte(s) contato(s) telefônico(s): (62) 98641-8263/ (62) 98100-6097, inclusive com possibilidade de ligação a cobrar. Ao persistirem as dúvidas sobre os seus direitos como participante desta pesquisa, você também poderá fazer contato com o **Comitê de Ética em Pesquisa** da Universidade Federal de Goiás, pelo telefone (62)3521-1215, que a instância responsável por dirimir as dúvidas relacionadas ao caráter ético da pesquisa. O Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Goiás (CEP-UFG) é independente, com função pública, de caráter consultivo, educativo e deliberativo, criado para proteger o bem-estar dos/das participantes da pesquisa, em sua integridade e dignidade, visando contribuir no desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos vigentes.

A pesquisa tem o objetivo de identificar as relações entre o território e a cultura corporal no esporte, saúde e lazer da população do Residencial Buena Vista, buscando conhecer o bairro; identificar equipamentos públicos, projetos ou programas de esporte, lazer e práticas corporais; analisar a relação da população com os equipamentos públicos e privados de esporte, saúde e lazer; compreender problemas, necessidades e potencialidades da produção da cultura corporal na saúde, esporte e lazer na população do território; compreender características da apropriação singular da cultura corporal pelos moradores do bairro.

Você será participante de uma entrevista em grupo denominada de grupo focal, e para isso deverá reservar um período de 60 minutos para participar da pesquisa. Você tem direito ao ressarcimento das despesas decorrentes da cooperação com a pesquisa, inclusive transporte e alimentação, se for o caso.

Em caso de danos, você tem o direito de pleitear indenização, conforme previsto em Lei.

Se você não quiser que seu nome seja divulgado, está garantido o sigilo que assegure a privacidade e o anonimato. As informações desta pesquisa serão confidenciais e serão divulgadas apenas em eventos ou publicações científicas. Os riscos de sua participação serão mínimos, mas talvez você possa sentir desconforto, constrangimento, angústia, ou outros sentimentos de outra natureza. Para evitar estes riscos associados à pesquisa, o local da realização do grupo focal garantirá sua privacidade e sigilo, ficando presente no local apenas o pesquisador e os sujeitos voluntários. Os benefícios relacionados com a sua participação na pesquisa envolvem a possibilidade de contribuir com a produção de novos conhecimentos sobre cultura corporal, saúde e lazer no território, e documentação de informações importantes para o desenvolvimento social da comunidade local. Em qualquer momento você poderá se recusar a responder perguntas que gere desconforto emocional e/ou constrangimento ou deixar de participar do grupo. Ainda, poderá retirar o seu consentimento de participar da pesquisa em qualquer momento, sem sofrer nenhuma penalidade ou prejuízo a alguma assistência a você, com suas informações mantidas em total sigilo.



### 1.2 Consentimento da Participação na Pesquisa:

Eu, ....., abaixo assinado, concordo em participar do estudo intitulado “CULTURA CORPORAL NO RESIDENCIAL BUENA VISTA: um estudo amparado na compreensão espacial de Milton Santos”. Informo ter mais de 18 anos de idade e destaco que minha participação nesta pesquisa é de caráter voluntário. Fui devidamente informado (a) e esclarecido (a) pelo pesquisador responsável Samuel Gomes de Souza sobre a pesquisa, os procedimentos e métodos envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação no estudo. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade. Declaro, portanto, que concordo com a minha participação no projeto de pesquisa acima descrito.

Goiânia, ..... de ..... de .....

---

Assinatura por extenso do(a) participante

---

Assinatura por extenso do(a) pesquisador(a) responsável

Para participante iletrado(a)

---

Assinatura por extenso do(a) testemunha 1

---

Assinatura por extenso do(a) testemunha 2

**APÊNDICE B - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE):****Entrevista**

Você está sendo convidado (a) a participar, como voluntário (a), da pesquisa intitulada “CULTURA CORPORAL NO RESIDENCIAL BUENA VISTA: um estudo amparado na compreensão espacial de Milton Santos”. Meu nome é Samuel Gomes de Souza, sou professor de Educação Física e pesquisador responsável por esta pesquisa e minha área de atuação é a Educação Física. Após receber os esclarecimentos e as informações a seguir, se você aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que está impresso em duas vias, sendo que uma delas é sua e a outra ficará comigo. Esclareço que em caso de recusa na participação, em qualquer etapa da pesquisa, você não será penalizado (a) de forma alguma. Mas se aceitar participar, as dúvidas sobre a pesquisa poderão ser esclarecidas pelo pesquisador responsável, via e-mail (souza.academico@gmail.com) e, através do(s) seguinte(s) contato(s) telefônico(s): (62) 98641-8263/ (62) 98100-6097, inclusive com possibilidade de ligação a cobrar. Ao persistirem as dúvidas sobre os seus direitos como participante desta pesquisa, você também poderá fazer contato com o **Comitê de Ética em Pesquisa** da Universidade Federal de Goiás, pelo telefone (62)3521-1215, que a instância responsável por dirimir as dúvidas relacionadas ao caráter ético da pesquisa. O Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Goiás (CEP-UFG) é independente, com função pública, de caráter consultivo, educativo e deliberativo, criado para proteger o bem-estar dos/das participantes da pesquisa, em sua integridade e dignidade, visando contribuir no desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos vigentes.

A pesquisa tem o objetivo de identificar as relações entre o território e a cultura corporal no esporte, saúde e lazer da população do Residencial Buena Vista, buscando conhecer o bairro; identificar equipamentos públicos, projetos ou programas de esporte, lazer e práticas corporais; analisar a relação da população com os equipamentos públicos e privados de esporte, saúde e lazer; compreender problemas, necessidades e potencialidades da produção da cultura corporal na saúde, esporte e lazer na população do território; compreender características da apropriação singular da cultura corporal pelos moradores do bairro.

Você será participante de uma entrevista individual, e para isso deverá reservar um período de 30 minutos para participar da pesquisa. Você tem direito ao ressarcimento das despesas decorrentes da cooperação com a pesquisa, inclusive transporte e alimentação, se for o caso.

Em caso de danos, você tem o direito de pleitear indenização, conforme previsto em Lei.

Se você não quiser que seu nome seja divulgado, está garantido o sigilo que assegure a privacidade e o anonimato. As informações desta pesquisa serão confidenciais e serão divulgadas apenas em eventos ou publicações científicas. Os riscos de sua participação serão mínimos, mas talvez você possa sentir desconforto, constrangimento, angústia, ou outros sentimentos de outra natureza. Para evitar estes riscos associados à pesquisa, o local da realização da entrevista individual garantirá sua privacidade e sigilo, ficando presente no local apenas o pesquisador. Os benefícios relacionados com a sua participação na pesquisa envolvem a possibilidade de contribuir com a produção de novos conhecimentos sobre cultura corporal, saúde e lazer no território, e documentação de informações importantes para o desenvolvimento social da comunidade local. Em qualquer momento você poderá se recusar a responder perguntas que gere desconforto emocional e/ou constrangimento ou deixar de participar do grupo. Ainda, poderá retirar o seu consentimento de participar da pesquisa em qualquer momento, sem sofrer nenhuma penalidade ou prejuízo a alguma assistência a você, com suas informações mantidas em total sigilo.



## 1.2 Consentimento da Participação na Pesquisa:

Eu, ....., abaixo assinado, concordo em participar do estudo intitulado “CULTURA CORPORAL NO RESIDENCIAL BUENA VISTA: um estudo amparado na compreensão espacial de Milton Santos”. Informo ter mais de 18 anos de idade e destaco que minha participação nesta pesquisa é de caráter voluntário. Fui devidamente informado (a) e esclarecido (a) pelo pesquisador responsável Samuel Gomes de Souza sobre a pesquisa, os procedimentos e métodos envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação no estudo. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade. Declaro, portanto, que concordo com a minha participação no projeto de pesquisa acima descrito.

Goiânia, ..... de ..... de .....

---

Assinatura por extenso do(a) participante

---

Assinatura por extenso do(a) pesquisador(a) responsável

Para participante iletrado(a)

---

Assinatura por extenso do(a) testemunha 1

---

Assinatura por extenso do(a) testemunha 2

## APÊNDICE C - Roteiro Norteador do Grupo Focal - Agentes Comunitárias de Saúde (ACS)

Observação: por se tratar de uma pesquisa qualitativa entendemos a provisoriedade das perguntas e estrutura presente neste roteiro, ante as variadas possibilidades que podem surgir no diálogo aberto com os participantes. Este modelo pressupõe um fio condutor com aspectos gerais e perguntas disparadoras elaboradas a partir do objeto da pesquisa, mas que podem ser qualificadas diante da relação concreta com os sujeitos e campo da pesquisa. Durante essas perguntas o pesquisador se valerá do estudo prévio do território, realizado através do levantamento documental e observação do território para incluir elementos na busca de um aprofundamento qualitativo, a fim de identificar:

- as características socioeconômicas dos usuários atendidos pelas ACS;
- a interação dos usuários do SUS com as rugosidades (públicas ou privadas) espaciais;
- características da apropriação singular da cultura corporal;
- avaliação da infraestrutura do bairro correlata à promoção da cultura corporal na saúde, esporte e lazer.

### Início:

- detalhamento da pesquisa envolvendo aspectos éticos e registro dos dados, tal como assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido;
- apresentação do(s) pesquisador(es);
- Apresentação geral e tempo que trabalha no território, com liberdade aos participantes.

### Perguntas genéricas

- De qual região de goiânia ou outra cidade/estado vcs vieram?
- Quando se mudaram para o bairro?
- Como é feito o trabalho das ACS no bairro?
- Quais são as características mais marcantes dos moradores do Res. Buena Vista?
- A população do bairro tem o costume de praticar atividade física? Se não, por que? Se sim, onde?
- A Unidade Básica de Saúde promove, já promoveu ou tentou promover algum programa de atividade física para a população? Se não, por que? Se sim, quando e onde? Quais foram as estratégias?

### Perguntas relacionadas à identificação de atividades relacionadas a práticas corporais:

- Os usuários atendidos gostam de praticar alguma atividade física? Qual? Pratica no seu dia-a-dia? Onde?
- Vocês conhecem usuários que gostariam de praticar alguma atividade física, mas não o fazem? Qual? Por que não?
- Como avaliam as oportunidades de atividade física para crianças, adultos ou idosos no bairro?

- Como avaliam os equipamentos de promoção da atividade física para crianças, adultos ou idosos no bairro?

**APÊNDICE D** - Roteiro Norteador do Grupo Focal - Professores e mestres (instrutores, treinadores, facilitadores, etc., sem formação superior em Educação Física) da cultura corporal

Observação: por se tratar de uma pesquisa qualitativa entendemos a provisoriedade das perguntas e estrutura presente neste roteiro, ante as variadas possibilidades que podem surgir no diálogo aberto com os participantes. Este modelo pressupõe um fio condutor com aspectos gerais e perguntas disparadoras elaboradas a partir do objeto da pesquisa, mas que podem ser qualificadas diante da relação concreta com os sujeitos e campo da pesquisa. Durante essas perguntas o pesquisador se valerá do estudo prévio do território, realizado através do levantamento documental e observação do território para incluir elementos na busca de um aprofundamento qualitativo, a fim de identificar:

- avaliação das oportunidades de acesso à cultura corporal no bairro;
- a interação da população com as aulas, projetos e programas de promoção da cultura corporal;
- o que os projetos buscam oferecer à população;
- qual seu principal público;
- avaliação da infraestrutura para realização das aulas projetos e programas de cultura corporal na saúde, esporte e lazer.

Início:

- detalhamento da pesquisa envolvendo aspectos éticos e registro dos dados, tal como assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido;
- apresentação do(s) pesquisador(es);
- apresentação geral e tempo que trabalha no território, com liberdade aos participantes.

Perguntas relacionadas às atividades e infraestrutura para práticas corporais:

- Em quais regiões de Goiânia ou outra cidade/estado já trabalharam?
- Quais são as atividades e benefícios das práticas corporais oferecidas no bairro?
- Quantas pessoas são atendidas nas atividades desenvolvidas?
- Quais são as características dos moradores do Res. Buena Vista que frequentam as atividades?
- Como vocês avaliam as atividades de promoção da cultura corporal ofertadas no bairro levando em consideração a diversidade social?
- Como vocês avaliam os equipamentos de promoção da atividade física para crianças, adultos ou idosos no bairro?

## **APÊNDICE E - Roteiro Norteador do Grupo Focal - Líderes Comunitários e lideranças de atividades de cultura corporal**

Observação: por se tratar de uma pesquisa qualitativa entendemos a provisoriedade das perguntas e estrutura presente neste roteiro, ante as variadas possibilidades que podem surgir no diálogo aberto com os participantes. Este modelo pressupõe um fio condutor com aspectos gerais e perguntas disparadoras elaboradas a partir do objeto da pesquisa, mas que podem ser qualificadas diante da relação concreta com os sujeitos e campo da pesquisa. Durante essas perguntas o pesquisador se valerá do estudo prévio do território, realizado através do levantamento documental e observação do território para incluir elementos na busca de um aprofundamento qualitativo, a fim de identificar:

- características dos moradores do bairro
- como as lideranças olham para o questão da cultura corporal no bairro
- ações de promoção da cultura corporal desenvolvidas no bairro (frequência, acompanham
- movimento social de luta por melhorias no território (apoio comunitário)

Início:

- detalhamento da pesquisa envolvendo aspectos éticos e registro dos dados, tal como assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido;
- apresentação do(s) pesquisador(es);
- Apresentação geral e tempo que trabalha no território, com liberdade aos participantes.

Perguntas genéricas

- De qual região de Goiânia ou outra cidade/estado vcs vieram?
- Quando se mudaram para o bairro?
- Qual trabalho é prestado à população?
- Quais são as características mais marcantes dos moradores do Res. Buena Vista?
- Os serviços prestados aos moradores alcançam as necessidades da população

Perguntas relacionadas às atividades e infraestrutura para práticas corporais:

- Como avaliam a relação da população com a praticar atividade física?
- Como avaliam as oportunidades de atividade física para crianças, adultos ou idosos no bairro?
- Como avaliam os equipamentos de promoção da atividade física para crianças, adultos ou idosos no bairro?

## APÊNDICE F - Roteiro Norteador do Grupo Focal - moradores do bairro

Observação: por se tratar de uma pesquisa qualitativa entendemos a provisoriedade das perguntas e estrutura presente neste roteiro, ante as variadas possibilidades que podem surgir no diálogo aberto com os participantes. Este modelo pressupõe um fio condutor com aspectos gerais e perguntas disparadoras elaboradas a partir do objeto da pesquisa, mas que podem ser qualificadas diante da relação concreta com os sujeitos e campo da pesquisa. Durante essas perguntas o pesquisador se valerá do estudo prévio do território, realizado através do levantamento documental e observação do território para incluir elementos na busca de um aprofundamento qualitativo no cotidiano dos participantes, a fim de identificar:

- características dos moradores do bairro
- a interação com as rugosidades (públicas ou privadas) espaciais (frequência de visitação);
- conhecimento dos equipamentos (quantidade e qualidade);
- conhecimento do uso dos equipamentos (acessibilidade física e financeira);
- avaliação da infraestrutura do bairro correlata à promoção da cultura corporal na saúde, esporte e lazer

Início:

- detalhamento da pesquisa envolvendo aspectos éticos e registro dos dados, tal como assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido;
- apresentação do(s) pesquisador(es);
- Apresentação geral, com liberdade aos participantes.

Perguntas genéricas

- De qual região de goiânia ou outra cidade/estado vcs vieram?
- Quando se mudaram para o bairro?
- Vocês conhecem muita gente no Res. Buena Vista?
- Vocês conhecem o seu bairro?

Perguntas relacionadas à identificação de atividades relacionadas a práticas corporais:

- Alguém gosta de praticar alguma atividade física? Qual? Pratica no seu dia-a-dia? Onde?
- Alguém gosta/gostaria de praticar alguma atividade física, mas não o faz? Qual? Por que não?
- O que vocês acham das opções de atividade física para crianças, adultos ou idosos no bairro?
- Alguém frequenta o equipamento X,Y,Z? Por que?
- Você conhece algum lugar no bairro que promove atividade física (academias, Unidade Básica de Saúde, projetos, programas, outros)? participa de algum?
- outros.

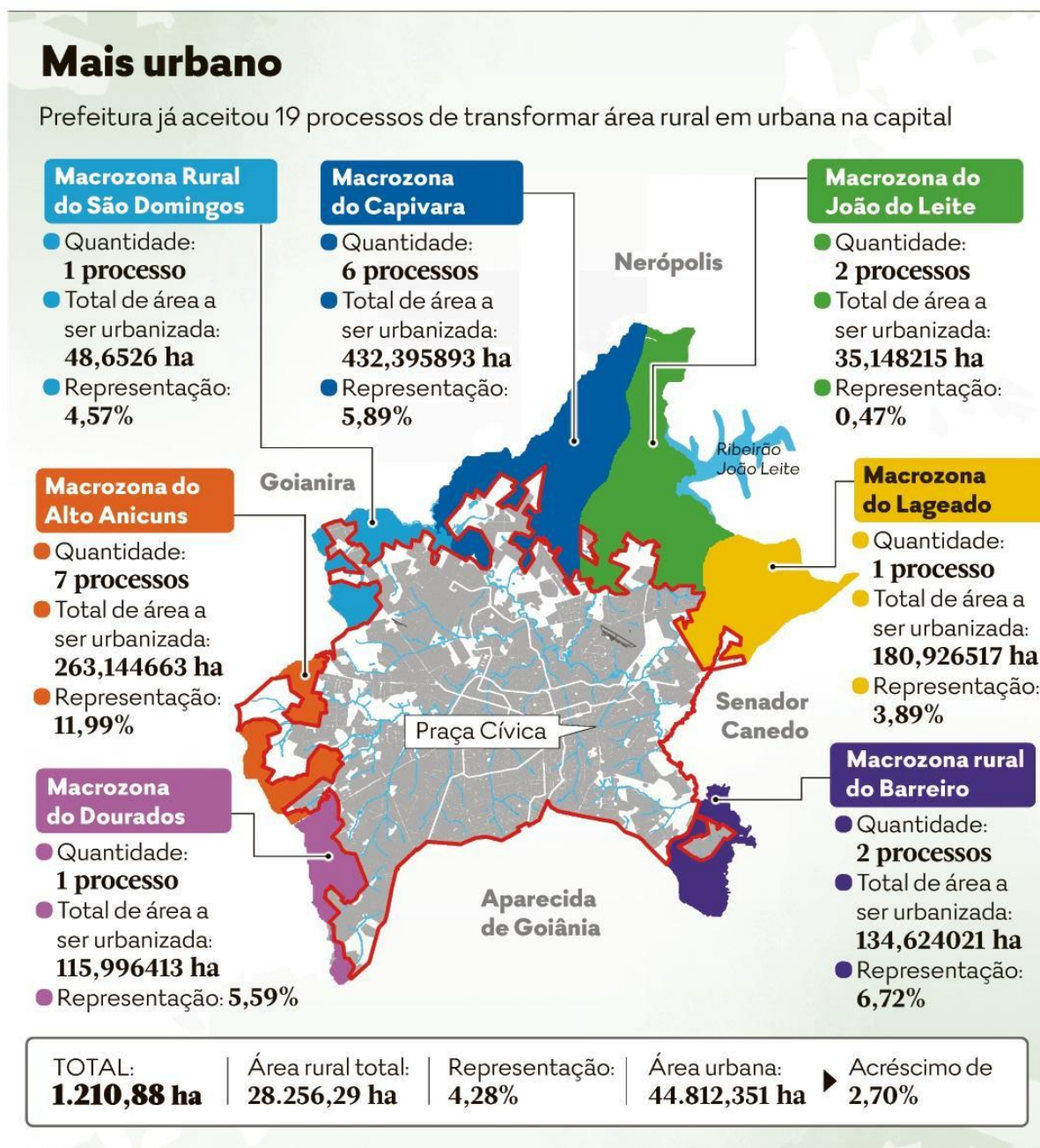
## **APÊNDICE G - Roteiro Norteador da Entrevista**

Tratando de uma pesquisa qualitativa, entendemos a provisoriedade das perguntas e estrutura do roteiro de entrevista frente variadas possibilidades que podem surgir no diálogo com os sujeitos. As entrevistas seguirão a mesma estrutura norteadora dos grupos focais, com roteiro selecionado a partir da posição da pessoa participante, seja Agente Comunitária de Saúde (ACS), professor ou mestre da cultura corporal, líder comunitária, líder de projetos comunitários ou moradora. Ponderamos um fio condutor com aspectos gerais e perguntas elaboradas a partir do objeto da pesquisa, mas que podem ser qualificadas diante da relação concreta com os sujeitos e campo da pesquisa.

Durante a entrevista o pesquisador se valerá do estudo prévio do território, do levantamento documental e observações para incluir elementos na busca de um aprofundamento qualitativo das informações.

**ANEXOS**

## ANEXO A – Número de processos aprovados no movimento político-empresarial para transformar áreas rurais em área urbana na “Macrozona Alto do Anicuns”.



Fonte: <https://daqui.opopular.com.br/image/policy:1.3246704:1743251032/image.jpg>

## ANEXO B - Projeto de esporte, lazer e saúde para a PEC do Buena Vista IV e outra Praça de Goiânia

### Minuta de Proposta

Objeto: Projeto de Esporte, Lazer e Saúde  
 Local: 2 Praças de Esporte e Cultura  
 Prof. responsável: Heitor de Andrade Rodrigues

#### Recursos humanos:

1 coordenador (UFG) de 12 horas/semanais;  
 1 estagiário de 10 horas para apoio técnico;  
 2 professores orientadores (UFG) de 6 horas/semanais;  
 6 professores de 20 horas (3 professores por praça);  
 12 estagiários de 10 horas (2 para cada professor).

#### Quantitativo de atendimento em cada praça:

Cada professor atuando com 16 horas/aula, mais 2 horas/planejamento:

1 professor	8 turmas	15 alunos cada turma	120 alunos no total
1 professor	8 turmas	15 alunos cada turma	120 alunos no total
1 professor	8 turmas	15 alunos cada turma	120 alunos no total
Total	24 turmas		360 alunos

#### Quadra poliesportiva

	2 feira	3 feira	4 feira	5 feira	6 feira
8:00	Turma 1 Futsal	Turma 3 Futsal	Turma 1 Futsal	Turma 3 Futsal	Planejamento
9:00	Turma 2 Voleibol	Turma 4 Voleibol	Turma 2 Voleibol	Turma 4 Voleibol	Planejamento
Intervalo					
16:00	Turma 5 Futsal	Turma 7 Futsal	Turma 5 Futsal	Turma 7 Futsal	
17:00	Turma 6 Voleibol	Turma 8 Voleibol	Turma 6 Voleibol	Turma 8 Voleibol	

#### Campo de futebol

	2 feira	3 feira	4 feira	5 feira	6 feira
8:00	Turma 8	Turma 9	Turma 8	Turma 9	Planejamento
Intervalo					
16:00	Turma 10	Turma 12	Turma 10	Turma 12	
17:00	Turma 11	Turma 13	Turma 11	Turma 13	

## Espaço multiuso (Coberto)

	2 feira	3 feira	4 feira	5 feira	6 feira
7:00	Turma 14 Ginástica	Turma 17 Ginástica	Turma 14 Ginástica	Turma 17 Ginástica	Planejamen to
8:00	Turma 15 Yoga	Turma 18 Ginástica	Turma 15 Yoga	Turma 18 Ginástica	Planejamen to
9:00	Turma 16 Capoeira	Turma 19 Tênis de mesa	Turma 16 Capoeira	Turma 19 Tênis de mesa	Planejamen to
Intervalo					
16:00	Turma 20 Capoeira	Turma 22 Tênis de mesa	Turma 20 Capoeira	Turma 22 Tênis de mesa	
17:00	Turma 21 Ginástica	Turma 23 Ginástica	Turma 21 Ginástica	Turma 23 Ginástica	

## Pista Skate

	2 feira	3 feira	4 feira	5 feira	6 feira
8:00	Turma 24	Turma 26	Turma 24	Turma 26	Planejamento
Intervalo					
17:00	Turma 25	Turma 27	Turma 25	Turma 27	

Público: Adulto e Idoso

Atividades: Ginástica funcional e Yoga

Materiais:

Ginástica –

Colchonetes – 60 unidades, halteres (três tipos de peso) – 30 unidades, kettlebell (três tipos de peso) 30 unidades, bolas (wall ball de diferentes pesos) – 30 unidades, escada de agilidade – 4 unidades, cordas individuais – 30 unidades, cones pequenos – 30 unidades, disco de equilíbrio – 4 unidades, mini band – 20 unidades.

Yoga – tapete para Yoga – 30 unidades, bloco de yoga – 30 unidades, cinto de yoga – 30 unidades.

Público: Crianças e Adolescentes

Atividades: Futebol, Futsal, Voleibol, Tênis de Mesa, Capoeira e Skate

Materiais:

Futebol: redes para as traves (futebol Society), bomba de ar (encher bolas) – 6 unidades, carrinho para transporte e armazenamento de bolas (pode ser carrinho de supermercado) – 1 unidade.

Futsal: traves e redes - 2 pares, carrinho para transporte e armazenamento de bolas (pode ser carrinho de supermercado) – 1 unidade, coletes – 40 unidades.

Voleibol: postes (2 pares) e redes (3 unidades), carrinho para transporte e armazenamento de bolas (pode ser carrinho de supermercado) – 1 unidade.

Tênis de mesa: mesa para tênis de mesa – 6 unidades, redes para a mesa – 6 unidades, raquetes – 24 pares, bola de tênis de mesa – 40 unidades.

Skate: carrinho para transporte e armazenamento dos equipamentos (pode ser carrinho de supermercado) – 2 unidades.

Camiseta do projeto - uma para cada participante do projeto.

Uniforme para competição: 4 jogos de camisa do futebol Society, 4 jogos de camisa para o futsal, 3 jogos de camisa para o voleibol.

## ANEXO C – PLANILHA COM ORÇAMENTO DO PROJETO PARA A PEC

Curso	Insumos Básicos - POR PRAÇA	Valor Médio	Quantidade por aluno	Quantidade de aluno por turma	Reserva	Quantidade por turma	Quantidade de Curso - Anual	Total	Valor Total Previsto - Anual
Skate	Skate	R\$ 289,30	1	10	5	15	16	15	R\$ 4.339,50
Skate	Capacete	R\$ 399,00	1	10		10	16	10	R\$ 3.990,00
Skate	Joelheiras (par)	R\$ 131,59	1	10		10	16	10	R\$ 1.315,90
Skate	Protetores de Pulso (par)	R\$ 72,57	1	10		10	16	10	R\$ 725,70
Skate	Cotoveleira (par)	R\$ 186,97	1	10		10	16	10	R\$ 1.869,70
Capoeira	BENIMBAU	R\$ 304,99	-	10		1	4	1	R\$ 304,99
Capoeira	Atabaque	R\$ 1.368,00	-	10		1	4	1	R\$ 1.368,00
Capoeira	Agogô	R\$ 169,00	-	10		1	4	1	R\$ 169,00
Capoeira	Reco-reco	R\$ 215,00	-	10		1	4	1	R\$ 215,00
Capoeira	Uniforme- abada	R\$ 309,99	1	10		10	4	40	R\$ 12.399,60
Voliê	Joelheira (par)	R\$ 209,99	1	15		15	6	15	R\$ 3.149,85
Voliê	Cotoveleira (par)	R\$ 125,86	1	15		15	6	15	R\$ 1.887,90
Voliê	Bola de voliê	R\$ 280,00	5	15		75	6	75	R\$ 21.000,00
Voliê	Rede de voliê	R\$ 650,00	5	15	5	1	6	6	R\$ 3.900,00
Futebol	Chuteira (par)	R\$ 194,99	1	30		30	16	480	R\$ 93.595,20
Futebol	Meião de futebol (par)	R\$ 27,89	1	30		30	16	480	R\$ 13.387,20
Futebol	Calção	R\$ 95,36	1	30		30	16	480	R\$ 45.772,80
Futebol	Bola de futebol de campo	R\$ 280,00	5	30		150	16	150	R\$ 42.000,00
Futebol	Caneteira (par)	R\$ 79,90	1	30		30	16	30	R\$ 2.397,00
Futebol	Luzas (par)	R\$ 239,00	-	30	2	2	16	4	R\$ 956,00
Futebol	Prancheta	R\$ 59,90	-	30		20	16	5	R\$ 299,50
Futebol	Cones	R\$ 87,25	-	30		20	16	20	R\$ 1.745,00
Futebol	Coletes 12 unidade	R\$ 177,90	-	30		2	16	32	R\$ 5.692,80
Futsal	Chuteira (par)	R\$ 194,99	1	15		15	16	240	R\$ 46.797,60
Futsal	Bola de futsal	R\$ 199,90	5	15		75	6	75	R\$ 14.992,50
Futsal	Calções (par)	R\$ 95,36	1	15		15	6	90	R\$ 8.582,40
Futsal	Meias (par)	R\$ 69,00	1	15		15	6	90	R\$ 6.210,00
Futsal	Caneteiras (par)	R\$ 89,90	1	15		15	6	90	R\$ 8.091,00
Futsal	Luzas (par)	R\$ 105,90	1	15	2	2	6	4	R\$ 423,60
Futsal	Cones	R\$ 24,99	-	15		20	6	20	R\$ 499,80
<b>TOTAL</b>									<b>R\$ 348.077,54</b>